

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

INSTITUCIONALIDADE E VIOLÊNCIA NA COLÔMBIA: A TRAJETÓRIA
POLÍTICA DE CARLOS PIZARRO LEONGÓMEZ

Autora: Lucy Adriana Trujillo Uribe

Dissertação apresentada ao Departamento de
Sociologia da Universidade de Brasília/UnB
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre.

Brasília, abril de 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

INSTITUCIONALIDADE E VIOLÊNCIA NA COLÔMBIA: A TRAJETÓRIA
POLÍTICA DE CARLOS PIZARRO LEONGÓMEZ

Autora: Lucy Adriana Trujillo Uribe

Orientadora: Doutora Maria Francisca Pinheiro Coelho (UnB)

Banca: Prof. Doutor Sérgio Barreira De Faria Tavolaro (UnB)
Prof. Doutora Ana Cristina Murta Collares (UnB)
Prof. Doutor Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (UnB)
Prof. Doutora Sayonara de Amorim Gonçalves Leal (UnB) (Suplente)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dr^a. Maria Francisca Coelho, pela orientação segura e objetiva, a confiança depositada em mim e apoio prestado desde minha chegada ao programa de pós-graduação e elaboração do projeto deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos aos professores doutores Sérgio Barreira De Faria Tavolaro, Ana Cristina Murta Collares e Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion, membros da Banca Examinadora, por suas certeiras e essenciais contribuições e observações durante a qualificação do projeto e defesa da minha dissertação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, meus agradecimentos pelo apoio e ensinamentos transmitidos ao longo do curso de mestrado.

Ao Centro Nacional de Memória Histórica (CNMH) da Colômbia por sua disposição e inúmeras informações que forneceu para a realização do meu trabalho. Também agradeço aos entrevistados, entre eles Jaime Navarro Wolff e Matilde Eljach, por sua fundamental contribuição no desenvolvimento deste estudo.

Um agradecimento muito especial ao meu querido professor e amigo de sempre Diego Jaramillo, não só pelos conselhos, sugestões e orientações acadêmicas sempre tão sensatas e ponderadas, como também pelo carinho, confiança, disponibilidade e auxílio incondicional de sempre e em particular durante a elaboração deste trabalho. Seu suporte intelectual e ajuda foram determinantes.

Aos meus pais, Silvia Uribe e Eladio Trujillo, por serem sempre meus maiores torcedores e meu porto seguro, obrigado por nunca terem duvidado de mim. Seu carinho, confiança, compreensão, proteção e incentivo permanentes foram indispensáveis e inestimáveis. Sem vocês não teria conseguido galgar mais esta etapa. Esta dissertação é para vocês.

Às minhas amadas irmãs, Laura, Eliana, Maritza e Soraida pela fé em minha capacidade, estímulos constantes e apoio incondicional desde minha chegada ao Brasil. Agradeço também à minha tia Elcira Uribe e a Yeris Ruiz, sua ajuda incondicional, torcida devotada e incentivo permanente foram determinantes. Yeris, obrigada pela enorme contribuição que você deu ao meu trabalho.

A Ana Luzia Domingues de Souza e Luiz Sergio Carvalho de Souza, por serem meus amigos e minha família no Brasil. Obrigada pelo carinho, apoio incondicional, e incentivo cotidiano e inabalável. Vocês são para mim exemplo de bondade, humanidade, solidariedade, amor e justiça. Sua presença na minha vida trouxe bênçãos inestimáveis, sem elas eu não teria terminado meu trabalho com sucesso.

A Lucas Domingues de Souza, meu amigo, parceiro e companheiro de todos os momentos. Agradeço o suporte emocional que me deu de maneira incondicional, conselhos e orientações tão firmes, mas também tão necessários. Obrigada por acreditar em minha capacidade, pelo amor e lealdade. Obrigada pelas conversas estimulantes que inspiraram muitas das páginas do meu trabalho. Seu entusiasmo pelo que viria a ser esta dissertação faz com que esta também lhe pertença. Amo muito você.

RESUMO

O presente trabalho reconstrói a trajetória do ex-guerrilheiro e ex-candidato presidencial colombiano Carlos Pizarro Leongómez, mediante a recuperação de algumas dimensões da *sociologia em escala individual* em particular os conceitos de *disposições* e *contextos* propostos por Bernard Lahire, como também das noções de *agencia, cultura e estrutura* presentes na teoria de Margareth Archer. A investigação tentará problematizar sociologicamente a vida de um indivíduo, particularmente suas opções e ação política, com o objetivo de contribuir para uma compreensão mais ampla de alguns aspectos da realidade sociopolítica colombiana, como também de compreender as características da agencia individual (capacidade de reflexividade) diante dos fenômenos de tipo cultural e social (estruturais).

Palavras chaves: Carlos Pizarro, M-19, sociologia em escala individual, agencia, estrutura, reflexividade.

ABSTRACT

The present work reconstruct the trajectory of former guerrilla fighter and colombian vice president candidate Carlos Pizarro Leongómez, by reclaiming some dimensions of the *sociology in individual scale*, specially the concepts of *disposition* and *context* proposed by Bernard Lahire, and also by the notions of *agency*, *culture* and *strucure* that are presented in Margaret Archer's theory. This investigation will try to analyze sociologically one person's life, having the contribution to a wider comprehension of some aspects of the colombian sociopolitical reality as a goal, and the capacity of understanding the individual agency (reflexive capacity) before cultural and social kind phenomena (structural).

Keywords: Carlos Pizarro, M-19, sociology in individual scale, agency, structure, reflexive capacity.

SUMARIO:

Lista de abreviaturas	
Introdução	7
1. Capítulo I: Produção bibliográfica sobre violência política e sobre o M-19	10
1.1 Os estudos sobre a violência partidária ou política	10
1.2 Os estudos dos “intelectuales para la democracia”	12
1.2.1 Reflexões sobre a violência política	14
1.2.2 Perspectivas históricas e marxistas	15
1.3 Estudos recentes	15
1.4 Produção sobre o M-19	17
1.5 Aporte da investigação	17
2. Capítulo II: Primeiros espaços de socialização	18
2.1. A família e a escola	18
2.2. A universidade	27
2.3. Origem do primeiro contexto de violência insurgente	39
2.3.1. Caracterização do primeiro contexto de violência insurgente	42
2.3.2. Pizarro e os fundadores do M-19 no primeiro contexto de guerra	46
2.4. Segundo contexto de violência insurgente: antecedentes M-19	48
3. Capítulo III: Fontes do pensamento político e militar de Carlos Pizarro	52
3.1. Legado e herança familiar: nacionalismo, militarismo e democracia	53
3.2. A influência de Bateman: a revolução como uma festa	59
4. Capítulo IV: Primeiras etapas de militância no M-19	65
4.1. Primeira etapa: o predomínio do militar sobre o político (1974 a Julh 1982)	67
4.1.1. Contexto interno	81
4.1.2. As operações de pressão para a liberação dos presos políticos	90
4.2. Segunda etapa: primeiro processo de paz (agosto de 1982 a dez. de 1984)	92
5. Capítulo V: De “Yarumales” a “Los Robles”	104
6. Capítulo VI: A crise e transição para a legalidade	117
6.1. Comando geral	126
6.2. Processo de paz com Virgílio Barco (1986-1990)	131
7. Capítulo VII: A vida civil	144
8. Capítulo VIII: Considerações finais	152
8.1. Considerações teóricas: interpretação da trajetória de Carlos Pizarro	152
8.2. Considerações sobre a relação Institucionalidade e Violência na Colômbia	169
Bibliografia	176
Anexos	183

ABREVIATURAS

ANUC: Asociación Nacional de Usuarios Campesinos

Anapo: Alianza Nacional Popular

CIDH: Comisión Interamericana de Derechos Humanos

CNG: Coordinadora Nacional Guerrillera

CGSB: Coordinadora Guerrillera Simón Bolívar

CRIC: Conselho Regional Indígena del Cauca

DAS: Departamento Administrativo de Seguridad

ELN: Ejército de Liberación Nacional

EPL: Ejército Popular de Liberación

FARC: Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia

FARC-EP: Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia-Ejército del Pueblo

IEPRI: Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales

JUCO: Juventudes Comunistas

MAS: Muerte a Secuestradores

M-19: Movimiento 19 de Abril

MIR-Patria Libre: Movimiento de Izquierda Revolucionaria – Patria Libre

MLN-T: Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros

PCC: Partido Comunista Colombiano

INTRODUÇÃO

Embora as fotografias (anexo 1) e vídeos da vida subversiva de Carlos Pizarro apresentem um aspecto muito similar à do mítico “Che” Guevara (com a barba, a boina, o uniforme militar, a simpatia e o discurso emotivo e veemente), ou melhor, à imagem do tipo ideal de guerrilheiro latino-americano, sua trajetória política foi divergente. Pelo menos dentro da Colômbia sua personalidade carismática e aberta era quase oposta à personalidade mais discreta e distante de Manuel Marulanda Velez¹ ou de outros comandantes de distintas organizações subversivas. Depois dessa impressão inicial, consegue-se explorar e aprofundar a individualidade dessa figura para assim concluir que as expressões públicas ou unicamente políticas da sua personalidade não são suficientes para compreender sua trajetória política. A tarefa de associar a sua identidade individual com as características da identidade das organizações nas quais militou se tornou cada vez mais complexa. Nesse sentido, não só a sua origem de classe, mas também os rastros deixados pela experiência de outras socializações permitiram compreender as orientações políticas (por vezes contraditórias) que desenvolveu ao longo da sua trajetória.

A primeira questão a abordar, então, é como se pode desenvolver um estudo sociológico sobre uma trajetória que se apresenta cada vez mais individualizada e diferenciada. Nesse sentido, a presente investigação tentará demonstrar como, apesar da diferenciação crescente dos indivíduos, eles continuam sendo “fabricados” ou determinados socialmente. Ou seja, procurar-se-á abordar o social como um âmbito que não está completamente separado do individual. No entanto, a ideia também consiste em poder recriar uma perspectiva do indivíduo em sociedade que seja mais justa com suas experiências e realidades, sem cair no reducionismo que oferecem as reconstruções categorizadoras (se quer ideal, “típicas”) das análises sobre as dinâmicas sociais, instituições, grupos ou épocas mais tradicionais. É como dizer que a sociedade se encontra cada vez mais diferenciada, mas, apesar disso, as pessoas não podem arbitrariamente ser definidas segundo categorias fechadas e estáveis. Como se verá no transcurso do presente trabalho, os indivíduos transitam sucessivamente, e estão inclusos alternativamente entre contextos de ação que complexificam a análise das suas práticas.

As inquietudes mais frequentes no processo de investigação estiveram relacionadas com a tendência a reduzir a individualidade de Pizarro às características das organizações de

¹ Mais conhecido como “Tirofijo”, foi até sua morte o comandante em chefe das FARC e, até o momento, o guerrilheiro mais antigo do mundo, com mais de meio século na vida subversiva.

que participou em determinados contextos políticos, de explicar suas práticas unicamente em razão dos espaços de socialização mais legítimos da sua trajetória, como também de tratar as organizações e os contextos sem levar em conta a heterogeneidade social interior deles. Por isso, o objetivo central no desenvolvimento do presente trabalho foi tentar não perder de vista esse conjunto de heterogeneidades no interior dos contextos políticos, das organizações (guerrilheiras e políticas) e do próprio Pizarro na hora de construir e reconstruir sua trajetória política. A hipótese teórica é a de que essas heterogeneidades individuais geradas pelos múltiplos processos de socialização, como também as heterogeneidades dos contextos de ação, podem ajudar a compreender tanto as ações políticas de Pizarro quanto alguns elementos concretos da realidade política colombiana: os relacionados com a institucionalidade, a democracia e a violência.

No primeiro capítulo, apresenta-se um recorrido pelas aproximações investigativas sobre a questão da violência política e da institucionalidade para, finalmente, evidenciar a linha sob a qual se desenvolveu a investigação. No segundo capítulo, abordam-se os primeiros espaços de socialização de Carlos Pizarro e se caracterizaram os contextos de violência insurgente em que ele se articulou. No terceiro capítulo, analisa-se o que se denominou como fontes do pensamento político e militar de Pizarro, a partir das quais é possível observar a construção do sistema de disposições individuais. No capítulo quatro, descrevem-se as primeiras etapas da militância no M-19 e se reconstróem os contextos internos e externos à organização. No capítulo cinco, faz-se uma análise concreta da batalha de Yarumales comandada por Pizarro e seus efeitos militares e políticos. No capítulo seis, aborda-se a etapa de crise do movimento armado, o processo de negociação que ele comandou e a sua transição à legalidade. No capítulo sete, caracteriza-se sua atividade política legal e se analisam as transformações em relação à atividade guerrilheira. Finalmente, no capítulo oito, faz-se uma interpretação da trajetória de Pizarro à luz das teorias de Lahire e Archer; e, posteriormente, expõem-se as considerações sobre a relação entre institucionalidade e violência política que foram percebidas a partir da reconstrução da trajetória de Pizarro.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foi consultado o arquivo do M-19 pertencente à coleção de documentos do Museu do Caquetá cuja cópia digital se encontra no Arquivo de Direitos Humanos do Centro Nacional de Memória Histórica (CNMH) em Bogotá. Dito arquivo contém mais de cinco mil registros; entre eles, artigos de prensa (dos jornais *El Tiempo*, *El Espectador*, *Revista Semana*, entre outros), comunicados internos, cartas, fotografias, entrevistas, panfletos e demais publicações oficiais e clandestinas. Grande

parte dos documentos sobre a organização guerrilheira que foram utilizados faz parte desse arquivo. Essa revisão foi complementada com a consulta ao arquivo de prensa dos jornais *El Liberal* e *El Tiempo digital*.

Também foram realizadas cinco entrevistas abertas: a um ex-comandante do ELN, a dois ex-integrantes do M-19 e a dois ex-militantes do ADM-19. As entrevistas serviram fundamentalmente para reconstruir os contextos políticos nacionais e para resolver inquietudes em relação ao período em que Carlos Pizarro assumiu a comandância geral. As entrevistas foram realizadas com Jaime Navarro Wolff, Matilde Eljach, Diego Jaramillo e outras duas pessoas que solicitaram não revelar sua identidade.

Ao mesmo tempo, foram consultados diversos artigos, livros e teses sobre a questão da violência política e sobre o M-19, como também entrevistas realizadas com Carlos Pizarro e antigos militantes da organização. Entre essas consultas, sobressaem as entrevistas a Pizarro feitas por Sebastián Alzate Castillo (1988) e por Angel Beccassino (1989). É importante dizer, ainda, que uma das fontes mais importantes foi o livro de Juan Antonio Pizarro, que contém diversas entrevistas a pessoas próximas de Carlos Pizarro, assim como uma recopilación de memórias, cartas, fotografias, declarações e notas de jornais sobre sua vida e trajetória política. Esse, sem dúvida, foi um livro fundamental para a elaboração desta monografia, e aparecerá amplamente citado e referenciado.

CAPÍTULO I – Produção bibliográfica sobre violência política e sobre o M-19

A exposição dos textos está organizada a partir dos enfoques de análise macrossocial, até as perspectivas que tentam recuperar a experiência dos atores sociais. Esse apartado se encontra dividido em quatro tópicos, cada um com subdivisões – no quarto e último, está exposta a orientação e abordagem que se considerou mais apropriada para o desenvolvimento da investigação. Dado que existe certo consenso em aceitar que a violência política tem sido o problema social mais importante na Colômbia e de que dito fenômeno outorgou maior reconhecimento e visibilidade pública à sociologia no País, grande parte da produção sociológica local, ainda que influenciada pelos desenvolvimentos da sociologia europeia e norte-americana, continua tendo entre suas principais preocupações o conceito de legitimidade e de violência. Nesse sentido, dentro do conjunto dos estudos sobre a noção de violência, poder-se-iam estabelecer três tipos de abordagens:

- os estudos clássicos realizados durante os anos sessenta, setenta e parte dos oitenta do século XX: caracterizam-se por realizar uma análise da violência a partir de noções abstratas desde as quais se emitiram conclusões com um caráter globalizante;

- as investigações vinculadas à *Comisión de Estudios sobre La Violencia*, que foram realizadas durante os anos oitenta e noventa do século XX: caracterizaram-se por fazer uma análise da relação entre as ações entre atores concretos e as estruturas sociais;

- e, finalmente, um tipo de produção interdisciplinar mais preocupada pelas questões de memória, que foi desenvolvida durante a última década.

Antes de fazer uma breve caracterização dessas abordagens, é importante dizer que tal caracterização obedeceu pelo menos a três critérios de diferenciação desde os quais varia o enfoque desenvolvido em cada período: as perspectivas teóricas, as metodologias e o contexto sociopolítico.

1.1 Os estudos sobre a violência partidária ou política

A característica mais significativa destes trabalhos é que foram feitos por um conjunto heterogêneo de intelectuais profissionais geralmente politizados, no sentido de que foi uma geração crítica às instituições e a regimes como a Frente Nacional. Quase a totalidade

dos estudos mais significativos nesse período foi desenvolvida na Universidade Nacional, onde praticamente se elaborou uma primeira anatomia da violência, em particular, da violência dos anos cinquenta. O propósito era estabelecer as causas objetivas do fenômeno, no entanto sua militância política influenciou a visão da questão pelo que essas perspectivas misturam posturas intelectuais com posições políticas contestatórias. Outra característica desse enfoque foi seu caráter globalizante. Dado que não se queria reproduzir o sectarismo entre os partidos tradicionais sobre sua responsabilidade na lógica violenta, essas perspectivas apelam a toda a sociedade. De igual forma, esses estudos não fazem uma diferenciação clara entre conflito político e violência política, o que muitas vezes impede retomá-los na hora de abordar as novas manifestações da violência e outros fenômenos associados. Geralmente os trabalhos ou estudos desta categoria se encontram vinculados às tradições teóricas clássicas da sociologia, como o Funcionalismo ou o Marxismo. Em tal sentido, muitos terminam forçando uma correspondência entre a análise empírica e a perspectiva teórica, o que leva ao estabelecimento de reflexões muitas vezes abstratas.

La Violencia en Colombia, publicado em 1962, foi a primeira investigação rigorosa sobre a questão da violência no âmbito da sociologia. Escrito por Germán Guzmán Campos, Orlando Fals Borda e Eduardo Umaña Luna, o livro se configurou num clássico dos estudos sobre a violência, já que identificou os atores e interesses em conflito, como também seu sistema de relações com as instituições. No livro, basicamente, desenvolve-se uma análise da estrutura social dando ênfase aos aspectos econômicos, como é o caso da propriedade agrária. Assim, por exemplo, Fals Borda define como marco explicativo a teoria estrutural-funcionalista, admitindo paralelamente que as disfuncionalidades têm sido sancionadas de maneira positiva. Igualmente, essa interpretação impossibilita a distinção entre o que é funcional ou não funcional, no sentido de que, para Borda, os fatores geradores de violência são ao mesmo tempo resultado dela. Outro fator problemático na teoria de Fals Borda tem a ver com uma série de inconsistências na relação entre teoria e empiria, em que, por exemplo, a violência como anomia não pode ser suficientemente argumentada empiricamente. Posteriormente o autor desenvolveu outras hipóteses sobre a violência entre partidos, como a do desencontro entre um processo de secularização e de sacralização da vida social e política. Outro dos intelectuais militantes nesta linha foi o sacerdote guerrilheiro (pioneiro da teologia da liberação) e fundador do Ejército de Liberación Nacional (ELN) Camilo Torres Restrepo, que em 1963 apresentou um estudo com uma clara perspectiva funcionalista, dando ênfase às questões de mobilidade e câmbio social como fatores que determinam o surgimento de uma

violência que já era latente. Para Torres, uma solução ou saída pacífica para esses problemas não era factível naquele contexto.

Também existe uma série de estudos realizados dentro de uma perspectiva marxista, que geralmente se caracterizam também pela desarticulação entre teoria e prática. Em muitos casos, a teoria marxista fica exposta como uma hipótese ou enunciado abstrato sem sustento empírico, como, por exemplo, quando se tenta estabelecer como causa da violência a decomposição do campesinato. Darío Mesa (1971), exemplificativamente, relaciona a violência com o conflito político pelo controle do aparato do Estado baseado num antagonismo entre as relações de produção e forças produtivas. Não entanto, a partir dessa postura, não é possível explicar a violência dos anos cinquenta. Outros estudos dentro da perspectiva marxista são os de Salomón Kalmanovitz (1985), para quem, por exemplo, a violência obedece a fatores tanto políticos (como a derrota do gaitanismo) quanto econômicos e de classe relacionados com os processos de aprofundamento da desigualdade.

Numa linha diferente encontra-se o trabalho de Paul Oquist (1978) cujo argumento se centra na ideia de que o aparato estatal não tem desenvolvido uma cultura do político que se diferencie da luta ou disputa partidária pela administração burocrática do Estado. Como consequência, a luta política tem-se transformado em violência social, levando ao colapso parcial do Estado. Fernando Guillen Martínez (1979), por outro lado, considera que a cultura política colombiana se fundamenta numa relação baseada em lealdades de partido que é o resultado de uma configuração precária do Estado. Ditas lealdades teriam uma origem nas relações coloniais fundamentadas nas instituições da *Encomenda* e, posteriormente, da *Fazenda*. Ou seja, a base do Estado colombiano teria sido esse sistema de lealdades ao serviço de interesses econômicos e políticos particulares. Neste caso, a violência estaria associada à desestruturação das alianças de partidos.

1.2 Os estudos dos “*intelectuales para la democracia*”

A característica geral desse grupo de investigações é que não fazem apelações genéricas à sociedade ou às causas objetivas e culturais do conflito (como a estrutura, o sistema de produção ou a cultura). Pelo contrário, nelas é possível identificar os protagonistas, diretos e indiretos, do fenômeno da violência política no País. A identificação desses atores como “atores sociais” ou “atores do conflito armado” permitiu reconstruir melhor as lógicas e variáveis da violência, como também contextualizar o fenômeno. A classificação e a

diferenciação dos objetivos, modalidades, estratégias e formas de organização da diversidade de atores envolvidos permitem perceber que existe certa racionalidade dentro da lógica da violência. Não só a sociologia, também o conjunto das ciências sociais e políticas tem explorado essas perspectivas sobre o nível de autonomia e intencionalidade nas ações dos atores sociais.

A maioria desses estudos foi realizada na década de 1980, quando se apresentava um processo de incremento e ampliação do conflito nas zonas periféricas do País. O incremento dos enfrentamentos armados, atentados, sequestros, assassinatos e a consolidação do narcotráfico e sua guerra entre cartéis e contra o Estado haviam desencadeado uma grande onda de violência. Nesse contexto, os estudos ora referidos foram uma resposta à necessidade de explicação e a busca de saídas à crise social e institucional. Esses intelectuais questionavam as alternativas violentas e apontavam a necessidade de uma saída democrática do conflito.

Os intelectuais que desenvolveram tais estudos são conhecidos como “violentólogos” ou “intelectuais para a democracia”. A maioria realizou seus estudos durante a Frente Nacional, militou na esquerda e teve oportunidade de fazer intercâmbios com a academia estrangeira. Muitos deles fizeram parte da *Comisión de Estudios sobre La Violencia*, que o presidente Virgilio Barco criou em 1987 e que tinha como objetivo fazer um diagnóstico e recomendações em relação ao fenômeno da violência política colombiana.

Outra característica importante desses estudos é que estabeleceram centros de investigação fora da faculdade de sociologia da Universidade Nacional. Foi o caso do Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales (IEPRI, 1986), do Centro de Estudios Sociales (CES, 1985) e do Instituto de Estudios Regionales de la Universidad de Antioquia (INER, 1985) – onde também se criaram sistemas de informação sobre violência e direitos humanos. De igual forma, seus objetos de estudo, metodologias e orientações teóricas foram diversos, mas em geral coincidiam em relacionar as lógicas e estratégias dos atores com as lógicas das estruturas sociais. Um aporte valioso desses estudos é que criaram uma nova forma de abordar a violência e recuperaram outros elementos que se movem em torno dela. De fato, é possível estabelecer naquelas análises uma distinção entre conflito, violência e violência política, como também a diferenciação dos cenários de desenvolvimento desses fenômenos.

1.2.1 Reflexões sobre a violência política

Apesar de, antes de 1987, terem sido publicados estudos que insistiam na orientação política da violência (como é o caso Eduardo Pizarro e Hernando Gómez Buendía), a Comissão de 1987 foi crítica de uma concepção da violência como fundamentalmente política, já que considerava que existe um grande número de manifestações que a violência assume e que estão associadas a conflitos econômicos, políticos, culturais e territoriais. Por outro lado, a Comissão também considerou que a origem dos fenômenos de violência não era unicamente a pobreza (aponta, por exemplo, fenômenos de manutenção de posições de poder político). De modo muito mais amplo, os investigadores dentro dessa perspectiva consideraram que a violência, nas suas diferentes manifestações e contextos, era um obstáculo para o estabelecimento de processos de democratização.

Outro dos investigadores de maior relevância durante esse período foi Daniel Pécaut (1988), que nos anos oitenta considerava a violência como um fenômeno multiforme, cuja variável política é por vezes difícil de identificar com clareza. Pécaut assinala também como causas da prolongação da violência a debilidade e ausência de uma verdadeira institucionalidade, que praticamente tem deixado um vazio de poder ou de controle em diversos territórios. Segundo Pécaut, no final da década de 1970, apresentava-se uma violência particular caracterizada por uma diluição dos limites entre o político e o não político, motivada pela incursão das lógicas do narcotráfico. Nesse sentido, o autor aponta que a deslocação institucional terminou por promover os fenômenos de violência num sentido geral.

Alejandro Reyes (1988), Ana María Bejarano (1988) e Mauricio Romero (1990) também destacam a dimensão regional da violência associada tanto ao fenômeno do narcotráfico quanto ao das guerrilhas. Ao mesmo tempo, consideram que, dentro das diferenciações regionais, não necessariamente existe uma correspondência entre atores e interesses do conflito social com os atores e interesses da violência política.

Sobre a questão do papel do Estado, sobressaem os estudos de Fernán González (1989), o qual assinala que a sua debilidade obedece a um processo conflitivo de formação que não se tem consolidado. Portanto, o Estado colombiano não seria uma entidade moderna que possa superar os conflitos regionais ou entre grupos de interesse, sejam políticos ou econômicos. Em tal sentido, ele propõe a ideia de *fragmentação regional do poder* como a causa da debilidade do Estado e suas instituições, que haveria levado a uma crise de

representação política, a uma não institucionalização dos conflitos e a uma informalização das relações sociais. Também em 1987, o intelectual Estanislao Zuleta apontava a incapacidade de controle do Estado sobre a violência, fundamentalmente porque muitas vezes a própria institucionalidade se vincula com organizações armadas ilegais. Para Zuleta, a violência na Colômbia tem-se consolidado por causa de diversidade complexa de causas inter-relacionadas.

1.2.2 *Perspectivas históricas e marxistas*

Essa linha de perspectivas se encontra também influenciada pelo marxismo. Mas, diferentemente da primeira já exposta, estes estudos conseguiram estabelecer relações entre as problemáticas empíricas e as teóricas (GUZMÁN, 1990). Dentro dessa bibliografia, destacam-se as investigações de Medofilo Medina (1985, 1986), Alfredo Molano (1986, 1989) e Daniel Pécaut (1987). Na maioria desses estudos, recupera-se a questão da estrutura agrária e de classes, por exemplo, fazendo referência ao bandolerismo, gamonalismo, ao campesinato e à classe obreira, mas desde perspectivas regionais, locais ou conjunturais.

Dentro dessa perspectiva, Alfredo Molano desenvolve a metodologia das histórias de vida, relacionando, por exemplo, a última etapa de colonização campesina (mobilizada por uma atividade econômica de caráter ilegal) com o surgimento da violência. Mediante a exploração da profundidade da versão das vidas e destinos de diferentes indivíduos, fundamentalmente campesinos, o autor tenta localizar os fenômenos mais gerais e estruturais que permitam compreender a lógica da violência. Com a realização de múltiplas entrevistas exaustivas a personagens representativos ou típicos, complementadas com informação documental, Molano reconstrói todo um relato coloquial e popular da guerra, similar à narrativa da novela. A investigação de Molano permite visualizar o social nas ações dos indivíduos ou sujeitos cujas memórias são reconstruídas. Os estudos de Molano têm contribuído, como nenhum outro, ao conhecimento da realidade social e das características da origem e da prolongação da violência. Os textos mais representativos do autor são *Los años del tropel* (1985), *Siguiendo el corte, Relatos de guerras y de tierras* (1989) e, de maneira especial, *Aguas arriba* (1992) e *Trochas y fusiles* (1994).

1.3 Estudos recentes

No presente tópico, descrever-se-ão, de maneira mais substancial, as características da produção intelectual sobre a violência na última década. É importante dizer que vários dos autores mencionados continuam produzindo análises cujos enfoques e metodologias cabem dentro dessas linhas de estudo mais recentes. Ao mesmo tempo, os novos intelectuais e investigadores retomam grande parte do acervo conceitual e investigativo das produções já descritas, dando uma importância particular ao estudo de novas regiões antes marginalizadas nas análises sobre a violência ou que não tinham uma importância estratégica dentro da dinâmica do conflito em décadas passadas, como a Costa Caribe, por exemplo. Em geral, esses estudos reconstroem os relatos sobre o terror causado pelos massacres de paramilitares e guerrilhas, muitos com a cumplicidade do Estado (massacres realizados desde finais da década de 1980, como os de Bojayá, Trujillo, El Tigre e San Carlos). Essas investigações fazem uma crítica ao papel da justiça, retomam questões como as de etnia e gênero, e expõem as dimensões públicas do terror causado pelos distintos atores. São interessantes também a utilização de metodologias visuais, as etnografias da dor das vítimas do conflito e os registros plurais de memória.

Nesses estudos, a violência aparece como um fenômeno sistemático com múltiplas variáveis sociais, políticas e militares. Desta forma, assinala-se, por exemplo, a relação entre a violência e o narcotráfico, como também a relação entre o Estado e os grupos ilegais. Ao mesmo tempo, essas perspectivas insistem em que as causas da violência se encontram na permanência de um regime político não inclusivo, débil democraticamente falando, como também na inexistência de uma reforma agrária. Outra das características dessa série de estudos é sua heterogeneidade e interdisciplinaridade (muitos dos intelectuais são ativistas e defensores de direitos humanos), e também a preocupação por contribuir ao desenvolvimento de políticas de memória, motivo pelo qual a maior parte dos investigadores se encontra vinculado ao Centro de Memória Histórica, que há quase uma década está documentando e recuperando a memória de 55 anos de guerra (1958 a 2012).

Esse grupo de investigações e investigadores conforma o que se poderia denominar como uma nova comissão de análises da violência, já que ela surge no contexto político do processo denominado *Justicia y Paz* (que permitiu a desmobilização do paramilitarismo) e em que surgiu todo um movimento de acadêmicos em favor da recuperação da memória das vítimas que correm o risco de não obter uma justa reparação dado o processo de extradição (por narcotráfico) dos principais líderes paramilitares desmobilizados. Entre os principais investigadores do Centro de Memória Histórica, encontram-se os acadêmicos (Gonzalo

Sánchez, Camacho Guizado, Iván Orozco, María Victoria Uribe e Fernán González), os ativistas políticos (León Valencia e Rodrigo Uprimny) e os novos investigadores (Martha Nubia Bello, Andrés Suárez, Pilar Riaño, María Emma Wills e Jesús Abad Colorado).

1.4 Produção sobre o M-19

A maior parte dos documentos e investigações sobre o movimento guerrilheiro em que Pizarro militou pode ser agrupada em três tipos. Por um lado, os textos de tipo biográfico ou autobiográfico, em que se reconstroem acontecimentos históricos concretos; dentro desse grupo, estão também documentos elaborados por ex-militantes ou simpatizantes que reconstroem a história da organização. Por outro lado, estão os textos jornalísticos ou crônicas também sobre acontecimentos concretos, mas não necessariamente desde uma ótica simpatizante; sobressaem dessa categoria as entrevistas realizadas aos diferentes dirigentes e comandantes do M-19 – entre os autores, estão Angel Beccassino, Patricia Lara, Laura Restrepo, Olga Behar, Mauréen Maya, Darío Villamizar, Sebastián Alzate Castillo e Hollman Morris. Por último, estão os textos acadêmicos ou analíticos sobre a trajetória do movimento guerrilheiro. Sobressaem os estudos de Mario Luna Benítez, Eduardo Pizarro, William Ramírez, Marco Palacios, Jaime Zuluaga; e as teses de David Hickman (1983), Esmeralda Narváez (2012) e Jorge Albeiro Holguín e Miguel Ángel Reyes (2014). Na presente investigação, foram trabalhados os três tipos de produções.

1.5 Aporte da presente investigação

O principal aporte desta investigação se encontra na realização de uma sociologia na escala individual, a partir da qual se reconstrói também uma perspectiva sobre a questão da violência política na Colômbia e suas transformações. O objetivo foi poder recuperar algumas das ideias da maioria das correntes analíticas sobre a violência já expostas, como também utilizar os estudos e produções sobre o M-19, para assim caracterizar a violência e a institucionalidade no País. Finalmente, dado que no geral os estudos sobre guerrilhas referem-se às FARC e ao ELN – atualmente num processo de negociação com o governo colombiano –, considerou-se importante destacar que o M-19 foi a primeira agrupação a se desmobilizar, atuar eleitoralmente e, portanto, participar de um dos processos democratizadores mais importantes no País.

CAPÍTULO II – Primeiros espaços de socialização

Em *A ilusão biográfica*, Bourdieu assinala o risco de se cair na ilusão de coerência total que o biografado relata na hora de reconstruir sua trajetória de vida, como também o risco de se ressaltar a singularidade do indivíduo em relação às experiências coletivas compartilhadas. No entanto, na tentativa de fugir desses riscos, o pesquisador também termina objetivando o indivíduo segundo as próprias categorias de análise, geralmente vinculadas às experiências coletivas a que o objeto de estudo está ligado. Em tal sentido, levar em conta que a vida do indivíduo não precisa ser tratada segundo categorias unificadoras ou estruturadoras preexistentes relacionadas com o grupo guerrilheiro ou com o movimento político constitui o principal desafio investigativo neste trabalho. A ligação da pessoa aos grupos ou coletividades constitui só uma parte do universo controvertido do indivíduo. A ideia central na reconstrução da trajetória de vida de Pizarro será, então, não unicamente dar conta das características (igualmente controversas) das organizações em que militou, senão principalmente dar conta da existência coletiva dele próprio. Por um lado, tem-se a vida na organização guerrilheira (que foi de alguma maneira mais fechada e disciplinada) e, por outro, as suas primeiras socializações, como também a experiência de conformar uma organização política legal. Nesse sentido, procurou-se descrever as ditas controvérsias, tentando não delimitar a agência individual unicamente segundo esses ou outros espaços estruturadores da vida coletiva.

2.1 A família e a escola

Carlos Pizarro foi um guerrilheiro que, depois de 22 anos de ação e de encabeçar um exitoso processo de paz, se constituiu em candidato presidencial pela “Alianza Democrática M-19” em 1999. Naquele ano, num período de oito meses, foram assassinados na Colômbia três candidatos presidenciais², entre eles Pizarro. Considera-se que os responsáveis pelos assassinatos foram organizações armadas de extrema direita vinculadas ao “Cartel de Medellín”³.

² Os outros candidatos foram Luis Carlos Galán (adscrito do partido tradicional *Partido Liberal*) e Bernardo Jaramillo Ossa (do partido *Unión Patrotica*, inicialmente articulado a várias organizações guerrilheiras, entre elas as FARC).

³ Organização narcotraficante comandada por Pablo Escobar.

Um olhar rápido sobre a vida de Pizarro pode levar à conclusão de que foi um guerrilheiro e um político como qualquer outro na Colômbia. Assim, por exemplo, muitas das suas atividades na guerrilha podem ser consideradas completamente coerentes com o conceito geral que temos sobre dita categoria. A vida guerrilheira de Pizarro pode ser compreendida como um ponto de ruptura com seus engajamentos sociais passados, e como uma resposta diante de um processo extremo de exclusão política na década de 1970 na Colômbia. Visto desse jeito, Pizarro estaria justificado socialmente. O problema surge quando se aprofunda à particularidade da sua vida e descobre-se que esteve sempre cheia de tensões como consequência de uma pluralidade de perspectivas não sempre coerentes. A presente reconstrução poderia só recuperar os elementos coerentes da vida política de Pizarro, mas se poderia dar importância também a elementos diferentes e incoerentes com seus engajamentos sociais mais representativos sem que sejam deslegitimados. Os elementos que interessam aqui podem ser encontrados nas suas relações familiares, de amizade, suas orientações literárias, religiosas, nos relatos sobre seu comportamento e personalidade, e de modo mais amplo em qualquer âmbito avaliado como privado ou particular. Ainda que esses elementos possam ser considerados sem valor diante dos aspectos da sua vida pública, eles podem contribuir numa compreensão mais ampla dela.

Pizarro nasceu em 6 de junho de 1951, num período conhecido como *La Violencia* (1945-1965), caracterizado fundamentalmente pela confrontação direta (e violenta) entre os dois partidos tradicionais: o *Partido Liberal* e o *Partido Conservador*. Dita confrontação nos remete ao problema fundamental de todos os períodos anteriores e posteriores: o recurso permanente à violência⁴ no País como parte das relações políticas ou, nos termos de Carl Schmitt (1984), a relação amigo-inimigo como matriz da política. Seja no caso das guerras civis colombianas do século XIX⁵, das guerras dos anos 1950 durante *La Violencia*, das guerras de guerrilhas nas quais Pizarro foi protagonista, ou da atual fragmentação extrema⁶ da guerra, as diferentes combinações dessa matriz política só dão conta de um inacabado processo de formação da nação ou, pelo menos, da sua permanente divisão.

De modo geral, poder-se-ia considerar que durante as guerras do século XIX a instância da *Fazenda* (ou dos fazendeiros, compreendida aqui como instituição econômica), a

⁴ A resolução dos conflitos por meios violentos não é um fenômeno considerado explicitamente sob o conceito de “guerra”; geralmente é mais conhecido como “violência”, à medida que dita noção leva em conta a diversidade de atores, componentes e processos desencadeados.

⁵ Oito guerras civis nacionais e quatorze regionais.

⁶ Segundo o conceito de Gonzalo Sánchez no seu ensaio *Guerra y política em la sociedad Colombiana* (1991).

Igreja Católica e os partidos tradicionais (que chegaram às pessoas antes que o Estado e suas instituições) se constituíram nos únicos articuladores da vida social e política do País, ao tempo que estimularam práticas violentas como principal meio de acesso à cidadania ou à política⁷ (SÁNCHEZ, 1991, p. 19); já durante *La Violencia* (1945-1965), época em que nasce Pizarro, surgiram novos universos simbólicos, foram diversificados os núcleos de poder político e nasceram novas identidades coletivas fruto da aparição de um movimento obreiro independente, de novas lutas camponesas e da ideia de “povo”⁸. Esses fatores contribuíram ao surgimento de um fenômeno excepcional de fervor popular conhecido como *Gaitanismo*. Este (encarnado na figura de Jorge Eliecer Gaitán), segundo Daniel Pécaut ([1987] 2001), se fundamentou na convergência de três tipos de oposições: a do *antagonismo político* (entre o povo e as oligarquias); a das *contradições de classe* (entre dominantes e subalternas); e a do *enfrentamento partidário* (entre liberais e conservadores). Nesse sentido, Gaitán, sendo candidato presidencial, conseguiu mobilizar esses antagonismos ao se configurar simultaneamente num líder populista, num líder social e num líder tradicional (já que representava o Partido Liberal) que ameaçava redefinir a base do estabelecimento político. Por esse motivo, em 9 de abril de 1948, foi assassinado, dando lugar a um levantamento popular espontâneo nacional conhecido como *El Bogotazo*. Geralmente essa data é assumida como a origem do período de *La Violencia*⁹, em que a confrontação violenta entre os dois partidos tradicionais levou ao desenvolvimento de uma crise nacional considerada por Gonzalo Sánchez (1991) uma guerra permanente entre classes dominantes, mas também entre estas e o movimento popular. O autor identifica três componentes que caracterizam esse período em que Pizarro nasceu e desenvolveu parte da sua infância:

- o desenvolvimento de práticas de *terror concentrado*: uma violência que aniquilou o social e suprimiu a política num terreno em que (diferentemente da Europa) a instauração da política e dos partidos não correspondeu com uma “qualificação” do social; ou seja, os copartidários existiam antes dos cidadãos e, em vez de se constituir atores políticos autônomos, eram criados adeptos. A consequência seria, segundo Sánchez (1991), a resolução dos conflitos por meio de uma verdadeira política¹⁰ de perseguição e aniquilamento e não de

⁷ A organização da guerra reproduzia as hierarquias sociais, assim os líderes políticos (fazendeiros, comerciantes ou profissionais com poder social) eram ao mesmo tempo os chefes militares.

⁸ Dita diversificação não deslocou por completo a Fazenda, a igreja e os partidos tradicionais do centro do poder.

⁹ Na verdade, era “el momento culminante de una primera oleada de violencia que se había iniciado dos o três años atrás” (SÁNCHEZ, 1991, p. 28).

¹⁰ Já que tinha uma estratégia, uns agentes e uns rituais e uns instrumentos e uma cronologia do terror específicos (SÁNCHEZ, Gonzalo. *Guerra y política en la sociedad colombiana*. Bogotá: El Áncora, 1991).

contradição, rivalidade ou oposição de quem transgredia o considerado como verdade absoluta;

- o surgimento de uma *resistência armada*: a formação (espontânea ou politicamente dirigida) de organizações essencialmente rurais de autodefesa armadas que tinham como finalidade confrontar o terror. A resistência se configurou como um espaço de intermediação entre o social e o Estado, mas não como um projeto político destinado à tomada do poder. Os núcleos de resistência atuavam, por vezes, como substitutos de movimentos sociais, como porta-vozes de identidades partidárias ou como intérpretes das necessidades de algumas comunidades locais. Sánchez sinala que as zonas de resistência (representadas como zonas onde dominava a liberdade) eram zonas em que existiam lutas agrárias ou processos de colonização gerados pela própria violência. Nesses territórios, ditos grupos ou guerrilhas reagiram tanto à repressão do Estado quanto à sua ausência. Muitos conseguiram madurar um projeto político (no caso, por exemplo, das leis das “Guerrillas de los Llanos”) mas também não escaparam às lógicas do terror já descritas. O importante é assinalar que essa resistência dos anos cinquenta evoluiu nas guerrilhas contemporâneas como as *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia* (FARC) ou o *Ejército de Liberación Nacional* (ELN);

- o estabelecimento da *comoção social*: a violência desse período foi um processo profundo que afetou a propriedade e as relações sociais e de produção. Foi o caso do deslocamento dos eixos industriais, do crescimento e do declive de algumas cidades; também a alteração dos mecanismos de comercialização, as migrações internas desorganizadas, ou a alteração das relações entre os terratenentes, as autoridades e as organizações armadas.

Do conjunto das experiências das guerras do século XIX e de *La Violencia*, ficou não só o fortalecimento do caciquismo e do caudilhismo, mas também uma forte debilidade e ausência das instituições do Estado que não exerciam o monopólio legítimo da força e não cumpriam seu papel de reguladoras da vida social. A negação sectária do outro de alguma maneira estava ligada à tradição católica e à igreja, que, diante da debilidade das instituições estatais, fundamentou a comunhão entre religião e política. Nesse sentido, *La Violencia* deixou um profundo rastro no substrato da cultura colombiana na forma de tradição oral, de ensaios, novelas, obras de teatro, filmes e qualquer outro tipo de manifestação artística.

La violencia asechó la literatura colombiana con sus temas predominantes de malestar, desesperación y muerte. En 1959 y 1960 los escritores se preguntaron si una ‘novela de La Violencia’ era pertinente para dar cuenta del fenómeno. En 1962 Alejandro Obregón ganó el premio nacional de

pintura con su óleo '*Violencia*', representación de una mujer embarazada que yace muerta. Sus senos y su vientre abierto de un tajo rojo-violeta, sugerían la desolación desparramada por los flancos de los volcanes y las cordilleras de los Andes colombianos. Aquel año la flamante Facultad de Sociología de la Universidad Nacional publicó *La violencia en Colombia*, controvertido libro [...] que moldearía la visión de las clases medias lectoras. (PALACIOS, 1995, p. 191).

Num sentido geral, a matriz política do contexto em que nasce Pizarro invadiu todos os âmbitos da vida social, política e cultural do País. Pode-se dizer inclusive que, devido ao fato de que existia antes de Pizarro, dita matriz determinou de alguma maneira muitos aspectos da sua trajetória individual. De fato, o primeiro grupo guerrilheiro em que Pizarro militou foram as FARC, que, como já referido, surgiram como um grupo de autodefesa campesina na época da *Violencia*. Nesse sentido, se para parte da geração do período compreendido entre 1949 e 1965 o espaço de socialização foi a guerrilha¹¹, já que influenciou diretamente suas trajetórias (não por constituir uma categoria política, senão também como um espaço de estratificação social), para as futuras gerações também seria importante à medida que desenhou seus espaços de socialização.

Assim, por exemplo, no meio das disputas e das medidas de terror características desse período, retorna ao País o comandante Gustavo Rojas Pinilla, com o objetivo de defender os interesses das Forças Armadas (que tinham sido desprezados pelo governo de Laureano Gomez e do presidente encarregado Roberto Urdaneta) e dar uma saída à crise nacional. Em junho de 1953, apoiado pelos setores conservadores, liberais, a Igreja, os grêmios empresariais e diversos grupos políticos (à exceção do Partido Comunista), Rojas Pinilla efetuou um Golpe de Estado. A transição para o governo militar se deu pacificamente, sendo inclusive amplamente festejada em razão da impopularidade de Gómez (que terminaria exilado na Espanha). Embora a Assembleia Nacional Constituinte tenha legalizado o título presidencial do golpista só até 1954, naquele ano “O General Rojas” (como era conhecido) negou-se a abandonar o poder sob a consideração de que não existiam “condições de ordem pública” para a realização de eleições presidenciais. A promulgação do sufrágio feminino, a proscricção constitucional do Partido Comunista, a pacificação das guerrilhas *Del Llano*, a bonança cafeeira, a estabilidade monetária, entre outras conquistas do regime militar, deram lugar para que a Constituinte prorrogasse seu governo até 1958. Só que já desde 1955 Rojas

¹¹ As FARC tinham o dirigente guerrilheiro mas antigo do mundo: Manuel Marulanda Velez, “Tirofijo”, que iniciou nas guerrilhas liberais dos anos cinquenta, na época da *Violência*, o que indica que, para ele e muitos outros, ser guerrilheiro foi uma verdadeira opção de vida. Maurlanda foi inicialmente campesino, mas depois foi comerciante e inspetor de vias.

começava a desenvolver práticas de censura e autoritarismo que preocupavam as elites e setores tradicionais (liberais e conservadores) que o apoiavam. No decorrer desses acontecimentos, o pai de Carlos Pizarro, Juan António Pizarro (que era Oficial Naval), foi nomeado pelo próprio Rojas Pinilla como Comandante da Armada. A esposa dele, e mãe de Carlos Pizarro, Margot Leongómez, se refere a essa época:

Lo nombra porque él [Rojas Pinilla] quería mucho a *Johnny* [Juan Antonio Pizarro], le tenía mucho respeto. Pero Juan Antonio siente que incomoda al presidente, porque él tenía el concepto de que la persona que realice su trabajo, bien y honestamente, fuese liberal o comunista, tenía todo el derecho a continuar trabajando. El General Rojas busca la forma de que se vaya, sin decirle ¡váyase!, sino en una forma elegante: ‘váyase a comprar armas, váyase a hacer un estudio’, hasta que resuelve enviarlo a Washington porque mi marido le pide la baja. Lo nombra agregado naval en la Embajada y Jefe por Colombia ante la Junta Interamericana de Defensa, ¡Y nos vamos! (PIZARRO, 1991, p.12).

Juan Antonio Pizarro saiu da Colômbia entre 1954 e 1955 (período de radicalização de Rojas Pinilla) para viver o que sua família denomina como “exílio dourado”. A razão de dito exílio é que, embora conservador, o pai de Carlos Pizarro tinha-se negado a destituir oficiais liberais, alegando suas boas capacidades profissionais. Evidentemente a confrontação entre as duas orientações políticas (típica desse período) estava presente no interior do governo ditatorial. Juan Antonio Pizarro, seus cinco filhos (entre eles Carlos, que era o terceiro dos cinco) e sua esposa, Margot, moraram durante três anos nos Estados Unidos (período em que maioria das crianças fez seus estudos primários). Como podemos ver, o contexto político já começava a influir nos âmbitos de socialização de Carlos Pizarro e seus irmãos.

No ano de 1956 (com as medidas de Estado de sítio ainda vigentes e no período de auge das práticas autoritárias de Rojas), na Praça de Touros de Bogotá, detetives e policiais vestidos de civil assassinaram oito pessoas e feriram mais de cem porque não entoaram os gritos de apoio ao governo e, pelo contrário,

[...] habían ovacionado a Lleras Camargo [dirigente liberal], el jefe del ‘frente civil’ y abucheado a María Eugenia, la hija del presidente, figura pública que dirigía una entidad oficial, la Secretaria de Acción Social, SENDAS, inspirada en las labores de Evita Perón. (PALACIOS, 1995, p. 216).

Os acontecimentos da Praça de Touros comoveram profundamente Juan Antonio Pizarro e levaram-no a retornar à Colômbia e pedir sua demissão. Meses depois, Rojas Pinilla

renunciou e designou uma junta militar conservadora na presidência ao mesmo tempo que Juan Antonio era nomeado novamente Comandante da Armada. Posteriormente, durante o governo liberal de Alberto Lleras, o pai de Pizarro saiu da Comandância como consequência da pressão de um setor de generais do Exército sobre o presidente da República.

No decorrer de todos esses eventos nacionais e familiares, Carlos Pizarro chegou a estudar no *Saint Patrick School* em Washington (onde seu avô já tinha sido agregado militar e suas tias tinham estudado pedagogia), no colégio *Nuestra Señora del Carmen* na cidade de Cali, no *Little American School* de Bogotá (que era de uma das suas tias) e nos colégios *San Bartolomé* e *San Juan Berchmans* dos Jesuítas em Cali. É importante notar que os pais de Pizarro elegeram essas instituições porque tinham a orientação católica que eles professavam e porque eram os centros de ensino da elite regional. Pizarro menciona:

No nací en el seno del pueblo, pero tengo una formación cristiana profunda y dentro de ideales muy verticales que heredé de mi familia. Fundamentalmente de mi padre. Ahora, en la medida en que me voy enfrentando a la realidad, voy desprendiéndome de ese paternalismo cristiano y empiezo a profundizar en el compromiso político, empiezo a descender de esa cuna rodeada de ciertos privilegios a ser parte de un pueblo que siento cada vez más igual a mí (informação verbal)¹².

Embora a família de Pizarro tivesse uma origem aristocrata¹³, depois do retiro da Armada, seu pai começou a trabalhar como gerente de *Caritas Arquidiocesana* (entidade da Cúria Católica); e sua mãe, como professora primária no Colégio *Colombo Británico*. Isso indicaria duas coisas: por um lado, que seu *status* econômico era de classe média (ainda que tenham continuado exercendo certos privilégios como os de pertencer ao Club San Fernando e o de dispor de uma estância de veraneio da família, localizada perto da cidade de Cali); por

¹² PIZARRO, Carlos. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

¹³ Juan Antonio, seu irmão maior, reconstrói assim a tradição militar, oligárquica e conservadora da família: “La rama Pizarro es muy conservadora. A fines del siglo pasado hay un Pizarro, un congresista [...] un conservador de esos radicales que realmente estaba interesado en acabar con los liberales [...] al general Lisímaco Pizarro, cofundador de la Escuela (de caballería) José María Córdoba y otras cosas, la mamá lo sacó disfrazado de mujer para Palmira cuando los negros liberales de Puerto Tejada (Guerrilha liberal das guerras do século XIX) cayeron sobre Cali y, según contaban, lo libró de una matazón grande que hubo de conservadores [...] En la casa de Fontibón, de mi tío abuelo Luis Carlos Pizarro, había un asiento que no podía ocupar nadie porque allí se había sentado Laureano Gómez (presidente conservador), y las únicas fotos de la sala eran las de Laureano, del general Rafael Pizarro, de mi papá y no recuerdo bien si una del cura, de Alejandro. [...] La rama militar o civil por parte de mamá es de tradición liberal: el Tribuno del Pueblo durante la Independencia de 1810, José Acevedo y Gómez; el general Leonardo Canal; mi abuelo, el Coronel Eduardo Leongómez [...], el general Gustavo Matamoros, primo de mamá que fue edecán [...] y ministro de defensa [...]; hubo poetas como Josefa Acevedo de Gómez o los hermanos Ernesto y Adolfo León Gómez, fundadores del periódico *El Bogotano* y parece que Adolfo fue internado en el leprocomio de Agua de Dios para que se ‘curara’ de sus ideas radicales.” (PIZARRO, 1991, p. 58).

outro, que a família desenvolvia certo tipo de atividades sociais com os setores populares. De fato, sua mãe tinha um importante trabalho no *Hogar María Goretti* (de meninas abandonadas e mães solteiras) e na Paróquia dos Padres Salvatorianos na cidade de Cali¹⁴ (PIZARRO, 1991, p. 17). Ao mesmo tempo, o pai de Pizarro também desenvolveu certo compromisso com os setores menos favorecidos durante o tempo em que foi gerente de *Caritas*:

Él llega y convierte eso en una cosa que tiene mucha fuerza [...] Lo que pasa es que llegó un momento en que asustaba a los dueños de las fincas [fazendas e chácaras]. Él con su deseo de que las cosas salieran adelante, comprometía primero a los campesinos y luego a los dueños de las fincas para que les permitiera trabajar un día por semana en la construcción de la carretera, la escuela y esas cosas (informacao verbal)¹⁵.

Ainda pequeno, Carlos ia, na companhia da sua mãe e de um sacerdote, distribuir víveres e fazer trabalhos para a comunidade do bairro Caldas, em Cali. Durante o tempo em que realizou essas atividades, comentou para Betty Solano (amiga da família) que queria estudar no seminário, ordenar-se como sacerdote e “trabalhar para os pobres”. Sete anos depois dessa conversação, Betty se reencontrou com um Pizarro que “ya no sólo pensaba em los barrios de Cali, sino em los pobres de todo el país” (PIZARRO, 1991, p. 44).

Mais do que como resultado da sua indisciplina e baixo rendimento acadêmico, que por verdadeira vocação religiosa, Pizarro é internado aos dez anos de idade no *Seminário Salvatoriano de La Estrella*, em Antioquia. Dado que não consegue seguir os padrões disciplinares e, pelo contrário, é sempre mostrado diante dos seus colegas como o exemplo mais nocivo, Pizarro é internado no Seminário *La Salle*, de Bogotá (onde estudaram também os ex-presidentes Carlos Lleras e Virgilio Barco). Ali, finalmente, consegue terminar os estudos secundários:

A: ¿Lo del seminario qué es? ¿Tenía vocación?

Margot (mãe): ¡No, nada de vocación!; ¡jamás tuvo vocación! Claro que como hablaba tan bonito y tenía tantos cuentos... Porque yo pienso que ahí sí fue *pura tomadera de pelo*¹⁶, entonces nos convenció de que efectivamente había algo de vocación; pero ese cuentico de que fui yo la que lo impulsó a que se fuera, lo lamento mucho pero eso no fue cierto. Y lo mismo Hernando (irmão menor que foi guerrilheiro do M-19 e das FARC), a quien se le apareció la Virgen ¡Puro cuento! Ellos se fueron porque quisieron, por alguna razón.

A: Pero un hermano de él asegura que se ponía piedras para dormir y lacerarse; ¿eso tan místico de dónde lo saca?

¹⁴ Numa oportunidade, levou para sua casa e deu apoio a dois jovens de poucos recursos.

¹⁵ LEONGÓMEZ, Margot. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 24

¹⁶ Expressão usada para se referir ao que era um engano ou uma piada.

M: ¡Yo qué voy a saber! Me imagino que pensaría en algún momento, probablemente que tenía vocación. Teníamos la esperanza de que realmente fueran sacerdotes (informação verbal)¹⁷.

Aparentemente, a única mostra de disciplina que Pizarro deu durante seus dois internados foi sua paixão pela atividade esportiva, na qual sempre foi destacado, mas a vocação sacerdotal ele mesmo negaria posteriormente, em particular porque sentia lesionada sua liberdade num ambiente que considerava “confessional e autoritário”. Mas o que chama a atenção é que ele foi educado em instituições religiosas num período em que a Igreja católica tinha perdido sua força punitiva tanto no âmbito privado quanto no dos costumes sociais e culturais. Em razão da expansão do ensino secundário desde o pós-guerra e do crescente processo de urbanização, em 1950, a cobertura da Igreja tinha diminuído e o seminário deixava de ser eficaz como meio de mobilidade social (PALACIOS, 1995, p. 208). Desta forma, diminuíram os aspirantes sacerdotais e o regime católico foi cada vez menos compatível com as novas práticas das classes médias e populares, como também com as novas gerações interessadas nos meios de comunicação, como o cinema, o rádio e a televisão. Por outro lado, um dos legados de *La Violencia* foi que a Igreja se orientara pelo *bipartidismo* (que se expressou melhor no que depois chamaremos como *Frente Nacional*), reformulando a sua relação com o poder, configurando-se como centro de disputas e controvérsias (e não como centro de poder) e deixando de lado os compromissos sociais. Como resultado, na década de 1960, abrir-se-ia na Colômbia o caminho para a secularização e para a aparição de desafios simbólicos encarnados na figura de Camilo Torres, o sacerdote guerrilheiro (SÁNCHEZ, 1991, p. 51).

Carlos Pizarro saiu cedo da sua casa para enfrentar com rebeldia os desafios impostos por sua família e pela sociedade. Seus pais, com orientações conservadoras relacionadas com a vida militar¹⁸ e os costumes católicos, não conseguiram educar seus filhos nessa linha. Dos cinco, três foram guerrilheiros (Carlos, Hernando e Margot ou “Nina”) e os outros dois foram militantes do Partido Comunista (Eduardo e Juan Antonio¹⁹). É claro que nas práticas do Pizarro guerrilheiro ver-se-ão comportamentos ou disposições associadas aos espaços de socialização privilegiados em que foi educado e que fazem parte de um perfil distinto do tipo de guerrilheiro “tradicional” colombiano. Entretanto, até o momento ora

¹⁷ LEONGÓMEZ, Margot. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 27

¹⁸ Diferentemente dos seus filhos, Juan Antonio Pizarro teve as melhores classificações no colégio e nas Forças Armadas, chegando a ser vice-almirante aos 44 anos e Comandante das Forças Militares.

¹⁹ Hoje nenhum dos dois milita no PC. Eduardo é um reconhecido intelectual, diplomático e professor universitário; Juan Antonio exerce a advocacia.

descrito, a vida de Pizarro ilustra as mudanças geracionais e as tendências socioculturais de uma época. O conservadorismo dos seus pais contrastava com as ditas mudanças. Assim, apesar dos filhos, em particular Carlos, demonstrarem pouco interesse na vida religiosa e não conseguirem (como seu pai) ter uma vida escolar disciplinada, eles tentaram corresponder às expectativas da família. Não é gratuito que os quatro filhos homens foram estudar Direito numa prestigiosa universidade católica, mas só António conseguiu terminar. Ou seja, os pais e a família tiveram um papel central na hora de orientar direta ou indiretamente as decisões dos filhos, mas claramente essa orientação não foi determinante visto que entraram no jogo outros fatores internos e externos de socialização.

De maneira geral, o que ilustra esses comportamentos *em contravia* é que a compreensão dos indivíduos não necessariamente deve ser feita unicamente a partir de esquemas ideal-típicos de grupos sociais, épocas ou instituições. Nesse caso, poderíamos cair no reducionismo dos contextos, esquecendo que o mundo social é cada vez mais diferenciado e que os indivíduos transitam nele, passando de um espaço de socialização ao outro de maneira sucessiva ou alternativa. Os indivíduos seguem motivações ou orientações sociais, mas fazem escolhas individuais distintas, irredutíveis em relação aos contextos e aos outros indivíduos. Esse fenômeno complexo dificulta saber em que momentos surgem ou se ocultam as disposições, mas mostra a diversidade de “determinismos sociais” – para usar um conceito de Lahire (2002) – presentes nos indivíduos e que, como veremos, podem ser contraditórios. De acordo com Lahire,

O comportamento de um ator certamente é totalmente determinado socialmente, mas é impossível prognosticar tão facilmente como no caso da experiência química o aparecimento desse comportamento. Isto é devido à complexidade social de uma situação (nunca redutível pelo sociólogo a uma série limitada de parâmetros, ao contrário da redução da situação a uma fórmula do tipo H₂O), que, ademais, nunca é totalmente idêntica às que o ator viveu anteriormente (diferente da água, que continua idêntica a si mesma), mas também a complexidade interna de um ator cujo estoque de hábitos (de esquemas) é mais ou menos heterogêneo. (2002, p. 57).

2.2 A universidade

Durante o período em que Carlos Pizarro saiu do seminário e entrou na universidade (1969), os partidos tradicionais e os setores dominantes decidiram criar um regime de coalizão política e eleitoral como saída à crise social, à violência desenfreada e como forma de contenção à resistência campesina. Esse regime, baseado na alternância da Presidência da

República (só entre os dois partidos), na repartição equitativa de cargos burocráticos e na distribuição igualitária dos assentos no Congresso Nacional, foi denominado *Frente Nacional* (1958-1974). Na suposição de que o conflito unicamente se explicava pelas diferenças partidárias e tendo como principal objetivo a reorganização do País, a *Frente Nacional* pretendeu se configurar como um projeto de reconciliação (em relação às práticas de terror), de unificação das classes dominantes, de reabilitação e reforma nacional (em relação à comoção social), e “de modernização capitalista da economia e do Estado” (SÁNCHEZ, 1991, p. 48).

Só que esse regime teve como único mérito incrementar a confrontação entre os partidos e aprofundar as desigualdades sociopolíticas. Realmente a *Frente Nacional* deu termino à violência partidária, criando novos conflitos sociais e novos inimigos políticos. Os partidos políticos se configuraram em organizações oligárquicas não representativas dos antigos e novos setores populacionais e, pelo contrário, se constituíram como máquinas de administração burocrática. Em outras palavras, o pacto entre os dois partidos fracassou, pois não construiu mecanismos racionais de identificação distintos da adesão sectária de adeptos e, pelo contrário, fortaleceu os mecanismos ou lealdades clientelistas. Nesse sentido, a consequência foi a marginalização de amplos setores da sociedade que, ao ficarem por fora da rede de clientelas partidárias, não desenvolveram um interesse pela participação eleitoral; se articularam a processos de mobilização e organização social; ou se vincularam a formas de oposição ilegais e violentas como as guerrilhas. Medofilo Medina e Gonzalo Sánchez definem o regime:

Si bajo las hegemonías las relaciones interpartidistas engendraron violencia sectaria, bajo el Frente Nacional el bipartidismo constitucionalizado se convirtió por su naturaleza excluyente en un poderoso factor de violencia y estancamiento del sistema político colombiano. (MEDINA, 1985, p. 287).

[El Frente Nacional] creó también las condiciones para que muchos sectores artesanos, obreros, universitarios y campesinos, a los cuales la Violencia había desconectado de las tradiciones populares contestatarias [...] se afirmaran de nuevo en una visión de la política que ya no pasaba de manera exclusiva por el reparto del poder sino que apuntaba a la abolición del orden establecido y a la instauración de nuevas formas de sociedad. (SÁNCHEZ, 1991, p. 54).

Segundo Archila (1997), o *Partido Liberal* ou *Liberalismo*, durante os anos trinta e quarenta do século XX, já tinha tentado cooptar o movimento obreiro e campesino (intenção que permaneceu até os primeiros anos da *Frente Nacional*), mas nas décadas seguintes foi-se

fechando à medida que aproveitava as vantagens do pacto. No caso das organizações universitárias, aconteceu o mesmo: o *liberalismo* deixou o espaço aberto para a entrada de discursos mais radicais e afins dos interesses estudantis²⁰. Nesse sentido, o processo de exclusão social e política do regime levou ao incremento dos protestos sociais e ao surgimento de novos adversários políticos. Os movimentos estudantis passaram a se vincular com as centrais sindicais e outras organizações sociais à medida que iam construindo posições cada vez mais radicais. Mauricio Archila assinala:

[...] serán los partidos de izquierda o sus filiales juveniles los voceros del movimiento estudiantil. Los dos momentos más álgidos de las luchas estudiantiles (1964-66 y 1969-72) estuvieron acompañados de paralizaciones de carácter nacional que provocaron una fuerte reacción estatal hasta declarar el Estado de Sitio por ese motivo. Las demandas estudiantiles fueron en su orden: presupuesto, autoridades competentes, autonomía (en especial en tomo a los órganos de dirección) y solidaridad con otras protestas estudiantiles y populares. (ARCHILA, 1997, p. 196).

Foi justamente durante 1969, um dos anos em que a protesta estudantil teve maior força nacional, que Pizarro começou seus estudos de Direito na Universidade Javeriana (dirigida por Jesuítas). Quando entrou para a faculdade, seus irmãos Juan Antonio e Eduardo já haviam fundado, junto com outros colegas, um jornal universitário chamado *Pizarrón*, que desde 1969 começou a ter uma clara orientação de esquerda. Assim, em abril daquele ano, o jornal incluía artigos intitulados *El Manifiesto de Córdoba* (que apresentava argumentos em prol da participação estudantil na educação); *Marcuse y la Nueva Izquierda*; *La Opinión Pública y el Che*; e uma entrevista com a mãe de Camilo Torres (o sacerdote guerrilheiro), em que se apresentava um suposto diálogo em que à pergunta de Torres “Você está de acordo com que eu vá para a guerrilha?” ela respondia: “Tão de acordo que se eu tivesse 20 anos menos iria contigo.”²¹ Já para julho o editorial tratava sobre os problemas da Universidade Nacional e os artigos se intitulavam *La rebeldia estudiantil*; *Las invaciones, problema de la superestructura*; e uma entrevista de Jean Paul Sartre com Daniel Cohn-Bendit sobre maio do 1968, entre outros.

²⁰ Archila aprofunda: “En la universidad, por tanto, entraron en conflicto dos lenguajes, como lo señala un articulista de la revista *SETT*: “el de los estudiantes, subjetivamente a un paso de la revolución decantado dentro de la respectiva posición ideológica y hermetizado a fuerza de clisés... y el del gobierno (que era) un idioma de fuerza para hacerles frente.” La universidad, concluye el autor, “está en un callejón sin salida pues ni el marxismo justifica que ella sea vanguardia, ni el liberalismo justifica el uso de la violencia estatal para controlarla.” (ARCHILA, 1997, p. 208).

²¹ Mariño, Juan. *El Movimiento Estudiantil de la Universidad Javeriana de Bogotá (1970-1971)*. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/El%20Movimiento%20Estudiantil%20de%20la%20PUJ%20(1).pdf>. Acesso em 10 fev. 2015.

A participação de Carlos, junto com seus irmãos (melhor conhecidos na faculdade como “Los Pizarro”), continuou sendo muito ativa no jornal e nos espaços universitários da Javeriana em geral. Assim, em agosto de 1969 os três participaram da organização de um protesto contra o candidato conservador à presidência (que gerou fortes confrontos com os simpatizantes da universidade, já que foi queimada uma efígie do candidato) e em 1970 fizeram parte de outras mobilizações universitárias, incluída a única greve estudantil feita na universidade Javeriana até hoje.

Na verdade, a maioria das atividades de mobilização a que os Pizarro estiveram vinculados foram feitas em reação às condições sociopolíticas que gerou a *Frente Nacional*, como também em solidariedade aos processos de organização e protesto das universidades públicas. German Marino, líder estudantil da Javeriana naquele período, faz referência ao papel dos Pizarro no processo da Javeriana:

Es interesante nombrar el papel que jugó la familia Pizarro. Eran tres estudiantes de derecho, John el más grande, Eduardo y Carlos. Ellos vivían en la casa que un tío les había prestado, al lado del Castillo en el barrio Rosales. Esa casa era muy grande, como de 5 ó 6 habitaciones y funcionaba como centro de reuniones o por decirlo de alguna manera como el cuartel alterno. Nos reuníamos a conversar, a discutir libros y unas pocas veces a rumbear. Discutíamos mucho el libro de Martha Harneker, una trotskista, muy influenciada por Althusser. Los Pizarro alojaban algunos estudiantes muy jodidos. Recuerdo que alojaron al “Negro Arturo”, que planteaba, Eduardo lo decía en forma jocosa, que primero había que matar a todos los blancos y después hacer la lucha de clases entre los negros. (MARINO, 2011, p. 13).

No entanto, Carlos consegue se diferenciar de seus irmãos assumindo posições muitas vezes contrárias. Assim, por exemplo, é recordado por Felipe Perez (amigo da família) como “católico e praticante [...] com ideias basicamente nacionalistas pero revolucionários para a década” (PIZARRO, 1991, p. 38). É justamente naquele período que Carlos Pizarro se distancia dos seus irmãos e se vincula à Juventude Comunista, participando do Jornal da organização conhecido como *Frente*.

Ante o surgimento de correntes de esquerda no interior da universidade Javeriana, as autoridades fecharam as carreiras de Sociologia e Trabalho social e expulsaram (discretamente) os professores simpatizantes do movimento estudantil e os estudantes envolvidos diretamente em protestos. Desta forma, entre 1969 e 1970, o decano da faculdade de Direito enviou uma carta ao pai dos irmãos Pizarro, aconselhando retirar seus filhos da universidade. No ano seguinte, o pai matriculou de novo os três filhos, mas só Antonio

conseguiu terminar a faculdade, já que em 1971 Eduardo e Carlos foram expulsos definitivamente.

É importante levar em conta que Carlos Pizarro e seus irmãos entram numa faculdade destinada à formação de dirigentes políticos e burocratas. De fato, o ex-presidente da Colômbia de 1994, Ernesto Samper, foi colega de aula de Carlos Pizarro naquele período. Samper descreve:

Tenía, sí, desde aquel tiempo, el ideal bolivariano circulando por sus venas. Se expresaba en tono pausado, casi silencioso, con una extraña fuerza de persuasión [...] Las primeras manifestaciones de su voluntad conductora las conocimos en la huelga estudiantil del año 71; allí apareció otro Pizarro resucitado desde su ruana. Contestatario, claro y altivo. Desde entonces supe que Pizarro llegaría alto. Fue expulsado de la javeriana, el precio era inevitable. (apud PIZARRO, 1991, p. 38).

Como se verá, Pizarro, apesar de entrar num espaço de socialização destinado à formação da elite política numa linha tradicional e conservadora, decide percorrer outro caminho, articulando-se e criando no interior da própria universidade outros espaços que, influenciados por novas correntes de pensamento, tentavam criticar e se mobilizar contra o regime. Esses espaços alternativos no interior de Javeriana tinham uma correspondência maior com os espaços de mobilização da universidade pública, em particular com os da universidade nacional e distrital. Para Archila (1997), a maior parte dos protestos sociais dos estudantes (das universidades públicas e particulares) durante a *Frente Nacional* nem sempre teve motivações materiais ou unicamente relacionadas com o orçamental. Eles tinham como foco a luta pela autonomia universitária ou eram ações de solidariedade com os outros processos de mobilização social da época.

É importante mencionar que durante a *Frente Nacional* as transformações sociais (que tinham origem no início do período da *La Violencia*) se aceleraram. No ano de 1964, na Colômbia, o processo de urbanização aumentava rapidamente; o sistema educativo havia sido ampliado; em alguma medida o papel da mulher na sociedade indicava importantes transformações; as ciências sociais ganhavam força no âmbito intelectual e científico; dentro de alguns setores, eram divulgadas diferentes leituras do marxismo; o acesso aos meios de comunicação aumentava; os avanços do socialismo e o triunfo da revolução cubana eram conhecidos; e era evidente um processo de secularização da sociedade. Em outras palavras, esses eram fatores mais que favoráveis para o cultivo de um “imaginário de esquerda” que já tinha ganhado força na América Latina e no mundo (ARCHILA, 1997, p. 200).

Desde logo, essas mudanças não foram bem recepcionadas pelos setores (oligárquicos) tradicionais. As novas demandas sociais e políticas fruto dessas transformações não foram atendidas, e o compromisso de reformas não foi cumprido. Tratou-se de um processo de modernização econômica acelerada e precária a par de um desenvolvimento débil das instituições, em que ainda predominavam formas de representação tradicionais baseadas em lealdades pessoais. Em resumo, a *Frente Nacional* não conseguiu articular os processos de modernização à distribuição do poder e da riqueza, levando ao crescimento das desigualdades e à exclusão política. Um exemplo claro disso foi o fracasso do leve intento de reforma agrária detido pelos grandes proprietários de terras, que criaram o famoso “Pacto de Chicoral” – uma medida contrarreformista que, tendo efeitos de lei, reprimiu os camponeses que tentaram ocupar as terras de ditos proprietários ou fazendeiros (MOLANO, 2006)²². Segundo Molano, dado o fracasso dessa reforma, desenvolveu-se um processo de colonização de terras que levou tanto ao fortalecimento das guerrilhas que operavam nessas regiões remotas como também a um processo de ampliação latifundiária ou de concentração da propriedade²³ – tudo num contexto de precário ou ausente controle por parte das instituições. Na obra de Stephan Suhner *Resistiendo al olvido*, reconstrói-se a forma como o movimento campesino foi dividido e perseguido durante esse período da história nacional.²⁴

De modo diferente do esperado, a *Frente Nacional* também não conseguiu reconciliar e “reabilitar” a Nação e, pelo contrário, incrementou suas práticas autoritárias mediante a repressão e criminalização dos protestos sociais (porém algumas das organizações tinham de fato vínculos com organizações guerrilheiras), a declaração contínua do Estado de sítio e a restrição da participação de outros partidos políticos como o *Movimiento Revolucionario Liberal* (MRL), a *Alianza Nacional Popular* (Anapo) e a esquerda não necessariamente organizada em torno de um partido político.

É importante aprofundar o papel da *Anapo* (*Alianza Nacional Popular*) durante esse período, já que desde 1961 ela aglutinou diversas expressões de direita, esquerda e democráticas (presentes nos setores urbanos, populares e rurais) que tinham como denominador comum o fato de estarem marginalizadas à coalizão no poder e de terem orientações nacionalistas. A *Anapo* amparou o general Gustavo Rojas Pinilla, que (depois de

²² MOLANO, Alfredo. *Aproximaciones históricas al paramilitarismo*. Barcelona: 2006. Disponível em: <http://www.observatori.org/paises/pais_51/documentos/E_MOLANO.pdf>. Acesso em fev. 2015.

²³ Isto porque os colonos se endividavam e, ao não poder ser pagas aos credores, as terras foram ficando nas mãos de grandes proprietários novamente.

²⁴ SUHNER, Stephan. *Resistiendo al olvido: tendencias recientes del movimiento social y las organizaciones campesinas en Colombia*. Bogotá: Taurus, 2002.

quase perder os direitos políticos e de ser detido toda vez que se suspeitava de um golpe militar) se foi configurando num importante líder popular. No ano de 1968, o “General Rojas”, por meio de um discurso baseado na oposição povo-oligarquia, tinha ganhado suficiente força para se opor eleitoralmente à *Frente Nacional* nas eleições de 1970. No entanto, a Anapo não conseguiu, como outros movimentos alternativos, se configurar em um efetivo canal de contato entre os cidadãos e o Estado. A sociedade desarticulada continuava sendo instrumentalizada pelo aparelho partidário e burocrático, mas sem a possibilidade real de ascender a mecanismos de participação efetivos. Por esses motivos, em um processo paralelo à conformação da Anapo, um grupo de jovens liderado por Jaime Bateman Cayón criava em 1966 a primeira rede urbana das FARC, que posteriormente (entre 1970 e 1972) constituiria a guerrilha *Comuneros* (LEÓN, 2012, p. 241). Os dois processos (o institucional da Anapo e o extrainstitucional de Bateman) confluem em 1970 depois de, no dia 19 abril, o candidato único da *Frente Nacional* (o conservador Misael Pastrana, candidato da efígie da Javeriana) ganhar sob suspeita de fraude as eleições presidenciais contra Rojas Pinilla. Como consequência, alguns membros da Anapo decidiram desistir da disputa eleitoral e criar uma organização armada que, em 1973, uniu forças com a guerrilha *Comuneros*, originando assim o Movimento 19 de Abril (M-19).

Por outro lado, Archila também destaca o papel de uma crescente classe média²⁵ caracterizada pelo culto ao individualismo, o apego à família e aos valores tradicionais, mas que, devido à falta de coesão, não atuava segundo critérios classistas senão em benefício de “coletividades de ampla afiliação” (ARCHILA, 1997, p. 212); ou seja, era uma classe capaz de articular demandas de outros setores da sociedade e de se acercar (e mimetizar) aos movimentos populares. Nesse sentido, ao mesmo tempo que tinha um apego por certas tradições, desenvolvia o desejo de mudanças estruturais. Por esses motivos, a *Frente Nacional* também não foi o melhor regime para o desenvolvimento dos interesses da maior parte das pessoas pertencentes à classe média. Archila (1997) considera que a frustração de alguns setores dessa classe (ao ver todos os canais políticos fechados e não ter um modelo econômico orientado a suas características) não só levou à sua radicalização, senão também alimentou o descontentamento dos setores populares.

A ausência de espaços de mediação fortes e efetivos entre a sociedade e a institucionalidade foi um dos fatores que fortaleceu o recurso à violência como ferramenta

²⁵ Mobilizadas através de organizações e movimentos estudantis, movimentos cívicos e organizações econômicas e empresariais.

para resolver os conflitos e manifestar interesses. Desde logo, não só as guerrilhas foram os principais atores que fizeram uso dela, também os partidos que se alternavam no poder continuaram perpetrando essa prática como meio de repressão social.

Em conclusão, os efeitos da coalizão foram totalmente opostos aos esperados: por um lado, a matriz política continuava sendo a mesma só que com a participação de novos atores ou adversários políticos radicalizados (como as guerrilhas); por outro lado, o contexto mundial da Guerra Fria também influenciou as dinâmicas de um conflito político violento cada vez mais complexo, não porque necessariamente tivesse determinado diretamente o caráter do conflito político interno, mas sim porque subministrou (aos grupos marginalizados e alguns setores da classe média) uma linguagem e um imaginário político baseados na ideia de amigo-inimigo, que

Lograba dar la impresión de una fuerte articulación entre las divisiones nacionales e la división internacional propia de la Guerra Fría. Este código tenía un valor cognitivo y práctico: favorecía una “generalización” ideológica, independiente de las circunstancias particulares. (PECAUT, 2004, p. 320).

Até o momento, reconstruíram-se quatro âmbitos ou contextos determinantes durante a *Frente Nacional*: o âmbito dos movimentos estudantis; o âmbito dos setores organizados como a *Anapo*; o âmbito das agrupações extrainstitucionais ou ilegais urbanas; e o âmbito da classe média. Os quatro foram setores conformados por cidadãos marginalizados política, social e economicamente pelo regime pactuado entre os dois partidos tradicionais representantes das elites oligárquicas colombianas. O que interessa, neste ponto, é assinalar que Carlos Pizarro esteve vinculado fortemente aos quatro âmbitos, mais do que conseguiu estar em relação aos setores oligárquicos e conservadores (vinculados à sua família e à universidade). Em outras palavras, a maioria dos seus espaços de socialização no período em que entrou na universidade estavam principalmente orientados numa perspectiva crítica e, às vezes, radical do sistema político colombiano da época. Ele militou em organizações solidárias às causas da universidade pública e das demais organizações mobilizadas contra a *Frente Nacional*; apesar de uma origem oligárquica, as características da sua pertença de classe correspondiam às da classe média da época; e, finalmente, esteve vinculado a uma organização de esquerda extrainstitucional como a Juventude Comunista, por meio da qual se vinculou às FARC e conheceu Bateman Cayón.

Antes, é importante mencionar também que a empatia de Pizarro com as práticas contestatórias, em princípio, esteve ligada ao envolvimento dos seus irmãos com as orientações de esquerda (que, como vemos, tinham adquirido muita força naquele contexto político), mas também poderíamos estabelecer certas ligações com sua aberta orientação católica (fomentada pela mãe), com as experiências de rebeldia nos seminários e com a forma particular segundo as quais os comportamentos rebeldes eram recepcionados pelos seus pais. Sua mãe lembra que a expulsão da universidade foi recebida com muita “dor e desilusão”, mas que eles sempre defenderam o respeito pelas ideias dos filhos, ainda sendo o pai militar “*de formación prusiana*”. É possível que as experiências de socialização familiares e escolares encaminhassem à formação católica, à solidariedade com os pobres e ao respeito pelas decisões alheias, como também as experiências de rebeldia, tenham sido determinantes nas suas *disposições* futuras.

Neste sentido, a trajetória de Pizarro, tanto nos contextos nacionais e institucionais dos anos sessenta e setenta quanto nos contextos passados de socialização no âmbito familiar e escolar, é importante na hora de pensar a origem das orientações políticas posteriores a 1971.

No ano de 1972, Carlos Pizarro ingressou na Universidade Nacional para continuar com seus estudos de Direito, mas ali decidiu dar continuidade ao seu ativismo político nas Juventudes Comunistas, fundando o jornal *Rojo* e militando na frente *Bertolt Brecht*, onde, em épocas distintas, militaram Alvaro Fayad, Luis Otero (os dois fundadores do M-19) e Alfonso Cano (ideólogo e ex-comandante maior da FARC). Nessa época, Pizarro travou batalhas políticas e ideológicas contra as organizações trotskistas e maoístas (presentes no movimento estudantil), e enfrentou batalhas reais contra a institucionalidade (como aconteceu nas manifestações de Yacopi, quando participou de enfrentamentos violentos). Em razão da intensidade dessas disputas, como a das atividades de mobilização, deixou num segundo plano as responsabilidades acadêmicas:

En la Universidad Nacional, más que estudiar, tirábamos piedras [...] Allí me encontré con la historia de la violencia campesina, con un sistema de violaciones de los Derechos Humanos que generaba un fenómeno de creciente rebeldía. (Informação Verbal)²⁶.

²⁶ PIZARRO, Carlos. Entrevista a Carlos Pizarro: depoimento. [abril, 1990]. España. Entrevista concedida a Revista Tiempo.

Pizarro conta, nesse relato, que é na *Univesidad Nacional* que consegue ascender a novos espaços, exercer sua atividade política de uma maneira mais intensa e tomar a decisão de ingressar na guerrilha. No entanto, continua se deslocando entre os âmbitos familiar e social e os âmbitos de socialização universitários e políticos da Nacional (desde logo articulados a um contexto sociopolítico mais amplo e determinante), o que sem dúvidas é um fator gerador de conflitos pessoais e familiares. Como assinala seu irmão, ele perde “una feroz batalla interior frente a su padre [...] debe mentirle sobre su proceso académico en la Nacional” (PIZARRO, 1991, p. 43) e em geral sobre suas atividades políticas vinculadas às organizações comunistas. Ou seja, teve que lidar com os conflitos e contradições entre esses espaços de socialização e segundo isso orientar suas ações. Nesse sentido, ainda tendo a possibilidade de continuar seus estudos, satisfazer os requerimentos da sua família e classe, e levar uma vida mais coerente com seus primeiros espaços de socialização, Pizarro decide radicalmente (decisão que os dois irmãos com que militou na Javeriana não tomaram) entrar nas FARC. Evidentemente essa escolha teve a ver com sua experiência nas juventudes comunistas da Nacional e com as características favoráveis do contexto político nacional, mas foi uma decisão até certo ponto autônoma:

A: ¿Por qué Carlos se va para la Guerrilla?

Marta Rodrigues (cunhada): Él era una persona distinta, para él las ideas eran como de verdad; yo nunca planteé irme para las FARC, ¡Jamás! En cambio él consideraba que si se creía en el cambio debía hacerse ya y que fuera absolutamente radical [...] Carlos lo sentía así; que esos de allá sí peleaban; y cuando conoce a Bateman se enamora todavía más. [...]

A: ¿Cuál es la reacción de ustedes al irse él para la guerrilla (FARC)?

Margot (mãe): Yo soy el ser más inocente del mundo, yo no supe de eso sino cuando ya venía de regreso; Juan Antonio no sé si lo supo. [...]

A: ¿La familia tiene comunicación con Carlos?

Nina (irmã): Yo tuve una relación bastante cercana [...] yo soy la encargada de mandarle la droga para la disritmia [...] y el Almirante [o pai], sin decir una palabra, pues el nombre de Carlos no se vuelve a pronunciar en la casa durante casi dos años, compraba el medicamento y lo ponía encima de la cómoda como diciendo: “¡Llévenle el remedio al ‘culicagado’²⁷ ese, pero él no existe!” [...] (informação verbal)²⁸.

Apesar de os pais não apoiarem essa escolha, e dos ataques de disritmia e epilepsia que sofria, Pizarro entrou autonomamente no que denominou como seu “terceiro internato”. Nas FARC, adquiriu o apelido de *Aureliano*, em referência a *Aureliano Buendía*, personagem

²⁷ Expressão usada para se referir a uma pessoa imatura e rebelde.

²⁸ RODRIGUEZ, Marta; LEONGÓMEZ, Margot; PIZARRO, Margoth: Carlos Pizarro: depoimentos. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevistas concedidas a Juan Antonio Pizarro, p. 56

de *Cien años de soledad*, a novela de Gabriel García Márquez. Neste ponto, é importante destacar o caráter de dita decisão, já que pensar nela unicamente como resultado de uma determinação produzida no contexto de militância na Juco (Juventudes Comunistas Colombianas) e num contexto político de exclusão mais amplo, se desconheceria que nem todos os colegas (e familiares) com quem compartilhou experiências se integraram às FARC. Ele se deslocava dentro de contextos que logicamente determinaram muitas ações, mas a decisão radical de sair da vida civil e entrar na clandestinidade é uma decisão que, se naquele contexto podia ser assumida como normal, não era completamente determinada e fácil. Deslocar-se até um contexto de socialização clandestino e ilegal depende não unicamente de uma sobredeterminação macrocontextual ou microcontextual, senão também de um exercício de reflexão individual e autônomo sobre o futuro da sua vida.

Neste ponto crucial da trajetória de Pizarro, não só é necessário dar conta dos fatores favoráveis (presentes no conjunto das suas socializações) para que ele ingressasse numa organização guerrilheira, senão também das suas motivações internas. Mediante a teoria de Lahire (2002), só podem se reconstruir as motivações externas ou objetivas, mas a pergunta é: sempre as ações se explicam pela interiorização do externo? (Nem que seja o externo plural?) Não é possível que, reconhecendo a existência de determinações provenientes de múltiplos e até contraditórios contextos de socialização, fique um lugar para a consciência e a reflexão? O deslocamento entre esses contextos também está sobredeterminado? Como resposta a essas incógnitas, é possível dizer que as estruturas contextuais, sem dúvida, afetam e determinam os indivíduos, mas ao mesmo tempo elas podem ser desafinadas nos projetos de vida desses indivíduos. Segundo Archer (2007), ditos projetos de vida são uma construção autônoma (mas conflitiva) que permite resolver os problemas do presente e conseguir o que se deseja no futuro.

Ao tomar como exemplo a decisão crucial de Pizarro de abandonar a vida civil, é factível considerar que foi uma escolha demarcada dentro de um projeto de vida futuro relacionado com um projeto político mais amplo de transformação da sociedade. Em outras palavras, os projetos individuais têm um momento de encontro com os sistemas culturais e as estruturas sociais que podem restringi-los ou, neste caso concreto, habilitá-los. O importante é ressaltar que esse tipo de decisão radical não implica nem o abandono das disposições adquiridas em outros contextos e por meio de outras experiências, nem a perda da capacidade de deliberação interna por meio da qual as pessoas lidam entre os múltiplos contextos em que socializam e seus interesses subjetivos. No encontro entre esses dois níveis, pode-se levantar a

hipótese de que as estruturas que caracterizam e determinam os diversos contextos de socialização têm uma incidência indireta sobre os projetos de ação, mas nunca uma influência direta e completa sobre a subjetividade. Portanto, a pessoa pode ter sempre a oportunidade de refletir sobre seus projetos e sua trajetória. Como se mencionou acima, a experiência que resulta das situações confrontadas poderia não só definir disposições, senão também aumentar a capacidade de reflexão.

Dentro da teoria de Archer (2003, 2007), existem distintos tipos de reflexividade que se podem apresentar em momentos diferentes da vida das pessoas²⁹. No momento particular da vida de Pizarro que se está abordando, é possível identificar o tipo metarreflexivo, que se caracteriza por dar maior peso às questões éticas, aos valores, ideais, princípios e, em geral, aos sonhos de justiça. Segundo Archer, os indivíduos metarreflexivos “are critically reflexive about their own internal conversations and critical about effective action in society” (ARCHER, 2003, p. 93). E para Vangerderghe:

Estão buscando, procurando realizar aquilo em que acreditam, procurando realizar a si próprios. Eles anseiam por autenticidade e querem integrar seus projetos em uma narrativa coerente que faça sentido e imbua sua vida com um propósito. São críticos, tanto a respeito de si próprios quanto dos seus contextos de ação [...] Eles entram em crise existencial, sofrem fraturas internas e seguem adiante. (VANDENBERGHE, 2012, p. 91).

A leitura da teoria de Archer por Vandenberghe remete a uma ideia de coerência, que em nosso caso não se aplicaria às múltiplas determinações (muitas vezes incoerentes), e sim às características do projeto de vida como desejo ou ideal. Essa característica da metarreflexividade, como as características dos demais tipos, é alterada continuamente dependendo dos contextos sociais. Isso explicaria, por exemplo, o porquê de nem todos os indivíduos socializados em determinados contextos agirem da mesma forma dentro e fora desses âmbitos de socialização.

Pode ser que naquele contexto geral de exclusão política e social fosse normal que as pessoas se integrassem (ou pelo menos considerassem a ideia de entrar) nas guerrilhas, mas isso não implica o desconhecimento do caráter reflexivo dessa decisão. De toda maneira, como se verá depois, essa escolha radical não implica o abandono das disposições ganhas no passado. É no momento em que ele deseja e consegue mudar sua trajetória que muitas das disposições sociais adquiridas na família, na escola e na universidade particular reaparecem e se conjugam com as experiências adquiridas na guerrilha.

²⁹ Reflexivity communicative, autonomous, meta and fractured (ARCHER, 2007)

No ano de 1971, Pizarro decidiu entrar na 2ª Frente das FARC, que desenvolvia suas ações nas áreas rurais mais pobres do sul do País. Depois de uma caminhada de 25 dias até a localidade El Pato (Huila), Pizarro iniciou atividades vinculadas ao campo, como cultivar alimentos, fabricar panela (rapadura) e todo tipo de trabalhos agrícolas de sobrevivência. Dado que até aquele momento as FARC tinham um contingente majoritariamente campestre e que os recursos econômicos eram bastante limitados (ainda não praticavam atividades como o sequestro), os combatentes tinham que cultivar e recolher alimentos para a venda e para seu próprio consumo:

Empecé vivendo la vida durísima de las FARC em aquella época [...] Independiente de que viniera de la Javeriana, de todo mi pasado dentro de una vida completamente distinta a esta vida campesina que vine a encontrar, supe ser um campesino más, um combatiente más (informação verbal)³⁰.

Pizarro entrou num novo e único contexto de socialização, em que tinha uma atividade política completamente distinta da dos períodos anteriores, o que, sem dúvida, ressignificou e redefiniu alguns elementos da sua identidade e as suas disposições. Segundo relatos de militantes que foram seus colegas durante esse período, a agrupação de guerrilheiros de que fazia parte Pizarro teve enfrentamentos de defesa com a polícia, era perseguida constantemente pelo Exército e aguentava longos períodos de fome. Além disso, Pizarro lidava constantemente com seus problemas de saúde e desafiava a estrutura de mando vertical e intransigente da organização.

2.3 Origem do primeiro contexto de violência insurgente

As FARC, igualmente às demais guerrilhas revolucionárias, surgiu nos anos 1960, num contexto de modernização tardia caracterizado (como se disse anteriormente) por um acelerado processo de urbanização, industrialização, expansão da universidade, secularização e ampliação da classe média e dos setores profissionais. Ao mesmo tempo, como já descrito, a Colômbia atravessava um período de democracia bastante restrita, de debilidade institucional (que impossibilitava a institucionalização dos conflitos) e de exagerada concentração da propriedade e da riqueza. Nesse sentido, os níveis de violência com orientação política se incrementaram, já que a desintegração nacional e a crise de representação que atingiam amplos setores emergentes levaram à informalização das relações sociais (PECAUT, 2006),

³⁰ PIZARRO, Carlos. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

em que muitos se aliaram para desenvolver práticas de luta não formais. Além disso, nas universidades e nos setores médios, começavam a circular novos debates e ideias (como o marxismo) que, somados aos enfrentamentos próprios da Guerra Fria³¹, deram um papel importante (ainda que não definitivo) à justificação e criação das denominadas “vanguardas armadas”.

Os argumentos que as guerrilhas utilizaram foram principalmente relacionados com a exclusão política, a desigualdade e o imperialismo (que no discurso se vinculou com a ideia de liberação nacional). Seu projeto era romper com as estruturas antigas e fazer uma revolução de acordo com os diversos esquemas marxistas. Desde logo, essas perspectivas ideológicas influenciaram não só os movimentos universitários e políticos de esquerda, como também o pensamento social e econômico de alguns setores das camadas médias e emergentes. Levando em conta isso, os movimentos guerrilheiros se constituíram numa interessante opção para alguns jovens “politizados” que, como Pizarro, não conseguiam se encaixar nos mecanismos da *Frente Nacional*. Desde logo, isso não explica em seu conjunto a origem das guerrilhas, mas teve um peso importante dentro das causas e dentro do seu discurso de legitimação.

El mismo presidente Lleras Restrepo declaraba amenazadoramente en mayo de 1969: "La Universidad no será más instrumento de subversión; los estudiantes serán tratados de la misma manera que los grupos armados que operan en el país" (Carlos García P. El movimiento estudiantil en Colombia década del sesenta. *Argumentos*. p. 198.). Con desenfado y en forma sintética el tercer presidente del Frente Nacional le señalaba límites muy restrictivos a la acción política de uno de los movimientos sociales: el estudiantil. De esa manera se empujaba a los jóvenes a lanzarse a la acción guerrillera. (MEDINA, 1985, p. 295).

Os logros das revoluções russa, chinesa e, desde logo, cubana contribuíram no surgimento de um clima de confiança nas iniciativas revolucionárias, já que incrementaram as esperanças na factibilidade e consecução da libertação nacional e do socialismo. Posteriormente, durante a década de 1970, também a revolução nicaraguense e as experiências dos movimentos guerrilheiros urbanos da Argentina e Uruguai impactaram as primeiras guerrilhas e influenciaram diretamente movimentos posteriores como o M-19.

³¹ É importante assinalar que durante os anos sessentas as características da Guerra Fria foram favoráveis para os processos de insurgência armada, e também para o modelo econômico da *Frente Nacional*. A atenção às demandas latino-americanas e a assistência econômica dos Estados Unidos, por meio do *Banco Interamericano de Desarrollo*, da *Organización Internacional del Café* e da *Alianza para el Progreso* com a assistência da CEPAL, deram um impulso às políticas de industrialização por substituição de importações desenvolvidas pelos governos da *Frente Nacional* (PALACIOS, 1995, p. 241).

Quase na metade da *Frente Nacional* surgem as três organizações mais importantes do primeiro período de violência guerrilheira: *Las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia* (FARC, 1964), o *Ejercito de Liberación Nacional* (ELN, 1965) e o *Ejercito Popular de Liberación* (EPL, 1967). Em princípio, todas elas tinham um espaço de ação fundamentalmente rural e se declaravam como “minorias ativas”, mas apresentavam orientações e estratégias diferentes: o ELN e o EPL se propunham a tomar o poder exclusivamente mediante a luta armada; as FARC, pelo contrário, consideravam a articulação com outras formas de luta. Cabe advertir que no transcurso do tempo essas orientações políticas e militares foram-se transformando, segundo a relação com outros atores e segundo os contextos de ação.

Ainda que a origem de algumas lideranças e setores pertencentes às FARC date da época de *La Violencia* (momento em que surgem as primeiras organizações de autodefesa campesina), é em 1964 que, junto a outros setores, elas se articulam ao Partido Comunista e constituem oficialmente uma organização com uma orientação ideológica (marxista-leninista) e com reivindicações principalmente agrárias (GUTIERREZ, 2015, p. 7)³². Por outro lado, o ELN tinha nas suas origens uma orientação ideológica *guevarista*, que procurava a criação de um foco insurrecional que levaria ao surgimento das condições necessárias para a conquista da revolução. Finalmente, o EPL tinha uma orientação marxista-leninista-maoísta (estava inspirada, por exemplo, no “exército vermelho” chinês), que não tinha relação com o Partido Comunista, mas que, igualmente às FARC, reivindicava a luta rural como âmbito de ação e privilegiava alguns setores do campesinato.

Em termos gerais, cada uma dessas organizações tinha uma ideologia e ações diferentes, mas em geral todas tinham bases rurais (sob o objetivo de levar a revolução do campo à cidade) e faziam uma apropriação (discursiva) da violência dos anos 1950. No entanto, essas organizações não são continuadoras diretas desse período. Na verdade, as guerrilhas localizaram *La Violencia* nas suas origens com a finalidade de se legitimar ou pôr os fatores dessa violência como uma das suas justificativas. Nesse sentido, a violência

³² Segundo Francisco Gutierrez, uma das explicações da prolongação do conflito armado está em que essas primeiras organizações se apropriaram ou recrutaram pessoas, setores ou comunidades rurais com destrezas e experiência de resistência em terreno nos períodos de violência passadas. Desta forma, as organizações não se apoiaram nos manuais de guerra soviéticos ou chineses, senão nas experiências de violência passadas, como foi o caso das guerrilhas liberais que surgiram muito antes do que a Revolução Cubana. A evidência está no fato de as regiões onde operam esses movimentos armados corresponderem aos das guerrilhas liberais dos anos 1950. GUTIERREZ, Francisco. *¿Una historia simple?*. Centro Nacional de Memoria Histórica, 2015. Disponível em: <<http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/descargas/comisionPaz2015/GutierrezFrancisco.pdf>>. Acesso em mar. 2015.

guerrilheira não foi um fenômeno de continuidade de *La Violencia*, já que se originou a partir de outros contextos e de outros sentidos políticos. O único fenômeno propriamente político que sobreviveu depois daquelas décadas de conflito foi a representação de que o político implica sempre violência.

2.3.1 Caracterização do primeiro contexto de violência insurgente

Existem diferentes interpretações sobre a vinculação da *Violencia* com a violência insurgente. Para uns, constitui um fenômeno de continuidade ou de longo prazo³³; para outros, a violência insurgente faz parte de um contexto que rompe totalmente com o da *Violencia*³⁴; e, finalmente, existem interpretações que reconhecem tanto continuidades quanto rupturas entre os dois períodos, referidas à mudança e aparição de novos atores, motivações e contextos de ação³⁵. Este trabalho, como se disse no final do tópico anterior, se localizara dentro desta última corrente. A partir dali, entenderemos que o primeiro contexto de violência insurgente não deu uma continuidade direta à *La Violencia* porque durante esta as forças bipartidistas em confrontação tinham objetivos distintos e restritos; já durante o período de violência insurgente, podemos perceber o surgimento de atores melhor organizados militar, política e discursivamente falando. Nesse sentido, os objetivos das guerrilhas, por exemplo, serão muito mais amplos, estáveis e fechados do que os dos atores da *Violencia*. Ainda assim, a persistência de fatores históricos como a debilidade institucional, a concentração da propriedade rural, o modelo liberal de desenvolvimento econômico, a fragmentação do poder político e econômico, o predomínio de uma cultura política excludente junto com a assimilação de que o político implica violência, entre outros fenômenos relacionados com a formação do Estado-Nação³⁶, continuam vigentes e fazem parte das explicações do surgimento dos atores insurgentes.

Um dos sociólogos que se preocupou em analisar e caracterizar o conjunto de expressões de esquerda revolucionária foi Eduardo Pizarro, irmão do próprio Carlos Pizarro. Em *Insurgencia sin revolución* (1996), talvez sua principal obra, o autor defende a tese de que

³³ Postura defendida nas obras de autores como Alfredo Molano, Dario Fajardo, María Emma Wills, entre outros.

³⁴ Poderíamos considerar dentro dessa linha os primeiros trabalhos de Eduardo Pizarro.

³⁵ Os estudos de Daniel Pecaut ou Francico Gutierrez são centrais dentro desse enfoque.

³⁶ Para autores como María Emma Wills, os Partidos Liberal e Conservador se estabeleceram antes da consolidação do Estado, motivo pelo qual se estabeleceram como elementos centrais dentro da construção do imaginário nacional. Ver: WILLS, María Emma. Inclusión partidista y exclusión cultural en Colombia. In: *Análisis Político*, n. 46, p. 44, 2002.

na Colômbia se apresenta um processo de insurgência crônica que impossibilita o êxito revolucionário. Segundo Pizarro, o contexto latino-americano favoreceu na Colômbia a difusão do marxismo, a influência ideológica de Che³⁷ e o domínio das teorias da dependência nas ciências sociais. Essas condições subjetivas ou ideológicas foram, para Eduardo Pizarro, mais determinantes do que as condições sociopolíticas (concretas ou contextuais) no momento do surgimento das guerrilhas. Não entanto, o autor assinala que são as condições sociopolíticas (condições estruturais) que levaram à consolidação e expansão das guerrilhas (fundamentado na ideia de que nem sempre as mesmas condições levam ao surgimento de processos insurgentes). Ou seja, a teoria de Eduardo Pizarro subjetiva o momento da emergência mas objetiva o momento de consolidação. De acordo com essa ordem de condições, o autor estabelece uma tipologia restrita e linear das guerrilhas colombianas segundo determinadas variáveis que permitem definir as guerrilhas como “de partido”, “societal” e “militar” (PIZARRO, 1996, p. 59).

Em um sentido oposto à dita tese, aqui tentaremos recuperar a ideia de que o conflito em que as organizações armadas estão envolvidas (ainda que inscrito dentro da matriz amigo-inimigo) não é linear, nem previsível no sentido analisado por Eduardo Pizarro. Na ideia de não linearidade proposta por Mario Luna³⁸ (2006), considera-se que o conflito violento e político na Colômbia é um processo contingente sujeito a variações imprevisíveis que podem determinar o êxito ou o fracasso dos projetos das organizações guerrilheiras. Segundo essa ordem de ideias, a origem dos grupos não estaria unicamente vinculada a um mal-estar intelectual, a uma decisão de classe (no caso de uma impaciente classe média) ou a uma expressão político-ideológica. Muito pelo contrário, tanto a origem quanto a consolidação desses grupos obedeceriam sobretudo ao estabelecimento de um tipo de relações sociais contextualizadas e contingentes; ou seja, as iniciativas teriam características sociais e políticas antes do que características meramente ideológicas³⁹. Luna aponta que ainda não são claros os mecanismos e contextos de apropriação das ideias marxistas, *guevaristas* e vinculadas às teorias latino-americanas da dependência que Eduardo Pizarro traz ao debate. No entanto, existiriam evidências de que muitas dessas ideias chegaram à Colômbia com posterioridade à conformação das guerrilhas dos anos 1960. De qualquer forma, o importante é sublinhar que

³⁷ Para quem não era necessário esperar as condições para a revolução; devia-se, sim, criar um foco insurrecional para gerar essas condições.

³⁸ Poderíamos considerar a leitura de Luna como remarcada dentro de uma perspectiva interativa.

³⁹ Para Luna, a subjetividade pode ter parâmetros sociais que não estão na ordem do racional.

existiu uma recepção imaginária (principalmente urbana) e uma imitação simples, pelo menos dos eventos da revolução cubana.

Assim, Luna considera que no imaginário guerrilheiro da época confluíram três representações e ideias que levaram, por exemplo, a que o cenário predileto de luta fosse o rural e não o urbano (mais de acordo com suas fontes de desenvolvimento): a) uma apropriação da experiência cubana (por parte de uma oposição armada, como já se disse, fundamentalmente urbana) encaminhada a resgatar a possibilidade de uma revolução desde o âmbito rural, o que explicaria a estratégia de montar movimentos rurais mas com quadros urbanos; b) a ideia de que as lutas campesinas eram o sintoma de uma revolução agrária frustrada; e c) a ideia de que a violência era, na verdade, uma guerra civil. Em outras palavras, segundo o autor, as formas de recepção e apropriação, como também as representações sobre a luta campesina e a violência próprias dos contextos nacionais e regionais, têm uma dinâmica própria que pode explicar por si só a violência guerrilheira sem reduzir tudo a um efeito da chegada e influência das ideologias.

É justamente por causa dessa lógica que qualquer esforço de categorização estática e fechada das guerrilhas (como a feita por Eduardo Pizarro) fica relativizado no transcurso do conflito, já que essas organizações atravessam transformações segundo as mudanças nas relações entre atores em determinados contextos. Levando em conta as transformações no tempo, os grupos guerrilheiros apresentariam uma combinação de características “*sociales*”, militaristas, políticas ou de orientações em direção à violência política. Ou seja, em diferentes momentos, eles apresentam similitudes nos seus repertórios de ação e, ainda que diferenciados ideologicamente e estrategicamente, na prática sempre foram flexíveis dependendo das correlações de força com o Estado, com os setores sociopolíticos, com os outros atores armados e com o contexto internacional.

El ELN que tenía como radical “caballo de batalla” la nacionalización de los recursos naturales terminó por entrar en negociaciones tácticas con las multinacionales que los explotaban. Las FARC, intransigentes en la demanda de la una reforma agraria, se resolvieron a ceder terreno refugiándose en las zonas de colonización, realizando su presión sobre los grandes propietarios pero también negociando con ellos y hasta defendiéndolos frente a los movimientos comunitarios rurales que pretendían hacerse con la tierra (por ejemplo en el Cauca). (LUNA, 2006, p.174).

Nesse sentido, os fatores estruturais que determinaram o surgimento dos movimentos insurgentes (fenômeno social) não deveriam ser considerados como assumidos, estáticos, pensados e prévios. O esclarecimento da inexistência de condições prévias que os expliquem

permite compreender que cada contexto desenvolve determinadas condições que dirigem os processos e os conflitos. Para Pecaution, estar-se-ia diante de contextos interativos e interdependentes que facilitam a interação entre atores⁴⁰.

Outro elemento importante dentro da caracterização do primeiro contexto da violência guerrilheira tem a ver com a noção de representatividade diante das bases sociais. Sobre essa questão, cabe dizer que ela depende também da lógica de interação e intercâmbio entre atores: além da legitimidade que as guerrilhas ganharam mediante os intercâmbios com o social, elas não conseguiram ser representativas, à medida que ditos intercâmbios foram (ou são) dados dentro de determinados contextos de interação e, portanto, não conseguiram ser democraticamente representativos do conjunto dos setores médios, camponeses ou intelectuais⁴¹. Muito pelo contrário, as organizações guerrilheiras também exerceram (e exercem ainda) práticas de exclusão social. No caso das FARC, concretamente, dita exclusão levou a processos de deslocamento de povoações e de repressão armada às comunidades que não aceitavam participar no seu projeto revolucionário. Por outro lado, Pecaution lembra que (segundo consultas de opinião) desde sempre as guerrilhas só foram apoiadas por pequenas minorias, já que são atores que falam pouco ou cujos discursos têm uma difusão limitada (até em momentos de negociação), deixando a impressão de não haver um projeto político que possa ser amplamente aceito. Ao mesmo tempo, a ideia de revolução e de *tomada do poder* parece gerar exceções e formas de rejeição em todos os setores da sociedade (não só na direita e extrema-direita), como se “a tradução do conflito ao plano político não pudesse ser feita abertamente” (PECAUTION, 2004, p. 538).

⁴⁰ Exemplar seria a reformulação da finalidade da Frente Nacional que, antes de se configurar num regime repressivo e excludente, foi um acordo entre partidos. Essa transformação teria a ver, desde logo, com um processo complexo de interação entre atores. É ilustrativo também o contexto da década de 1980, em que os movimentos sociais desenvolveram tendências que, segundo Luna, favoreceram uma superpolítica em direção à luta armada no meio de um progressivo enfraquecimento das suas expressões sociais, o que não era característico em décadas anteriores (LUNA, 2006). Outro exemplo poderia estar também na classe média que fez uma apropriação (e não uma imposição ou determinação ideológica) das experiências externas num contexto particular que permitiu pôr em prática métodos e não ideologias.

⁴¹ Vale a pena recuperar a noção de “interação” entre esses atores proposta por Luna: “Diríamos que las relaciones de los grupos políticos, civiles o armados, con las bases sociales nombradas en sus discursos como aquellas con las cuales se relacionan y de donde derivan su legitimación, están asociadas a intercambios instrumentales de doble vía, al estilo de los intercambios mercantiles. [...] Las guerrillas no se proponen niveles de representación social y política sino de inserciones en las clases y grupos sociales de donde se derivan réditos, beneficios y costos de orden instrumental. Se intercambian apoyos políticos y logísticos por ciertos beneficios económicos, sociales y políticos con los de la protección. De otra parte, estos intercambios se dan dentro de procesos de poder y de exclusión social y política, que ligam con una forma de la violencia política de los años 50. Así pues, una dimensión de la política y de la relación social que no son nuevas.” (LUNA, 2006).

Nesse sentido, ainda que as guerrilhas tivessem legitimidade em alguns atores inscritos dentro de determinados setores sociais (já descritos), retomando a expressão de Gonzalo Sánchez, elas não conseguiram superar sua condição de simples *rebeldes marginais*. A perda de viabilidade dos projetos pelas dificuldades próprias do contexto (como pouca representatividade e, inclusive, desencanto e repúdio social, derrotas militares e conflitos internos) levou a que as organizações fossem privilegiando seus aspectos puramente militares, o que significava um distanciamento ainda maior das bases; rejeição, desprezo e degradação do “esforço intelectual”; assimilação da crítica à traição; e, finalmente, uma reprodução da estrutura militar que dava mais prioridade e autonomia aos métodos do que aos objetivos (SÁNCHEZ, 1991, p. 56-57). Como menciona Sánchez, esse período da violência guerrilheira poder ser chamado também de período de *militarização da política*.

2.3.2 Pizarro no primeiro contexto de guerra revolucionária

É justamente no momento em que Carlos Pizarro percebe o nível de radicalização e verticalidade das FARC (não sem antes tentar controverter) que decide abandonar a organização. A condenação e o fuzilamento de um dos seus colegas dentro da Frente (acusado de dissociador), que, como Pizarro, era de origem urbana e que também controvertia as orientações e decisões da organização, foi a causa final pela qual Pizarro fugiu em 1973. Segundo seu próprio relato, ele tinha medo de também ser assassinado por não concordar com muitos aspectos políticos e organizativos. Diante da impossibilidade de sair com vida, decidiu desertar. Paralelamente, Alvaro Fayad e Jaime Bateman, que também estavam questionando o modelo de *guerra prolongada* (estratégia de combinação de formas de luta que requeria a articulação entre um partido que orientara o trabalho com as massas e uma organização militar que lutara num período de tempo extenso, indefinido ou de larga duração), são expulsos das FARC e do PC depois de serem considerados “vanguardistas” e anticomunistas, e de serem acusados de agentes infiltrados da CIA (LARA, 1986, p. 102). Fayad relata:

Yo me fui para las FARC en 1970 con diez compañeros. Uno de ellos era Luis Alfonso Gil Ospina, de Armenia, graduado em Europa em matemáticas puras, encontramos combatientes curtidos de pelear tantas guerras, encontramos nuestra tradición violenta. Allí había niños estafetas [...] niños cuyos padres eran a su vez hijos de los guerrilleros de la violencia. Niños cuyos abuelos eran, además, hijos de los luchadores de la *Guerra de los Mil días* [uma das guerras do século XIX a que já nos referimos] [...] Y corría el tiempo... y pasaban los días... y meses enteros separaban los combates... el combate, esa es otra dimensión que a uno lo acerca a la vida. Y a pesar del arraigo campesino de que gozaban las FARC, el cual aseguraba a cada

instante la invencibilidad del movimiento guerrillero, la posibilidad del triunfo – el triunfo, es otra dimensión que aproxima a la vida – **veíamos que no avanzábamos por estar enmarcados en una estrategia política llena de indefiniciones...** En lugar de salir a pelear en dónde los tiros se oyeran [...] se chocaba con **sectores a los cuales no les interesaba la toma del poder revolucionario. Ante nuestro cuestionamiento del absurdo, se inició un proceso traumático y violento.** (apud LARA, 1986, p. 50, grifo nosso).

O anterior relato indicaria que essas organizações, em particular as FARC, romperam com o bipartidarismo das elites, mas deram continuidade à exclusão política do passado. O predomínio dado a um modelo de luta prolongada, a coerção e não o consenso no manejo dos conflitos foi a principal característica. Sua visão orientada ao mundo rural não percebeu que a sociedade da época da *La Violencia* tinha mudado; era uma sociedade urbana com novos valores e novos movimentos e atores sociais. Se no princípio essas organizações tiveram uma vinculação (por momentos forte) aos movimentos sociais, estudantis e sindicais, depois tomaram distância deles (tentando ser seus substitutos) entrando num processo de declive acentuado pelas derrotas militares.

El recurso a la lucha armada fue la expresión de una elite culta proveniente en su mayoría de sectores medios de la población, que apropiada de una concepción de la sociedad y de la historia considerada científica e incontrovertible, optó por luchar contra la exclusión con la exclusión, negó y se les negó la posibilidad de un proyecto político de construcción de la sociedad a partir de la diversidad, y en aras de la liberación asumieron una concepción totalitaria de la política. Por eso ejército y no partido. Su desafecto por la democracia se fundamentó en su ideología y fue estimulado por el carácter limitado de la democracia colombiana. Zuluaga de las armas a la política. (ZULUAGA, 2003, p. 15).

Uma vez mais Pizarro não conseguiu se encaixar dentro do seu novo e fechado espaço de socialização. Depois de dois anos de militância dentro das FARC, fugiu no dia 11 de setembro de 1973, o dia da queda de Allende no Chile e um ano antes que terminasse a *Frente Nacional*.

A característica principal do novo contexto de violência é paradoxal: se o surgimento da violência política durante o contexto anterior teve uma relação fundamental com o caráter fechado do regime da *Frente Nacional*, o esperado era que, ao término desse regime, a violência com orientação política houvesse diminuído, só que aconteceu o contrário. Logo depois da abertura progressiva a outras possibilidades políticas (ainda limitadas) que a *Frente Nacional* negava, a violência insurgente se incrementou, diversificou e complexificou. De fato, Carlos Pizarro e dois dos seus irmãos continuaram no movimento guerrilheiro nacional.

2.4 Segundo contexto de violência insurgente: antecedentes do M-19

A característica excludente da *Frente Nacional* não explica completamente a violência que se apresenta a partir dos anos 1970. Existiu, sim, uma “perversão da linguagem democrática” (PECAUT, 2006, p. 18), mas o Estado nunca conseguiu controlar inteiramente a sociedade, em particular porque ele preservou redes de poder privado (redes de partido), instituições precárias, fragmentação regional e pouca capacidade de regulação social. Ou seja, a sociedade continuou sendo abandonada por um Estado que, mantendo as características das instituições do século XIX, contribuiu para gerar as condições perfeitas para o surgimento de tensões que derivaram em confrontações entre grupos armados extremistas que combinavam todas as formas de luta (PECAUT, 2006, p. 23). Além disso, as mudanças desarticuladas que levaram à transformação das identidades coletivas associadas à igreja católica e aos partidos tradicionais também conduziram a rupturas internas (e, portanto, à perda de legitimidade) no interior das organizações de esquerda, que (até agora) não conseguiram se configurar numa alternativa ao bipartidismo e à crise de representação.

A incapacidade de regular e articular as mudanças sociais, como também de institucionalizar os conflitos sociopolíticos, submergiu o País numa profunda crise de legitimação e integração, que se reflete na desinstitucionalização e informalização das lutas sociais, cívicas, populares, etc. (PECAUT, 1988, p. 30). No entanto, se a crise de legitimidade e de representação, como também o processo de exclusão política direta, foi determinante na conformação dos movimentos guerrilheiros nos anos sessenta e setenta, as práticas de exclusão não deixaram de estar presentes dentro dessas organizações.

Outro fator importante foram os duros golpes militares que essas primeiras guerrilhas receberam durante os anos setenta e que também contribuíram à sua crise. Assim, por exemplo, em 1973, depois da realização da “Operación Anorí”, o ELN quase ficou aniquilado e outras operações terminaram por dismantelar sua rede urbana (BEHAR, 1985, p. 61). Aconteceu igual com as FARC e o EPL, que posteriormente também chegaram a reconhecer que quase foram extintos durante os anos setenta. Sendo assim, poder-se-ia dizer que, de maneira similar ao movimento guerrilheiro latino-americano, por pouco as guerrilhas colombianas foram eliminadas no transcurso dessa década. Só entre o final dos anos 1970 e começo da década de 1980 os movimentos insurgentes se revitalizariam e reorganizariam, graças às mudanças na sua estratégia política e militar e à superação dos conflitos internos.

É nesse contexto contingente do conflito político que surgem sinais de enfraquecimento dessas primeiras guerrilhas e a diversificação do movimento insurgente em novos projetos, como o *Movimiento 19 de abril* (M-19), a guerrilha indigenista *Quintín Lame* e o *Partido de Izquierda Revolucionaria (MIR Patria Libre)*, que tinham orientações políticas diferentes e até opostas às das FARC e do ELN. Ou seja, no meio de um processo de modernização, a Colômbia ainda enfrentava a precariedade das alternativas de representação política, a radicalização da esquerda armada e a aparição de novas organizações que deram continuidade ao processo de *militarização da política* ou que, em palavras de Zuluaga (2003), continuaram ocupando com a guerra o espaço da política.

Entre dezembro de 1973 e janeiro de 1974, surgiu o M-19, uma organização guerrilheira que deu reconhecimento central aos setores urbanos e às mudanças recentes na sociedade colombiana. Não só seus mandos e políticas eram heterogêneos e por vezes dissociados, também sua linguagem foi heterodoxa, em particular porque não desenvolveu um discurso dirigido exclusivamente a uma única classe, senão um discurso nacionalista, que, orientado inicialmente ao socialismo, era dirigido à totalidade do “povo”. É importante ressaltar que esse discurso não só reivindicou a ideia de “liberação nacional”: o M-19 estabeleceu também como bandeira de luta a consecução da democracia como toda uma revolução (ZULUAGA, 2003, p. 16). A organização reviveu também o mito de Simón Bolívar, aproximando-se ao popular e desde logo rompendo com a ortodoxia marxista-leninista e com as posições do movimento comunista internacional. Em tal sentido, esses fatores demonstravam a ambivalência simbólica da organização: era uma guerrilha de esquerda, nacionalista ou populista? (LEÓN, 2012).

O nome aludia à suposta fraude eleitoral contra o General Rojas Pinilla (e a Anapo) em abril de 1970, deixando clara sua posição sobre a necessidade de um apoio armado às orientações eleitorais da Anapo. A organização legal e a ilegal compartilhavam não só elementos simbólicos (como nas cores da sua bandeira, que eram iguais às cores da Anapo), algumas ideias, recursos ou militantes, como também a própria ambivalência simbólica referida. Em outras palavras, naquele contexto, o M-19 tentou instrumentalizar uma organização legal com a finalidade de transformá-la num movimento político que rodeasse a organização armada.

Aunque en la práctica un sector de la Anapo ya hacía parte de esta guerrilla, la cúpula de la organización había determinado propósitos aún más ambiciosos para la relación entre el M-19 y la Anapo. La estrategia diseñada era simple: se trataba de una relación instrumental, “eminente táctica”, a fin de “acelerar las condiciones del

proceso revolucionario”. En aquel momento, dicho proceso se asumía como una revolución socialista, cuya primera etapa sería un movimiento insurreccional de masas con un programa nacionalista, el cual, convocado desde la Anapo, rodearía al brazo armado y se apoyaría, a la vez, en su fuerza. (LEÓN, 2012, p. 243).

Esse projeto inicial (similar à combinação das formas de luta) era defendido sob a crença da existência de um auge nacionalista em latino-américa⁴², em presença de iniciativas burguesas e imperialistas reacionárias⁴³, e de um aparente desfase entre as “tradicionais” organizações revolucionárias e o suposto movimento de massas que (ainda tendo orientações nacionalistas) podia ficar nas mãos de organizações populistas não revolucionárias. Nesse sentido, a lógica política em que o M-19 acreditava era a seguinte: a debilidade das iniciativas revolucionárias fortalecia os movimentos populistas (como a Anapo), ou a existência destes últimos debilitava o processo revolucionário. Por esse motivo, considerava-se necessária (naquele contexto) a penetração de uma vanguarda armada no interior desses movimentos, já que os dois tinham um objetivo idêntico: criar um movimento populista (LEÓN, 2012). Por esses motivos, para o M-19, o nacionalismo ou o populismo eram válidos apenas se tinham uma orientação revolucionária e não reacionária. É assim que, no início de 1974, a nova organização guerrilheira se proclama o “*brazo armado del Pueblo Anapista*”.

A ambivalência do projeto político das duas organizações (que, por exemplo, não defendiam abertamente o comunismo, mas se consideravam socialistas)⁴⁴ iria desaparecendo à medida que o M-19 tentara cooptar uma Anapo com posições cada vez mais distantes e opostas às da guerrilha. Assim, se no início o M-19 era reconhecido pela Anapo como uma expressão política, depois (à medida que se incrementavam as ações violentas) não passou de ser valorada como uma organização meramente delinquencial. Além disso, e por temor que o setor de esquerda ganhasse mais força, em 1975 a Anapo decidiu que pelo menos a metade do Comando Nacional seria eleito diretamente pela líder da organização (Maria Eugenia Rojas, filha do General Rojas), o que depois levou não só ao fortalecimento da direita Anapista, senão também ao incremento das disputas com o M-19 e à expulsão de vários dirigentes que

⁴² A *Unidade Popular* no Chile, o governo populista e nacionalista de Carlos Andrés Pérez na Venezuela, o governo militar e nacionalista de Juan Velasco no Peru, o governo de esquerda de Omar Torrijos no Panamá, o governo Peronista da Argentina, a luta dos Tupamaros no Uruguai.

⁴³ O golpe de Estado na Bolívia, a derrota da *Frente Amplio Uruguayo*, o golpe de Pinochet no Chile e de Morales no Perú.

⁴⁴ Cabe lembrar o “populismo” para Laclau (2006) deve ser nada para poder ser tudo.

eram também integrantes da organização guerrilheira (como Andrés Almarales, Israel Santamaría e Carlos Toledo Plata)⁴⁵.

Em resumo, depois dos intentos de ser instrumentalizada e cooptada, a Anapo ficou mais vulnerável e perdeu aliados e militantes. Esses fatores jogaram contra os interesses conjunturais das duas organizações, porque a Anapo se debilitou eleitoralmente e porque o fortalecimento da direita anapista impossibilitou a instrumentalização que o M-19 tanto desejava. Naquele contexto de relações determinadas pela contingência ou a variabilidade imprevisível do conflito político, a Anapo praticamente desapareceu e o M-19 desistiu da iniciativa de instrumentalizar organizações políticas, começando assim um período em que desenvolveu estratégias mais parecidas às das guerrilhas urbanas, transformou seu discurso e conquistou novos espaços políticos.

⁴⁵ Num novo intento de dar continuidade à estratégia de combinar as formas de luta, em 1976, é fundada a “Anapo Socialista”, que em teoria realizaria o trabalho de massas e seria o germe de uma “Frente de Libertação Nacional”. Para as eleições parlamentares de 1976, a Anapo Socialista convocou a abstenção ao mesmo tempo que a Anapo perdia quase 90% do seu caudal eleitoral.

CAPÍTULO III – Fontes do pensamento político e militar de Pizarro

Para reconstruir o percurso individual de Pizarro, tenta-se situá-lo dentro do conjunto dos contextos⁴⁶ ou quadros sociais pelos quais ele passou e que fizeram dele o que é. Assim, as suas ações só podem ser compreendidas a partir da recuperação do tecido de disposições passadas ou do passado incorporado. No entanto, a identificação das marcas que deixaram as socializações no individual⁴⁷ não permite determinar o nível de influência de um contexto específico sobre as disposições individuais. A única constatação possível é que ditas disposições são ativadas em diferentes contextos e em diferentes momentos, o que indicaria um processo de multissocialização ou multideterminação do indivíduo (LAHIRE, 2002).

Nesse sentido, é importante reconstruir o contexto de guerra de que Pizarro participou, já que as disposições que resultam das atividades típicas da guerra e do militarismo que a caracteriza (como as hierarquias ou as formas de regulação), como qualquer outro tipo de disposição, continuam presentes na vida dos militantes ou ex-militantes durante o exercício da vida civil. Como será visto, ele não conseguiu romper por completo com as disposições adquiridas em espaços de socialização anteriores à sua vida guerrilheira, como também a experiência militar não deixará de estar presente nos seus futuros contextos de socialização.

Deveria ser dito ainda que o período de socialização de Pizarro dentro do contexto da guerra (entendido aqui também como o contexto de *militarização da política*) esteve dividido em duas fases: a da sua militância falida nas FARC dentro do primeiro contexto de violência insurgente; e a etapa de conformação de uma nova organização sob um modelo de guerra alternativo no segundo contexto de guerra revolucionária – foi durante este período que se identificaram ativações de disposições ganhas no passado que contribuiriam a uma orientação

⁴⁶ Os contextos não são campos, os contextos remetem também à ideia de relações de classe, das instituições, dos grupos.

⁴⁷ Num sentido similar à ideia de *transferência de disposições* presente na teoria do *habitus* (sistema de disposições duráveis e transferíveis) proposta por Bourdieu. No entanto, a reconstrução do social numa escala individual leva a identificar diferentes socializações (transferências heterogêneas), não necessariamente coerentes. Ou seja, aceitando a existência da transferência de disposições, na observação do social no individual, poderíamos constatar que os indivíduos não possuem um “patrimônio de disposições e competências” homogêneo, durável e sistematicamente transferido que funciona sempre, em qualquer tipo de situação ou contexto de ação (em resumo, um *habitus*), do modo como é proposto por Bourdieu. Na verdade, indivíduos com esse tipo de “patrimônio” ou *habitus* são uma possibilidade entre muitas outras.

sui generis à organização dentro do contexto geral da violência insurgente⁴⁸, mas que nem sempre foram coerentes dentro de um contexto mais amplo da luta guerrilheira.

3.1 Legado e herança familiar: nacionalismo, militarismo e democracia

Apesar das diferenças políticas no interior da família, em particular com os pais, os irmãos Pizarro continuam no caminho da esquerda. Carlos participa da criação do M-19, Margoth entra na mesma organização, Hernando entra nas FARC e Eduardo continua sua militância no PC. Ou seja, Carlos Pizarro, tendo ainda a possibilidade de satisfazer os requerimentos da sua família (o que lhe permitiria levar uma vida coerente com sua origem de classe), continua na vida guerrilheira. Ainda que a família Pizarro Leongómez sempre tenha estado ligada às Forças Armadas e a setores políticos tradicionais (tanto conservadores quanto liberais), a geração mais nova insistiu num caminho político certamente alternativo e aparentemente oposto⁴⁹.

A reconstrução da ligação de Carlos Pizarro com alguns espaços escolares, sociais e organizativos imersos num contexto sociopolítico mais amplo permitiu identificar a formação de algumas disposições e motivações que o encaminharam a fazer parte de movimentos de esquerda e que facilitaram sua decisão de fazer política por meio das armas (nas FARC). Mas, para compreender sua militância no M-19 num contexto sociopolítico mais complexo, vale a pena retomar novamente alguns aspectos do âmbito de socialização familiar, em que ele ganhou outro tipo de disposições que conseguiram se desenvolver melhor durante essa segunda fase de vida guerrilheira. Isto daria conta da heterogeneidade tanto da socialização familiar quanto da sua militância político-armada, já que o conjunto do que se entende como disposições familiares (tanto as descritas no capítulo anterior como as que iremos identificar agora) será conjugado com as disposições que construiu a partir de experiências de socialização política, configurando assim um tipo de militância armada diferente.

⁴⁸ Uma organização composta por pessoas provenientes das classes média e alta, e estruturada segundo um discurso democrático e de paz, afim às práticas e ideias defendidas nos anteriores espaços de socialização de Pizarro.

⁴⁹ O irmão maior de Carlos Pizarro, Juan Antonio, relata que, apesar de conviver com as práticas ultraconservadoras da sua família paterna, existiam exceções como a do General Rafael Pizarro (parente do pai), que apoiou o golpe do General Rojas Pinilla em 1953, ou também as orientações mais liberais no ramo materno. É importante assinalar essa questão porque o movimento político e social em torno de Rojas Pinilla tem sido determinante não só na trajetória da família, senão também no surgimento do M-19. Como abordaremos, as características do sistema e a sua relação com as expressões populistas como a de Rojas foram marcando sucessivamente a trajetória de Pizarro.

Dito de outra maneira, a coexistência de disposições que facilitaram a vida rebelde de Pizarro e de disposições fortemente respeitadas do legado e ensinamentos familiares permitiria compreender o motivo pelo qual Pizarro participou da fundação de uma organização guerrilheira com orientações alternativas, desde logo num contexto social e político maior, que ofereceu elementos fundamentais para tal desenvolvimento.

De modo geral, muitos aspectos da personalidade unicamente podem ser compreendidos se se reconstrói o tecido das relações presentes no âmbito familiar, já que a família é a instância de socialização em que o indivíduo começa a aprender o mundo social, estabelecer os limites no seu comportamento e identificar subjetivamente as expectativas (da sua família) em relação à sua vida⁵⁰. Dito de maneira mais simples, é a instância com o poder de formar as primeiras disposições do indivíduo. A força dessa instância de socialização está em que o indivíduo (sendo ainda criança) não tem a capacidade de estar ciente e de controlar a visão do mundo que tenta se construir ali. Mas, como qualquer outro contexto de socialização, o âmbito familiar não é completamente fechado e coerente, embora pretenda estabelecer o que poderia ser uma orientação ou visão do mundo coerente. Lahire lembra:

A família nunca é este organismo coerente, homogêneo e harmonioso como nas visões encantadas [...]. Não só as pessoas que formam entre eles a configuração familiar – pai, mãe, irmãos, avós, tios e tias, primos, sobrinhos e sobrinhas, mas também, nas famílias burguesas, babysitters, cozinheiras, domésticos, tutores vários – são portadores de diferentes propriedades sociais, mas as tensões potenciais múltiplas entre todos os envolvidos, as competições possíveis entre irmãos, as relações de força entre os pais ou, mais amplamente, entre os ramos paterno e materno, as relações de dominação que se desenvolvem entre pais e filhos, entre irmãos, etc. fazem com que a criança não possa ser o produto de uma espécie de “banho socializador” contínuo, indiferenciado, fluido e harmonioso. (LAHIRE, 2011, p. 15).

É claro que, no caso da Família Pizarro, o que Lahire denomina como “banho socializador” também não existiu de forma contínua, mas algumas disposições objetivas no contexto familiar foram importantes durante sua posterior militância armada e política. Aqui seria útil a noção de *herança*, entendida como um fenômeno de transmissão imediata e

⁵⁰ Para Lahire: “Independentemente da sua subjetividade e da sua singularidade, a criança nasce numa família já para missões ou funções às quais será difícil escapar: seja menino ou menina, primogénito ou não, os pais aguardam um herdeiro de certa forma em função do que eles são. Ele aprende também rapidamente [...] que é judeu, muçulmano ou católico, anglófono, lusófono ou francófono, de condições modestas ou privilegiadas, etc., e que isto tem implicações para o seu presente e futuro. [...] Além disso, a criança aprende gradualmente a encontrar o seu lugar no seio da configuração familiar, e depois, nos outros grupos (na escola, entre colegas) e até mesmo na sociedade como um todo. [...] Não entanto, a realização das expectativas e desejos não dependem unicamente do poder de socialização no âmbito familiar, senão também dos espaços de socialização paralelos e futuros.” (LAHIRE, 2011, p. 16).

desigual das propriedades do meio social familiar (LAHIRE, 2011). No caso das famílias aristocráticas, a herança material ou cultural tem sempre uma dimensão imaterial que, sendo um produto acumulado por muitas gerações, se caracteriza por estar sempre disponível e por ter o poder de gerar distinção em relação àqueles que procedem de contextos limitados e precários. A transmissão dessa dimensão imaterial da herança, na forma de gostos, competências e disposições para agir, compreender e julgar, sempre acompanha o processo de transmissão do legado material (se existir) e é o produto de um trabalho de socialização em que idealmente se faz da apropriação da *herança* uma questão existencial (LAHIRE, 2011).

Norbert Elias (1972), relendo as ideias de Freud e tentando romper com a divisão entre Psicologia e Sociologia na hora de compreender as trajetórias e comportamentos individuais, considera que o social e o individual são níveis distintos mas não domínios separados. Dentro dessa perspectiva, Elias estabelece a família como o espaço onde o indivíduo começa a apreensão e configuração de *valências* (conceito similar ao de “disposições” em Lahire), num processo de socialização que só termina com a morte da pessoa. Cada indivíduo aprenderia uma configuração de *valências* específica e determinada dentro do âmbito familiar, que pode ser estável ou aberta e disponível para a conexão com as *valências* de outros⁵¹. Segundo o autor, cada configuração de *valências* familiar permite um desenvolvimento particular das conexões com outros, o que explicaria a existência de atividades e trajetórias diferentes entre os indivíduos. Esse processo indicaria, então, que a separação entre indivíduo e sociedade ou entre psicologia individual e psicologia social não seria adequada para compreender o comportamento individual e social⁵². De fato, Elias entende o processo civilizador como um processo de autocontrole das pulsões ou, melhor, entende a *pulsão* como um fenômeno social e histórico (ELIAS, 1972, p. 47-79).

Essas considerações teóricas servem para compreender a força da origem social e suas limitações. Ainda que as trajetórias sociais não dependam completamente das valências construídas na família, dita configuração de valências deixa rastros no processo de

⁵¹ Outro exemplo estaria na metáfora das bolas de bilhar proposta por Elias: “Segundo ele, os sociólogos e interacionistas consideram com frequência que os indivíduos interagem uns com os outros, tal como as bolas de bilhar em movimento sobre uma mesa. E nesse caso, as bolas de bilhar também permanecem como substâncias, fechadas em si mesmas e independentes umas em relação às outras. É preciso fazer um tipo de ficção científica para se chegar a um modelo um pouco mais preciso de indivíduo. Podemos imaginar, por exemplo, que a partir das interações entre as bolas de bilhar, elas mudam a forma, o tamanho, as cores... Seria preciso visualizar isso para se ter uma idéia dos efeitos permanentes das interações sobre os indivíduos, tendo em vista que eles são permanentemente transformados pelas relações que eles mantêm com os outros.” (LAHIRE, 2012, p. 208).

⁵² Elias questiona Freud por considerar sociedade e indivíduo como entidades separadas, fechadas e estáticas, em que o individual (o eu e o super-eu) não poderia ser afetado pelo social, que seria uma sorte de soma de indivíduos.

individualização crescente do indivíduo. Nesse sentido, a continuidade ou validação do legado e da herança familiar dependem da forma como o indivíduo consegue harmonizar os aspectos familiares e individuais. Sabe-se que esse esforço pode levar à conciliação com a herança das gerações precedentes, como também a estabelecer uma ruptura com ela (porém, com oportunidade de recuperação desse legado) (SYNGLY, 2009).

No caso de Carlos Pizarro, é claro que fez um esforço para satisfazer seus pais e dar continuidade à linhagem familiar por meio da sua passagem por instituições e programas escolares que podiam validar legitimamente aqueles recursos acumulados por sua família. Mas o desejo por se construir autonomamente nos contextos políticos descritos pesou mais do que a tarefa de cumprir com as expectativas familiares. Ainda assim, independentemente do nível de autonomia e de subjetividade dele, a mediação dessa primeira matriz de disposições construídas na família teve implicações na sua trajetória futura.

Como se viu no capítulo anterior, uma família numerosa, católica e oligarca foi o espaço onde aprendeu valores religiosos que nunca abandonou e onde construiu um caráter forte no meio das discórdias e avenças entre seus cinco irmãos⁵³. Mas sua família também lhe fez herdeiro de um sobrenome reconhecido⁵⁴, de práticas e de pensamentos, todos elementos que não precisaram de validação escolar e que, sendo disposições, foram ativadas em diferentes contextos da sua trajetória. É o caso, por exemplo, de algumas práticas e gostos pertencentes à sua origem de classe, como também de um tipo específico de orientação política baseada em ideias de matiz nacionalista e militarista mas preocupada pelo estabelecimento de uma democracia e não de um regime estritamente comunista (no que

⁵³ Pizarro, quando criança e adolescente, era valente, perfeccionista e gostava de ser o melhor e de fazer com paixão suas atividades cotidianas. Por esses motivos também era muito colaborativo (em particular com sua mãe) e briguento, já que não gostava de ficar por último em nada. Juan Antonio (irmão maior) lembra que, nas brincadeiras entre irmãos e amigos de infância e adolescência, Carlos não gostava de aceitar as derrotas (porque não gostava de perder ou porque as achava injustas), pelo que procurava e estava disposto sempre a brigar.

⁵⁴ Sua herança familiar era reconhecida desde sua participação na “barra” (torcida) juvenil, que integrava junto com seus iramos. Armando Guzmán, menestrel da torcida, escreveu na época alguns poemas dedicados a “Los Pizarro”: “He aquí un apellido que genera historia y prepotencia. He aquí la sociedad burguesa concentrada en siete letras, en siete letras que extrovierten del oligarquismo la supremacía. Pues un Pizarro es potencia immaculada y viento huracanado que domina a su antojo el universo.” (PIZARRO, 1991). Mais adiante, em relação a Carlos Pizarro: “Carlos: siendo oligarca es orgulloso, petulante y vanidoso. Egocéntrico, narcisista, ególatra y buen mozo. Es el Dios de las mujeres, el favorito del dinero, el sol de los burgueses, el adorno del árbol navideño [...] Es erudito en muchas ciencias que se compran con dinero, el Don Juan de la República pues no hay mujer que se resista a este conquistador que brota como un manantial de amor de sus cabellos [...]” (PIZARRO, 1991). Existe também este poema dedicado a ele: “EL PIZARRO CARLOMAGNO. He aqui el hijo del Pipino el almirante, al emperador occidental en Dapa, el rey de los francos oligarcas, al bachiller de los billetes y al soberano burgués de los hermosos. Es él... Don Carlos... El príncipe azul de las mujeres, es más bello que Luis visto de espaldas, más imponente que María Margarita la reina colombiana, más perfecto que yo que soy perfecto y más sabio que Oscar el futuro premio Nobel.” (PIZARRO, 1991).

aprofundaremos depois). Considera-se que essas disposições foram transmitidas no âmbito familiar dos Pizarro Leongómez e que, ao mesmo tempo, elas faziam parte do que denominamos como herança ou legado familiar. É importante destacar que essa orientação política nutrida pelos ensinamentos paternos e pelo legado familiar de Carlos só conseguiu se desenvolver plenamente durante sua militância no M-19.

A orientação política de que viemos falando foi uma disposição política concreta que orientou as ações de Carlos Pizarro durante seu período de militância no M-19 (ou disposições que se encaixaram dentro das orientações políticas do M-19). É muito provável que elas tenham sido transmitidas e construídas a partir de elementos do legado familiar dos Pizarro Leongómez e ativadas num contexto social e político mais favorecedor (que reconstruiremos no seguinte tópico). De qualquer maneira, ditas orientações inculcadas a Carlos Pizarro no espaço familiar conseguiram se desenvolver dentro de um âmbito (ilegal) oposto ao desejado por eles, ou oposto a suas expectativas, porém, que conseguiu ser validado. Ou seja, a participação de Pizarro no processo de conformação do M-19 lhe permitiu acionar valores e ideias construídas durante sua militância na esquerda, como também aquelas relacionadas com seu legado familiar. Numa carta pública enviada a seu pai, em 1980, durante seu primeiro cativeiro, pode-se rastrear esse processo⁵⁵:

Querido padre:

Sé, a ciencia cierta, que esta carta es casi un epílogo al diálogo, que un día ya remoto, comenzamos [...] Hay quienes pretenden hacer ver en nosotros, miembros activos del M-19 elementos extraños a nuestro país, a las ideas de sus gentes, a las tradiciones y esperanzas de sus hombres y mujeres. Pero aquellos que nos difaman, olvidan o temen reconocer, que desde nuestro primer hecho político, hemos rescatado nuestra historia patria [...]. Como tú, y la inmensa mayoría de colombianos, provenimos de familias liberales y conservadoras. Quienes tuvimos el privilegio de la educación hemos sido formados, dentro de un clima de respeto a las instituciones políticas del país, a sus servidores públicos y a sus fuerzas armadas. Como colombianos y como latinoamericanos, aprendimos a honrar con nuestras palabras y nuestros actos, a los gestores de nuestra nacionalidad y a sus ideas de libertad, igualdad y fraternidad [...]

Hoy, tu hijo, se rebela contra la injusticia social, porque nos enseñaste el culto a la igualdad y a combatir la miseria. [...] Porque como demócrata y patriota, nos inculcaste el odio amuerte a los tiranos. [...]

Por eso, haciendo eco a tus palabras, que hoy son las nuestras, clamamos por la unidad de todos los patriotas en torno a un gran propósito nacional, que en el actual estado del país, no puede ser otro que la conquista de una auténtica democracia en todos los órdenes de la actividad social.

⁵⁵ A carta na íntegra consta do anexo.

Alcanzar una sociedad en donde los derechos no solo se enuncien sino, que además, se realicen, es la única forma de ser libres como individuos y grandes como nación.

[...] He reconocido y agradecido tu culto a la libertad ajena lo cual me ha permitido construir mi vida [...] Siempre he querido que mi vida sea juzgada por la opinión pública nacional, por mis propios méritos e independientemente de la tuya. No eludo eso sí la responsabilidad que llevar tu sangre implica. (M-19, 1980)⁵⁶

A carta se configura também como um documento ou manifesto político do M-19, sem que por isso seja possível fazer uma leitura da relação entre pai e filho. No fragmento anterior, Carlos Pizarro dá ênfase às ideias de *pátria, nação, instituições e democracia*, já que elas fundamentavam o projeto e o discurso do M-19. Mas o destaque delas na carta não é dado unicamente por sua pertinência política, senão também porque Pizarro considera que elas são produto de um ensinamento escolar e sobretudo de um legado familiar e paterno. Em outra parte da mensagem, Pizarro também caracteriza as Forças Armadas e o clero, considerando-os instituições deformadas que devem recuperar valores, no seu critério, perdidos:

Hoy, aquellas FF.AA., a les que dedicaste, con la mayor honestidad profesional, los años más productivos de tu vida [...] en las que colaboraste a inculcar el respeto a las instituciones democráticas [...] aquellas FF.AA. que tu ayudaste a formar, paulatinamente fueron cambiando su función social y traicionando el mandato constitucional. Hoy, el país que se inclinaba reverente y agradecido, ante los hombres de uniforme, se espanta a su paso. [...] Hoy la soberbia de los poderosos es el lenguaje de los altos mandos, y con gestos y palabras irrespetan a la patria. [...] el M-19, está dispuesto y lo ha demostrado, a ser parte del torrente nacional que cree posible derrotar ala minoría oligárquica civil y militar, que rompen los más antiguos valores nacionales [...]

Y sabemos que nuestros sacrificios bien habrán valido vivirlos, siempre y cuando, el clero recupere el sentido evangelizador y humanista de su misión histórica y retorne al humilde, al pobre, al desprotegido, para recuperar derechos conculcados y un porvenir liberador. (M-19, 1980)

Ou seja, Pizarro não questiona a existência dessas instituições e seus valores. Pelo contrário, ainda que apontando a sua crise, valora-as positivamente e lhes outorga um papel central e importante para a sociedade colombiana. Já que Pizarro era católico, não podia senão sinalizar sua deformação. Por outro lado, essa carta tem valor à medida que, por meio dela, Pizarro consegue expressar as motivações da sua luta e também a origem das suas ideias. É importante considerar que, sendo ainda uma carta com um destinatário particular, ela também

⁵⁶ Disponível no arquivo do M-19 no CNMH.

recupera os elementos mais importantes do discurso do M-19 e dá conta de um novo contexto de socialização que se abordará a seguir.

3.2 A influência de Bateman: a revolução como uma festa

Depois entrar em desacordo com as orientações políticas e estratégicas da organização, e de ser considerado contrarrevolucionário, Carlos Pizarro foge das FARC em 1973. Acontece igual com Alvaro Fayad e Jaime Bateman, que foram também expulsos por serem considerados anticomunistas e “vanguardistas”. Junto com eles e Iván Marino, Elemer Marín, Carlos Toledo Plata, Andrés Almarales e Israel Santamaria (os três últimos, em princípio, vinculados à Anapo), Carlos Pizarro participa da fundação do M-19⁵⁷.

A participação de Carlos Pizarro na criação do M-19 ilustra uma conjuntura em que diversos indivíduos e setores não conseguiam se encaixar dentro dos movimentos de esquerda tradicional e de esquerda revolucionária existentes naquele contexto. Segundo Jaime Bateman, a conformação do M-19 se deu a partir da união dessas forças que estavam dispostas a criar um movimento que tivesse uma perspectiva democrática, num tempo ou contexto em que a institucionalidade se apresentava cada vez mais repressiva. Nesse sentido, rapidamente conseguiram estabelecer uma rede conformada por militantes provenientes das FARC, do ELN, da Anapo, entre outros que queriam criar uma organização alternativa dirigida à consecução da democracia pela via das armas e que tivesse também uma orientação anti-imperialista, antioligárquica, nacionalista e, sobretudo, populista. Ou seja, desde seu período fundacional, o M-19 começou progressivamente a tomar distâncias ideológicas em relação aos pressupostos socialistas e comunistas⁵⁸. No entanto, a sua reivindicação pela democracia conseguiu ir relativizando a relação até então prevalecente entre política e violência.

O papel de Jaime Bateman na integração dessas pessoas e setores, e na definição das linhas políticas e estratégicas do novo projeto revolucionário, foi determinante. A influência

⁵⁷ Ali teve diferentes apelidos: “Mauricio”, “Comanche”, “Antonio”, “Federico”, “Carro Loco” ou “Comandante Papito”, sendo os dois últimos os mais lembrados dado seu temperamento arriscado, sua paixão pela velocidade e o seu carisma.

⁵⁸ Segundo López, o M-19 adotou o “voluntarismo como estimulante de la acción política revolucionaria, por contraposición a la visión cientificista marxista-leninista de la revolución (mas también) el M-19 va a estar marcado por muchas de las pautas de cultura política características de la izquierda marxista tradicional” (1994, p. 258). Por isso é importante apontar também que, por exemplo, o M-19, igualmente a outras organizações armadas, referenciou a violência de 1950 (em particular nos âmbitos de luta rural) já que esta deixou como legado a ideia de que o político implicava o exercício da violência.

do pensamento político de Bateman levou-o a ser considerado o ideólogo e líder máximo da organização. Pizarro conheceu-o na época em que militou na Juco, quando Bateman integrava o PC e era o chefe urbano das FARC. Nesse período, Bateman já era bastante crítico do marxismo, das perspectivas políticas do PC e da estratégia militar das FARC, motivo pelo qual tentava criar uma nova rota de ação política e militar mediante a incorporação dos jovens comunistas à guerrilha⁵⁹. Ainda que Pizarro já tivesse decidido entrar nas FARC, ficou impactado pela personalidade de Bateman e pela maneira como este concebia o processo revolucionário e a sociedade colombiana em seu conjunto. Sem dúvida, a interação entre eles aprofundou a decisão de Pizarro de entrar na guerrilha e, posteriormente, no M-19⁶⁰.

Jaime Bateman começou sua militância política nos anos cinquenta⁶¹, período durante o qual conformou o primeiro grupo de jovens comunistas do Magdalena⁶², que na época lutavam contra a ditadura do General Roja Pinilla⁶³. Posteriormente viajou a Bogotá, onde continuou sua militância na Juco. Entre 1966 e 1970, militou paralelamente nas FARC, nas quais chegou a ser secretário de Manuel Marulanda Velez (Tirofijo) e exerceu funções de orientação política. No interior da organização guerrilheira, defendia a ideia, junto com outros militantes, de que a luta armada devia se desenvolver nas cidades e ter características nacionalistas e bolivarianas, o que lhe valeu a expulsão da organização. Nesse período, conheceu Carlos Toledo Plata (líder da Anapo Socialista), com quem estabeleceu uma aliança-chave para a criação do M-19. Contudo, para Nicolas Buenaventura, historiador e militante del PC, “El Flaco” (como era conhecido Bateman) era um “antirrevolucionário” da época, uma pessoa fora de qualquer linha, dogma ou paradigma, que criticava permanente o marxismo e dava um valor muito grande às questões místicas:

Decía que eso [o marxismo] era una mierda, porque allí se había inventado que el mundo se resolvía todo con la ciencia. Y que eso era un absurdo, que

⁵⁹ Maria e Alvaro Marroquin (dirigentes, estudantes e colegas de Bateman na Juco): “Bateman, entre otras cosas, no fue secretario general de la Juventud Comunista porque en un pleno yo le dije a Cepeda: “si usted va a meter a Bateman a dirigir la Juco, tenga la plena seguridad que la vuelve guerrillera [...] Con Bateman organizamos las famosas ‘adelitas’ que eran comandos urbanos y la Justicia Patriótica Juvenil JPJ. Con “El flaco” no se podía hablar sino de cosa intrépida.” (M-19, 2009, p. 32).

⁶⁰ Peggy Ann Kielland (fundadora do “Teatro de la Candelaria” e do M-19, amiga do Bateman) lembra: “La salida del Flaco del partido realmente le dolió. [...] Una de las grandes preocupaciones del “Flaco” en esa crisis, era la situación de los compañeros que se habían ido a trabajar a las filas de las FARC: Fayad, Pizarro y otros. Todos los contactos con la guerrilla habían quedado cerrados y se sabía que a ellos también les había caído el agua sucia.” (M-19, 2009, p. 86).

⁶¹ Em parte sob a influência do seu cunhado, que tinha militado no Partido Comunista da Argentina durante o governo de Juan Domingo Perón.

⁶² Departamento da região do Caribe colombiano.

⁶³ GÓMEZ, Ana. *Ficha biográfica Jaime Bateman* Cayón. Biblioteca virtual Luis Ángel Arango. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/biografias/batejaim.htm>>. Acesso em 15 jan. 2015.

había muchas cosas que estaban por fuera de la ciencia. Hablaba de todas las fantasías y de la magia que había en las montañas. Él se interesaba mucho por recoger esos mitos [...] le importaba mucho el mundo de la magia, lo que no se explicaba científicamente. [...] Jaime despotricaba del Marxismo y uno se preguntaba ¿Por qué carajo se metió a las FARC? [...]. Creo que se metió allí porque en esa época los intelectuales lo hacían por la influencia francesa... la influencia nerudiana [...] y él tenía una vinculación con los artistas, con el teatro, con la literatura y la universidad. Entonces él tenía que metese allí. [...] yo creo que la cultura fue el camino de entrada de él a la política, la universidad fue su conexión con la Juventud Comunista (informação verbal).⁶⁴

Mas Bateman se estabeleceu como o elemento unificador e como o líder máximo do M-19, não unicamente pelo projeto político e militar que defendia, senão também pela sua convicção e capacidade de comunicação e empatia. Essas capacidades provinham da espontaneidade, informalidade e praticidade com que abordava tanto assuntos cotidianos quanto assuntos políticos; combinadas com seu temperamento alegre, irreverente e arriscado, tais capacidades conseguiram mobilizar os militantes.

Él sabía manejar mucho el factor humano de la gente [...]. No se ponía mucho con la cuestión de la lucidez política o la perfección en la línea (risa) [...] La audacia es otro elemento muy importante. Um tipo audaz, arriesgado, lanzado como él solo. Él era loco ¡Loco! (informação verbal)⁶⁵

Somavam-se também à sua personalidade carismática e espontânea uma atitude menos classista⁶⁶, um discurso pouco ideológico e mais pragmático (inclusive militarista), (LÓPEZ, 1994, p. 287) uma posição em favor do valor da individualidade e contra da seriedade disciplinadora das outras guerrilhas, uma defesa pela ideia de democracia (que tinha sido desprezada por outras organizações ao ser considerada uma ideia burguesa), assim como um vanguardismo orientado à combinação do marxismo com as ideias bolivarianas⁶⁷ (LEÓN, 2007, p. 112).

Nesse sentido, muitas das características da personalidade e do pensamento de Bateman se refletiram na orientação militar, política, ideológica e organizativa do M-19. As ideias político-militares; a visão nacionalista, bolivariana, populista e democrática; e a

⁶⁴ BUENAVENTURA, Nicolas. Jaime Bateman: depoimento. [2009]. Bogotá: Movimiento Jaime Bateman. Entrevista concedida a autor anónimo, p. 101

⁶⁵ PARRA, Afranio. Jaime Bateman: depoimento. [2009]. Bogotá: Movimiento Jaime Bateman. Entrevista concedida a autor anónimo, p. 106

⁶⁶ Ester Morón, amiga de Bateman, lembra por exemplo que “Bateman decía que Iván Marino había conseguido los hombres más verracos (fortes) para la organización. En cambio Iván acusaba al Flaco de conseguir siempre pequeños burgueses, incluidos (Carlos) Pizarro y yo” (M-19, 2009, p. 13)

⁶⁷ Inspirada no pensamento de José Abelardo Ramos: periodista e escritor argentino de tendências socialistas e nacionalistas. Sua principal obra é *Historia de la Nación Latinoamericana*.

concepção da organização revolucionaria desde um ponto de vista menos disciplinador – esses foram os três elementos que conseguiram se expressar tanto nas questões organizativas internas (promovia-se o discurso sobre a alegria de fazer a revolução, tentava-se dar valor à individualidade dos militantes, procurava-se desenvolver atividades democráticas, e as ações eram sempre irreverentes⁶⁸ e, por vezes, improvisadas) quanto nas questões políticas externas (dava-se pouca ênfase à questão classista; defendia-se a noção de democracia ou de “revolução democrática”⁶⁹; reivindicava-se fortemente o Bolivarianismo; e tentava-se construir uma estratégia que incluía o urbano mas que não era planejada no longo prazo). Bateman conseguiu inculcar nos militantes da nova organização guerrilheira esse pensamento e constituir, dentro do conjunto das organizações guerrilheiras daquele contexto, a guerrilha “más abierta y flexible [...] menos vertical y autoritaria en sus formas de relacionamiento” (LÓPEZ, 1994, p. 284).

Isto constituiu uma ruptura importante em relação ao dogmatismo das guerrilhas típicas, em que o sacrifício e não a alegria de fazer a revolução era determinante no discurso e na prática. Talvez a famosa frase de Bateman “*la revolución es una fiesta*” tenha marcado para sempre a identidade da organização. Orlando Fals Borda também sustentava a ideia de que o movimento guerrilheiro colombiano mudou a partir da liderança de Bateman. Segundo o autor, pelo fato de ser o primeiro líder insurgente “*costeño*”⁷⁰ de destaque, conseguiu imprimir muitos elementos da “*costeñidad*”⁷¹ na identidade do M-19:

Bateman [...] Humanizó la guerra, porque él era costeño y fue unexponente clásico de la manera de ser de la costeñidad. En la guerra civil, los generales costeños se distinguieron porque no dejaban morir a sus prisioneros, perdonaban a los enemigos y se presentaban borrachos en las batallas. Entonces, si ganaban, bien, y si perdían, también. Otra filosofía de la guerra.

⁶⁸ Podemos dar como exemplo os anúncios de prensa (que Bateman desenhou como campanha de expectativa antes das primeiras ações militares da organização), onde o nome “M-19” aparecia como uma propaganda de veneno para ratos.

⁶⁹ BATEMAN, Jaime. Jaime Bateman Cayón, depoimento. Entrevistador: Juan Guillermo Rios: Youtube, 2009. (10:29 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7oQX_bhaxA> Acesso em: dez 2014

⁷⁰ Originário dos departamentos da Costa Atlântica e Caribe da Colômbia.

⁷¹ Estrato da “entrevista imaginaria” a Bateman feita a partir de fragmentos de conversaciones sostenidas entre ele e alguns intelectuais colombianos: “Si tu examinas la historia de nuestros pueblos, te darás cuenta que las guerras de independencia se forjaron en el Caribe [...] una especie de germen de libertad que se encarnó en Bolívar. No en balde recuperamos su espada. Un ejemplo claro de lo que te estoy diciendo es la revolución cubana. [...] Nosotros somos una gente alegre y festiva, aparentemente despreocupada, pero eso no tiene nada que ver con la indiferencia [...] nuestro espíritu, nuestro modo de ser y nuestro sentido de la vida, son incompatibles con la sujeción o el sometimiento. En la Costa, la rebeldía es una virtud regional. El despelote y la indisciplina no son más que una rebelión contra las cosas aburridas. El desorden es otra forma de ordenamiento que no se puede comprender a partir de una visión amarga de la vida. A la hora de la lucha es preferible un combatiente alegre.” (M-19, 2009, p. 116)

Mayor respeto a la vida, a la cultura y a la informalidad (informação verbal)⁷²

De fato, o papel de Bateman no M-19 levou a uma ruptura com grande parte dos esquemas organizativos da esquerda e das guerrilhas naquele período e, por conseguinte, foi definitivo na construção do pensamento político e militar de Carlos Pizarro, já que este não só recepcionou a ideia da militância baseada na alegria, senão também compartia com Bateman o desejo de convocar à unidade da Nação, de reivindicar as costumes do povo (em particular da cultura caribenha e mestiça) e de recuperar o Bolivarianismo. Ou seja, Pizarro encontrou no M-19 liderado por Bateman o espaço para o desenvolvimento das ideias que tinha forjado durante sua militância política mas que também correspondiam à sua socialização familiar. A lealdade e admiração de Pizarro por Bateman eram grandes o suficiente para que fosse considerado por alguns dos militantes como seu *alterego*⁷³. Bateman era para Pizarro, em palavras de Miriam Rodriguez (ex-companheira de Pizarro), um irmão maior:

Sentía que era la persona que le podía dar el espacio de actuar. No tenía con él ningún tipo de rivalidad, de celo, porque el Flaco se caracterizaba siempre por permitir que la gente hiciera cosas [...]. Carlos Pizarro siempre afirmaba: “Mientras el Flaco esté, me siento bien. Yo soy mucho más afín a él; porque él me permite ser lo que yo quiero. Él no me tiene miedo ni desconfianza”. Era muy afable la relación de los dos. Carlos lo quería mucho. Yo creo que las personas que Carlos más quiso en la vida fueron a su papá, al Flaco y a Alvaro Fayad (informação verbal)⁷⁴.

Neste fragmento de uma entrevista a Pizarro, pode-se identificar melhor a influência de Bateman sobre ele e sobre os objetivos da organização:

También aparece en la línea de acción otro desencuentro entre el Eme y los marxistas, y es que el Eme parece reivindicar la gozonería frente a esa concepción trágica del guerrillero heroico [...]. Bateman decía incluso que la guerra era una fiesta, y muchas de las acciones del Eme sólo se comprenden cuando unolas mira desde esa óptica. [...] Es que ésta es una revolución de vida. [...] No puede vivirse más que como una fiesta. Sin gozarse la vida es imposible que podamos construir un futuro sano. [...] Cuando yo empecé, cuando no era M-19, cuando era FARC, en esa época

⁷² FALS BORDA, Orlando. Jaime Bateman: depoimento. [2009]. Bogotá: Movimiento Jaime Bateman. Entrevista concedida a autor anónimo, p. 115

⁷³ Carlos Duplan, diretor de teatro e televisão, ex-militante do M-19 e amigo próximo de Bateman, relata: “Yo había sido muy escurridizo en las cuestiones de la militancia. Me le había escurrido a la JUCO, también a los Elenos (ELN), a los del ML, y a los del MOIR y a todo ese sector chinista. En cambio con el Flaco, en el M-19 uno veía la necesidad de un movimiento que desarrollara la revolución colombiana por una vía que respetara las diferentes posiciones políticas que habían en el país; que se apoyara en las masas y que tuviera una perspectiva democrática [...] otro que apoyaba también ese proceso era Pizarro. Él era la otra parte de la conciencia de Bateman, el *alter ego* de Jaime.” (M-19, 2009, p. 96).

⁷⁴ RODRIGUEZ, Miriam. Jaime Bateman: depoimento. [2009]. Bogotá: Movimiento Jaime Bateman. Entrevista concedida a autor anónimo, p. 135

del 70 había una tendencia a lo trágico. La primera operación a la que fui, yo fui a la muerte heroica. Pero iba con Bateman. Y con Bateman aprendí que no había que ir a la muerte heroica. Que había que gozarse cada día, cada instante de la vida. [...] Entonces cambió mi vida. Ya no era la tensión del hombre que se sacrifica, sino fundamentalmente el disfrute de una actividad que tiene sus riesgos, pero que también tiene el sabor del desafío, la excitación, la euforia de coronar (Informação verbal)⁷⁵.

Ao mesmo tempo, dita concepção da *revolução como uma festa* marcou não só o discurso, senão também grande parte das ações concretas e as relações internas da organização, isto é, caracterizou o contexto da militância armada em que Pizarro se desenvolveu desde 1974 até sua desmobilização. Já que o M-19 se regia segundo relações hierarquizadas (ainda que flexibilizadas), as atividades cotidianas e as atividades político-militares dos militantes estavam determinadas geralmente pelas orientações dos mandos. No caso, ditas orientações se baseavam nessa nova concepção revolucionária proposta por Bateman.

Nesse sentido, no próximo capítulo, abordar-se-á a trajetória de Pizarro dentro desse contexto de militância levando em conta as transformações do que seria um contexto político nacional mais amplo. Durante esse período, será visto como Pizarro desenvolveu seu pensamento político e militar.

⁷⁵ PIZARRO, Carlos. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

CAPÍTULO IV – Primeiras etapas da militância no M-19

Como já referido, o M-19 foi uma organização alternativa dirigida à consecução da democracia pela via das armas, que também tinha orientações anti-imperialistas, antioligárquicas, nacionalistas e populistas. Esses elementos a diferenciavam política e ideologicamente das guerrilhas do primeiro contexto de violência insurgente. Mas as distâncias não se apresentaram unicamente no plano discursivo: o M-19 teve uma estratégia militar totalmente distinta daquela das ditas guerrilhas. Tradicionalmente, as FARC e o ELN estavam situados principalmente em áreas rurais ou de colonização campesina, realizando uma estratégia de longo prazo cujas ações não estavam orientadas ao enfraquecimento direto das instituições ou, melhor, à tomada direta e imediata do poder (LUNA, 2006, p. 183). Essas organizações realizavam suas ações militares e fugiam (o que não as debilitava no longo prazo); as confrontações mais intensas eram geralmente iniciadas pelo exército (JIMENO, 1983). Essa característica leva a concluir que ditas ações não eram determinantes sobre o âmbito institucional (apesar de reivindicar-se isso no discurso), mas sim sobre a sociedade, que, como já vimos, as recepcionava de maneira negativa. De modo contrário, a preocupação central do M-19 era o acesso mais rápido ao poder e o desenvolvimento de operações militares que lhes desse um realce no âmbito político. Sua estratégia foi confrontar diretamente o institucional, tomando quase sempre a iniciativa⁷⁶, mas sem a finalidade (muitas vezes falida) de desenvolver combates armados. Ou seja, eram missões-surpresa, espetaculares, midiáticas e com uma grande carga simbólica e representativa, que, feitas principalmente nas cidades, conseguiam ter uma ampla difusão ou repercussão midiática, a qual dava à organização a oportunidade de codificar a ação antes que o fizesse a institucionalidade. Essa proximidade entre o militar e o político permitia não só que fizessem esse tipo de confrontação armada, senão também que facilitassem espaços de conciliação e de negociação em que a questão central era o estabelecimento da democracia. Em resumo, podemos considerar como principal objetivo do M-19 a modificação da opinião pública e, ao mesmo tempo, a criação e imposição de contextos e condições do jogo que lhes permitisse ter uma “legitimidad democrática de la guerra”, em que o armado ficasse ao serviço da sua rebelião política (LUNA, 2006).

A organização pretendia articular o discursivo e o estratégico-militar mediante a criação de um movimento popular armado. Já que até aquele momento os movimentos populistas (de Gaitán e de Rojas Pinilla) haviam sido truncados ou não tinham conseguido se

⁷⁶ Porém indicava sempre a instrumentalização do exército por parte das elites.

consolidar pela via eleitoral (como aconteceu em outros países latino-americanos naquele período), o M-19 capitalizou esse discurso no conceito de *ejército popular* (oposto ao ejército oligárquico), que, na teoria, representaria e estaria conformado por uma “massa” heterogênea de cidadãos (JIMENO, 1983). Contudo, apesar de ter realizado uma ruptura política com o sistema e com a esquerda tradicional, a organização deu continuidade ao processo de militarização da política, numa lógica oposta à de Clausewitz, para quem a guerra é a continuação da política. No caso do M-19, a guerra levaria ao exercício pleno da política e da democracia, pelo que devia ocupar momentaneamente seu lugar.

Internamente, e de modo distinto das FARC, o M-19 era uma organização que tentava valorar o critério individual, a autonomia, a espontaneidade, a alegria, o intuitivo e o místico – esses fatores, ainda que tenham sido considerados contraditórios dentro de uma estrutura militar hierarquizada, foram determinantes nas simpatias que geraram em diversos setores da sociedade colombiana. Nesse sentido, a organização tinha que lidar com a responsabilidade de garantir esses valores e, ao mesmo tempo, a obediência e a disciplina dos militantes, pelo que, ao dar espaço para a singularidade e para a discussão democrática⁷⁷, diminuía sua eficácia militar. Poder-se-ia considerar que essa relativa margem de liberdade individual, que não era permitida em outras organizações armadas (inclusive políticas), foi uma expressão de oposição ao que consideravam uma esquerda radicalizada e sectária (BECASSINO, 1989, p. 62).

Essa caracterização geral do M-19 dá conta de alguns elementos-chave do âmbito de socialização em que Pizarro participou desde 1974. Porém, dito âmbito esteve sujeito tanto às transformações do contexto sociopolítico nacional, quanto às mudanças do projeto da organização. Nesse sentido, durante pelo menos dois momentos a participação de Carlos Pizarro foi definitiva: durante a Batalha de Yarumales em 1984, e durante o processo de paz em 1989 – para compreender a origem e o impacto desses acontecimentos, é importante reconstruir seus antecedentes.

Essa reconstrução será realizada relacionando-se a trajetória de Pizarro e a do M-19, já que a militância ocupou um amplo espectro da sua vida política e cotidiana. Assim, por exemplo, será identificado como suas atividades não se dirigiam exclusivamente à sobrevivência (como acontecia durante seu período nas FARC), senão também ao planejamento e à realização de operações de impacto e confrontação. Será visto também que

⁷⁷ Os mandos, por exemplo, eram eleitos de maneira concertada.

suas atividades cotidianas estavam demarcadas dentro de um sistema interno de relações mais aberto, flexível, menos vertical e menos autoritário, o que foi determinante em diferentes momentos da sua trajetória. Em tal sentido, o engajamento de Pizarro no M-19 pode ser abordado desde duas perspectivas: uma diz respeito às questões mais políticas e militares, em que ele começa a se configurar como representante das orientações militaristas e das posturas encaminhadas à tomada do poder para a democracia; outra diz respeito às relações internas e cotidianas do M-19. As duas perspectivas, como será visto, encontram-se interligadas.

Será abordada a primeira das perspectivas reconstruindo-se a transformação da estratégia militar da organização por etapas e a respectiva articulação de Pizarro. No caminho, aproximaremos-nos da segunda perspectiva sobre as relações internas do M-19. Como se disse, a informalidade das atividades político-armadas, a permissão para o exercício de determinadas liberdades e o desenvolvimento de práticas democráticas no interior de uma estrutura militar constituem um paradoxo sobre o qual podemos resolver algumas perguntas, como estas: até que ponto a revolução do M-19 era realmente uma festa? Como se materializava a felicidade na vida cotidiana? Como se resolvia a confrontação entre a estrutura militar e as decisões democráticas? E, finalmente, quais foram, do ponto de vista político, as implicações dessa concepção sobre o contexto sociopolítico da época? E quais as implicações sobre a trajetória de Pizarro?

A descrição das etapas da luta armada do M-19 no âmbito das guerrilhas e do conflito com outros atores políticos e as perguntas sobre as questões internas da organização são pertinentes porque permitem reconstruir minuciosamente o novo contexto guerrilheiro em que Pizarro esteve e, ao mesmo tempo, compreender porque algumas das suas disposições puderam ser ativas.

4.1 Primeira etapa: o predomínio do militar sobre o político (de 1974 a julho de 1982)

As primeiras operações de Pizarro no M-19 foram ações propagandísticas e simbólicas de alto impacto, de golpes concretos ao Exército Nacional e de ações de justiça revolucionária. Seu primeiro âmbito de ação foi fundamentalmente urbano, o que era uma prática guerrilheira inovadora na Colômbia se levarmos em conta que, até aquele momento, as experiências revolucionárias tinham sido predominantemente rurais (LUNA, 2006, p. 170). Dentro das primeiras ações no interior da organização (em janeiro de 1974), pode-se encontrar o roubo da espada de Simón Bolívar (sob a consigna “Bolívar, tu espada vuelve a la

lucha”), a tomada do *Consejo Distrital*⁷⁸, entre outras ações que inicialmente tinham como propósito apropriar-se e ressignificar os símbolos nacionais para, dessa forma, promover um ideário nacionalista e latino-americanoista (VILLAMIZAR, 1995, p. 50). Durante esse período, o movimento armado também ocupou a Quinta de San Pedro Alejandrino, em Santa Marta, que foi a última morada de Bolívar, na costa atlântica colombiana. Carlos Pizarro teria participado da execução, ou pelo menos do planejamento, dessas primeiras ações, como descreve sua irmã Margoth:

Yo le digo a Carlos: “Me voy para Francia” y me dice en secreto: “va a pasar algo importantísimo”... y ¡pum! El 17 de enero estoy con mi papá viendo televisión cuando dan la noticia de la espada, y mi papá dice: ¡¿Quiénes serán esos locos?! Y yo me digo: ¡ay, Dios mío! (informação verbal)⁷⁹

Também desde esse primeiro momento, o M-19 tentava acolher reivindicações de diferentes setores e movimentos sociais (mas não estabelecer relações orgânicas com eles), o que também contribuiu para que suas operações ganhassem maior impacto e repercussão em relação às das FARC ou às do ELN. Contudo, a organização também desenvolveu ações mais fortes e radicais, como a retenção e o assassinato do sindicalista José Raquel Mercado (1976) sob a figura de justiça revolucionária (foi considerado pela organização como traidor da classe trabalhadora e colaborador da CIA), que gerou fortes questionamentos da sociedade civil. Ainda assim, o discurso e ações espetaculares da organização ganharam rapidamente a atenção da opinião pública e a simpatia de muitos num contexto de crise social e econômica nacional. O sincretismo entre o discurso e os objetivos da organização durante essa etapa parece ser total com o discurso e os objetivos do próprio Pizarro. Para ele, o conteúdo simbólico das ações do M-19, antes de deixar um impacto militar, devia deixar um impacto no imaginário social. Podemos perceber essa postura na sua declaração sobre a extração da espada de Bolívar:

Yo soy un hombre que necesita la comunicación. Como EME necesitamos la comunicación. Y el EME tiene una manera de expresarse, que es hablando. Pero más que con palabras, hablando con hechos. Los hechos son la gran tribuna que nosotros construimos para hablar a las multitudes. Cuando surgimos, lo hacemos con un hecho así, la recuperación de la espada de Bolívar. (PIZARRO, Carlos apud PIZARRO, 1991, p. 25)

⁷⁸ Organismo administrativo (cujos membros são eleitos por votação popular) que desempenha funções de controle político e realiza atividades de interesse público, como analisar os problemas dos municípios e dar orientações políticas, administrativas e econômicas.

⁷⁹ PIZARRO, Margoth. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 22

Depois do desmonte da Frente Nacional, durante o governo de Lopez Michelsen (1974-78), as disputas de interesses e desacordos entre os setores empresariais e as elites políticas tradicionais se incrementaram tanto quanto o mal-estar da população ante a ausência de representação política. Como consequência desse descontento, principalmente urbano, a crise de legitimidade política agravou-se na metade da década de 1970; “muchacha gente no distinguiu entre oponerse a un gobierno desprestigiado, o aplaudir los actos de violencia política” (PALACIOS, 1995, p. 266).

O governo também abandonou a reforma agrária e deu entrada ao neoliberalismo⁸⁰, que, depois da crise do Modelo de Industrialização Substitutiva, visava diminuir a inversão industrial, o gasto público e, de modo geral, o poder do Estado na economia (na suposição de que era o causador da crise econômica e fonte de corrupção). Essa viragem à liberalização econômica⁸¹ e à implementação de um modelo baseado no livre mercado⁸² levou a um período de recessão econômica entre 1974 e 1976⁸³ (KALMANOVITZ, 1985, p. 458) (caracterizado pela concentração do poder econômico e a inflação de 33%), que, combinado com os escândalos de corrupção⁸⁴, fez com que os setores sindicais e populares se mobilizassem e realizassem o *Paro Nacional* de 1977 (greve nacional) (PALACIOS, 1995, p. 260); não só foi “una jornada de unas magnitudes inesperadas” (ARCHILA, 2001, p. 27), senão também foi duramente reprimido, aumentando assim a impopularidade do governo.

Dada tal conjuntura, Pizarro começava a acreditar que o M-19 era um movimento messiânico: “como es messiânico Colón, como es messiânico José Antonio Galán, como es messiânico Gaitán”, diria (BECASSINO, 1989). E tinha alguma razão, já que, diante da condição das guerrilhas rurais já descrita; da impopularidade do governo de turno; e do surgimento de movimentos sociais com demandas urbanas, as ações do M-19, carregadas de referentes simbólicos inovadores e populares, adquiriram uma repercussão enorme. Um ex-comandante do ELN aborda desde sua perspectiva o impacto dessas ações sobre a população e outras guerrilhas naquele período:

⁸⁰ É nessa época que surgem os programas PAN (Programa de Alimentación e Nutrición) e DRI (Desarrollo Rural Integrado), que, sendo iniciativas financiadas pelo Banco Mundial, tentavam conter a erosão do minifúndio nas regiões com presença de guerrilhas.

⁸¹ O País adere ao GATT em 1975.

⁸² O presidente Lopez Michelsen incentivou o desmonte da substituição de importações e avançou na liberalização do comércio exterior e dos setores financeiro e bancário.

⁸³ Apesar da bonança cafeeira de 1976.

⁸⁴ Como, por exemplo, o suposto favorecimento dado ao Grupo Gran Colombiano (da família do presidente) durante o processo de liberalização bancária, ou o caso dos subornos da Lockheed, que involucrou as Forças Armadas.

Eran acciones de tipo espectacular que atraían mucha población porque fueron directamente al problema social. Ellos fueron a los sitios más vulnerables del país e robaban carros de carne y carros de leche que repartían en los barrios populares. Es decir, era una táctica militar populista e propagandística. A partir de eso ganaron mucha audiencia y militantes. [...] El ELN no compartía con el “Eme” era el proyecto estratégico... nosotros creíamos en la toma del poder por el pueblo y para el pueblo, en la revolución y el socialismo. Era una visión dogmática en la creíamos en ese momento [...] Nosotros les decíamos “Los Mecánicos”... empezamos a comprender lo que ellos querían. La composición en su mayoría era de clase media y eso nos llevaba a nosotros a una preocupación, que era que no tenían en cuenta la tesis sobre una revolución socialista en donde la clase obrera sería la vanguardia. Desde luego esa era la visión dogmática, porque por ejemplo acá en el Cauca o en el Valle donde comandaba Pizarro eso de clase obrera no existía. Esto era y aún sigue siendo en gran parte, eminentemente rural. Pero bueno... nosotros no la jugábamos por la Guerra Popular Prolongada. Entonces esa era la contradicción en ese momento, en los setentas. (Información verbal)⁸⁵.

De fato, para o M-19, a pequena burguesia, as classes médias, os profissionais independentes, os artistas, os intelectuais, os desocupados e até os militares⁸⁶ constituíam seu *sujeito revolucionário* (LÓPEZ, 1994, p. 292). Sua guerra pretendia ser desde aquele período uma guerra de curto prazo, que, sendo desenvolvida principalmente nas cidades, tinha como objetivo um processo de desestabilização rápida e profunda mediante a concentração de forças (grupos de 10 a 15 unidades) em determinados pontos e não em lugares dispersos ou descentralizados como faziam as FARC e o ELN (LARA, 1986, p. 111-112). Esmeralda Narváez (2012) considera que o M-19 preferiu aplicar um *Modelo de guerra insurreccional*, oposto ao *Modelo de Guerra Popular Prolongada* (GPP)⁸⁷ que estavam desenvolvendo as outras organizações naquele contexto⁸⁸. Os motivos para desenvolver esse modelo se

⁸⁵ Entrevista concedida por excomandante do ELN. Depoimento II. [mai. 2014]. Entrevistador: Lucy Adriana Trujillo. Cauca, 2014. Arquivo .mp3 (1:21:46 min). Entrevista concedida para o desenvolvimento da presente investigação.

⁸⁶ O M-19 considerava a possibilidade de captar os militares pró-nacionalistas mas “la historia demuestra que a pesar de haber logrado buenas relaciones con algunos militares [...], no logró en el tiempo acumular simpatías, ni respaldos contundentes. Después de la toma del Cantón Norte, las fuerzas armadas iniciaron una persecución absoluta sobre el M-19 [...] su ‘venganza’ se concretó con la cadena de represión que desarrollaron y los hechos acontecidos en el Palacio de Justicia en 1985. Las fuerzas armadas en Colombia, antes que sumarse a la causa nacional y bolivariana del M-19, se convirtieron en su mayor oponente y en el mayor saboteador de los procesos de diálogo y negociación.” (NARVÁEZ, 2012, p. 87).

⁸⁷ Esse modelo busca fazer um desgaste do inimigo contínua e progressivamente num período de tempo prolongado. As FARC, que aplicam esse modelo de guerra, de maneira oposta ao M-19, pretendem levar o processo revolucionário do rural ao urbano.

⁸⁸ O ELN desenvolveu, numa primeira etapa, o modelo insurreccional e o método guevarista. Posteriormente implementaria o modelo de GPP. As FARC, por sua vez, sempre aplicaram o modelo de GPP, mediante a combinação de todas as formas de luta sob a orientação marxista-leninista do Partido Comunista: “Recogieron los postulados revolucionarios de Lenin, Mao y Giap. De acuerdo con Lenin, afirman que se requiere una integración política y militar para el logro de la revolución, y es el Partido el encargado de dirigir el proceso insurreccional (Lenin, 1976: 56). De Mao Tse Tung retoman la necesidad de movilizar las masas políticamente y

fundamentavam na crença de que era possível, num período curto de tempo, gerar um levante armado por parte das massas populares que respaldavam a facção, ou vanguarda, revolucionária.

Em 1977, um ano antes de terminar o mandato de Lopez Michelsen, Pizarro viajou ao departamento do Caquetá, no sul do País, para começar a formar uma coluna militar nas áreas rurais da região. Essa atividade, aparentemente contraditória à orientação urbana do movimento, se constituiria na primeira experiência de luta rural de Pizarro no interior do M-19. Mesmo que a ênfase da organização estivesse na realização de operações urbanas, Carlos Pizarro começava a se formar como comandante, preparando as estruturas rurais do que seria o *ejército popular* do M-19: as *Móviles*. Estas estruturas eram escolas rurais de formação político-militar; foram articuladas à luta urbana com a finalidade de acelerar o levante armado da população. Sob a confiança de que as condições rurais ofereceriam vantagens políticas e militares, Bateman e o comando central do M-19 haviam decidido desde 1977 empreender a preparação das *Móveis* em áreas rurais. Para Mario Luna, com essa decisão, o M-19 mostrou um retorno a uma “idea nacida en la formación histórica de la subjetividad cultural y política de la oposición de izquierda en Colombia” (LUNA, 2006, p. 165), como também o desejo por corrigir a divisão entre campo e cidade (que veio justamente da violência dos anos 1950), em que o rural tinha ficado sem possibilidade de modernidade e o urbano sob processos de modernização autoritários (LUNA, 2006). Assim, por exemplo, Alvaro Fayad, dirigente do M-19, reconhece que, na criação das *Móviles*, pesou muito o peso da tradição armada:

Lo fundamental para rescatar de la experiencia de las móviles, yo pienso que fue la decisión de construir un ejército. ¿En función de qué lo hicimos? De nuestra propia experiencia. De la nuestra como organización y de la nuestra como pueblo. Y esto es importante tenerlo claro, porque lo que hoy estamos analizando, algunos de los elementos que estamos analizando, tienen que ver con el peso de una tradición guerrillera en Colombia, que todavía pesa en el recuerdo, en las experiencias, en las actitudes espontáneas de todos nosotros. (M-19; FAYAD, 1984, p. 5).

De fato, Carlos Pizarro, igualmente a Fayad e Bateman, começou sua militância armada nas FARC, cujas operações eram fundamentalmente rurais. Nesse sentido, cabe dizer que o M-19 retorna à luta nos campos colombianos em razão das condições favoráveis do

lograr conformar ‘la nación en armas’ (Tsetung, 1972: 261-264) [...] y de Vo Nguyen Giap retoman la necesidad táctica de constituir el Ejército del Pueblo, que es el ‘instrumento de Partido y del estado revolucionario para la realización, bajo la forma armada, de las tareas de la revolución’ (Giap, 1971: 72). De esta manera, pretenden lograr que la vanguardia político-militar sea respaldada por las masas armadas ideologizadas, y que éstas, constituidas ya en ejército y guiadas por el partido, sean las que aseguren la victoria de la revolución en una guerra de largo plazo.” (NARVÁEZ, 2012, p. 56-58).

meio, como também por causa das disposições ou “lembranças, experiências e atitudes espontâneas” que ganharam os militantes e dirigentes durante sua militância na esquerda e nas FARC. Assim como as guerrilhas do primeiro contexto de violência insurgente – entre elas, as FARC – apropriaram-se das agilidades e da experiência adquirida pelos combatentes das guerras do período da *Violencia*, o M-19 reaproveitou as mesmas agilidades nos militantes do movimento que, como Pizarro, tinham experiência na luta rural. Esse fenômeno indica a forma como a violência com orientação política teve (ou tem ainda) certas lógicas que, de maneira indiferente aos períodos e contextos históricos, faz com que ela se reproduza e se perpetue no tempo e no espaço. Assim, por causa desse espectro da violência, Pizarro voltou à luta rural para reproduzir muito do que compreendemos como disposições ganhas, no caso, a partir da sua experiência de militância nas FARC. A diferença em relação a dito contexto é que esse novo período de luta estaria determinado por um modelo de guerra oposto ao das guerrilhas tradicionais. Desta forma, depois de participar dos operativos urbanos mais importantes daquele ano, Pizarro cria junto com Bateman a primeira *Móvil Rural*, no Caquetá.

Porém, em 1978, apresentaram-se importantes mudanças no contexto nacional que impactaram a trajetória de Pizarro, o projeto político e a estratégia militar do M-19. Nesse ano, teve início a presidência de Turbay Ayala (1978-1982), que implementou a Doutrina de Seguridad Nacional tendo como objetivo aumentar o controle coercitivo sobre a crescente inconformidade popular, os movimentos de esquerda, as guerrilhas e o narcotráfico. Durante o governo anterior, os militares tinham solicitado a adaptação da Doutrina de Seguridad tendo como referência o caso argentino, mas Lopez Michelsen negou-se a aprovar dita recomendação. Já durante o governo de Turbay, a doutrina foi desenvolvida por meio do Estatuto de Seguridad⁸⁹, que se caracterizava por limitar as liberdades públicas, censurar informações e incrementar as operações militares e repressivas. Apesar de o Estatuto ter aumentado a violação dos Direitos Humanos por parte das Forças Armadas⁹⁰, foi fortemente apoiado pelas agremiações econômicas, os partidos tradicionais, as elites políticas, os meios de comunicação dominantes e o clero (GARCÍA, 1992, p. 47). É importante mencionar, também, que, paralelamente a esse processo, começaram a surgir exércitos privados a partir dos quais se originaram os primeiros grupos paramilitares colombianos. É o caso, por

⁸⁹ O Estatuto de Seguridad foi implementado segundo o esquema das ditaduras argentinas, que também estavam desenvolvendo a Doutrina de Seguridad Nacional. De fato, as próprias guerrilhas assumiram esse período como similar ao das ditaduras do Cone Sul. O Estatuto de Seguridad da Colômbia aumentou as sanções e criou novas figuras penais por meio das quais os militares ganharam competência para julgar condutas civis.

⁹⁰ Em 1980, a Anistia Internacional denunciou a existência de 33 centros de tortura administrados pelas Forças Armadas e 600 casos concretos de violação de direitos humanos. (GARCÍA, 1992).

exemplo, do grupo *Muerte a Secuestradores* (MAS), que afetou fortemente os processos sociais e armados em diversas regiões do País. De igual forma, o narcotráfico começava a sofisticar suas atividades por meio da aliança com outros setores ilegais (como o comércio clandestino de esmeraldas) e políticos. Finalmente, outra característica importante do governo de Turbay foi a aceleração do processo de liberalização e desregulação econômica, que tinha começado durante o governo de López (PALACIOS, 1995, p. 269-270).

Mas, mesmo golpeando militarmente as guerrilhas, o governo não teve a capacidade de conter as violações de direitos humanos, nem as consequências negativas do modelo econômico. Por esse motivo, sua impopularidade estava praticamente se configurando em ilegitimidade. Diante dessa conjuntura, a insurgência se fortaleceu ainda mais já que a excessiva repressão foi mudando a percepção que diversos setores de opinião tinham sobre os movimentos guerrilheiros. Pizarro teve razão ao apontar o caráter quase messiânico do movimento nesse contexto, já que seus dirigentes e militantes foram ganhando a imagem de heróis reprimidos pelo governo e pelas forças militares. Ao mesmo tempo, tanto o M-19 quanto as outras guerrilhas mudaram suas estratégias militares (aumentaram os sequestros e assassinatos), e incrementaram o recrutamento de jovens em contextos de miséria nas áreas urbanas e rurais (em particular nas zonas de colonização campesina), oferecendo-lhes “mejores condiciones de vida que las del mercado de trabajo, um sentido de aventura, y el poder que nasce del cañón del fusil” (PALACIOS, 1995, p. 271). Ou seja, o governo errou ao sobrevalorizar as medidas do Estatuto e a crise das guerrilhas, como também ao subestimar a capacidade de adaptação destas.

Como se disse, até antes do governo de Turbay, as atividades militares de que Pizarro participava eram predominantemente urbanas e suas ideias políticas, fundamentalmente socialistas. Ao se observarem as observações e conclusões da Quinta (fevereiro de 1977) e Sexta Conferências (março de 1978) da organização, pode-se determinar que ainda eram reivindicadas questões relacionadas à luta urbana e ao socialismo: a continuação da estratégia de propaganda armada nas cidades; a luta contra o imperialismo norte-americano e as oligarquias nacionais; a defesa das classes trabalhadoras; a defesa dos princípios socialistas combinados com os princípios bolivarianos, latino-americanistas e nacionalistas. Mas, depois de sofrer as consequências da implementação do Estatuto de Seguridad, o M-19 mudou sua estratégia militar e moderou seu discurso político. Pizarro acompanharia esse processo de mudança.

a) Em relação à questão militar, a organização vinha desenvolvendo atividades rurais desde 1977 por meio das *Móviles rurales*, em que Pizarro teve uma participação importante. O objetivo era combinar atividades nas áreas urbanas e rurais, já que estas tinham apresentado condições favoráveis para a aceleração do processo revolucionário. Contudo, a organização priorizava as ações urbanas porque elas tinham impactos midiáticos mais fortes, pelo que as atividades rurais se constituíam em suporte à luta urbana⁹¹. Não obstante, depois da implementação do Estatuto de Seguridade, a organização sofreu duros golpes nas cidades, pelo que viu a necessidade e a oportunidade de aprofundar a luta rural.

Em tal sentido, Narváez considera que, a partir de 1978, o M-19 desenvolveu o *Modelo insurreccional* por meio da combinação do *Método de guerra urbana* e do *Método foquista*⁹² (NARVÁEZ, 2012, p. 34). O *Método da guerra urbana* se fundamenta na realização de propaganda armada dirigida a gerar golpes de opinião sem necessidade de disputar territórios com o inimigo. A principal vantagem desse método é o efeito-surpresa e o impacto midiático. Além disso, pretende avançar da cidade ao campo para dar continuidade ao processo revolucionário (NARVÁEZ, 2012, p. 52). Aqueles que melhor desenvolveram a guerra urbana na América Latina foram as guerrilhas do Cone Sul (Tupamaros, Montoneros, PRT-ERP), que influenciaram fortemente a estratégia militar do M-19⁹³. Por sua vez, o *Método foquista* busca criar as condições para a revolução por meio da formação de um foco revolucionário nas áreas rurais. Esse método prima pelo militar em relação ao político, preferindo a realização de insurreições localizadas e concretas para desgastar o inimigo. A

⁹¹ Da Sétima Conferência: “Las acciones urbanas y rurales se integran cada vez más y la tendencia, por lo menos en nuestro caso y en el de las FARC, es la de crear las condiciones reales para materializar lo que tanto hemos insistido; una guerra COMBINADA en que el campo deje de ser el escenario tradicional de lucha en Colombia y en el que las fuerzas armadas sean enfrentadas con un criterio de guerra INTEGRAL.” (M-19, 1979, p. 22; NARVÁEZ, 2012, p. 105).

⁹² Os modelos de guerra podem ser desenvolvidos por meio da aplicação de diferentes *métodos* que podem ser comuns aos *modelos*.

⁹³ A influência dos grupos guerrilheiros uruguaios e argentinos sobre o M-19 foi muito grande (em particular, a dos Tupamaros), já que eles desenvolveram o modelo de guerra foquista, o guevarismo e a guerra urbana. Em geral, essas organizações também tinham orientações militaristas, nacionalistas e anti-imperialistas. De fato, alguns dos guerrilheiros uruguaios exiliados na Colômbia participaram das operações do M-19. Táticas como o estabelecimento das *Cadeias do povo*, em que exerciam a justiça revolucionária, foram comuns no M-19 e nos Tupamaros, por exemplo. Da mesma forma, os Tupamaros também tomaram distância progressivamente dos postulados marxistas e socialistas (NARVÁEZ, 2012, p. 75). Outra característica comum, é que essas organizações estavam conformadas por quadros que tinham principalmente uma origem de classe média e eram universitários. É importante ressaltar também que, igualmente ao M-19, os grupos guerrilheiros do Cone Sul faziam operações de intervenção em meios de comunicação e roubo de armas e alimentos. Apesar das semelhanças nas formas de operação e nas ações das organizações argentinas e uruguaias com o M-19, a principal diferença é que tanto Argentina quanto Uruguai tinham experimentado governos populistas e ditaduras, elementos ausentes no contexto colombiano. Ainda que na Colômbia os processos de repressão e violação de direitos humanos (por parte das forças estatais e paraestatais) tenham sido permanentes, as instituições gozavam de estabilidade (NARVÁEZ, 2012, p. 86).

ideia do foquismo é impulsionar a ação violenta das massas descontentes, mas não realizar um trabalho político prévio de conscientização (por meio de um aparato ideológico e doutrinador) que possa legitimar com anterioridade as atividades da organização guerrilheira⁹⁴. No texto de Che Guevara *Guerra de Guerrillas*, em que se explica melhor a aplicação desse método, considera-se que o apoio da população aos guerrilheiros (ou vanguarda militar) está dado à medida que estes sabem interpretar e se apropriar dos interesses das comunidades dentro de um projeto de liberação nacional⁹⁵.

Depois ver-se-á como o M-19, na verdade, fez uma adaptação do método foquista ao contexto de guerra na Colômbia. Nesse aspecto, o papel de Pizarro foi central, já que depois ele começaria uma etapa de experimentação militar que tem suas origens nesse período, em que a organização estava invertendo o princípio Guevarista segundo o qual as atividades urbanas eram complementares às rurais, e em que o objetivo era levar a insurreição do campo à cidade (NARVÁEZ, 2012, p. 105). De modo contrário, o M-19 nunca diminuiu as atividades urbanas, nem deixou de considerar as rurais como ações de suporte. Essa orientação evidencia que também nos aspectos militares a organização valorizava mais os fatores sociais e políticos do que fatores meramente teóricos e ideológicos⁹⁶.

Contudo, a impaciência política que caracterizou a implementação do modelo insurrecional e do método foquista adaptado teve como principal consequência no longo prazo que o M-19 não conseguiu se arraigar num território específico⁹⁷ e se vincular às grandes massas populares, que ficaram desconexas das ações da organização ou não participaram diretamente na construção do seu projeto político⁹⁸. Quer dizer, ainda que insistisse discursivamente no estabelecimento de relações com a população, na prática, a organização deixou predominar o militar sobre o político (M-19, 1979). Retomando Guillen e

⁹⁴ O foquismo considera que as ações revolucionárias não têm porque ser explicadas ou justificadas, já que o mais importante é a confrontação e rebelião ante a oligarquia e a burguesia.

⁹⁵ Mas essa ideia tem sido muito problemática porque nem sempre a população respaldou automaticamente as guerrilhas foquistas (NARVÁEZ, 2012, p. 50).

⁹⁶ Ainda assim a influência da revolução cubana nesse aspecto é indiscutível, já que o M-19 defendia a ideia da internacionalização e, no caso, latino-americanização do processo revolucionário, que era uma das teses do foquismo.

⁹⁷ Em relação à questão do território, o próprio Bateman considerava: “Es que nosotros los guerrilleros colombianos también hemos creído que el problema de la guerra es un problema de territorio y no un problema de estructuras. Esto no es una crítica a nadie, no es para atacar a las FARC. Es una crítica a nosotros mismos. Es que hemos creído que para derrotar al enemigo tenemos que conquistar todo el territorio y ésta es una concepción falsa en cuestiones militares.” (M-19, 2008, p. 24).

⁹⁸ Pelo contrário, muitas das ações da organização resultaram até impopulares, como é o caso do assassinato de Mercado, que foi recepcionado negativamente na sociedade e criou ainda mais distâncias entre o M-19 e as massas.

Hodges⁹⁹, Narváez considera que os movimentos foquistas foram movimentos curto-pracistas que, conformados geralmente por jovens provenientes da pequena burguesia, estavam movidos pelo entusiasmo e a impaciência histórica. Em tal sentido, esses movimentos foram mais militaristas¹⁰⁰ e reformistas do que revolucionários (NARVÁEZ, 2012, p. 54). O aprofundamento do militarismo¹⁰¹ se expressa nas declarações de Bateman ainda em 1983:

[...] las características no sólo de las FARC sino de todo el movimiento guerrillero colombiano a partir de los años sesentas ha sido las de hacer combates espaciados en el tiempo, creyendo en el fondo que el problema fundamental de la guerrilla es político, no militar [...] Todo el mundo está de acuerdo en que la guerra tiene que ser de masas, que la tiene que hacer el pueblo, y todo el mundo está de acuerdo en que el criterio fundamental de una guerrilla tiene que ser político pero en lo que no estamos de acuerdo es en que para derrotar al enemigo, el Ejército oligárquico, hay que tener un Ejército popular. Y este Ejército popular sólo se crea en el combate, sólo se crea en el accionar militar, no en los planes secos... [...] Es un plan que debe estar determinado por el desarrollo militar. Eso significa acciones militares, eso significa concentración de tropas, eso significa pelear todos los días y colocar al Ejército enemigo en una situación de quiebra absoluta. [...] Estamos en lucha contra una estructura que es el Ejército colombiano, que hay que destruir, no nos digamos mentiras. Hay que destruirlo porque la base de la opresión de la desigualdad, de todo el mierdero que hay en este país, se encuentra ahí. Ésa es la columna vertebral del sistema. [...] Hablo de política cuando hablo de milicia [...] porque cada golpe militar es un golpe político. (M-19, 2008, p. 24).

b) Quase todas as orientações militares e políticas que Pizarro teve durante esse período tinham um vínculo direto com as ideias de Bateman, o comandante-geral durante a maior parte dessa primeira etapa. Nesse sentido, a mudança nas ideias políticas de Carlos Pizarro acompanhou o processo de moderação das orientações da organização inculcado por Bateman desde 1979. Pizarro descreve assim essa mudança:

Cuando el M-19 habla de la solución política está hablando de concertar con la contraparte, de negociar [...] Nosotros asumimos el proyecto democrático como alternativa para la nación desde 1979, 1978, cuando renunciamos a algunas tesis que consideramos inútiles, y empezamos un discurso nuevo y un comportamiento político nuevo (informação verbal)¹⁰².

⁹⁹ Ver: GUILLEN, Abraham; HODGES, Donald. Revalorización de la Guerrilla Urbana. *Editorial Virtual Liberación*. 1977.

¹⁰⁰ O militarismo também pode ser entendido como uma ideologia, mas neste caso ele é compreendido como uma prática em que se dá maior ênfase aos meios e aos instrumentos em relação aos fins e em que predomina o militar sobre o consenso na administração dos conflitos sociopolíticos.

¹⁰¹ Que também pode ser compreendido em termos de “aparatismo”, como uma característica de organizações fechadas que não estão vinculadas à população.

¹⁰² PIZARRO, Carlos. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

Pode-se considerar a hipótese de que a moderação das ideias políticas de Pizarro e da organização veio da radicalização do conflito durante o governo de Turbay. Ainda que a ideia de democratizar e humanizar o movimento revolucionário sempre tenha estado presente dentro do ideário e das práticas internas da organização, no que respeita às questões externas, essa luta pela democracia e o discurso dos diálogos de paz começam a ser assumidos desde 1978¹⁰³. Bateman, com seu estilo caribenho, denominava essa proposta como *Sancocho nacional* (em referência a uma sopa típica nacional); é dizer “[...] sentarse a la misma mesa com Turbay, com Galán, com García Marques y entre todos discutir los problemas de fondo del país más desigual de América Latina” (CAMARGO, 2013)¹⁰⁴. Essa proposta de diálogo para a paz, ainda que idealizada inicialmente para deslegitimar a política repressiva do governo (GARCÍA, 1992, p. 47), foi adquirindo cada vez maior envergadura dentro do projeto político e uma consolidação definitiva durante a comandância geral exercida por Pizarro. Ou seja, o processo de negociação que Pizarro desenvolveu nos anos oitenta nasceu em 1978. Portanto, de maneira coerente com dita proposta, nas conclusões da Sétima Conferência (junho de 1979), é possível identificar uma orientação democrática que opta pela defesa dos interesses de setores interessados na consecução da democracia, como também identificar o abandono do projeto socialista e da ideia de “ditadura do proletariado” (M-19, 1979).

A renúncia às ideias socialistas e a adoção de um projeto de democracia ficaram estabelecidas nas conclusões da VIII Conferência, em 1982. No entanto, Pizarro, Bateman e, em geral, a liderança do M-19 assumirem essa postura política não implicou desistir da ideia de construir um exército popular como instrumento militar para ascender ao poder e estabelecer a paz e a democracia (FAYAD; M-19, 1984)¹⁰⁵. Armar as massas para vinculá-las ao movimento armado desenvolvendo uma sorte de democracia em armas não tinha como intenção derrocar o modelo de sociedade, senão pressionar o governo para estabelecer um

¹⁰³ O periodista Antonio Caballero lembra que: “En la época del Cantón Norte (1978) ya Bateman empezaba a hablar del “Sancocho Nacional”. Una idea que a mí me llamó muchísimo la atención y que finalmente acabó haciéndose. En la medida en que no se ha hecho por completo el Sancocho Nacional, es que no se ha logrado la paz en este país [...] Era la primera vez que yo conocía un tipo que estuviera haciendo la guerra, pero queriendo la paz. Bateman no buscaba exactamente la victoria militar, ya que la veía como una cosa inalcanzable. Quería una victoria política [...]. En ese momento no estaba proponiendo diálogo ni cosas semejantes. Lo que estaba buscando era una acción política por medio de la acción militar.” (M-19, 2008).

¹⁰⁴ CAMARGO, Érick. *La Leyenda de Bateman*. Disponível em:

<<http://www.elespectador.com/noticias/judicial/leyenda-bateman-articulo-418790>>. Acesso em: nov. 2014.

¹⁰⁵ Fayad diria em 1984: “El eje fundamental de nuestra actividad es un proyecto político de poder, El objetivo: la democracia. Los protagonistas, las masas, los sectores democráticos, El objetivo global de toda nuestra actividad: El poder. Y el Instrumento militar adecuado para poder derrumbar el instrumento fundamental del enemigo, es la construcción de nuestro propio ejército.” (FAYAD, 1984).

consenso. A ideia de construir um exército sob o comando de uma vanguarda armada posteriormente continuou sendo defendida por Pizarro nos momentos de confusão interna do M-19.

Essas mudanças políticas e estratégicas da organização permitem retomar a tese segundo a qual o conflito político armado é um processo contingente sujeito a variações imprevisíveis próprias da interação entre atores (LUNA, 2006). Assim, tanto a implementação da luta rural e combinação dos métodos de guerra quanto a aparição da ideia de Paz e a transformação do discurso político foram a resposta às medidas repressivas do Estatuto de Seguridad. Esse fenômeno indicaria que a organização (durante esse período) estava subordinada não só a necessidade de apressar o processo revolucionário, senão, sobretudo, às condições políticas conjunturais¹⁰⁶. Ou seja, os métodos e os objetivos políticos, discursivos e militares estavam determinados pela contingência do contexto sociopolítico nacional.

No contexto já descrito, de execução do Estatuto de Seguridad, e de implementação do modelo insurrecional urbano e foquista do M-19, Carlos Pizarro vai-se configurando no representante das orientações mais militaristas da organização. Durante esse período, desenvolveu operações tanto urbanas quanto rurais: participou no desenho da tomada do Cantón Norte (regimento militar urbano) em dezembro de 1978¹⁰⁷; preparou militarmente, junto com Bateman, as primeiras *Móviles rurales*¹⁰⁸ no departamento de Caquetá¹⁰⁹ (que posteriormente se constituiriam na *Frente Sur*), Tolima, Boyacá, Cauca, Valle, Antioquia, Bolívar e Santander. Já que a criação das *Móviles rurales* era considerada imperativa para desenvolver o modelo insurrecional e para dar resposta ao contexto político e militar da época, em dezembro de 1978 Pizarro abandonou Bogotá, seus pais e suas filhas¹¹⁰ e internou-se na região do Magdalena Médio para exercer sua primeira comandância na *Móvil rural* de Santander.

¹⁰⁶ Assim, por exemplo, o discurso de paz e negociação tinha também um significado simbólico-tático “em la medida em que no se creia en la posibilidad de una negociación real con el Estado” (GARCIA, 1992, p. 47).

¹⁰⁷ A organização conseguiu roubar mais de 5.000 armas, dando um grande golpe à moral do exército mas desencadeando um forte processo de persuasão que não só debilitou a organização, senão também configurou o exército no seu principal adversário, o que influiu de maneira determinante nos acontecimentos de retoma do *Palacio de Justicia*.

¹⁰⁸ Essas escolas rurais de guerra receberam o nome de “Móvil Simón Bolívar” e “Móvil Camilo Torres Restrepo”. Estavam conformadas de 10 a 15 pessoas armadas.

¹⁰⁹ A região foi escolhida porque lá existiam um movimento e uma organização sindical que tinham articulação com o M-19.

¹¹⁰ Uma das filhas era adotiva e a outra era recém-nascida.

Carlos Pizarro tinha como objetivo tomar vários povoados na região, mas a agrupação foi localizada antes pelo exército e abatida no seu primeiro combate, em setembro de 1979¹¹¹. Aquela seria a maior derrota militar de Pizarro, não só pelas perdas humanas e pelo fato de ter que se render ante o exército, senão porque ele e seus subalternos (entre eles, sua companheira Miriam, mãe das suas filhas) foram capturados e torturados durante 23 dias na Base Militar de Cimitarra, onde Pizarro enfrentou várias crises de epilepsia. Depois, foi trasladado à Penitenciária Central de “La Picota”, em Bogotá, onde estava a maioria dos presos políticos. No mesmo ano, seus irmãos Margoth, Eduardo e Hernando Pizarro foram delatados, más só Margoth e Eduardo capturados (ele seria liberado depois), na cidade de Cali. A crise familiar dos Pizarro se agravou com a enfermidade terminal do pai, que morreu durante o período em que seus filhos estavam na cadeia – foi durante essa época que Carlos Pizarro escreveu a Carta a seu pai referenciada anteriormente.

É importante determinar as razões pelas quais essas primeiras *Móviles rurales* (incluída a que Pizarro comandava) foram derrotadas militarmente¹¹², já que a partir delas é possível reconstruir o contexto interno de socialização. As causas são de duas naturezas: as relacionadas com o militarismo do modelo de guerra num contexto de intensificada repressão estatal; e as relacionadas com o tipo de relações entre militantes.

As causas vinculadas ao modelo de guerra foram estudadas durante a *Septima Conferencia*, em 1979. Ali o M-19 reconheceu seu militarismo e a falta de vinculação com as massas e organizações sociais de base. Só a *Móvil* de Caquetá sobreviveu, porque tinha articulações com processos organizativos campesinos que, sem dúvida, facilitaram suas operações na região; mas, no caso da *Móvil* comandada por Pizarro, não é possível determinar se o trabalho feito com alguns setores cristãos, campesinos e sindicais em Santander¹¹³ tinha sido exitoso. A única constatação é que dita *Móvil* não tinha as ferramentas militares e organizativas suficientes para enfrentar o exército.

Esse militarismo que lhe impediu dominar territórios e estabelecer relações orgânicas com as massas estava sustentado na emotividade dos seus militantes; emotividade que,

¹¹¹ Relato de Miriam sobre a derrota: “Cuando se nos acabó la munición físicamente, yo le pregunté: ¿qué vamos a hacer? ‘Hum, pues nada, hablar a ver qué pasa, ¿pero quién habla con el ejército?’. Le dije que yo hablaba y me despedí de todos los compañeros, incluyendo Carlos; grité que no disparan que iba a hablar con ellos. [...] Me preguntaron que quién era el jefe, les dije que no sabía y entonces me llamó un teniente: ‘Mona, [...] usted qué hace aquí, usted se ve que es una persona estudiada, no se ve que tenga que luchar por estas cosas’ [...]” (PIZARRO, 1992, p. 83).

¹¹² Só conseguiu sobreviver a *Móvil de Caquetá*, configurando-se depois na *Frente Sur*.

¹¹³ PIZARRO, Juan Antonio. *Carlos Pizarro*. p. 80.

igualmente a outros valores individuais e pessoais (como a alegria ou a espontaneidade), o M-19 valorizou segundo a ideia de que o processo revolucionário, e portanto a guerra, devia ser humanizado. O movimento armado determinou grande parte dos seus relacionamentos internos segundo esses critérios menos disciplinadores e autoritários, garantindo assim uma coesão e identidade mais fortes. Essa forma de interação interna é denominada sempre por eles como “*cadena de afetos*”¹¹⁴, que é um fenômeno completamente *sui generis* se comparado com as formas de organização e controle internos das outras guerrilhas colombianas.

Nesse sentido, as ideias democráticas promulgadas pelo M-19, ainda que não executadas na sua relação com a população, conseguiram ser desenvolvidas nas relações internas ainda sob uma estrutura de mandos. Mas o problema com essa forma de interação ou “cadeia de afetos” é que a organização tinha de preservar as práticas democráticas internas e ao mesmo tempo garantir a obediência dos militantes, tendo como consequência que as orientações baseadas na singularidade e na discussão democrática diminuam a eficácia militar da organização. Miriam Rodrigues considera que a debilidade das *Móviles* em geral, e em particular a da comandada por Carlos Pizarro, se deve ao fato de que sua concepção organizativa “era muy liberal y la capacidad propiamente militar del ‘Eme’ y de la Móvil en sí eran incipientes” (PIZARRO, 1991, p. 81). Sobre essa questão, que é o segundo fator que explica as derrotas militares durante esse primeiro período e que também determinou as outras etapas da trajetória de Pizarro e da organização, aprofundaremos no seguinte tópico.

4.1.1 *Contexto interno: humanização do processo revolucionário e eficácia militar*

Num documento que recolheu diversas testemunhas de ex-militantes do M-19 (M-19, 2008, 2009), aparece um relato sobre uma discussão entre Carlos Pizarro e Jaime Bateman, que na época era o comandante-geral da organização. A partir de dito relato, pode-se caracterizar a forma segundo a qual Pizarro, como militante do M-19, se relacionava com os outros integrantes:

¹¹⁴ É importante dizer que essa questão também está inspirada na ideia de homem novo que o Ché Guevara promulgava. Bateman dizia que “[...] la lucha revolucionaria, por su dinámica, va creando un hombre nuevo, diferente al normal que genera una sociedad burguesa, que es individualista, que es solitario, sin perspectivas, que vive agobiado, que vive frustrado. La lucha revolucionaria va generando un individuo totalmente diferente, que vive de la comunidad, del colectivismo, de su propia acción, no de la acción de los demás. Que vive del idealismo, de las cosas sanas de la vida.” (M-19, 2008, p.75).

El 30 de abril de 1983 asistí a una reunión donde Pizarro le pegó un grito a Bateman. Cuando Bateman empezaba a hablar no soltaba la palabra. Pizarro estaba acostado porque tenía una clavícula rota y pidió varias veces la palabra. Bateman seguía hablando y hablando hasta que de pronto Pizarro se paró en la cama y gritó: “¡Que me dejes hablar, hijueputa, que me dejes hablar!”, y el Flaco siguió hablando y al finalizar dijo: “¿Quién era el que quería hablar?” (M-19, 2009, p. 13).

Em geral, as formas de relacionamento dentro de uma organização militar se definem segundo critérios de hierarquia e disciplina que levam ao estabelecimento de um trato distante e calculado. Mas, como se viu no relato anterior, Pizarro praticamente quebrou a cadeia de comando ao se dirigir ao comandante-geral da guerrilha de uma maneira bastante emotiva e informal. De fato, a emotividade e a informalidade foram os critérios que sempre definiram as formas de relacionamento interno do M-19. Ou seja, tratava-se de uma organização militar e hierarquizada, porém flexível ou menos rigorosa. Nesse sentido, é importante caracterizar a origem e o impacto desses fatores internos, já que eles definiram tanto o espaço imediato de socialização do Pizarro, quanto a trajetória da organização.

Como se disse, o M-19 foi uma organização guerrilheira militarista e nacionalista que tentava humanizar o processo revolucionário reivindicando práticas democráticas num contexto de efervescência social, radicalização política e repressão armada militar e paramilitar. Essa caracterização a constitui, no mínimo, num fenômeno paradoxal. Mas, apesar do militarismo do seu modelo de guerra insurrecional e foquista, a organização conseguiu fazer propostas de diálogo democrático com o governo, como também desenvolver práticas democráticas internas baseadas no respeito dos valores individuais dos militantes, ainda que sob hierarquias militares. Ou seja, essa organização, ao mesmo tempo que relativizou a lógica amigo-inimigo dominante no processo de militarização da política colombiana, também humanizou o processo revolucionário. Carlos Pizarro abordava esse fenômeno assim: “Yo creo que esa lucha contra la subordinación, esa rebeldía interna que es lo que hace que una persona llegue a una organización como la nuestra, es un valor que debe fomentarse.” (BECASSINO, 1989, p 56).

A construção da “*cadena de afectos*” que sustentava e humanizava a organização, oposta ao autoritarismo disciplinador das organizações militares tradicionais¹¹⁵, começava desde o processo de cooptação dos militantes, que eram recrutados da maneira mais heterodoxa, informal e flexível; por exemplo, durante festas e reuniões sociais:

¹¹⁵ Rompia, por exemplo, com o princípio de compartimentação sob o qual os militantes não podem, dentro do possível, desenvolver laços afetivos e emocionais.

Pues la rumba (a festa) es como un desenfreno de la alegría. Es mucho más fácil convocar a la gente desde la alegría. Los momentos de la alegría son momentos de identidad total. Es decir, nosotros nunca logramos con un discurso político lo que logramos en una fiesta. En una fiesta se tejen lazos de una calidad muy grande, casi indestructibles, en la alegría se desenfrena la confianza (informação verbal)¹¹⁶.

Eles acreditavam, por exemplo, que o povo ia ampará-los e defendê-los em qualquer contexto, motivo pelo qual não eram suficientemente cuidadosos com os mecanismos de segurança. Por essas e outras práticas *sui generis*, a organização era questionada por outros setores que achavam a espontaneidade das suas atividades uma mostra de superficialidade e falta de rigor. Militantes de outros movimentos guerrilheiros, por exemplo, achavam que o M-19 simplesmente estava jogando a fazer a guerra ou que era um movimento verdadeiramente indisciplinado e irresponsável.

El “Eme” tenía una forma de reclutamiento que no era estricta... porque lo hacían de forma muy alegre e informal y entonces todo mundo quería y hasta podía fácilmente ser del “Eme”. Tenían una forma de convencimiento muy berraca. Ahí ellos iban a territorios urbanos donde nosotros trabajábamos, pero no los confrontamos nunca. Ya era distinto con las FARC, como pasó en Sucre en el Cauca, donde mataron a varios (informacao verbal)¹¹⁷.

Mesmo assim, para os militantes do M-19 como Pizarro, a renúncia a determinadas formas de conceber as relações sociais (as relações de gênero) e familiares (a maternidade ou a paternidade, por exemplo) que a vida guerrilheira implica era compensada com a “*cadena de afectos*”, que garantia a coesão do movimento e determinava a construção da identidade coletiva¹¹⁸. É o mesmo que dizer que a informalidade e a flexibilidade nas relações internas induziam à construção de um sentimento de familiaridade e solidariedade que dava sustento emocional aos militantes num contexto de clandestinidade e perigo (MANDARIAGA, 2006, p. 10).

Podem ser referenciados alguns exemplos de como a organização inculcou seus ideais nas relações internas: a conformação heterogênea dos militantes¹¹⁹, o respeito pelas

¹¹⁶ ROJAS NIÑO, German. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

¹¹⁷ Entrevista concedida por excomandante do ELN. Depoimento II. [mai. 2014]. Entrevistador: Lucy Adriana Trujillo. Cauca, 2014. Arquivo .mp3 (1:21:46 min). Entrevista concedida para o desenvolvimento da presente investigação.

¹¹⁸ A forma de conceber as relações sociais, familiares ou amorosas por parte dos guerrilheiros se viu transformada porque passou a ficar inscrita dentro dos ideais estabelecidos pelo projeto político do M-19 (MANDARIAGA, 2006, p. 8).

¹¹⁹ Inicialmente a organização estava conformada majoritariamente por militantes de origem urbana e de classe média, o que gerou inconvenientes para a realização de trabalho de massas. Posteriormente, com a ampliação de

posições individuais, o fácil acesso aos mandos superiores, a criação de espaços de discussão na forma de assembleias participativas, a eleição concertada dos mandos. Mas o que chama a atenção nessas práticas é que o fato de levar em conta o ponto de vista dos militantes não provocava fracionamentos contundentes na organização ou desrespeito pelas hierarquias. No relato no começo do tópico, Pizarro se emociona e se dirige ao comandante-geral de uma maneira informal, mas isso não levou a uma crise no seu relacionamento ou na estabilidade interna da organização. Vera Grabe, ex-militante, reconstruiu melhor essa forma de interação interna:

Era gente muy diversa, pero con un denominador común: descomplicada, animosa y alegre [...] Sin embargo, yo tenía muchas preguntas y dudas. Muchas veces faltaba al grupo de estudio o a las citas por pereza, porque no le veía el sentido a las reuniones. Pero no había problema, los amigos eran pacientes. Tal vez fue eso lo que más valoré: no pedían más de lo que uno pudiera dar, daban por sentado con tranquilidad que cada cual tiene sus procesos [...]. En una ocasión [...] me citaron para pedirme que prestara el carro de mi casa [...] para un operativo. [...] pero me entraron todas las dudas: que se podía quemar, que no andaba bien, que iba a comprometer a mi papá. [...] Y pensé: hasta acá llegué, esta gente no me va a volver hablar, por miedosa. Pero ese flaco al que le decían Pablo, me dijo: Camine, vamos a tomar algo. Me llevó a una fuente de soda, pidió una cocacola con mucho hielo, y yo otra. Traté de explicar mis razones [...] Fresca, monita -fue su respuesta-, no se preocupe, eso lo resolvemos; y seguimos hablando, hay mucho que hacer, ya la buscaremos. [...] Me cautivó que no hubiera discurso de reclamo o exigencia, sino actitud de frescura y confianza [...]. Lo que a mí -y a muchos- nos sorprendió fue que en este grupo todo no sólo era más informal, sino también más real. Había espacio para la duda. No era un callejón sin salida. No se trataba de romper con lo que uno era [...] Seguro que si hubieran sido distintos, acabo por retirarme. En cambio, así a todas luces era una decisión que podía tomar en libertad. (GRABE, 2000, p. 55).

Isto é, a identidade e a coesão da organização não dependiam da coerência e uniformidade dos militantes. Diferentemente das FARC, por exemplo, o M-19 conseguia estabelecer processos cotidianos de comunicação e de democratização, assim como resolver suas discrepâncias internas sem necessidade de recorrer ao uso da força (LÓPEZ, 1994, p. 285). Porém, existiam limites e, portanto, mecanismos de controle nos casos de transgressão às normas que funcionavam sob a forma de *justiça revolucionária*¹²⁰ (aplicada também aos sequestrados ou presos políticos), em que existia a possibilidade de defesa e o tipo de punição

atividades nas áreas rurais, o M-19 conseguiu vincular campesinos e alguns setores indígenas à organização (LEÓN, 2007, p. 253).

¹²⁰ As “*cárceles del pueblo*”, inspiradas nas práticas dos movimentos revolucionários argentinos, estavam regidas também pela justiça revolucionária que, sendo oposta à justiça burguesa, era aplicada aos sequestrados.

era definido segundo a gravidade da infração¹²¹. Ainda assim, o M-19 nunca chegou a ordenar o fuzilamento e morte dos infratores, já que a punição máxima era a expulsão.

Assim, dentro dos limites do respeito às hierarquias e princípios organizativos, os militantes tinham acesso a Pizarro e demais comandantes, como também o direito de fazer reclamações se estivessem descontentes ou se percebessem alguma injustiça. Pizarro concordava e defendia essa prática:

En el M-19 nadie te hace nada si no comprende por qué lo va a hacer. Nadie acepta que porque yo soy comandante general me puedo dedicar a la lucha cuando todo el mundo tiene infinitas cosas que hacer, que yo podría estar ayudando a hacer. Nadie acepta esas distancias. [...] Inclusive se han dado rebeldías de combatientes frente a mandos porque han planteado una arbitrariedad frente a un enemigo. La gente simplemente no cumple esa orden. Porque hay cosas que en el M-19 no se aceptan y no hay ninguna autoridad que pueda imponerlas (informação verbal)¹²².

Não obstante, Vera Grave relata que havia exceções; por exemplo, distinções que eram também formas de distância e diferenciação entre militantes e mandos: “En el campamento de Santo Domingo, por ejemplo, había coñac Carlos V para Pizarro, de consumo discreto; aguardiente caucano para la tropa; y brandy Tres Estrellas para los mandos medios.” (GRABE, 2000, p. 551). Apesar disso, a atitude de Pizarro com os subalternos era muito mais próxima e amistosa do que se poderia esperar numa estrutura militar. Seu amigo Tito relata: “Era cálido y amistoso; es que no eran subalternos sino amigos [...] se trataban de igual a igual, se saludaban de abrazo [...] Además la sencillez de Carlos Era impresionante.” (PIZARRO, 1991, p. 194).

É importante dizer, ainda, que, da mesma forma que desenvolvia um trato baseado na “*cadena de afectos*”, quer dizer, um trato mais horizontal e informal com os demais militantes ou subalternos, Pizarro também era bastante disciplinado e disciplinador em outros aspectos da vida guerrilheira. Ele não apenas era muito exigente nos treinamentos físicos e militares (talvez o mais exigente nesse aspecto), como também muito cuidadoso com tudo aquilo que tinha a ver com sua imagem e posição dentro da organização. Mesmo dentro de um ambiente menos rigoroso e apesar das dificuldades da sua enfermidade, era demasiado disciplinado no trabalho intelectual e físico cotidiano, era idealista e perfeccionista. Sua irmã Margoth lembra:

¹²¹ Dessa forma, as sanções podiam ser ordinárias (desde chamados de atenção, desarme, suspensão do cargo, até expulsões) ou especiais, que eram tomadas diretamente pelo Conselho Disciplinar (M-19, 1982).

¹²² PIZARRO, Carlos. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

[...] él siempre salía prosopopéyico con todo, es el único que sale echando discursos [...] le encantaba que lo amaran y era de lealtades a morir [...] una exigencia personal única. A mí me decía: “Camine detrás de mí porque me va a dar el ataque y no quiero que la gente me vea”. Se acostaba de último y se levantaba de primero, nunca exigió a nadie hacer un ejercicio que él mismo no pudiera hacer o no hubiera hecho antes. Pienso que cada comandante genera un estilo propio, su estilo era de mucha exigencia personal pero de mucha lealtad entre cada uno (informação verbal)¹²³.

Esses idealismo, rigorosidade e perfeccionismo, que provavelmente tinham sido inculcados desde o ambiente familiar, entram em contradição com a imagem que começa a forjar de “louco” e que, depois, dificultaria seu posicionamento político dentro da organização. Pizarro começa a ser conhecido dentro e fora do M-19 como “*carro loco*”, não só porque gostava da velocidade, senão também pela ousadia com que desenvolvia suas operações militares e porque, durante as marchas da coluna guerrilheira ou em qualquer outro tipo de atividade militar, não se cansava facilmente. Sua resistência física, sua permanente atitude de alerta e, em particular, seu aparente estado de aceleração e ousadia geravam desconfiança em alguns militantes e comandantes.

Descrever esses rasgos da individualidade ou personalidade de Pizarro é importante no sentido de que eles também foram avaliados politicamente. Depois ver-se-á como essas características próprias da sua personalidade, forjadas a partir de diferentes experiências de socialização já descritas, levaram Pizarro a fazer experimentos militares que deram conquistas políticas à organização num contexto em que precisava se posicionar diante do governo nacional. Foi justamente uma das operações mais “loucas” e ousadas de Pizarro (a batalha de Yarumales) que abriu um novo horizonte não só para o M-19, senão para o movimento guerrilheiro em geral. Sendo assim, a prática militar e política de Pizarro nem sempre dependeu da formação que recebeu no movimento; suas ações também se explicam desde esses rasgos não políticos da sua personalidade que só o M-19 poderia valorar e respeitar na justa medida. Com certeza, ele não conseguiu ser o militante ideal nas FARC precisamente por essas características, que só podiam servir ou ser reconhecidas num contexto de socialização e de relacionamento interno como o do M-19. Ele declara sobre essa questão:

Bueno, que yo no soy un ciudadano común y corriente de este país, por supuesto. Quizás en eso me pueden decir que soy loco. Pero creo que la locura es la capacidad de soñar sin inhibiciones [...] y me pongo tareas sin inhibiciones, que a veces me resultan y otras veces no. Cuando me resultan

¹²³ LEONGÓMEZ, Margot. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 95-113.

dicen que soy un loco positivo; cuando no me resultan dicen que soy un loco perdido (informação verbal)¹²⁴.

Outro dos fatores importantes que dão conta desse contexto interno de relacionamento tem a ver com o assunto da participação da mulher, sobre o qual o M-19 conseguiu estabelecer um diálogo democrático. Isso é importante sobretudo levando em conta que, naquele momento, o País não oferecia às mulheres opções distintas às do matrimônio e da maternidade, pelo que a luta armada permitia uma construção diferente de vida para muitas mulheres que, no nível de combatentes ou de comandantes, podiam experimentar certos níveis de mando, poder e autonomia (MANDARIAGA, 2006, p. 14-16). Assim, sendo um tipo de organização tipicamente masculina, o M-19 conseguiu dar participação e destaque a suas militantes, assim como estabelecer uma discussão em torno da democratização das relações familiares:

En la Octava Conferencia, cuando se estaba planteando la construcción de un ejército, surgió la discusión de la participación de la mujer. El Flaco argumentó: “En ese ejército no debe haber mujeres porque eso crea demasiados problemas. Mujeres en los ejércitos no hay, ni siquiera en el ejército soviético”. Citó otros ejemplos y por supuesto se armó la gajaperla más horrorosa porque las mujeres dijimos “Estamos aquí, ¿nos van a echar o qué? ¿Qué van a hacer con nosotras? ¿Cómo vamos a vincularnos?” La reacción de las mujeres fue lindísima: nos agrupamos y citamos al comandante Bateman. Éramos veinte mujeres emplazándolo... Eso sirvió para plantear los problemas específicos de las mujeres: compañeras a las que les pegaban los compañeros, otras a las que ponían a lavar ropa, y el embarazo como una dificultad para los guerrilleros. Hablamos de las expresiones de machismo que se estaban dando al interior del M-19. Entonces el Flaco se vio obligado a cambiar su posición y de allí surgió una ordenanza que escandalizó a muchos. Incluía: no al maltrato, sí al aborto, sí al derecho al control natal, igualdad de trato, educación para las mujeres que se vinculaban a la guerrilla. (TORO, Beatriz 1994 apud MANDARIAGA, 2006, p. 16).

Apesar desse exercício de discussão democrática, a maternidade, por exemplo, continuou sendo um fator gerador de conflitos na organização (o que não acontecia com o exercício da paternidade). Esses conflitos colocavam sobre a mesa o discurso de igualdade pregado pelo movimento e as dificuldades práticas de exercer a maternidade em condições de equidade, já que os comandantes consideravam incompatível a maternidade com a luta revolucionária, mas nunca questionavam a paternidade. Dessa forma, ganhar espaços no interior da organização foi uma tarefa ainda mais difícil para as mulheres. De fato, os homens

¹²⁴ PIZARRO, Carlos. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

podiam deixar seus filhos com suas mulheres enquanto eles faziam a revolução, mas as mulheres tinham que eleger entre ser guerrilheiras ou ser mães (MANDARIAGA, 2006, p. 15). Como consequência, muitas tiveram que deixar seus filhos sob o cuidado de outras pessoas ou ficaram sós.

Essa questão tocou a vida de Pizarro, já que ele teve duas companheiras militantes (Miriam Rodriguez e Laura García) e uma filha durante esse período de vida guerrilheira. Em 1978, do relacionamento com Miriam, nasceu sua primeira filha, Maria José, que, ainda bebê, foi deixada sob os cuidados das suas avós – Miriam e Carlos não podiam cuidar dela pelas exigências da militância. Assim, apesar do caráter menos disciplinador e mais flexível do movimento, Pizarro e sua companheira tiveram de deixar num segundo plano o exercício da paternidade e da maternidade. Sem dúvidas, a decisão de ficar longe da sua filha estava determinada pelas restrições do seu contexto de socialização imediato. Ali, Pizarro podia desenvolver e lutar por um projeto de vida e um pensamento político, mas não podia ser filho, companheiro estável e muito menos ser um pai permanente. Ser um guerrilheiro significou obrigatoriamente renunciar a relacionamentos e, portanto, restringir fortemente o exercício de outros papéis da sua vida social. Sua filha Maria José resume sua experiência:

Después el M-19 robó 5.000 armas al ejército haciendo un túnel bajo el arsenal lo que desencadena detenciones masivas. Mi madre recibe una llamada de aviso [...] y entre la bolsa de mis pañales pone, por si acaso, una granada de fragmentación. Me deja con mi abuela y después mis padres son torturados en la Picota y Bucaramanga. [...] Me enviaron un año a Cuba, después viví entre abuelas bajo amenazas de muerte y secuestro; hasta que a los 8 años, cuando mi padre ya dirigía el M-19, me enviaron a Francia, y pillé una depresión terrible allí solita. [...] Mi abuela dijo que prefería verme muerta a muerta de tristeza y me vino a recoger. Mi madre abandonó el M-19, pero entonces secuestraron al conservador Álvaro Gómez y tuvimos que vender la casa y huir a Ecuador, hasta que papá nos dijo que por fin el proceso de paz iba en serio y volvimos. (Informação verbal)¹²⁵.

Praticamente a vida guerrilheira e, portanto, a militância política ocuparam e determinaram a maior parte da vida cotidiana de Carlos Pizarro. Viu-se como o contexto de socialização dentro do M-19, ao mesmo tempo que oferecia vantagens para o desenvolvimento da sua trajetória política e para o exercício de determinadas orientações políticas, estabelecia limitações para o desenvolvimento de outros papéis na sociedade. Porém, isso não indica que esse contexto combinado de contingências externas e internas

¹²⁵ PIZARRO, Maria José. *Mi madre puso una granada entre mis pañales y salimos*. [2009]. Entrevista concedida a Luís Amiguet. Disponível em: < <http://lescontres.blogspot.in/2009/04/maria-jose-pizarro-hija-del-lider-del-m.html> >. Acesso em nov. 2014.

fosse sempre favorável. Já que ele marcou sucessivamente a trajetória de Pizarro, é importante determinar o impacto negativo que teve sobre sua vida e, portanto, sobre os interesses e objetivos do M-19.

Como se disse, até agora, só ficaram expostas algumas das características internas da organização, mas não foram determinados seus impactos sobre as atividades externas. Fundamentalmente, como consequência da emotividade, informalidade e flexibilidade do relacionamento interno, a organização tinha grandes problemas de planificação logística e financeira, coordenação, e execução de ações, o que diminuía a eficácia política e militar do movimento. Sempre, ou pelo menos durante a maior parte das suas etapas, o M-19 pecou pela ausência de uma análise adequada e rigorosa das circunstâncias e impactos das suas ações político-militares e da emotividade vinculada a eles (LÓPEZ, 1994, p. 297). De fato, a comandância reconhecia não só o militarismo, senão também um baixo nível da organização que “repercutía en discusiones muy pobres, que sumadas a la falta de claridad de las estructuras, arrojaban un balance negativo” (NARVÁEZ, 2012, p. 113). Bateman se referia a essa questão:

Ya pasaron las épocas, las bellas épocas en que nos podíamos dar el lujo de planear acciones, de planear consignas y cumplirlas en un bajo nivel. Ahora las condiciones políticas exigen seriedad, responsabilidad, disciplina y un gran espíritu de combate. Seguramente el país no se siente maduro para entrar a un proceso de democratización; seguramente las condiciones políticas no están de acuerdo para que nosotros podamos enfrentar, en condiciones diferentes, la lucha política. (BATEMAN apud VILLAMIZAR, 1995, p. 32).

Fayad também assinalava o impacto das orientações militares da organização:

Sin embargo, algo que nos debe inquietar es la pérdida de oficiales; el informe hoy dice que casi toda la línea de oficiales, de capitanes y tenientes ha sido golpeada. [...] nos jugamos los cuadros fundamentales de la organización en cuestiones tácticas inmediatas. Todavía ese tacticismo de hacer las cuestiones a la carrera, confundir el desespero con la eficacia, está haciendo que perdamos cuadros estratégicos. [...] Tenemos toda la capacidad en cuadros, en logística, en voluntad y fundamentalmente en un proyecto que es concreto y se desarrolla. Pero nos falta planificación, nos falta exigimos más, nos falta pensar en grande; nos falta más audacia y más seriedad. (FAYAD; M-19, 1984, p. 7).

Apesar de que, durante essa etapa, a organização estivesse apenas começando a combinar seus métodos de luta, as características das relações internas (que sempre existiram na organização) influíram para que muitas operações, tanto rurais quanto urbanas, não fossem bem-sucedidas. Em tal sentido, esse seria um fator determinante para o enfraquecimento e a

eliminação das primeiras *Móviles rurales*, entre elas a de Pizarro. Tanto a pressão do exército quanto o caráter meramente militarista e pouco rigoroso das ações levaram à derrota da *Móvil* e ao encarceramento dos seus integrantes. Outro exemplo desse fenômeno foi a operação *Ballena Azul*, da qual Pizarro também participou e que tinha como objetivo extrair o armamento de um regimento militar (Cantón Norte) em Bogotá, no ano de 1978. Em dita operação, apresentaram-se diversos erros relacionados com problemas na disciplina, no acatamento de ordens, na compartimentação de atividades e na subestimação da resposta das Forças Armadas (M-19, 1979). Como resultado dessas falhas, o Exército conseguiu não só recuperar as armas roubadas, senão também deter arbitrariamente e torturar muitos militantes e a maior parte dos dirigentes da organização.¹²⁶ Outro caso em que também ficaram em evidência os erros de planificação e execução foi quando tentaram introduzir desde a Alemanha um carregamento gigante de armas e munições no famoso barco “El Karina”, em 1981. Depois de um enfrentamento com a armada nacional nas águas do Pacífico colombiano, o barco foi afundado pelos guerrilheiros para evitar que o armamento tivesse outro destino. A perda econômica e moral foi significativa (CAYCEDO, 1986).

Por outro lado, o M-19 nunca conseguiu estruturar o *Ejercito Popular* que tinha planejado. Em primeiro lugar, porque a organização não teve um número de militantes e de armamento suficiente. Em segundo lugar, porque nunca adquiriu um domínio territorial estável e considerável. Em terceiro lugar, porque sua estrutura hierárquica não se baseava numa disciplina militar estrita e em rotinas cotidianas suficientemente rígidas. E, em quarto lugar, porque seu planejamento tático era limitado e, por vezes, ineficaz – sua análise das circunstâncias e dos contextos de ação foi muitas vezes inadequada ou pouco rigorosa.

Levando em conta as implicações dos dois fatores expostos anteriormente – as do militarismo e as do critério de relacionamento interno –, pode-se apontar que a organização foi, desde sua origem, um movimento militarista para fora, mas com práticas democráticas para dentro. Ainda assim, também por essas características do seu modelo de guerra e do seu discurso político, o M-19 foi mais sensível às mudanças do contexto nacional. Nesse sentido, na conjuntura de militarização e repressão estatal dos anos setenta em que se desenvolveu a primeira fase da organização, o movimento flexibilizou seu discurso e jogou a carta dos

¹²⁶ Apesar do M-19 negar que fosse uma organização militarista e que reivindicasse um trabalho de massas, na verdade, essa operação estava definida segundo o critério militarista dos seus métodos de guerra. O mais factível no caso de haver tido sucesso é que “al no estar en una condición óptima de desarrollo político y hallarse aislado de las masas, la idea de construir un ejército, armando la gente y sin formación política, hubiera sido dar un paso al abismo” (NARVÁEZ, 2012, p. 139).

diálogos de paz. Esse novo processo, como se disse anteriormente, relativizou a lógica amigo-inimigo e criou na opinião pública um impacto similar ao das suas ações militares propagandísticas¹²⁷.

4.1.2 *As operações de pressão para a liberação dos presos políticos*

No período em que permaneceu detido junto com outros importantes dirigentes e militantes da organização, Pizarro conseguiu se configurar num líder e interlocutor ante os militares. Paralelamente, o movimento continuou realizando operações de grande impacto por meio das quais exigia a liberação dos presos políticos e expressava concretamente seu interesse numa saída negociada do conflito para o estabelecimento da democracia. Pizarro também expressa na carta pública ao seu pai, e em outras comunicações privadas, a frustração ante a atitude intransigente do governo – aquele seria o pior momento da sua trajetória política.

Dois meses depois de ser detido, em novembro de 1979, começou o Conselho Verbal de Guerra aos 219 presos do M-19, incluídos ele e Margoth. Carlos foi acusado e condenado pelo delito de “Rebelião com mando”, pelo roubo das armas do “Cantón Norte” e pela realização de três sequestros¹²⁸. Em fevereiro de 1980, o M-19 realizou a tomada da Embaixada da República Dominicana¹²⁹, onde manteve 57 pessoas como reféns, entre elas o Núncio e o Embaixador dos Estados Unidos. As exigências da organização eram a liberação de 311 presos políticos (tanto do M-19 quanto das outras organizações guerrilheiras, alguns havia mais de 17 anos presos, como Tarsicio Guaraca, das FARC)¹³⁰, a entrega de 50 milhões de dólares e a publicação de um manifesto na imprensa nacional e estrangeira (FAJARDO;

¹²⁷ Depois da lançada a proposta, o ELN, por exemplo, considerou que o M-19 na verdade não tinha uma concepção revolucionária, senão uma concepção pequeno-burguesa do conflito: “Jaime Bateman a fianles de los 80 ya empezaba a hablar de paz. Ahí nosotros decíamos... ¿a qué tipo de guerra ellos le estaban apostando? [...] Entonces esa concepción pequeño burguesa, claro que va a preferir salidas no a largo plazo sino más inmediatista. Ellos no querían una revolución, ellos tenían mejor... una intencionalidad en construir un nuevo proyecto de nación enmarcado en una transformación política democrática, que es algo distinto a una guerra popular e revolucionaria. Ellos querían acercarse al poder, tocar el Estado pero en esos términos. Para nosotros la concepción pequeño burguesa del ‘Eme’ estaba encaminada desde el principio a eso, a una salida negociada.” Entrevista concedida por excomandante do ELN. Depoimento II. [mai. 2014]. Entrevistador: Lucy Adriana Trujillo. Cauca, 2014. Arquivo .mp3 (1:21:46 min). Entrevista concedida para o desenvolvimento da presente investigação.

¹²⁸ Em maio de 1982 (ainda durante o governo de Trubay) Pizarro é condenado a 26 anos cadeia.

¹²⁹ Conhecida também como a Operação “Democracia y Libertad” liderada conduzida pelo Comandante Uno (Rosemberg Pabón).

¹³⁰ Sobre este legendario guerrilheiro ver: MOLANO, Alfredo. *Entrevista con Jaime Guaraca en La Habana*. La Habana: 2014. Disponível em: <<http://www.elespectador.com/noticias/politica/entrevista-jaime-guaraca-habana-articulo-501259>>. Acesso em jun. 2014.

PABÓN; ROLDÁN, 1980, p. 11). Ante a pressão da opinião pública, Turbay se viu obrigado a criar uma comissão de negociação que, depois de 61 dias, conseguiu estabelecer alguns acordos e liberar os reféns. Apesar de o governo se negar a liberar os presos políticos, a organização conseguiu obter o dinheiro exigido, a atenção pública nacional e internacional, denunciar a situação dos direitos humanos e expressar a intenção de diálogo com o governo. Além disso, a tomada da Embaixada é considerada a operação com maior sucesso propagandístico de todos os tempos na Colômbia. Posteriormente, Turbay apresentou ao Congresso Nacional um projeto de anistia bastante restrito, que logicamente foi rejeitado pela organização guerrilheira. Nesse período de tempo, fugiram do presídio dois dirigentes do M-19 e a organização continuou realizando tomadas de povoados, sequestros, intervenção de meios de comunicação, entre outras operações militares particularmente nas áreas rurais do sul-ocidente e centro do País.

Entre as operações mais importantes feitas pela organização entre 1980 e 1982 (antes da mudança de governo nacional), estão a operação do barco “El Karina”, já mencionada acima, e o sequestro de Martha Nieves Ochoa, em 1981. Martha era filha de um reconhecido fazendeiro e irmã de vários membros do Cartel de Medellín, uma organização narcotraficante liderada por Pablo Escobar (desde 1976 até sua morte, em 1993). Para a liberação da irmã dos Ochoa, o M-19 pedia 12 milhões de dólares. “Los Ochoa”, como eram melhor conhecidos, fizeram uma declaração expressando sua decisão de combater os sequestradores e, em particular, os grupos subversivos. É assim que surge o MAS (Morte a Sequestradores), um exército privado¹³¹ que, segundo informes posteriores da Procuradoria Nacional, desenvolveu vínculos com aproximadamente 59 pessoas ligadas às forças militares, diversos setores econômicos e os principais chefes da máfia e do narcotráfico na Colômbia¹³². Esse é um dos principais antecedentes ao surgimento do paramilitarismo responsável pela morte de Carlos Pizarro.

Ao final do mandado de Turbay, Carlos Pizarro continuou na cadeia, junto com os outros dirigentes da organização – esse foi um dos golpes mais contundentes de Turbay ao movimento. Tanto pela política repressiva do Estatuto de Seguridad como pelas dificuldades internas e do modelo de guerra, o M-19 ficou debilitado militarmente; no entanto,

¹³¹ Recém-criado, chegou a ter mais de 2000 integrantes. O MAS rapidamente identificou Luis Gabriel Bernal, membro do M-19, como o responsável pelo sequestro, procedendo assim à captura de 25 familiares e pessoas próximas a ele. Após 92 dias de retenção, Martha Nieves foi liberada sem pagar a quantia exigida.

¹³² VERDAD ABIERTA. *Muerte a secuestradores MAS: Los orígenes del paramilitarismo*. 20 sep. 2011. Disponível em: <<http://www.verdadabierta.com/component/content/article/244-la-historia/auc/3556-muerte-a-secuestradores-mas-los-origenes-del-paramilitarismo>>. Acesso em: mai. 2014.

politicamente obteve uma legitimidade maior, já que a proposta de uma saída negociada ao conflito ganhou amplas simpatias sociais e políticas. Apesar disso, a organização e, sobretudo, Pizarro não abandonaram as orientações militaristas que aprofundaram durante os anos oitenta. Durante o governo de Belisario Betancur, a organização conseguiu recuperar seu poder militar mas entrou numa nova crise política, que a levou a mudar sua estratégia e facilitar os diálogos de paz.

4.2 Segunda etapa: primeiro processo de paz (de agosto de 1982 a dezembro de 1984)

Em 1982, assumiu a presidência Belisario Betancur (1982-1986)¹³³, sob a consigna da paz e o apoio dos setores inconformados com os escândalos de corrupção, as maquinarias clientelistas e o fracasso da solução militar ao problema da violência. Apesar disso, Betancur não contava com uma maquinaria, nem pertencia a uma família política, pelo que “instintivamente los políticos desconfiaban de él y rapidamente le endilgaron un epíteto cargado de veneno: populista” (PALACIOS, 1995, p. 273). Por esses motivos, Betancur conseguiu virar a política em relação aos atores armados por meio da apropriação do discurso da paz que, até aquele momento, tinha capitalizado as guerrilhas, mas não logrou captar o respaldo do *establishment*: dos militares¹³⁴, da classe política, dos partidos tradicionais¹³⁵, dos líderes empresariais e dos setores econômicos agrários. Como consequência, diante de uma proposta de diálogo na que participariam setores excluídos e onde os insurgentes obteriam reconhecimento político, muitos poderes regionais (políticos e econômicos) se sentiram desamparados, tomando assim a decisão de criar ou apoiar a criação de grupos de autodefesa ou paramilitares.

Nesse contexto de disputa e conflito de interesses, Betancur só conseguiu (poucos meses depois de sua posse) propor um projeto de anistia e indulto muito amplo e generoso, e criar uma comissão para a realização de acordos com as diferentes guerrilhas (GARCÍA,

¹³³ Presidente da República desde agosto de 1982 até agosto de 1986.

¹³⁴ Apesar da grande autonomia do estamento militar, seu inconformismo se devia, entre outras coisas, ao baixo nível de gasto militar no País comparativamente ao dos outros países latino-americanos. Além disso, eles não desejavam ter limitações legais para continuar sua luta armada contra os movimentos guerrilheiros (PALACIOS, 1995, p. 274).

¹³⁵ Uma das críticas da classe política e dos partidos ao governo foi que o processo de diálogo não se encaixava dentro dos novos alinhamentos de política internacional definidos segundo a guerra às drogas. Ainda que a política internacional do governo estivesse encaminhada a fortalecer acordos e alianças entre países ibero-americanos para demonstrar que a Colômbia estava além das encruzilhadas da Guerra Fria, a estratégia norte-americana de guerra às drogas estava promovendo ações mais contundentes contra o narcotráfico no País. Dessa forma, a discussão sobre a extradição, por exemplo, dificultou o processo de paz, já que essa política de diálogo não comungava com a orientação mais repressiva e radical da política antidrogas.

1992, p. 48); mas a criação de uma estratégia da paz íntegra para implantar as reformas sociais exigidas, e para estabelecer uma adequada inserção social e política dos militantes, não ficou garantida. Dessa forma, uma vez aprovada a lei de anistia, foram liberados (desde setembro até dezembro de 1982) cerca de mil presos políticos, entre eles Carlos Pizarro e outros 149 militantes do M-19. Muitos deles seriam assassinados pelos grupos privados de autodefesa articulados ao narcotráfico principalmente, mas também a outros poderes econômicos e políticos.

Depois de sair da cadeia, em dezembro de 1982, Pizarro viajou a Panamá para reunir-se com a direção geral do movimento. O objetivo da reunião era avaliar os últimos acontecimentos e estabelecer a nova rota da organização. Como resultado dessa reunião, o M-19 estabeleceu que continuaria realizando as ações armadas para a consecução da paz e a democracia, como também que começaria a criar alianças com outras organizações guerrilheiras. Numa declaração conjunta, a organização disse para o governo que anistia não significa um tratado de paz e exigia a realização de uma trégua para realizar diálogos sobre questões sociais, econômicas e políticas. Essa decisão se explica porque a organização não acreditava na vontade de negociação e de paz do governo, que continuava demandando a rendição dos movimentos sem criar as condições necessárias para uma negociação e muito menos para a reinserção dos guerrilheiros na vida civil. Como consequência, Pizarro, junto com outros 86 militantes, viajou a Cuba em 1983 para receber treinamento militar. O resultado de todo esse processo foi o incremento dos enfrentamentos armados e o fortalecimento militar da organização (NARVÁEZ, 2012, p. 109).

Apesar de muitas das pessoas que saíram da cadeia terem decidido abandonar os movimentos e optar pelo exílio (dada a falta de garantias para ficar), e de um tio ter-lhe oferecido trabalho numa companhia petroleira na África, Pizarro decidiu ficar no M-19. Parecia que a decisão de dar continuidade à luta armada depois da anistia estava em contradição com os esforços que, por meio da sua família e amigos, tinha feito para conseguir a anistia e facilitar os diálogos com o governo. Seu irmão Juan Antonio reconstrói esse período:

La última conversación que tengo con Carlos, y de pronto no la última sino la que recuerdo en la cárcel, esa esa que me dice que trate de hablar con Belisario, a través de Ernesto Samper¹³⁶ o Nohemí Sanín¹³⁷ para exponerle la posición del M, que ellos están dispuestos a jugársela toda por la paz, para

¹³⁶ Ex-colega da universidade e ex-presidente da República.

¹³⁷ Destacada líder, várias vezes candidata presidencial pelo Partido Conservador Colombiano.

convertirse en un partido político; pero yo nunca sentí que fuera una posición absolutamente decidida, lo veía más como una posición para lograr la salida de la cárcel [...]. El sentimiento es que esa carreta que habían echado mientras estaban en la cárcel y luego cuando salen, y van al Congreso de Panamá y deciden seguir en la lucha guerrillera... por lo menos to me sentía como un idiota útil [...] después cuando Carlos llegó [...] le dije que habían desperdiciado esa oportunidad [...] Carlos, de todas maneras, siempre insistió en que en ese momento no había condiciones (informação verbal)¹³⁸.

De fato, Pizarro, que desde sempre acompanhava e defendia as posições militaristas de Bateman na organização, reconheceu depois que o processo de paz com Betancur era “uma tática de paz no marco de uma estratégia de guerra” (ZULUAGA, 2003, p. 20). Ele e Bateman ainda estavam interessados no fortalecimento e triunfo militar e, portanto, em impulsionar e radicalizar a ação militar para pressionar o estabelecimento de verdadeiras condições de diálogo (que não eram as oferecidas naquele momento). Nesse sentido, a anistia e a discussão sobre a paz foram úteis para conquistar espaços políticos, ganhar legitimidade e ampliar o poder militar no marco de um projeto encaminhado ao êxito revolucionário (que não tinha vínculos orgânicos com as massas).

- DM: ¿Qué decían Navarro Wolf, Pizarro, Bateman de esa propuesta de Belisario?

- OP: Bateman pensó que podía ser una cuestión muy tramposa porque dejar las armas y salir a hacer política dejaba abierta la posibilidad de que mataran a la gente. Y dijo: “Vamos a aprovechar este tiempo no para hacer la guerra, pero sí para prepararnos para ella”. (Informação verbal).¹³⁹

A viagem de Pizarro a Cuba estava demarcada dentro de uma estratégia para o fortalecimento político-militar que acelerara a consecução dos objetivos da organização. O M-19 estava tentando criar as condições para poder deixar de ser uma guerrilha e se constituir num exército revolucionário e numa alternativa de poder. Assim, apesar de defender a democracia, continuava sendo um movimento militarista. Essa posição já havia sido expressa nas conclusões da VIII Conferência, em que, ao mesmo tempo, designaram a democracia como objetivo e estabeleceram que sua consecução se daria a partir do estabelecimento de um *Ejército del Pueblo*¹⁴⁰, o qual, sob a estratégia de defesa ativa, realizaria ações para pressionar

¹³⁸ PIZARRO, Juan Antonio. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 112.

¹³⁹ PATIÑO, Otty. Entrevista con la historia: Otty Patiño, la guerra del M-19 y el largo sueño de la paz: depoimento. [17 de janeiro, 2015]. Entrevista concedida a Diego Mayorga. Disponível em: <http://www.vice.com/es_co/read/entrevista-con-la-historia-la-desmovilizacion-del-m-19>. Acesso em: jan. 2015.

¹⁴⁰ A ideia estava inspirada em alguns elementos da Revolução Sandinista recuperados por Bateman, mas complementados por Pizarro. A ideia era que esse exército vinculasse as massas ao processo revolucionário para

as negociações. Por esses motivos, discursivamente a organização declarou como seu inimigo o *Exército oligárquico* (forças militares) (M-19, 1982, p. 122).

De acordo com o ora expresso, são diversos os fatores que explicam as dificuldades pelas quais o processo de paz estava atravessado, entre eles a falta de respaldo de atores sociopolíticos importantes como as Forças Armadas e a classe política; o surgimento de organizações paramilitares apoiadas por setores políticos, econômicos e pelo crescente poder do narcotráfico; as limitações fiscais do governo para atacar o que era entendido como as “causas objetivas” da violência¹⁴¹; e, finalmente, a incredulidade das guerrilhas nos mecanismos e processos de diálogo nacional (GARCÍA, 1992, p. 49).

Sobre a questão do paramilitarismo, vale a pena lembrar que, posteriormente à criação do MAS, o narcotraficante colombiano Gonzalo Rodrigues Gacha, “El mexicano” (também membro do “Cartel de Medellín”), declarou guerra às FARC ao considerá-las uma organização delinquencial dedicada ao sequestro, à extorsão e ao roubo. Paralelamente, os latifundiários, pecuaristas e proprietários agrários (alguns com capitais investidos no narcotráfico) começaram a reagir ao crescimento e poder das guerrilhas instituindo novos modelos de seguridade nos seus territórios. Dessa forma, a aproximação do governo às guerrilhas para negociar a paz foi recepcionada negativamente tanto pelos latifundiários quanto pelo narcotráfico, que achavam que esses processos de negociação só faziam parte da estratégia guerrilheira da “combinação de todas as formas de luta” e que, portanto, os acordos só eram vantajosos para elas e muito desfavoráveis para seus interesses (CUBIDES, 1999, p.

poder realizar impactos significativos contra o inimigo (a oligarquia e o Exército oligárquico). Mas o M-19 não conseguiu conformar uma estrutura sequer similar à de um exército com uma quantidade de militantes significativa; com uma estrutura hierarquizada, estrita e disciplinada; e com uma presença territorial considerável. O fracasso veio das próprias linhas do modelo de guerra do M-19, segundo o qual o território e o trabalho de massas eram questões secundárias em comparação com a questão da aceleração do processo revolucionário. Essa orientação militarista é expressa por Bateman na seguinte declaração: “La Defensa Activa presupone golpear sólo cuando tenemos seguridad del triunfo; [...] Hemos pasado a la etapa de enfrentamiento directo con el ejército, que presupone la liquidación de sus fuerzas para recuperar armas y fortalecer cada vez más nuestras filas. El aumento en calidad y cantidad de las acciones militares conduce políticamente al logro de los siguientes objetivos: Inmediatos: colocar al país en una situación indudable de guerra revolucionaria, dinamizando el proceso y dando un salto de calidad en las acciones. Mediatos: forzar las negociaciones de nuestra propuesta de Paz y tratar de obtener algún punto de nuestro programa mínimo. Máximos: colocar al Gobierno en una situación de colapso, supeditado lógicamente a la transformación de nuestra fuerza guerrillera en Ejército Regular. No podemos supeditar el inicio de esta etapa al hecho de contar o no con mayor apoyo político. Ya tenemos el apoyo necesario para esta etapa. Lo que tenemos que tener claro es que para ganar más masas debemos elevar en cantidad y calidad el nivel de nuestras acciones. Debemos demostrar en los hechos que somos una perspectiva real de éxito.” (BATEMAN, Jaime. *El camino del triunfo: Informe de Jaime Bateman a la VIII Conferencia Nacional del M-19*. Putumayo: agosto de 1982).

¹⁴¹ Em 1985, o governo declarou a emergência econômica, que deu lugar a um processo de redução de gasto social e de diminuição dos ingressos dos setores mais pobres. Ao mesmo tempo, o governo deu continuidade à abertura econômica. Mediante essas medidas, Betancur demonstrou que não fazia um governo populista.

156-159). Assim, por exemplo, a União Patriótica (UP), um movimento político legal que surgiu desse processo de paz entre as FARC e o presidente Betancur, foi praticamente exterminada pela organização criminal de Rodrigues Gacha, da qual participaram membros das Forças Armadas. Depois de se distanciarem das FARC e terem um significativo êxito eleitoral em diferentes regiões do País em 1986, os integrantes da UP foram assassinados seletiva e sistematicamente (estima-se que foram aproximadamente 3500 vítimas), desaparecidos forçadamente (número indeterminado) ou exilados no transcurso da década de 1980. De igual forma, a repressão ao sindicalismo e a perseguição aos movimentos sociais se incrementaram significativamente¹⁴². Localizar aqui esse antecedente é importante já que o paramilitarismo teve um papel central no contexto da segunda metade da década de 1980.

Pizarro retornou de Cuba para treinar e comandar a *Frente Occidental*, que iria operar no sul-ocidente colombiano, região onde Pizarro cresceu e tinha contatos e amigos. A transformação da denominação das unidades militares de *Móviles* a *Frentes* já dá conta de uma mudança nos princípios estratégico-militares que durante esse período estiveram mais orientados ao ataque. Estando em Cuba, identificou que muitos dos esquemas de luta idealizados por Che Guevara não eram possíveis na geografia colombiana, pelo que decidiu não implementar táticas como as de atacar e fugir permanentemente até desgastar o inimigo, características do esquema guevarista. De modo contrário, a *Frente Occidental* se distinguiu por combater e enfrentar diretamente o inimigo e por defender o território de influência. Logicamente, os guerrilheiros tinham que estar preparados quanto a aspectos como “ingeniería castrense, artillería, manejo de explosivos y creación de fuerzas especiales para realizar operaciones de comando” (ORTIZ, 1990, p. 30). Para Bateman, então comandante-geral, a *Frente* comandada por Pizarro era a única que garantia que a organização não fosse debilitada militarmente¹⁴³. No seguinte capítulo, será visto como Bateman tinha razão, já que,

¹⁴² A posterior desintegração do “Cartel de Medellín” levou a que as agrupações delitivas criadas pelos seus integrantes se configurassem em organizações paramilitares e de autodefesa, que durante os anos noventa foram agrupadas por Carlos Castaño sob o nome de Autodefesas Unidas de Colômbia (AUC). As AUC, em múltiplas oportunidades, realizaram atividades coordenadas com militares ou policiais, como também tiveram apoio financeiro de latifundiários, políticos, empresários e multinacionais. É importante fazer menção acerca dessa questão porque posteriormente Carlos Castaño, no seu livro *Mi confesión*, declara ter ordenado o assassinato de Carlos Pizarro.

¹⁴³ Uma das conclusões de Bateman depois da realização da VIII Conferência foi acerca da necessidade de mudar o método e as técnicas militares de confrontação: “El M 19 sostiene que estamos en lucha contra una estructura que es el Ejército colombiano; esa estructura combatirá donde nosotros le demos la pelea y no cualquier tipo de pelea. El Ejército está curado en salud de los pequeños grupos guerrilleros, que golpean y desaparecen y vuelven a aparecer a los seis meses; pareciera que el enemigo los hubiera asimilado como parte de la institución; así no somos enemigos; así no hacemos lucha revolucionaria; así nunca seremos esperanza de triunfo para el pueblo.” (BATEMAN, Jaime. *El camino del triunfo: Informe de Jaime Bateman a la VIII Conferencia Nacional del M-19*. Putumayo: agosto de 1982).

sem as conquistas das operações de Pizarro na *Frente Occidental*, não se poderia compreender, por exemplo, o acontecido no *Palacio de Justicia*. Durante esse período, em abril de 1983, Jaime Bateman morreu num acidente aéreo na fronteira entre Colômbia e Panamá. A comandância geral foi assumida por Iván Marino Ospina, com quem Pizarro tinha diferenças sobre questões políticas e sobre todo militares.

Ainda assim, Carlos Pizarro, a mando da *Frente Occidental*, intensificou as operações e realizou golpes desestabilizadores em Florencia¹⁴⁴, Miranda, Corinto e outros povoados próximos a Cali, a cidade mais importante do sul-ocidente colombiano e a terceira mais importante do País. Ali Pizarro começou a disputar territórios importantes, e não marginais como aconteceu na época em que comandava as *Móviles*. Suas operações estavam orientadas estrategicamente e não conjunturalmente, já que buscavam debilitar e pressionar o inimigo, não só golpear e fugir. No entanto, a implementação desse método não foi fácil dado que os integrantes tinham uma formação mais empírica e tradicional.

Las nuevas concepciones militares de la guerrilla que traían Pizarro y sus hombres, no fueron del agrado de los combatientes que habían permanecido en el país apegados a los esquemas tradicionales, hasta entonces de universal aceptación. Se presentaron discrepancias conceptuales entre los "empíricos" y los "académicos", como les decían irónicamente a los graduados en Cuba. (ORTIZ, 1990, p. 30).

Apesar dessas dificuldades e da incredulidade de Iván Marino, comandante-geral da organização, com quem Pizarro tinha diferenças em termos fundamentalmente estratégico-militares, era evidente que essa *Frente* não estava realizando ações improvisadas e que sua preparação militar era melhor e mais efetiva. Como resultado, as operações desenhadas e comandadas por Pizarro naquele período conseguiram ser muito desestabilizadoras.

Antes da morte de Bateman, a organização já tinha identificado suas debilidades e determinado que as ações estariam demarcadas dentro de uma estratégia permanente e não de acordo as situações conjunturais¹⁴⁵, ou seja, as atividades da organização estariam encaminhadas a gerar impactos desestabilizadores e a pressionar o estabelecimento do diálogo nacional. Nesse sentido, o M-19 fortaleceu a *Frente Sur* e a *Frente Occidental* para

¹⁴⁴ Florencia é a capital do departamento de Caquetá, no sul da Colômbia. Em abril de 1984, 200 guerrilheiros da *Frente Sul* do M-19 tomaram a cidade, concentrando-se na praça para depois assumir o controle da vila militar do Batalhão Juanambu. A tomada, que durou aproximadamente 90 minutos, conseguiu conter a ação do Exército. Apesar de os guerrilheiros não terem controlado outros espaços da cidade, foi uma operação propagandística exitosa e que não deixou baixas.

¹⁴⁵ BATEMAN, Jaime. *El camino del triunfo: Informe de Jaime Bateman a la VIII Conferencia Nacional del M-19*. Putumayo: agosto de 1982.

incrementar as atividades rurais por meio da realização de tomadas de povoados (sob a concepção de permanecer e enfrentar, não de fugir dos territórios)¹⁴⁶, roubo de armas, atentados com explosivos, emboscadas e ataques às Forças Armadas. O rural deixou de ser um espaço de improvisação e de fuga para se constituir num verdadeiro território de confrontação, em que o movimento tinha controle de posições (ORTIZ, 1990, p. 30). Assim, em comparação com as *Móviles rurales*, as *Frentes* estavam melhor preparadas em termos militares e melhor orientadas em termos estratégicos, apesar do modelo de guerra militarista ainda vigente e das dificuldades orgânicas de planificação e coordenação operativa que sempre existiram (NARVÁEZ, 2012, p. 115).

Mas as atividades rurais das *Frentes* não só se fundamentaram no método foquista, como também na sua concepção alternativa e humanizada do processo revolucionário. Essa concepção levou à criação de um relacionamento mais próximo, horizontal e afetuoso com a população (ainda que não um relacionamento orgânico e direto), quase oposto ao tipo de relação que as outras organizações guerrilheiras estabeleciam com as comunidades (que, pelo contrário, tinham relacionamentos orgânicos com as comunidades). Dessa forma, camponeses e, particularmente, indígenas¹⁴⁷ começaram a simpatizar com o projeto e as atividades do M-19, chegando a brindar esporadicamente apoio e proteção os guerrilheiros.

A pressão militar começou a abrir caminhos de negociação quando, em outubro de 1983, Iván Marino e Alvaro Fayad conseguiram se reunir com o presidente em Madrid sem deixar de realizar operações militares por meio das quais o movimento exigia a realização de uma trégua. De fato, o M-19 tinha desenvolvido o poder de exigir condições para a realização das negociações. Laura Restrepo, membro da comissão de negociação, aponta: “La amnistía estaba concedida y los presos estaban libres, pero los tiros continuaban. El siguiente paso era, pues, buscar el cese al fuego: pactar una tregua entre el gobierno y los grupos guerrilleros.” (RESTREPO, 1986, p. 34). Dessa forma, o M-19 começou a incrementar seus operativos e

¹⁴⁶ Principalmente nos departamentos do sul-ocidente e centro do País, como Cauca, Valle del Cauca, Putumayo, Nariño, Caquetá, Huila, Caldas e Quindío.

¹⁴⁷ O M-19, desde os anos setenta, tinha desenvolvido um trabalho ideológico e político nas regiões com presença indígena, do qual se acredita que surgiu a guerrilha indigenista “Quintín Lame”. A partir do relato de Pere Goyo, dirigente de nível médio-alto do M-19, podemos perceber esse vínculo: “En la Móvil del Cauca, que se hizo con lo que después fue el Quintín Lame (guerrilla indigenista), pero se hizo con gente de dirección del Cric, del Consejo Regional Indígena del Cauca [...] finales del 78. (¿Vos participaste de esa experiencia?) Sí, claro [...] (¿Es temprana esa vinculación del Cric al M-19?) Jú [...] el M-19 practicamente tomó la decisión [...] de apoyar esse processo que se convirtió en una referencia, en el 78 éramos una organización que tenía una muy buena imagen [...] nos convertimos en una especie de, de, de... de hada madrina (rie) de procesos organizativos, políticos y militares.” (LUNA, 2006, p. 168).

ações para exigir o estabelecimento de uma trégua a partir da qual se dera continuidade ao processo de paz.

A *Frente Occidental* comandada por Pizarro realizou uma grande quantidade de operações militares, como a tomada de Corinto (Cauca) em abril de 1984, quando atacou o quartel da polícia e conseguiu sua rendição. Ali morreram sete guerrilheiros, um dos quais se acreditava era Pizarro. Essa, entre outras ações, foi realizada de maneira conjunta com as FARC (especificamente com a coluna “Ricardo Franco”). Uma característica importante dessa operação é que, depois da tomada, Pizarro ficou na região, especificamente em Tacueyó, onde enfrentou a contraofensiva do Exército, que usou helicópteros e aviões, o que propiciou o primeiro combate antiaéreo do M-19. Na oportunidade, Pizarro conseguiu interceptar as transições das forças armadas e determinar o momento adequado da fuga dos ataques dos bombardeios, que duraram aproximadamente quatro dias. Em abril de 1984, Pizarro também realizou atentados com explosivos na cidade de Cali e Palmira, dirigidos contra os batalhões “Pichincha” e “Ingenieros Codazzi”. Finalmente, depois do assassinato do ex-dirigente do M-19 Carlos Toledo Plata (supostamente em retaliação pelas atividades da organização guerrilheira), a *Frente Occidental* realizou a tomada do povoado de Yumbo¹⁴⁸, localizado somente a 12 km da cidade de Cali, numa região muito conhecida por Pizarro, já que seus pais tinham ali sua casa de campo (concretamente em Dapa). Da ação participaram cerca de 200 guerrilheiros; depois de dois dias de enfrentamentos, teve-se um saldo de 37 mortos. Margoth relata como foi a operação de Yumbo:

Tomamos a Yumbo en una decisión militar audaz pues es sacar parte de la columna [...] desde la cordillera central a la occidental, para tomarnos una ciudad pegada a Cali y con tres o cuatro batallones encima. Militarmente fue un triunfo pero tuvimos seis muertos [...] Allí muere un compañero de la “Ricardo Franco”, [...] muere en mis piernas, yo estoy llorando y Carlos me dice: “¡Acuérdese de los vivos!” [...] estamos en Dapa fue el sitio donde jugamos, crecimos, soñamos, era como si estuviéramos jugando, ya en la vida real y en la dureza, a los policías y ladrones de cuando éramos niños, y Carlos me dice: “El ejército está viniendo por la finca de Warren, tenemos heridos y hay que sacar la columna”, y me pide [...] que lo guíe, porque eran los mismos caminos en los cuales uno había jugado toda la vida (informação verbal)¹⁴⁹.

Apesar de o comandante-geral do movimento, Iván Marino, não concordar por completo com os métodos e táticas experimentais de Pizarro, foi indiscutível o êxito dessas

¹⁴⁸ Esta e a operação de Corinto foram comandadas por Rosember Pabón, ou “Comandante Uno” (sob ordens de Pizarro), que também realizou a exitosa tomada da República Dominicana.

¹⁴⁹ PIZARRO, Margoth. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 114

ações, que demonstraram que a capacidade militar e estratégica da *Frente* era superior, já que surpreenderam um exército “acostumbrado al convencional accionar guerrillero de pequeñas partidas en zonas de difícil acceso” (RAMÍREZ, 1990, p. 122). Para Pizarro, a operação em Yumbo foi significativa no sentido de que demonstrou ao governo que a trégua para os diálogos era indispensável dado que as duas forças em confrontação não foram derrotadas e que o fortalecimento do M-19 era crescente. A organização tinha que chegar à trégua em condições militares de superioridade ou pelo menos de igualdade com o Exército; para Pizarro, “se tratava de hacer una pausa en la confrontación armada para evitarle una guerra civil” (BEHAR, 1985, p. 245). Desde logo, essa foi uma apreciação exagerada do contexto que prevaleceu até o final daquele período e teve consequências nefastas para a organização (sobre isso, aprofundar-se-á no próximo capítulo). Ainda assim, foi um êxito militar que depois evidenciou as simpatias em torno do movimento:

En Yumbo el carnaval popular fue imponente. Pasado el primer susto de cualquier toma –porque la gente no sabe quién es el que llega y por qué son los tiros– siguió el entusiasmo, las masas coreando en la plaza, los que estaban en la iglesia rezando salieron a vivir esa euforia, con vivas al M-19 [...] nos sirvieron de enlaces y guías a compañeros que no conocían el pueblo [...] rehuimos nuevo combates, porque considerábamos que habíamos cumplido con nuestro propósito. (BEHAR, 1985, p. 249).

Por outro lado, paralelamente à intensificação da luta rural, as frentes da organização continuaram realizando atividades nas áreas urbanas, particularmente ações de *populismo armado* (RAMÍREZ, 1990, p. 123), como roubo e repartição de alimentos nos bairros populares¹⁵⁰. Essas operações continuavam sendo centrais dentro da estratégia de propaganda armada. Igualmente, o M-19 persistiu na ideia de criar alianças com as outras organizações guerrilheiras¹⁵¹, o que foi bem visto pela opinião pública geral. Os anteriores elementos, somados ao impacto significativo das atividades rurais, posicionaram a organização diante do governo, da população, da opinião pública e dos meios de comunicação. Neste sentido, poder-se-ia dizer que, durante esse período, o M-19 conseguiu consolidar seu projeto e sua estratégia militar como nunca antes, já que, ao mesmo tempo que mantinha sua capacidade de pressão militar, conseguia legitimar-se nos espaços políticos.

Até aquele momento, fazer a guerra para lograr a paz, compreendida desde uma perspectiva mais ampla e integral, estava tendo os efeitos desejados. O M-19 estava fortalecido política e militarmente como nunca, mas queria dialogar e negociar a paz. Ou seja,

¹⁵⁰ Essas ações estavam inspiradas nas atividades dos Tupamaros.

¹⁵¹ Apesar disso, as FARC firmaram unitariamente uma trégua com o governo em 1984.

queria a paz não porque estivesse debilitado, mas porque esse era seu objetivo peremptório e sua estratégia. A fortaleza das duas *Frentes* e, em particular, a contundência das operações de Pizarro não evidenciavam debilidade militar. De modo contrário, durante o governo de Turbay, o M-19, a despeito dos golpes militares que recebeu, conseguiu reagir militarmente e sobreviver; respondeu ao militarismo com militarismo. Já nesse primeiro período de negociações com Betancur, parecia que o político começava a superar o militar ou, pelo menos, que o militarismo das ações começava a se relativizar à medida que pretendiam criar um diálogo nacional para a democracia. Mas se relativizou unicamente nesse sentido, porque a organização continuou sem estabelecer um vínculo verdadeiramente orgânico com as massas¹⁵². Estas não participaram diretamente na construção de todo esse novo projeto político encaminhado à democracia; só iriam participar durante o diálogo nacional – só ali, por meio de mecanismos de participação, a população seria articulada e, portanto, a organização conseguiria uma legitimidade popular. Até então, as armas continuariam tendo um peso maior dentro de suas ações.

Não obstante, a organização começou a criar laços estratégicos com as outras organizações guerrilheiras, já que para o M-19 a unidade dos movimentos insurgentes era um elemento-chave de pressão sobre o governo. Assim, por exemplo, desde 1983 estabeleceu que seguiria o processo de negociação junto com as FARC (ainda que em 1984 estas tivessem assinado uma trégua separadamente) e em 1984 firmou a primeira declaração conjunta com o EPL. Esses seriam os antecedentes à criação tanto do *Batallón América*, que desde 1985 juntou forças com organizações guerrilheiras internacionais como *Tupac Amará* (Peru) e *Alfaro Vive Carajo* (Equador); quanto da *Coordinadora Nacional Guerrillera* (CGN), que aglutinou as FARC, o ELN, o *Quintín Lamee Patria Libre*.

Esse conflito de alta intensidade levou o governo a finalmente firmar a trégua e assim começar o processo de paz. Em agosto de 1984, nas localidades de Corinto e El Hobo (Cauca), no sul-ocidente do País, constituiu-se o Comando de diálogo do M-19, que permitiria a participação de diferentes setores da sociedade. À sua chegada, os guerrilheiros foram recebidos com arengas e vivas por parte da população, que decidiu respaldar o processo de paz. Parecia que a revolução efetivamente estava sendo uma festa. No jornal da região onde se assinou o pacto, é descrita a forma pouco ortodoxa como chegaram os guerrilheiros ao povoado:

¹⁵² Apesar de a organização reconhecer as consequências do seu militarismo, continuou considerando a consolidação de um aparato militar que, sendo respaldado pela população, fosse capaz de confrontar o inimigo.

Accionando tambores, flautas y carrascas, en lugar de las mortíferas armas de fuego, (que de todos modos llevaban colgadas), un centenar de guerrilleros pertenecientes al Movimiento 19 de abril (M-19), se tomaron el miércoles al ritmo de cumbias, joropos, guabinas y demás aires colombianos, la plaza principal de la cabecera municipal de Corinto, en donde al medio día de hoy se llevará a cabo el acto de firma del Acuerdo de Paz. (EL LIBERAL, Popayán, 24-VIII-1984).

Quando Pizarro se dirigia de Cali a Corinto para firmar o pacto, foi detido por uma barreira militar que tentava impedir pela força que a camionete em que viajava seguisse seu destino. Dado o clima tenso e o risco de morte do comandante, o motorista decidiu ignorar os pedidos e continuar o caminho no meio da intensidade dos disparos de fuzil. Ali Pizarro foi ferido nas costas, sua companheira perdeu os dedos da mão, e outro dos integrantes foi ferido no peito. Essa atitude das forças militares se deveu fundamentalmente ao fato de que o processo de paz não contava com o respaldo dos atores sociopolíticos mais importantes: as Forças Armadas e a classe política. Igualmente, as organizações paramilitares apoiadas por setores políticos, econômicos e pelo narcotráfico começaram também a influenciar negativamente o processo. A primeira mostra dessa dificuldade foi esse atentado contra a vida de Pizarro no próprio dia de estabelecimento dos acordos. Desta forma, a despeito da vontade do governo, do M-19 e da opinião pública em geral, o processo se viu ameaçado permanentemente pelas forças militares e pelas organizações paraestatais que desencadearam a chamada *guerra sucia* contra os dirigentes, militantes e simpatizantes das guerrilhas em geral (como o mencionado caso de Carlos Toledo Plata) e que, ao mesmo tempo, começavam a evidenciar os vínculos entre o narcotráfico e os poderes políticos e institucionais. Amaranta, escolta de Pizarro no dia do atentado, reconstrói a situação:

Y cuando iba a pasar la camioneta en que venía Pizarro, nos pararon y empezaron a joder: que nos bajáramos, que entregáramos las armas [...] ellos están todos apuntándonos con sus galiles, Nosotros asumimos una actitud defensiva: les pedíamos que bajaran sus armas y les decíamos “Vamos a Corinto, vamos a firmar la tregua en Corinto; si ustedes nos joden aquí, van a entorpecer todo el proceso de paz”. Los periodistas grabaron todo eso [...] El compa arrancó y no sé cómo logramos salir de allí; llovieron tiros en una forma impresionante. (M-19, 1985, p. 32-33).

Finalmente, Pizarro, ferido e ensanguentado, conseguiu chegar para assinar a trégua. O ato, que foi totalmente televisionado, posicionou melhor ainda o movimento diante da opinião pública. Depois, Amaranta diria que no momento do ataque a Pizarro a revolução já não estava sendo mais uma festa. E, de fato, pelo menos durante esse primeiro processo de paz, as Forças Armadas não deixariam de continuar com as tentativas de sabotagem dos

diálogos. Uma vez que Pizarro instalou seu acampamento (denominado “La libertad”) em Yarumales¹⁵³ em dezembro de 1984, o exército decidiu atacá-lo durante 22 dias: seria a confrontação bélica mais longa da história do conflito armado colombiano. Apesar de o ataque ter sido um atentado direto ao processo de paz, Pizarro conseguiu resistir, defender seu território e proteger os avanços do processo. Esse acontecimento da trajetória tanto de Pizarro quando da organização é muito importante na hora de compreender o desenlace dessa primeira iniciativa de paz e o novo período político do M-19 até sua desmobilização. Por esses motivos, no próximo capítulo, desenvolver-se-á com profundidade essa questão.

¹⁵³ Em referência à fazenda Yarumales próxima de Corinto.

CAPÍTULO V – De “Yarumales” a “Los Robles”

Desde a Oitava Conferência, o M-19 tinha estabelecido que as mobilizações e os movimentos legais não eram necessários para alcançar os objetivos revolucionários e a construção de uma consciência de massas (JIMENO, 1983, p. 20). Segundo os postulados de Bateman, só por meio da realização da maior quantidade possível de operações militares combinadas em áreas rurais e urbanas se poderia criar uma situação de guerra revolucionária para poder forçar a realização de negociações de paz. Desde a perspectiva do M-19, o apoio e a proximidade das massas estavam determinados pelas atividades militares, já que essas ações demonstravam que o movimento armado oferecia uma “esperança real de liberação” (M-19)¹⁵⁴. Em tal sentido, a guerra do Pizarro e do M-19 estava declarada às Forças Armadas, que, nesse nível de confrontação, tinham se constituído no seu pior inimigo¹⁵⁵.

A *Frente Occidental* comandada por Pizarro e, em termos gerais, o M-19 haviam demonstrado que tinham expectativas reais de êxito já que as operações de pressão ao governo haviam levado ao estabelecimento de trégua. Por outro lado, os métodos e técnicas de guerra que foram implementados por Carlos Pizarro durante esse período haviam identificado como inimigo direto o Exército Nacional, que, como se disse, tinha começado uma permanente operação de sabotagem ao processo de paz. Nesse contexto de interação conflitiva, o M-19 contava com disposição e capacidade suficiente para responder militarmente às ofensivas das Forças Armadas. Fayad, em setembro de 1984, dois meses antes da batalha de Yarumales, dizia:

Colombia había desarrollado una manera especial de hacer la guerra de guerrillas, que implicaba el permanente alejamiento de las batallas decisivas; que implicaba nunca buscar el ascenso a los extremos; que implicaba siempre conservar las fuerzas propias, pero nunca intentar golpear las fuerzas del enemigo. [...] La práctica ha demostrado que el enemigo se queda corto inicialmente frente al nuevo estilo de operar, frente a la nueva manera de combatir. (M-19, 1984).

¹⁵⁴ BATEMAN, Jaime. *El camino del triunfo: Informe de Jaime Bateman a la VIII Conferencia Nacional del M-19*. Putumayo: agosto de 1982.

¹⁵⁵ “La oligarquía sustenta su explotación, su consolidación y desarrollo en base al sostén militar que la protege. Sin este aparato militar la oligarquía no viviría un minuto; así vemos cómo el aparato militar se encarga de toda la represión contra el pueblo, no del pueblo en abstracto sino del pueblo en lucha. [...] Destruir el Ejército no significa matar todo el Ejército; destruir el Ejército significa quitarle su voluntad de combate.” (BATEMAN, Jaime. *El camino del triunfo: Informe de Jaime Bateman a la VIII Conferencia Nacional del M-19*. Putumayo: agosto de 1982).

Depois do atentado sofrido no caminho a Corinto para o estabelecimento da trégua e de outros ataques posteriores à assinatura do acordo, em dezembro de 1984, Pizarro se deslocou até uma área mais segura (próxima de Corinto) para se proteger e esperar o desenvolvimento do processo de paz. Ali, no meio da Cordilheira Central e quase no pico de uma montanha denominada “El Alto de Yarumales” construiu o acampamento “Libertad”.

Durante o encontro do Presidente Betancur com os dirigentes do M-19 Iván Marino Ospina e Álvaro Fayad em México, o Exército empreendeu a operação “Garfio”, que deslocou aproximadamente 8 mil soldados armados (também helicópteros e aviões) para cercar e atacar o acampamento¹⁵⁶. Ante a violação da trégua, Pizarro solicitou ao governo a presença de uma comissão de verificação, que chegou ao lugar no meio do fogo cruzado. O Exército disse à comissão que o M-19 havia assaltado o *Engenho Castilla* e sequestrado ali alguns industriais, como também que os culpados por essa ação e os sequestrados estavam refugiados naquele acampamento que descreveram como uma “fortaleza inexpugnável e república independente” (RESTREPO, 1986, p. 214, tradução nossa). Dada a intensidade das confrontações, parecia que o Exército não tinha interesse em garantir a vida dos civis que, segundo, eles estavam no acampamento. Posteriormente, demonstrou-se que os autores do ataque ao Engenho foram delinquentes comuns e que esse ato foi só uma justificativa para prejudicar o processo de paz. Laura Restrepo, jornalista e membro da comissão, relata como era o acampamento construído por Pizarro:

La presencia fantasmal de una docena de cambuches (barracas) unidos entre sí por trochas (caminhos) muy enlodadas. Era la base central del acampamento, las demás estaban perdidas entre los pliegues del terreno y la neblina. Poco a poco iríamos descubriendo que el secreto de ese “Campamento de la libertad”, que tan poco tenía para mostrar de la superficie para arriba era un verdadero laberinto bajo tierra de túneles y trincheras, depósitos y dormitorios. (RESTREPO, 1986, p. 214).

De acordo essa descrição, Pizarro havia construído o acampamento numa posição defensiva, como também desenhado um plano militar para a manutenção do domínio sobre esse território. Assim, à Comissão de verificação, Pizarro exigiu o restabelecimento da trégua e declarou que, ainda contando com 60 armas, 170 guerrilheiros e alguns camponeses locais sem formação que se haviam somado desde sua chegada a Corinto¹⁵⁷ (ORTIZ, 1990, p. 32),

¹⁵⁶ O Exército violou o acordo de ficar a menos de 400 metros dos acampamentos do M-19.

¹⁵⁷ Carlos Pizarro disse a respeito do recrutamento desses homens: “El M-19 tenía más cuadros en el Diálogo Nacional que en la cuchilla de Yarumales. Ahí teníamos setenta cuadros del Frente Occidental y un grupo de cien hombres que fueron reclutados en Corinto de cara al país, y reclutados porque ellos se vinieron con nosotros y nos obligaron a incorporarlos, aunque parezca absurdo. Es que los reclutas imponen su presencia.

não ia fugir nem se render. Apesar de a Comissão declarar que existiam provas de que a ofensiva militar havia começado antes do famoso assalto do Engenho, as operações militares continuaram.

Dada a posição de ataque das forças militares, Carlos Pizarro decidiu desenvolver a estratégia militar que vinha aplicando desde antes da trégua: enfrentar permanentemente e defender o território. Para idealizar a posição de defesa ativa em Yarumales, Pizarro se inspirou nos estudos de guerra de Erwin Rommel¹⁵⁸, em particular na noção de “a espada e o escudo”: uma defesa permanente acompanhada de uma estratégia de ataque. Dario Ortiz descreve melhor as táticas e técnicas de defesa que Pizarro implementou:

Tubos de P.V.C. fueron camuflados con pintura para simular lanza-cohetes y con troncos de árboles que decoraban y a los cuales amarraban ruedas de madera, hacían creer al adversario que estaban provistos de cañones. Se inició la preparación de abrigos antiaéreos, se adelantó un estudio minucioso del terreno, se construyeron pozos para guarecer a los fusileros, se hicieron zanjas de comunicación entre estos, se minaron sitios estratégicos, y en fin, la pala llegó a valorizarse tanto como un arma de largo alcance (ORTIZ, 1990, p. 32).

Tendo a certeza de que a prolongação da defesa desgastaria o inimigo e favoreceria a resistência, Pizarro pediu reforços à *Frente Sul*, criou três frentes de batalha, fez com que o pouco armamento fosse rodado transformando todos os homens em combatentes, otimizou os recursos e ordenou a construção de trincheiras. Para desenvolver a estratégia, implementou a defesa circular e de montanha, que permitia um movimento constante e rápido dos guerrilheiros e, portanto, um melhor controle dos espaços e dos ataques do Exército. Outro dos fatores determinantes foi a alta moral dos combatentes, que estiveram dispostos a ficar até as últimas consequências¹⁵⁹. Os guerrilheiros também contaram com o apoio dos camponeses da região, que ajudaram com o transporte de alimentos, informação e munições. Sendo assim, a defesa de Yarumales foi técnica e tacitamente eficiente:

Desafortunadamente hay que creerlo porque así es: son los miles de hombres que se inscribieron en Corinto de los cuales solamente cien estaban en el campamento. Si se inscribieron tres mil hombres en Corinto y sólo cien están, es porque el M-19 le tuvo que decir a mucha gente que no. Y parece absurdo pero ésa es la realidad.” Disponível em: <<http://www.oigahermanohermana.org/article-en-corinto-vencio-la-dignidad-1-123572847.html>>. Acesso em: nov. 2014

¹⁵⁸ Foi um marechal de campo do Exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial.

¹⁵⁹ Pizarro: “Y vimos el espectáculo hermoso de esos hombres afilando sus machetes para pelear con el ejército si éste llegaba hasta sus trincheras; y vimos hombres que con una granada en la mano estaban dispuestos a pelear; y vimos hombres que sin armas o con una escopeta vieja, estaban confiados de que con esa arma y con su decisión podían derrotar al enemigo si llegaba a meterse a las trincheras. (PIZARRO, Carlos. Entrevista a Carlos Pizarro: depoimento. [1985]. Corinto: M-19. Disponível em: <<http://www.oigahermanohermana.org/article-en-corinto-vencio-la-dignidad-1-123572847.html>>. Acesso em: nov. 2014).

Teníamos la certeza de que teníamos que asumir una actitud ofensiva contra el enemigo [...] que en medio de la defensa no hubiera una actitud pasiva. [...] Y empezó a romperse el mito de que la peor tragedia para una guerrilla es que la cerquen. (M-19; CNMH, 1985).

Os militares tiveram a seu favor a iniciativa do combate e o estabelecimento sem dificuldades de um cerco próximo das linhas dos guerrilheiros; não obstante, Pizarro não ordenou uma ofensiva nem uma retirada porque valorou a situação desde o ponto de vista político e não militar. Para ele, era melhor arriscar do que ceder à provocação das Forças Armadas e ficar diante da opinião pública como o culpável da ruptura da trégua. Pizarro diria depois: “Nosotros no podíamos ser los que violábamos los pactos firmados el 24 de agosto en Corinto. El M-19 tenía comprometida su palabra, y como hemos dicho tantas veces, el M-19 se muere pero cumple.”¹⁶⁰. Assim, apesar de as comissões de verificação terem viajado até a região em três ocasiões para tentar deter os enfrentamentos, Pizarro não cedeu às petições de abandonar o acampamento, e a luta se intensificou. A resistência foi permanente e inamovível dia e noite. Se os militares não haviam conseguido derrotá-los militarmente, as comissões não o fariam politicamente.

Quando o ministro de defesa, o General Veja Uribe, desafiou Pizarro dizendo que tinha unicamente três opções – continuar lutando até a derrota, render-se ou fugir –, Pizarro lhe respondeu que continuaria lutando só que sob a convicção do triunfo da organização guerrilheira. Para alguns setores, essa atitude era uma insensatez, uma completa loucura; outros a observaram com admiração e simpatia:

Veo que el gobierno no juega limpio con el M-19, y por este procedimiento nos quiere imponer la guerra. Si no nos dejan otra salida, así será. Fuimos a la paz de frente y con la cara en alto; iremos a la guerra de frente y con la cara en alto. Aquí el presidente tiene comprometida su palabra. Yo por mi parte iré a la guerra con dos convicciones: la de triunfar, y la de haber mantenido la palabra limpia. (PIZARRO apud RESTREPO, 1986, p. 227).

O dia em que o Exército estava preparando o golpe definitivo, chegaram de surpresa, depois de uma semana de marcha contínua, 90 guerrilheiros da *Frente Sul* que atacaram por trás da retaguarda. O Exército ficou confuso no meio das linhas da guerrilha, pelo que mandou cessar fogo e retirar rapidamente as posições antes de sofrer mais baixas. A ação surpresa, somada ao desgaste que atravessavam os militares, determinou o que seria compreendido como uma vitória por parte do M-19. Desta forma, depois de 22 dias de

¹⁶⁰ PIZARRO, Carlos. Entrevista a Carlos Pizarro: depoimento. [1985]. Corinto: M-19. Disponível em: <<http://www.oigahermanohermana.org/article-en-corinto-vencio-la-dignidad-1-123572847.html>>. Acesso em: nov. 2014.

enfrentamento e um saldo de 25 mortos (20 militares e 5 guerrilheiros), o combate foi interrompido. Pela primeira vez na história, o Exército foi forçado a abandonar as posições pela pressão de uma agrupação guerrilheira.

Sacamos generales de 16 años, de 20 años de 25 años, crecidos en el combate. El ejército nos regaló a nosotros un ejército. Porque nos dio algo que no se le puede dar al combatiente en ninguna escuela, y es la confianza de poder derrotar al enemigo cuando se siente la razón en las propias manos. Y eso es elemento fundamental de todo esto que se vivió en Corinto Es decir, hemos dado el salto que necesitaba dar la guerrilla colombiana. Hoy nace una guerrilla nueva en Yarumales (informação verbal)¹⁶¹.

Poucas horas depois, o governo apressou a assinatura de um novo pacto que deu uma solução política a um conflito que não havia podido se resolver militarmente. Nesse novo pacto, definiu-se que o acampamento de Pizarro fosse trasladado a *Los Robles* (perto de Yarumales); mas, diante de múltiplos setores da opinião pública, o governo nacional ficou como o traidor do processo de paz.

Tal como disse Pizarro, pela primeira vez um movimento guerrilheiro conseguiu resistir permanentemente sem esquivar os enfrentamentos. A guerrilha colombiana, nas suas palavras, era uma “força transumante”¹⁶² ou móvel que não havia produzido ações de consolidação. Em Yarumales, o M-19 havia demonstrado que as guerrilhas tinham a possibilidade de vencer as batalhas e iniciar um processo de resistência mais ativo. Dessa forma, Pizarro e a organização saíram fortalecidos politicamente porque evidenciaram a intenção de sabotagem das Forças Armadas; porque se apresentaram como os verdadeiros gestores dos diálogos de paz; e, sobretudo, porque obrigaram o governo a fazer uma renegociação não em Bogotá ou no estrangeiro, senão no próprio acampamento da organização.

Para Pizarro, em Yarumales, os combatentes do M-19 haviam passado de uma consciência guerrilheira a uma consciência de exército, porque por meio da iniciativa e criatividade militar abandonaram a estratégia de guerra em movimento para fazer uma guerra de posições orientada tanto à defesa como à ofensiva militar. Essa era, para Pizarro, uma nova e contundente demonstração de que o M-19 tinha “el derecho y la razón y la fuerza para ser gobierno y para ser poder en Colombia” (M-19; CNMH, p. 9). A partir daquele momento,

¹⁶¹ PIZARRO, Carlos apud PIZARRO, Juan Atonio. Bogotá: Editorial Printer, 1991, p. 24

¹⁶² PIZARRO, Carlos. Entrevista a Carlos Pizarro: depoimento. [1985]. Corinto: M-19. Disponível em: <<http://www.oigahermanohermana.org/article-en-corinto-vencio-la-dignidad-1-123572847.html>>. Acesso em: nov. 2014.

a organização começou a sentir que se estava constituindo numa democracia em armas, o que, como veremos, ficou manifesto nas conclusões da *Novena Conferencia*. Para Pizarro, o surgimento dessa possibilidade real de poder vinha da capacidade de experimentação e inovação militar cujo melhor exemplo estava nos acontecimentos de Yarumales:

Nosotros somos una guerrilla que ha cambiado en dos años a un ritmo acelerado [...] (que tiene) la capacidad de romper los esquemas en torno a la guerra [...] una mayor rapidez mental para tomar las decisiones que nos exigen los tiempos. [...] Ellos no sabe lo que nosotros vamos a hacer [...] porque son un cuerpo viejo que lleva treinta años haciendo una práctica de contrainsurgencia [...] Los generales de escritorio [...] no pueden enfrentar con muchas posibilidades de éxito a unos hombres que [...] innovan, crean, buscan caminos originales, no se contentan con repetir lo que hemos hecho en la guerrilla colombiana [...] para desempatar esta guerra. (M-19; CNMH, 1985).

Motivado pela consolidação política que ganhou depois do triunfo na batalha de Yarumales, em janeiro de 1985, o M-19 decidiu fazer da sua *Novena Conferencia* um *Congresso pela paz e a democracia*. A convocatória aberta a múltiplos setores da sociedade civil para debater a agenda do processo de paz no acampamento de *Los Robles* fortaleceu ainda mais a imagem da organização. Apesar de o governo e as forças militares tentarem impedir (inclusive proibiram) a realização do evento criando um novo cerco militar de 12.000 soldados, o M-19 conseguiu mobilizar uma enorme quantidade de jornalistas, organizações sociais e religiosas, partidos políticos, intelectuais, observadores internacionais e pessoas comuns e correntes que foram legitimando os objetivos dessa iniciativa: “[...] de todo el país habían partido buses cargados de invitados resueltos a asistir, provistos de botas pantaneras, sacos de dormir, platos y cucharones de lata para el rancho.”¹⁶³ A permanente ameaça de ataque por parte dos militares, que puderam dessa vez gerar uma nova batalha, incrementou involuntariamente a publicidade do congresso, que terminou sendo o assunto central em todos os meios de comunicação. Dessa forma, a iniciativa de diálogo nacional proposta pelo M-19 foi um novo golpe de opinião, uma ação propagandística.

Nesse congresso, a organização mudou, maturou e definiu melhor seu projeto, estabelecendo-se como um movimento político. Ainda que ali tenha mantido a orientação de construir a democracia por meio das armas, parecia que a ideia de democracia estava saindo de um nível abstrato para se constituir numa realidade. O Congresso de *Los Robles*, que de fato foi uma experiência democrática participativa real, para o M-19, significou o começo da

¹⁶³ CABALLERO, Antonio. Deseo bajo Los Robles. Revista Semana, 18 de mar. 1985. Disponível em: <<http://www.semana.com/nacion/articulo/deseo-bajo-los-robles/6310-3>>. Acesso em: sep. 2014.

consolidação de uma democracia em armas (que tinha se estabelecido militarmente em Yarumales). O movimento sentiu que se estava configurando numa alternativa de poder e de governo. Nas conclusões do congresso, a paz foi definida como uma forma de justiça social criada por meio de reformas democráticas promovidas por um movimento político de massas (M-19, 1985). Fayad declara:

No estamos planteando propuestas revolucionarias, no estamos planteando en este momento la quiebra con las instituciones: estamos planteando la superación y la amplitud de las instituciones. (FAYAD apud NARVÁEZ, 2012, p. 66).

Es la hora de ser el gobierno de todos [...] ya basta de protesta, de denuncias [...] llegó la hora de las afirmaciones [...] que cada organización popular se convierta en el bastión del nuevo gobierno. (Fayada; M-19, 1985, p. 13).

Depois da batalha de Yarumales, parecia que as massas, com as quais a organização nunca conseguiu estabelecer vínculos orgânicos, haviam emergido e estavam pressionando para participar do processo de diálogo impulsionado pela organização. E, claro, a enorme resposta à convocatória feita para o congresso da democracia demonstrou que diversos setores da opinião pública haviam acreditado e confiavam na intenção de paz, diálogo e democracia do M-19. A organização assimilou esse movimento de opinião como um movimento de massas¹⁶⁴ que poderia concretizar seu projeto de ser governo. O M-19 sentia que contava com o aparato militar e com um respaldo popular, ou de massas, significativo. Como se disse antes, o processo de paz foi uma tática no marco de uma estratégia de guerra que parecia estar dando certo. Para o escritor e analista político António Caballero,

Detrás de la frivolidad del M-19, rayana en la insensatez, hay un novedoso fenómeno político de incalculables consecuencias (buenas o malas, esa es otra historia): la confianza. La exasperación que provocan los insensatos del M-19 en el Partido Comunista, o en Fedegan¹⁶⁵, o en el ministro de Gobierno, se debe precisamente a que estos insensatos inspiran confianza [...] mostraron que el M-19 no es ninguna tontería. Pero también, paradójicamente, inspira confianza desde el punto de vista de la paz: se la ha ganado firmando y respetando los pactos dela tregua pese al asesinato de Toledo Plata, pese a la emboscada a Pizarro y sus hombres el día de la firma, pese a los ataques en Yarumales. (EL ESPECTADOR, 20 II 1985).

Era inegável o enorme impacto na opinião pública de todo esse processo, sobretudo quando a iniciativa se ampliou nas principais cidades do País, conseguindo mobilizar mais de

¹⁶⁴ Fayad dizia nos Robles: “Nos toca aceptar que esto es un problema de masas, escuchar a la gente, ver a la gente, oír cosas nuevas. Nos llegó en serio el momento de mover este país.” (M-19, 1985).

¹⁶⁵ Federación Colombiana de Ganaderos.

trezentas mil pessoas (NARVÁEZ, 2012, p. 120). De março a maio de 1985, o M-19 estabeleceu acampamentos autônomos nos bairros populares das cidades de Cali, Bogotá, Medellín, Barranquilla, Manizales e Bucaramanga. Chegaram a ser aproximadamente 40 *Campamentos de la Paz y la democracia*, que, segundo os guerrilheiros, funcionaram como centros de discussão e participação política em que os participantes, sem fazer uso das armas, exerceram certo tipo de poder como o controle do transporte, da criminalidade, da “asistencia del maestro de la escuela y el horario del médico del puesto de salud” (NAVARRO, 1986, p. 12)¹⁶⁶. Para o M-19, nesses acampamentos, havia nascido um trabalho de massas do qual surgiram lideranças populares opostas aos mecanismos de clientelas políticas tradicionais; para o governo, os acampamentos simplesmente eram iniciativas ilegais; e para as forças militares, eram centros de recrutamento e treinamento militar. Antonio Navarro, ex-militante e porta-voz da organização no Diálogo Nacional, descreve as funções desses espaços:

La convocatoria de gobierno también tiene un gran contenido de poder popular: vamos a ser gobierno quiere decir empecemos a ser gobierno. Y empezamos a serlo en el ejercicio del poder popular en los sectores bajo la influencia del movimiento armado, lo que produjo gobiernos paralelos: los campamentos de paz y democracia fueron el desarrollo de esa concepción de gobierno en los barrios populares. Por ejemplo, en el distrito de Agua Blanca, en Cali, hicieron planes de desarrollo, planes económicos y políticos, alianzas, empezaron a pensar como gobierno a nivel de 350 o 400 mil habitantes de la ciudad de Cali; comenzaron a crear sus propios modelos de producción comunitaria, de servicios, de asociación con el resto de los sectores de la ciudad (informação verbal)¹⁶⁷.

O objetivo do M-19 era mobilizar as massas para fazer uma pressão militar e política maior sobre o governo. O movimento queria reformas rápidas e precisava da intervenção da maior quantidade de setores sociais interessados. Não era uma estratégia de combinação de todas as formas de luta, senão de construção de um instrumento militar de pressão. Ainda assim, durante o Congresso em *Los Robles*, Pizarro criticou essa postura sobre o papel das massas na organização. Segundo ele, essa percepção em relação ao movimento de massas era oposta à perspectiva político-militar que o M-19 havia desenvolvido na *Oitava Conferencia* e que havia executado até os acontecimentos de Yarumales.

El M-19, no puede condenarse a dar un salto en el vacío subordinándose al ritmo espontáneo de las masas; por eso es peligroso cuando ponemos

¹⁶⁶ NAVARRO, Antonio. *Entrevista a Navarro Wolf. M-19: paz y guerra en Colombia*: depoimento. [Janeiro, 1986]. Entrevista concedida a Ruben Jimenez. Disponível em: <<http://www.cuadernospoliticos.unam.mx/cuadernos/contenido/CP.45/45.9.AntonioNavarroWolfYRubenJimenezRicardez.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 82-104.

demasiado énfasis en el problema de las masas olvidando lo que ha sido la esencia, lo que ha dado organización y coherencia al M-19. Otra cosa es que asumamos conscientemente lo que está poniendo la vanguardia [...] es a partir del ritmo impuesto por esa vanguardia como podremos lograr en el futuro apuntalar la enorme participación de masas que hoy se ve venir (PIZARRO; M-19, 1985, p. 45).

Ou seja, existiram no interior da organização diferentes perspectivas sobre essa conjuntura. Enquanto Pizarro defendia a ideia de que a organização devia seguir os linchamentos militaristas de sempre, baseados nas atividades da vanguarda armada, Fayad (que assumiu em *Los Robles* a comandância geral) insistia no estabelecimento de uma democracia em armas por meio de uma articulação dos setores populares à estrutura militar. Em tal sentido, apesar do amadurecimento do projeto político geral, pode-se perceber que novamente os objetivos medianos da organização estavam sujeitos às mudanças conjunturais, o que explica, por exemplo, a realização de análises apressadas sobre o significado do trabalho nos acampamentos pela paz. De igual maneira, essa dificuldade levou à organização a desenvolver paralelamente atividades militaristas e societárias. Parecia que o único critério de unificação era a convicção de que todas as ações deviam conduzir a um processo de democratização da sociedade colombiana¹⁶⁸.

De fato, Pizarro tinha algo de razão na sua análise do contexto. O M-19 havia confundido o intenso movimento de opinião em torno ao processo de paz com a existência de um autêntico movimento de massas articulado organicamente à organização guerrilheira. O comando central não fez uma análise adequada das circunstâncias (LÓPEZ, 1994, p. 297). Para Velez e Atehortúa, em Yarumales, o M-19 havia vivenciado a derrota ou, pelo menos, a possibilidade de derrota do Exército. No entanto, na sua rápida análise dos acontecimentos e da conjuntura que surgiu depois dessa batalha, o movimento passou a considerar que seu projeto se havia concretizado numa democracia em armas e que “las correlaciones de poder en la política se habían modificado a su favor” (ATEHORTÚA; VÉLEZ, 2005, p. 47). Em outras palavras, Yarumales e o fluxo de opinião presente nos acampamentos foram percebidos pelos dirigentes da organização como uma mostra de exercício de poder popular por parte do

¹⁶⁸ Mas as ambivalências não se apresentavam unicamente no plano político. Uma vez assumindo Fayad a comandância geral e a liderança política do movimento, Pizarro ficou responsável pela força militar. Isso representava uma dificuldade para Pizarro já que a *Frente sur*, sob o comando do comandante Boris, não concordava com as orientações militares que Pizarro havia começado a desenvolver na *Frente Occidental*. A *Frente sur* continuava operando de um modo similar ao das guerrilhas tradicionais, enquanto Pizarro experimentava outras formas de ação militar. Segundo Margoth, Boris não acreditava muito na perspectiva militar de Pizarro ao mesmo tempo que demonstrava que suas ações eram igualmente exitosas (PIZARRO, 1991, p. 160). A dificuldade em articular as duas colunas guerrilheiras obedecia a critérios militares diferentes, o que era valorado e respeitado pelo comando maior da organização.

M-19. Navarro sintetiza melhor essa percepção quando diz que o movimento armado havia produzido “gobiernos paralelos” (NAVARRO, 1986) nos acampamentos de paz¹⁶⁹.

Na verdade, como assinalam Atehortúa e Vélez, os acampamentos eram “carpas para el reclutamiento de milícias com um trabajo exteriorista sobre los pobladores, a los que se convocava a actos públicos más asociados al ritualismo miliciano que a las acciones de masas” (2005, p. 52). Os acampamentos tentaram, em questão de poucos meses, consolidar uma articulação com as massas que pudesse legitimar o movimento como uma alternativa possível de poder. Mas, no final, esse não foi um verdadeiro trabalho de articulação real com os setores populares e muito menos um exemplo de governo paralelo, já que a iniciativa não foi suficientemente estável, durável, profunda e forte para ser considerada como tal. Talvez fosse só o começo, mas, diante da exposição do processo, o governo reagiu violentamente incrementando os ataques aos acampamentos e seus dirigentes.

O M-19 continuou tentando se acercar às organizações sociais, sindicais e guerrilheiras para aumentar a força do processo e a pressão sobre o governo. No entanto, em maio de 1985, na cidade de Cali, onde haviam sido estabelecidos os primeiros acampamentos urbanos de paz, produziu-se um atentado contra diversos líderes e militantes do M-19, entre eles o porta-voz da organização, António Navarro Wolf. Como consequência, a organização decidiu abandonar o processo de paz definitivamente e declarou o restabelecimento de operações de ataque em 20 de junho de 1985. A organização considerou que o governo havia traído os acordos assinados e que, portanto, não tinha vontade de continuar no processo de diálogo que impulsionaria as reformas necessárias para a democratização.

Ou seja, além de superestimar seu poder sobre o que acreditava ser “as massas”, o M-19 também não conseguiu analisar com profundidade as relações de força entre os diferentes atores durante o governo de Betancur, em particular o papel das forças militares. Não percebeu que, apesar de nunca ter tido controle sobre o estamento militar que constantemente arremeteu contra o processo de paz, o presidente havia dado um reconhecimento político aos atores armados, havia aceitado a existência das causas objetivas da violência e havia demonstrado, diferentemente de Turbay, que estava disposto a

¹⁶⁹ Podemos achar outro exemplo nas declarações de Fayad sobre a situação de pressão militar ao acampamento de Los Robles: “No fue que cercaran a la guerrilla: tuvieron que cercar el país para que no se acercara a la guerrilla” (apud RESTREPO, 1986, p. 285). Ou também na posição do próprio Pizarro ao assegurar que, se o governo não concordasse com o estabelecimento da trégua, o País podia entrar numa eventual “guerra civil” (apud BEHAR, 1985, p. 247). Essas posições evidenciam o que Velez e Atehortúa denominam como “desenfoque en los análisis” (2005, p. 50).

deslegitimar a luta armada nas mesas de negociação. O M-19 não canalizou a seu favor essa postura do presidente, como também não identificou adequadamente a dinâmica das relações de poder no interior desse governo. Pizarro diria depois:

Creo que nosotros hubiéramos podido hacer mejor las cosas [...] pienso que el único problema es que no teníamos la comprensión bien ordenada y clara de toda la estrategia planificada por la oligarquía para que ese proceso de paz no diera los frutos que la nación ambicionaba. Nos faltó mayores niveles de comunicación entre todos los estamentos de la organización [...] cometimos equivocaciones de fondo y [...] de ritmo [...] (informação verbal)¹⁷⁰.

Durante esse conturbado processo de paz, tanto o governo como o M-19 e as outras organizações guerrilheiras mantiveram paralelamente uma frente de negociação legal e uma frente de batalha ilegal (PALACIOS, 1995, p. 279). Dessa forma, nem o governo tinha controle sobre as Forças Armadas e o crescente fenômeno do paramilitarismo de ultradireita, nem o M-19 conseguiu ficar nos limites do político-militar posto que tentou articular-se a outras organizações (sociais e armadas) e ao movimento de opinião já descrito. Essa atitude foi assumida pela direita e por outros setores de envergadura como uma mostra de oportunismo político por parte da organização insurgente. As consequências seriam nefastas: as atividades guerrilheiras, militares e paramilitares se intensificaram ao ponto de estabelecer uma situação extrema de militarização da vida nacional.

A essa altura do conflito, as organizações guerrilheiras haviam conseguido avançar no processo de unidade e coordenação, e os centros de poder geopoliticamente mais importantes se configuravam como o alvo das suas operações; ou seja, agenciava-se um período de ofensiva ainda maior. A partir do restabelecimento de operações, Pizarro, no comando da *Companhia héroes de Yarumales*, junto a *Companhia héroes de Florencia* (comandada por Boris), realizou diversas ações (tomadas de povoados, assaltos a bancos, reparte de alimentos, emboscadas e enfrentamentos armados) no centro e sul-ocidente do País¹⁷¹.

Dado o prestígio militar adquirido em Yarumales e sua postura em relação às atividades da organização durante o período de aparente “trégua”, Pizarro se havia posicionado ainda mais dentro de uma perspectiva militarista no interior do M-19. Para ele, a

¹⁷⁰ PIZARRO, Carlos. Guerra a la guerra, entrevista a Carlos Pizarro Leóngomez: depoimento. [1988] Bogotá: Editorial Tiempo Presente. Entrevista concedida Sebastián Alzate Castillo, p. 66.

¹⁷¹ Em agosto desse ano, o M-19 também realizou ações conjuntas com a guerrilha equatoriana Alvaro Vive Carajo, como o sequestro do bancário Nahím Isaías Barquet. Também sobressaiu a operação “De pie por Colombia”, executada pela Companhia Mariscal Sucre, em que, durante duas semanas, 750 guerrilheiros sustentaram enfrentamentos com o Exército, deixando 120 baixas nas filas dos militares.

luta pela via democrática não era uma possibilidade factível naquele contexto, mas acreditava que o ritmo da luta armada devia ser estabelecido pela vanguarda revolucionária e não pelas condições conjunturais de entusiasmo das “massas”. Em *Los Robles*, disse: “Nuestras propuestas políticas siempre han avanzado a partir de nuestra capacidad militar [...] En la organización nunca hemos hecho un énfasis fundamental a la acción de las masas.” (PIZARRO, feb. 1985). Essa concepção militarista, que era um reflexo da perspectiva político-militar de Bateman, inevitavelmente chocou-se com as orientações de outros setores do movimento armado que, naquele contexto, queriam articular-se organicamente ou, pelo menos, aproveitar o movimento de opinião a seu favor. Assim sendo, depois de terminada oficialmente a trégua, Pizarro teve dificuldades não só para se posicionar diante das comandâncias com perspectivas militares mais tradicionais, senão também para ganhar um espaço estritamente político dentro da organização. Apesar da imagem que havia conquistado, Pizarro desejava se posicionar de um modo diferente para poder orientar politicamente o M-19. Ele ainda não era reconhecido diante da opinião pública como um representante político central, senão como uma figura militarista e ousada. Dessa forma, se durante a comandância de Marino suas aspirações remetiam a questões militares, durante a comandância de Fayad eram sobretudo políticas. Contudo, até os acontecimentos do *Palácio de Justiça*, Carlos Pizarro ficou limitado à imagem de militarista que havia forjado. Nesse período, escreveu à sua mãe uma carta na qual descreve a situação:

Hasta ahora, en serio y con paso firme, me voy asomando a lo que será mi aporte a esta patria y a este pueblo. Es por ello que todo lo que se produce a mi alrededor, no me es dado aún encausarlo. La fuerza vital que llevo en mí no puede aún desbordarse y crear hombres y realidades nuevas, en la dimensión de mis sueños y locuras. [...] Todavía el acero que empuña mi mano no tiene la libertad de sembrar libertad a manos llenas. Todavía es tiempo del ascenso y de la espera. [...] aún no tengo el poder suficiente para ser yo mismo. (PIZARRO, Carlos apud PIZARRO, 1991, p. 161).

Há que dizer também: a partir do rompimento da trégua, a perseguição aos dirigentes do M-19 (e de outras organizações) por parte das forças militares, como dos grupos paramilitares, se incrementou enormemente. Foi nesse contexto que Iván Marino Ospina foi assassinado por parte de um comando do Exército, no mês de agosto de 1985. Também a mãe e a filha de Pizarro tiveram que sair da Colômbia por causa de ameaças dos paramilitares.

No entanto, esse novo período de ofensiva e militarização da vida nacional adquiriu seu auge durante os acontecimentos da tomada do *Palacio de Justicia* por parte do M-19, considerada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) um holocausto e um

massacre, já que ali morreram 98 pessoas, entre elas 11 magistrados, e ficaram desaparecidas outras 11. A tomada do Palácio não poderia ser compreendida sem se ter em conta o que aconteceu em Yarumales e nos acampamentos de *Los Robles* e das demais cidades do País. Devido ao fato de a experiência de Yarumales ter sido contundente em termos militares e políticos, o M-19 conseguiu abrir o caminho para o estabelecimento dos acampamentos pela paz, donde sentiu-se com a possibilidade de ser governo. Se o M-19 não houvesse experimentado um triunfo militar e se não se sentisse consolidado politicamente diante das massas, não teria tomado a decisão de entrar no Palácio de Justiça. A falta de análise profunda da lógica dos atores em conflito e a sobrevalorização do seu poder político e militar fizeram com que a organização cometesse o pior erro da sua trajetória política: invadir o Palácio para tentar fazer um julgamento ao Presidente Betancur pela traição ao processo de paz.

Desde o ataque ao acampamento de Pizarro em Yarumales, o M-19 sentia-se traído na sua intenção de estabelecer condições reais de diálogo com o governo. Apesar de o M-19, desde os acontecimentos de Yarumales, ter percebido que o governo e os militares não iriam estabelecer condições reais de negociação, a comandância geral do movimento continuou tentando pressionar os diálogos por meio da articulação com outras forças políticas nos acampamentos. Ou seja, a organização aproveitou a “trégua” para não só fortalecer política e militarmente seus instrumentos de pressão, como também para preparar um golpe que mostraria à sociedade a verdade sobre o processo de paz. Queriam expressar sua inconformidade com a atitude do presidente da República (MAYA; PETRO, 2006, p. 106).

CAPÍTULO VI – A crise e a transição para a legalidade, 1985-1990

Esta última etapa de militância armada de Carlos Pizarro esteve marcada por diversos acontecimentos como a crise interna do movimento desencadeada pelo holocausto do Palácio de Justiça (1985); o massacre de Tacueyó, do qual participou seu irmão Hernando Pizarro (1985-1986); e a ascensão como comandante-maior de um M-19 debilitado política e militarmente (1986). O contexto nacional esteve marcado pelo fortalecimento militar das guerrilhas tradicionais, pelo enfraquecimento político do movimento guerrilheiro em geral, pela exacerbação do paramilitarismo, pelo recrudescimento da guerra entre o Estado e os Cartéis do narcotráfico, e pelo surgimento de uma iniciativa de paz dirigida aos movimentos insurgentes por parte do novo presidente da República, Virgilio Barco (1986-1990). No plano internacional, iniciou a Perestroika (1985), caiu o Muro de Berlim (1989) e, finalmente, começou o processo de dissolução da URSS (1991). Ou seja, imperava um clima de incerteza já que os grandes paradigmas supostamente consolidados se desvaneciam. Com essa transformação, a perspectiva revolucionária do opositor como inimigo se redefine também.

Ao término oficial da trégua, o M-19 estava fortalecido política e militarmente já que havia conseguido aumentar o número de militantes nas suas filas, como também aperfeiçoar seu projeto político e sua estratégia militar. Dessa forma, o movimento teve a capacidade de incrementar fortemente sua ação militar. Diante dessa situação, o governo e os militares reagiram atacando as milícias urbanas e rurais da organização e perseguindo seus principais dirigentes. Assim, em agosto de 1985, o segundo comandante-geral do M-19, Ivan Marino Ospina, foi assassinado na cidade de Cali no marco de uma operação conjunta entre o Exército, a polícia e o Departamento Administrativo de Seguridad (DAS). Como consequência, a organização potencializou suas operações anunciando o começo da campanha “De pié por Colombia”, realizada de maneira conjunta com a *Frente Ricardo Franco*, das FARC, comandada por “Javier Delgado” e Hernando Pizarro, irmão de Carlos Pizarro.

Como se disse anteriormente, depois dos acontecimentos de Yarumales e Los Robles, o M-19 considerou que havia ganho a consciência de um exército e, portanto, a possibilidade de ser governo. Dessa forma, mediante a intensificação das operações, pretendia criar o que seriam as condições necessárias para um diálogo nacional que levasse a organização a construir governo. As *Frentes* passam a chamar-se *Companhia Héroes de Florencia* (antes *Frente sul*), *Companhia Mariscal Sucre*, *Companhia Iván Marino Ospina* e

Companhia Héroes de Yarumales (antes *Frente Occidental*) – esta, ainda sob o comando de Carlos Pizarro. Antes da Tomada do Palácio de Justiça, todas as unidades, incluída a de Pizarro, incrementaram suas operações realizando tomadas de povoados, roubos a bancos, atentados, sequestros e emboscadas às forças militares. Também realizaram operações conjuntas com a guerrilha equatoriana *Alfaro Vive* no sul-ocidente da Colômbia. Uma das operações mais importantes realizadas nesse período por Pizarro foi a tomada do povoado de Herrera (Tolima), quando novamente enfrentou os militares.

Durante esse período, começou a ser planejada a ação do Palácio de Justiça (localizado no centro de Bogotá, a um costado da Plaza de Bolívar), denominada *Operación Antonio Nariño* e que foi executada por Luis Otero em comando de 35 pessoas integrantes da *Companhia Iván Marino Ospina* (BEHAR, 1985, p. 405). A intenção da operação era fazer com que a *Corte Suprema de Justiça* e o *Consejo de Estado*, reconhecidos por ter uma posição autônoma e progressista, fizessem um juízo sobre o processo de paz que aclarara a falta de compromisso e o não cumprimento da trégua por parte do governo nacional. No dia 6 de novembro de 1985, o comando do M-19 ingressou no Palácio e enviou o seguinte comunicado:

Estamos aquí como expresión de patria y de mayorías para convocar a un juicio público contra el gobierno del presidente Belisario Betancur. Lo acusamos de traición a la voluntad nacional de forjar la paz por el camino de la participación ciudadana y la negociación, al que se comprometiera mediante el acuerdo de cese del fuego y Diálogo Nacional [...]Acudimos a ustedes en su condición del poder público, como poder moral y reserva democrática para la supervivencia del estado de derecho, ejerciendo el derecho de la PETICIÓN, consagrado por la Constitución Nacional [...]Sin embargo, nuestras armas no comparecen ante este tribunal para ser instrumento de coacción a la libre voluntad de los Honorables Magistrados. Por ello, anunciamos ante el país [...] que los Honorables Magistrados no están obligados a asumir el conocimiento de nuestras pretensiones durante el desarrollo de esta conflictiva situación de hecho. (M-19, 1985b).

Quando o M-19 realizou com êxito militar e político a tomada da embaixada da República Dominicana, não se considerava ainda com suficiente capacidade de mobilização nacional. Ainda assim, havia conseguido flexibilizar a posição militarista do então presidente Turbay Ayala para começar a construir seu projeto de diálogo nacional. No caso da tomada do Palácio de Justiça, o M-19 sentia que tinha ganho essa capacidade de mobilização e que estava legitimado para exigir a realização do juízo ao processo de paz e ao governo. Para a organização, a Corte Suprema tinha o poder moral de evitar, mediante o julgamento, que o País continuasse enganado e em conflito e de clarificar quem e porque estava a favor e contra

a realização de um diálogo nacional. O M-19 recorreu à Corte porque se sentia mais governo que o governo de Betancur. Olga Behar disse:

Cuando se discutía el contenido que habría de dársele a la “Demanda Armada”, se decidió que, más que una demanda, tenía que ser un hecho de gobierno. Subsistía una duda: ¿Cuál debía ser el eje? ¿Yo lo demando a Usted y lo denuncio penalmente por desgobierno? O, por el contrario, ¿este es un acto de gobierno y lo vamos a juzgar a Usted porque somos gobierno? Después de un intenso debate se proclamó ser gobierno. (1988, p. 43-44).

Pizarro concordava com a orientação e o conteúdo político da operação já que, para ele, o M-19 tinha desenvolvido ações de governo e não de oposição, como também tinha demonstrado uma transformação na sua consciência militar. Para Pizarro, a tomada do Palácio era um verdadeiro “ato de governo”¹⁷² já que organização acreditava que podia fazer com que a Corte julgasse os acontecimentos do processo de paz. Ou seja, o M-19 ia exercer poder e não fazer meras demandas políticas como ocorreu durante o episódio da tomada da embaixada. No entanto, Pizarro discordava da orientação militar da ação. Na hora do seu planejamento, Pizarro sugeriu que era necessária a ubiquação de grupos de apoio fora do objetivo militar, a ativação de minas (ou explosivos) em todos os pontos de acesso ao palácio, que se assumisse uma posição dominante e não meramente defensiva, que se incrementasse o armamento e que se usasse equipamento de destruição (por exemplo, lança-granadas-foguete) (PIZARRO, 1991, p. 172) Ainda assim, o comando responsável pela operação não implementou essas indicações militares de Pizarro e não contemplou a possibilidade de retomada do palácio por parte das Forças Armadas, como também não avaliou as contradições que a Corte tinha desenvolvido com as forças militares durante esse período¹⁷³. Uma vez mais as atividades da organização se viram marcadas pela impaciência, pela improvisação e pela ausência de análises adequadas dos atores e da conjuntura política.

A tomada, que começou na manhã de 6 de novembro, terminou tragicamente no dia 7, depois que as forças militares fizeram uma retomada supremamente violenta do palácio, na qual morreram a totalidade dos guerrilheiros, os onze magistrados e outros reféns. Apesar de o próprio presidente da Corte, Alfonso Reyes Echandía, ter feito um chamado à negociação, que não foi atendido pelo presidente da república, e de este ter solicitado aos militares a

¹⁷² ENTREVISTA com Carlos Pizarro. *La Patria*. Maniizales: 1 jun. 1986 (apud VELES; ATEHORTÚA).

¹⁷³ Navarro sugere que as forças militares estavam também ressentidas com a Corte e o Conselho de Estado porque este tinha publicado uma resolução em junho de 1985 na qual condenava pelo crime de tortura o então ministro de defesa general Vega Uribe: “Podría considerárseles enemigos del ejército, pero se valoró lo que significaba la Corte Suprema de Justicia en un país que ya no cree en nada y al cual sólo le quedan dos instituciones: la Iglesia católica y la Corte de Justicia. Se valoró, pienso, que para el gobierno en su conjunto, y no solamente para los militares, iba a tener un alto costo político.” (JIMENEZ, 1986).

proteção da vida de todos os detidos, o Exército decidiu autonomamente atacar e invadir o Palácio com cinco tanques de guerra, fazendo uma ofensiva tão atroz que deixou o palácio completamente destruído e em chamas¹⁷⁴. Esse contra-ataque causou uma das piores tragédias humanitárias e políticas do País já que ali morreram fuziladas e incineradas aproximadamente cem pessoas, enquanto outras doze foram torturadas e desaparecidas depois de saírem com vida do palácio.

O preço político e moral tanto para o M-19 quanto para o governo de Betancur foi enorme. Ficou corroborada a fragilidade da presidência e da elite política diante das forças militares, como também a enorme desorientação política e militar do M-19 que, sentindo-se governo, baseou a operação em elementos da “justiça burguesa” sob a lógica da “justiça revolucionária” (AGUILERA, 2009, p. 269). Assim, o que era para ser uma ação propagandística que catapultasse o movimento armado virou uma tragédia nacional que marcou o ponto do declive da organização. Dessa forma, por causa da decisão de reativar as operações militares, e sobretudo pelo enfoque e desenlace da tomada do Palácio de Justiça, o M-19 ficou totalmente desprestigiado e derrotado militar e politicamente visto que perdeu a simpatia de adeptos obtidos durante o processo de paz. Pizarro diria posteriormente que tal episódio constituiu o pior erro da organização.

O M-19 pretendeu contribuir à democracia mediante uma ação de justiça revolucionária sustentada numa análise precária da conjuntura política, e o Exército, por sua parte, reagiu de um modo “utónomo, bastante cruel y primitivo” (PALACIOS, 1995, p. 281), que piorou a situação criada pela organização guerrilheira. Assim, de modo contrário ao que esperava o M-19 e Pizarro, depois de terminada a trégua, a Colômbia não estava prestes a enfrentar uma guerra civil por causa da ausência de vontade de diálogo¹⁷⁵, senão prestes ao

¹⁷⁴ Diante da *Comisión de la Verdad*, o ex-presidente Betancur disse que não deu a ordem de ingresso com tanques ao Palácio de Justiça. O Exército desconheceu a ordem presidencial de parar o ataque e o mediador enviado por ele. Igualmente, o Exército não informou ao governo sobre o emissário (o membro do conselho de Estado Reynaldo Arciniegas) liberado pelos guerrilheiros para pedir o cessamento da confrontação: “En el camino, Arciniegas le comentó [al coronel Herrera Miranda] que lo habían liberado para que hablara con el Presidente para que ‘cese el fuego’. En la casa del Florero [Herrera] le dio un tinto y le dijo que llamara a alguien, llamó al Ministerio de Defensa y habló con el General Vega, Secretario General, quien era el oficial más antiguo. Herrera le dijo que llamara a su casa antes de ir a Palacio. Le preguntó por su hijo, que tenía seis años y le dijo que fuera primero a su casa a abrazar a su hijo y a cambiarse de ropa porque estaba ‘mal vestido’ y después fuera a Palacio. Un carro del Ejército lo llevó a su casa. Nunca fue al Palacio de Nariño ni entregó mensaje alguno, ni personal ni telefónicamente.” (GÓMEZ, Jorge; HERRERA, José; PINILLA, Nilson. *Informe final Comisión de la verdad sobre los hechos del Palacio de Justicia*. Bogotá: Edit. Universidad del Rosario, 2019, p. 101).

¹⁷⁵ Depois da batalha de Yarumales, Pizarro declarou à imprensa: “Nosotros no asumimos la ofensiva militar. Resistimos hasta que el país se enteró de los hechos. Si se van a romper los pactos, si vamos a ir a una guerra

surgimento de um pequeno golpe de Estado. Como consequência, a possibilidade de um novo processo de paz durante esse governo ficou fechada e, portanto, a vida dos colombianos foi novamente militarizada.

O contexto se torna ainda mais problemático ao se considerar que, no dia da tomada do palácio, a Corte Suprema de Justiça discutiria a questão da extradição dos chefes do narcotráfico (entre eles, Pablo Escobar) que haviam declarado guerra ao Estado por causa da existência de um tratado de extradição com os Estados Unidos¹⁷⁶. Por esse motivo, o governo levantou a hipótese de que o M-19 tinha se aliado com os narcotraficantes para frear a aprovação da extradição por parte da Corte. Posteriormente, o ex-chefe paramilitar Carlos Castaño, que na época dos acontecimentos fazia parte do círculo de Pablo Escobar, escreveu na sua autobiografia que Carlos Pizarro teria recebido dois milhões de dólares para assassinar o presidente da Corte Suprema e destruir o expediente do narcotraficante. Essa hipótese ganhou ainda mais força por causa da oposição do M-19 à extradição justificada na orientação nacionalista e anti-imperialista do movimento. No entanto, quando Iván Marino Ospina (que supostamente tinha proximidade a Pablo Escobar) se declarou contra a extradição, ao dizer publicamente que os narcotraficantes deviam cumprir com a promessa de assassinar um norte-americano por cada colombiano extraditado¹⁷⁷, o comando central do M-19 o destituiu do cargo de comandante-geral da organização. Também o M-19 não fez nenhuma declaração que vinculasse o operativo do palácio com a questão da extradição, já que o único objetivo era fazer um juízo ao processo de paz e ao governo nacional sob as condições já descritas. Além disso, a comissão não encontrou provas concretas e diretas da possível aliança entre o narcotráfico e o M-19. Sobre as declarações de Castaño, há que dizer que perdem valor se considerarmos que no seu livro ele também confessa a responsabilidade pela morte de Carlos

civil, queremos llegar a ella con la conciencia limpia.” (ENTREVISTA com Carlos Pizarro. *El Colombiano*, 30 dic. 1984).

¹⁷⁶ Desde metade dos anos setenta até princípios dos oitenta, a permissividade por parte do Estado e a cumplicidade de diversos setores políticos e econômicos do País com o narcotráfico foram imensa. Assim, os cartéis tiveram tempo suficiente para crescer e se fortalecer até que os Estados Unidos e alguns dirigentes políticos nacionais começaram a pressionar o governo para aplicar a extradição. Os narcotraficantes reagiram tentando se articular com o Exército no seu combate às organizações de esquerda armada, como também com os fazendeiros e outros setores econômicos para perseguir e assassinar sindicalistas e perseguir os processos camponeses de organização social. No entanto, depois do assassinato de Rodrigo Lara Bonilla, importante dirigente político liberal, o governo decidiu aplicar a extradição e perseguir o narcotráfico. Em 1984, os chefes dos cartéis sob ordem de extradição tentaram negociar com o governo assegurando que iriam se retirar do negócio do narcotráfico e dismantelar qualquer organização a eles vinculada. Apesar disso, o governo, sob pressão dos EUA, não deu continuidade aos diálogos, motivo pelo qual Escobar e os outros chefes declararam guerra ao governo (PALACIOS, 1995, p. 178-179).

¹⁷⁷ REVISTA SEMANA. *¿Hubo narcos en la toma del Palacio?* Out. 2004. Disponível em: <<http://www.semana.com/portada/articulo/hubo-narcos-toma-del-palacio/68664-3>>. Acesso em: nov. 2014.

Pizarro, pelo que é possível deduzir que a acusação seria só uma justificativa. Finalmente, para Atehortúa, outro dos motivos pelos quais a afirmação de Castaño pode ser inválida é que naquele momento Pizarro estava nas montanhas do Cauca criando o Batalhão América, como também a destruição dos expedientes do palácio era inútil dado que na Corte não existia um expediente contra Pablo Escobar, ali unicamente transitava a lei aprobatoria do Tratado de Extradicação que tinha cópias tanto no Ministério da Justiça quanto na Chancelaria (ATEHORTÚA, 2011).

Também, desde antes dos acontecimentos do palácio, o Exército havia implementado a operação “Cali Navidad Limpia”, que queria acabar com os vestígios urbanos do processo do M-19 nos bairros populares marginalizados de Cali (como Siloé ou o Distrito de Agua Blanca). Ali, onde os acampamentos pela paz haviam começado a construir uma articulação orgânica com a população, onde haviam chegado a se estabelecer como autoridade dada a ausência do Estado e onde haviam engrossado suas filas durante o período de “trégua”, fez-se presente o Estado mediante ações de repressão que afetaram o conjunto da população civil. Paralelamente, naqueles setores urbanos também começam a operar grupos narcoparamilitares que ajudaram na eliminação das milícias urbanas do M-19 e outras guerrilhas. Diante dessa situação de crise política e militar, a organização decidiu criar o Batalhão América, que, definido como o “exército bolivariano da democracia”, articulou diferentes movimentos guerrilheiros nacionais e latino-americanos, como a guerrilha peruana Tupac Amarú, a equatoriana Alfaró Vive Carajo e a indigenista colombiana Quintín Lame. O batalhão chegou a estar conformado por quase 500 combatentes que operaram fundamentalmente no sul-ocidente da Colômbia (Cauca e Valle del Cauca):

El Batallón América surge en una reunión de bolivarianos, en las montañas del Cauca, donde decidimos recoger aquel propósito de Bolívar, de un solo ejército latinoamericano, y nos decidimos por qué no integrar a fuerza con un propósito latinoamericano y no sólo colombiano[...]“Bolívar soñó con esta América abierta [...] Y el Batallón América es un paso hacia ese objetivo, hacia ese continente unido y abierto que el pueblo quiere y la oligarquía impide [...] todo el M-19 es Batallón América (informação verbal)¹⁷⁸.

A primeira operação foi desenhada e comandada por Carlos Pizarro, que a denominou campanha “Paso de Vencedores”. O principal objetivo dessa operação era demonstrar a força militar da organização tanto no âmbito urbano quanto no rural, mediante a

¹⁷⁸ PIZARRO, Carlos. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

realização de tomadas de vários povoados rurais do centro e norte do Cauca até chegar aos bairros populares da cidade de Cali (Valle del Cauca). Para Pizarro, essa campanha impactaria internamente a organização: “estábamos por empezar una marcha difícil en la que íbamos a poner a prueba al batallón como unidad, templar voluntades y cumplir con objetivos inmediatos a la campaña” (M-19, 1986).

Enquanto Pizarro avançava pelos povoados do norte do Cauca, muitos dirigentes e militantes foram desaparecidos e assassinados. Durante essa campanha, assassinaram, por exemplo, Rafael Arteaga e Augusto Lara Sanchez, importantes membros da organização. Apesar dos golpes militares em outras colunas, das limitações logísticas e da dura ofensiva das forças militares, a marcha do Batalhão América continuou. As perdas foram significativas:

La gente terminó en llagas, Carlos tenía cicatrices de esa campaña; perdieron tantas defensas, porque no les alcanzó la logística y lo único que medio comían era carne [...] cuando yo hablaba con los que habían participado, que decían que era lo más duro que habían vivido, agradecía no haber estado (informação verbal)¹⁷⁹.

No meio da campanha, Álvaro Fayad adiantou conversações com o ELN para que se integrasse à iniciativa de uma *Coordinadora Nacional Guerrillera* (CNG), à qual a maioria dos movimentos insurgentes se articularam para realizar ações conjuntas e exigir a realização de um novo diálogo nacional. Até esse momento, a coordenadoria estava conformada unicamente pelo M-19, o Movimento Quintín Lame e o Comando Ricardo Franco das FARC. Foi durante esse período que se realizou o Massacre de Tacueyó, perpetrado pela Coluna Ricardo Franco, comandada por José Fedor Rey (conhecido como Javier Delgado ou o “Monstruo de los Andes”) e Hernando Pizarro, irmão de Carlos Pizarro. A Ricardo Franco, como se disse anteriormente, havia desenvolvido atividades junto com o grupo comandado por Carlos Pizarro, configurando-se assim como uma das unidades mais fortes das FARC e dos grupos que operavam no sul-ocidente colombiano. Não obstante, entre novembro de 1985 e janeiro de 1986, Javier Delgado e Hernando Pizarro torturaram e assassinaram cruelmente aproximadamente 264 integrantes da própria Coluna, acusando-os de informantes do Exército Nacional e da CIA. A maioria das vítimas eram camponeses, indígenas e estudantes universitários que se haviam integrado ao movimento armado. Posteriormente, a CNG expulsou a Ricardo Franco rompendo assim a vinculação que tinha com o M-19 e as FARC. Apesar das especulações de que o massacre pode ter sido motivado por diferenças com a

¹⁷⁹ GARCIA, Laura. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 175

CNG, ou de que Rey estava atuando a serviço dos grandes proprietários de terra da região, ainda não estão claros os motivos dos assassinatos. De qualquer forma, anos depois, Rey foi capturado trabalhando para o cartel de narcotraficantes de Cali. Contudo, para Carlos Pizarro, o episódio de Tacueyó foi um dos momentos mais críticos e incompressíveis da sua vida, não só porque reprovava esse tipo de práticas, senão também pela ativa participação de Hernando nesses acontecimentos. Ao ter conhecimento do massacre, Carlos escreveu para Hernando:

Hermano, ya no es tiempo de correspondencias, un solo favor, no toquen a los indígenas de esa tierra de Tama y Lame¹⁸⁰, no hagan insoportable en esta tierra la presencia de ustedes; un instante de sensatez y respeto a estas comunidades y sus hijos. No habrá mar ni sol, con que ojos y que vergüenza disfrutarlos; todo me duele, la sangre y la estirpe, el no poderme negar a sembrarte de culpas pero ya no encuentro salidas a la tumba abierta por ustedes. Antônio (PIZARRO, Carlos apud PIZARRO, 1991, p. 173).

O massacre de Tacueyó afundou ainda mais o prestígio da luta revolucionária como alternativa política e praticamente sepultou o mito do guerrilheiro heroico e altruísta; mas também evidenciou o nível de complexidade e de degradação do conflito armado. Os atores legais e ilegais, suas causas, objetivos e projetos começavam a ficar cada vez mais difusos e distantes da sociedade: os militares incrementaram sua ofensiva muitas vezes articulados aos paramilitares; e as guerrilhas da primeira geração, principalmente as FARC, cresceram, fortaleceram-se militarmente e começaram a incrementar os sequestros extorsivos e a cobrança de “imposto de guerra”. Ou seja, os dois atores violaram os direitos humanos e comprometeram sua legitimidade, justificando assim o fortalecimento do narcoparamilitarismo.

Em resumo, a escalada de violência que se apresentou após o fracasso do processo de paz levou a uma proliferação descontrolada de forças em conflito que produziram o que Jaime Zuluaga denomina “informalização da vida política” e precarização da institucionalidade; “la ciudadanía colombiana es ahora una ciudadanía armada” (ZULUAGA, 2003, p. 21).

Nesse difícil contexto, e atravessando o cerco permanente das forças militares, Pizarro conseguiu chegar até a Universidad del Valle, no bairro *Ciudad Jardín*, cidade de Cali¹⁸¹, mas a reação dos militares impediu que a companhia avançasse até os bairros

¹⁸⁰ Fazendo referência a Juan Tama e Quintín Lame, importantes líderes indígenas colombianos que lutaram, em diferentes períodos históricos, pelos direitos e pelos territórios indígenas no sul e sul-ocidente do País.

¹⁸¹ ALZATE, Sebastián. Guerra a la guerra (entrevista com Carlos Pizarro Leóngomez). Bogotá: Editorial Tiempo Presente, 1988. p. 75.

populares – concretamente, até *Siloé*. Apesar de, para Pizarro, a operação ter sido um êxito político, um ex-militante do M-19 relata que militarmente foi uma campanha difícil:

Hubo un descalabro en la fuerza militar del Eme, la mayor parte estaba concentrado en el norte del Cauca y en el Valle [...] En la cordillera occidental sufrieron muchas bajas, muchas gente murió también por razones del clima y por la geografía, allí estaban los de Tupac Amarú y Alvaro Vive, la mayoría de los peruanos, muchos provenientes de la Universidad San Marcos, murieron o fueron capturados ahí (información verbal)¹⁸².

Politicamente a campanha obteve reconhecimento porque se fundamentou numa simbologia pátria que lembrava a rota de luta dos próceres da independência. Para Pizarro e o M-19, o Batalhão América e a campanha *Paso de Vencedores* foram iniciativas que pretendiam dar continuidade ao processo de construção de uma nação e de uma integração nacional iniciado a partir das gestas de Bolívar¹⁸³. Essa recuperação da simbologia e dos heróis pátrios esteve presente desde as origens do M-19, mas durante esta etapa parece ser melhor aproveitada politicamente. Outro exemplo desse processo foi a criação das *Milicias Bolivarianas* nos setores urbanos populares, que, mediante a figura de “Cabildo Abierto” (utilizada durante o processo de independência) (BECASSINO, 1989, p. 134), tentavam fortalecer processos organizativos e resolver pequenos conflitos entre vizinhos, ao mesmo tempo que combatiam militarmente a delinquência e as forças militares.

Enquanto o M-19 estava mais centrado em recuperar sua legitimidade política, apresentaram-se dois processos paralelos: por um lado, as FARC e o ELN cresciam territorialmente, se fortaleciam militarmente pela utilização de novas fontes de financiamento (seus primeiros recursos derivados do narcotráfico, do sequestro e da extorsão) e perdiam força política; por outro, as organizações paramilitares incrementavam e consolidavam seu poder militar. Como consequência desse contexto de militarização e informalização da vida política, as massas e os atores sociais em geral estavam cada vez mais separados dos atores armados e da própria institucionalidade. Estima-se que desde finais da década de 1980 até o final da década dos noventa as FARC tenham conformado um verdadeiro exército formado por mais de 20 mil combatentes completamente equipados e armados.

¹⁸² Entrevista concedida por exmilitante do M-19. Depoimento I. [mar. 2014]. Entrevistador: Lucy Adriana Trujillo. Cauca, 2014. Arquivo .mp3 (00:51:29 min). Entrevista concedida para o desenvolvimento da presente investigação.

¹⁸³ PIZARRO, Carlos. Entrevista a Pizarro El M-19 y la paz: depoimento [1986]. Bogotá: Ediciones Macondo, p. 86.

Depois de quatro meses de campanha, Pizarro chegou à cidade de Cali após combater em diferentes povoados próximos à cidade (Jamundi e Pance) e na rodovia *Panamericana*. Entretanto, no dia 13 de março de 1986 assassinaram o comandante-geral do M-19 Alvaro Fayad, durante um arrombamento da polícia nacional em Bogotá. Depois desse duro golpe, a comandância geral do movimento foi assumida por Pizarro. Em julho do mesmo ano, foi morto em combate o comandante Boris (Gustavo Arias Londoño), um dos integrantes mais experimentados do comando central e que respondia pela Companhia *Heróis de Florencia*. Dessa maneira, Carlos Pizarro estava diante da difícil tarefa de conter o enfraquecimento social, militar e, sobretudo, político da organização. Pizarro escreveu a Laura Garcia, sua companheira durante esse duro período: “En estos días las angustias se multiplican al ritmo de los desafíos y la urgencia de crecer produce un dolor casi físico.” (PIZARRO, 1991, p. 189).

6.1 Comando geral

Os reflexos dos acontecimentos do Palácio de Justiça e de Tacueyó ainda não haviam findado e a intensificação da violência era incontrolável. Pizarro devia assumir a comandância no pior momento da organização, quando esta não contava nem com recursos econômicos suficientes para enfrentar as forças militares, nem com a legitimidade política e social para continuar desenvolvendo o mesmo modelo e método de guerra. Nesse período, nasceu sua segunda filha, Maria del Mar, mas novamente ele e sua nova companheira não poderiam se ocupar com os cuidados por causa da sua militância armada.

Dado o difícil contexto nacional, Pizarro se reuniu com o comando central fora do País; na ocasião, defendeu a ideia de que a organização continuasse fazendo ofensivas militares para pressionar um diálogo de paz. Apesar dos golpes militares que estava recebendo, Pizarro pensava que naquele momento esse era o caminho para se recuperar politicamente. Ou seja, continuava predominando a ideia de que as ações militaristas de impacto, ou temerárias, podiam criar apoios sociais e políticos. Pizarro disse:

Hubo una necesidad de comportamientos distintos. Y fuimos volviéndonos más rigurosos. Saber que es importante esa disposición hacia la audacia y hacia lanzarnos a aventuras muchas veces temerarias (informação verbal)¹⁸⁴.

¹⁸⁴ PIZARRO, Carlos. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano: depoimento. [1989]. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo. Entrevista concedida a Ángel Becassino.

No retorno, Antonio Navarro e Rosemberg Pabon (Comandante Uno) ficaram responsáveis pelas relações internacionais da organização, enquanto Gerardo Quevedo (Comandante Pacho) comandava as operações urbanas. Pizarro voltou a fazer uma luta predominantemente rural nos departamentos de Cauca, Valle del Cauca e Huila. No entanto, a pressão por parte das forças militares se havia incrementado mediante a colocação de múltiplos batalhões em todo o País, em particular em Cauca e Valle del Cauca (sul e sudoeste colombiano). O desdobramento da força militar (e também da paramilitar) tinha o objetivo de atacar o conjunto do movimento insurgente (FARC e ELN) que estava se fortalecendo rapidamente em todo o País. Nesse sentido, as condições das unidades de Pizarro eram insuficientes para enfrentar o poder desenvolvido pelos militares, pelo que se viu na necessidade de se retrair pela primeira vez nas selvas colombianas (PIZARRO, 1983).

Diante desse panorama, Pizarro decidiu reacomodar a organização segundo as possibilidades reais (BECASSINO, 1989, p. 87), criando uma estratégia militar diferente em relação às tomadas de povoados e criando novamente Colunas Móveis, que, como se disse, não se caracterizam pela ofensiva, senão pela defesa permanente do “ataca e foge”. Sua companheira relata:

Habíamos traído algo de plata del extranjero pero la última cae con una gente que salió a comprar drogas, comida [...] Me acuerdo que pasábamos tanta hambre en la selva, donde la comida era agua con una libra de arroz para treinta [...] En el páramo, hacen una reunión de la comandancia [...] y se perfila el planteamiento de hacer columnas móviles por toda la región [...] Nosotros salimos con la tarea de hacer una reunión general de la organización, pues las condiciones no daban para preparar una Conferencia; salió Aníbal a buscar el campamento base [...] mientras nosotros nos movíamos buscando contacto con la gente de la ciudad, que no llegaba por muchas razones y por muchos conflictos a nivel urbano, y la angustia de Carlos es infinita (informação verbal)¹⁸⁵.

Quer dizer, o modelo de guerra insurrecional e os métodos combinados de guerra urbana e rural estavam-se esgotando, pelo que a crise estratégica e política do M-19 era iminente. Dado que a maioria das unidades militares e o Batalhão América estavam sendo debilitados, Pizarro começou a trabalhar durante 1986 no fortalecimento da CNG para pressionar a realização de uma Assembleia Nacional Popular. Pizarro conseguiu articular rapidamente à CNG o EPL, Patria Libre, o PRT e o ELN, mas faltava a participação das

¹⁸⁵ GARCIA, Laura. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 183.

FARC, que finalmente se integrou em 1987. Nesse momento, a CNG mudou seu nome para Coordinadora Guerrilheira Simón Bolívar (CGSB).

Apesar das limitações logísticas e operativas da organização, até a posse do novo presidente da República, Virgilio Barco Vargas (agosto de 1986 – agosto de 1990), Pizarro conseguiu realizar algumas ações como atentados ou ataques à embaixada dos Estados Unidos e à Coca-Cola. Só durante a visita do Papa, em junho de 1986, a organização fez um recesso para propor o restabelecimento dos diálogos de paz. Em julho foi assassinado o comandante Boris e em agosto a organização realizou algumas operações, como a tomada do povoado de Nemocón, perto de Bogotá, e os enfrentamentos urbanos na cidade de Cali, onde perdeu vários combatentes. No primeiro semestre de 1987, o M-19 foi novamente golpeado com a desaparecimento e o assassinato de Gerardo Quevedo (Comandante Pacho) e de Jorge Iván Rojas (o Negro Genaro). Em julho, a organização fez uma nova ação de justiça retaliatória mediante o sequestro de Camila Michelsen, filha do banqueiro Jaime Michesen Uiribe¹⁸⁶. Também em setembro desse ano a organização tomou o jornal *Diário 5p.m.*, comunicando o que seria a intenção de realizar um “Pacto Nacional” pela paz¹⁸⁷. Um elemento comum a todas essas ações é o de que Pizarro havia mudado a estratégia militar, dessa vez orientada exclusivamente à consecução de um diálogo e já não à construção de um exército popular:

Durante periodos anteriores el esfuerzo central fue la construcción del ejército; [...] gran parte de las energías, los recursos, se destinaron hacia eso. Hoy ya no es ésta la tarea básica, si bien el ejército, la confrontación militar, sigue siendo el elemento neurálgico de todo cuanto pasa. Pero ya no podemos seguir hablando de la creación del ejército como actividad que materialice el esfuerzo de la mayoría de nuestros cuadros. (PIZARRO, 1986, p. 9).

Em janeiro de 1988, Pizarro reuniu novamente a comandância num encontro denominado “Campo Encuentro”, em que se evidenciou, além da crise militar e política da organização, uma crise interna muito forte que tinha gerado conflitos entre dirigentes e militantes. Ainda assim, Pizarro postergou por um dia o início da reunião e convocou o ressurgimento do espírito originário da organização: a festa. “La gente esa noche se emborrachó y todos los que pensaban gritar de hijueputa a hijueputa en la reunión, terminaron borrachos y dándose besos cuando antes pensaban en darse puños.” (PIZARRO, 1991, p.

¹⁸⁶ Banqueiro envolvido na crise bancária nacional causada pela manipulação e realização de operações fictícias que levaram à quebra do grupo Gran Colombiano, em 1982. Para sua liberação, o M-19 exigiu 500 mil dólares e o pagamento de todas as pessoas que haviam sido roubadas ou estafadas por Michelsen. Camila foi liberada 22 meses depois.

¹⁸⁷ M-19, Pacto Nacional por um Gobierno de Paz. Comunicado. Setembro de 1987.

184). Dessa maneira Pizarro controlou os ânimos para poder realizar um encontro que garantiria a unidade do movimento em torno do um novo caminho.

Durante esse encontro, Carlos Pizarro redefiniu inteiramente a rota da organização ao estabelecer como propósito fundamental fazer uma proposta de paz ao País e às Forças Armadas, até aquele momento seu principal inimigo. Foi ali que surgiram as consignas “Vida para la Nación. Paz a las Fuerzas Armadas. Guerra a la Oligarquía.” e “Tenemos un solo propósito: la democracia. Un solo enemigo: la oligarquía. Una sola bandera: la paz.” Laura García lembra como surgiu essa ideia:

Teníamos una fogata con Otty (comandante) y con la gente de seguridad de la comandancia, y de pronto Carlos, que se había acostado cerca de la fogata, se levanta gritando: “¡Eureka, eureka!”, y se paró a echarnos el cuanto: de que había que replantear lo que se había dicho todos los días, que teníamos que hacer un planteamiento de paz hacia el país, hacia las Fuerzas Armadas y salió con la consigan esa: “Paz a la nación, guerra a la oligarquía” (informação verbal)¹⁸⁸.

Apesar da sua trajetória militarista, Carlos Pizarro foi o primeiro comandante dentro do movimento insurgente nacional colombiano que entendeu que a guerra como expressão política estava completamente esgotada e era inútil. Nesse sentido, o M-19 desistiu de continuar tentando criar um “exército do povo” para obter um triunfo revolucionário, e optou por exigir às forças vivas da Nação e à oligarquia (já não só ao governo) a realização de uma negociação para a criação de um pacto nacional de paz. Assim, considerando que a oligarquia era a responsável pela crise nacional, Pizarro ordenou cessar fogo durante seis meses e em março de 1988 declarou:

O M-19 mantendrá la tregua unilateral frente a las Fuerzas Armadas desde enero de este año por considerar que su enfrentamiento no es con ellos sino con los responsables de institucionalizar la violencia en el país. Parece estúpido el enfrentamiento que las Fuerzas Armadas y el M-19 están librando desde hace muchísimos años. [...] Hemos dicho que en Colombia hay paz para las Fuerzas Armadas, porque es un sector que ha cargado con el peso de la guerra en el país al mismo tiempo que la guerrilla, mientras se da todo un mar de impunidad en Colombia que nos ha llevado a un naufragio de una violencia sin sentido. (M-19, março 6 de 1988).

Apesar de Pizarro ter-se reunido com a CGSB para construir uma proposta orientada à definição de um acordo nacional e uma nova constituição, em abril ordenou à força de operações *Héroes de Palácio* a localização e captura de Álvaro Gómez Hurtado, reconhecido

¹⁸⁸ GARCIA, Laura. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 185

oligarca conservador, ex-candidato presidencial (opositor de Barco) e “promotor de soluciones de fuerza a la crisis nacional”¹⁸⁹. Em maio de 1988, a organização conseguiu sequestrar Hurtado e levá-lo ao acampamento Martires de Uraba, onde permaneceu por seis meses. Um mês depois, Pizarro comunicou por rádio o documento com as onze propostas para a liberação de Gómez Hurtado, entre as quais exigia um cessar de hostilidades por um período de 60 dias e a realização de um encontro que abriria novamente o caminho ao diálogo entre os comandantes das organizações guerrilhas e os outros setores políticos e os comandantes das Forças Armadas. O comunicado foi escutado pela esposa do sequestrado, por um conselheiro presidencial, por Jacobo Arenas (comandante das FARC) e por alguns jornalistas espanhóis.

Porém, Pizarro, obcecado pela consecução de uma negociação rápida, não avaliou politicamente seus efeitos nas outras organizações guerrilheiras. Assim, o sequestro de Gómez Hurtado não foi respaldado pela CGSB e, em particular, pelas FARC, que compreenderam esse episódio como uma ação desesperada de protagonismo que, junto com os ataques do ELN aos oleodutos petroleiros, podia levar ao estabelecimento de um golpe de Estado:

[...] del secuestro de Álvaro Gómez Hurtado, que el M-19 va a resolver un día de estos, satisfactoriamente, ya que quien está saliendo ganancioso es el militarismo que aúna fuerzas para el golpe. [...] La salida militarista es una guerra civil sangrienta que el pueblo colombiano no quiere y por el contrario rechaza.¹⁹⁰

Além disso, para as FARC e para o ELN, a insistência e as propostas reformistas de Pizarro e do M-19 para consecução da paz não eram compatíveis com seus projetos políticos de transformação estrutural da sociedade e delimitados por uma estratégia político-militar de longo prazo, o que lhes permitia ser mais exigentes durante os processos de diálogo. Assim, por exemplo, o M-19 considerava uma possibilidade e uma garantia para o processo de paz a realização de uma desmobilização e uma entrega de armas, o que era inimaginável para as FARC e para o ELN. Um ex-comandante do ELN relata:

Ya en la coordinadora nosotros logramos llegar a unos acuerdos, ahí avanzamos bastante pero ya negociar con las FARC es serio, es difícil. Pero con el “Eme” nosotros teníamos en ese momento más posibilidades de acuerdo. [...] En la Coordinadora nos íbamos a pelear

¹⁸⁹ M-19. Ordem 005. 1988.

¹⁹⁰ Declaración das FARC: paremos el golpe militar. Julio 14 de 1988.

los mandos pues todos teníamos buenos mandos, avanzó pero al final se agotó. Las FARC no permitió avanzar (informação verbal)¹⁹¹.

Como consequência desse e de outros desencontros no interior da CGSB, as FARC e o ELN abandonaram o processo; a iniciativa de coordenar esforços para alcançar a paz estava fracassando. A ideia, os tempos e os meios para conseguir a paz que cada uma das organizações tinha eram dissimilares e conflitivas. Pizarro viajou ao acampamento da comandância das FARC localizado na zona rural do município de La Uribe (Meta) para tentar novamente revitalizar o processo de unidade, mas não obteve uma resposta positiva. Durante mais de um mês negociou com Manuel Marulanda (Tirofijo), Jacobo Arenas, entre outros integrantes do secretariado das FARC e, apesar do interesse de Jacobo Arenas, não conseguiu fechar um acordo (NAVARRO, 2009, p. 55). Por esse motivo, a comandância do M-19 decidiu fazer o diálogo de forma bilateral. As conversações entre o governo e a organização se centraram em discutir a conformação de um movimento político legal, a realização de um acordo ou pacto nacional e, pela primeira vez, discutiu-se a desmobilização das unidades militares.

6.2 Processo de paz com Virgilio Barco (1986-1990)

Durante a campanha presidencial, Barco havia criticado fortemente a ausência de liderança de Betancur no processo de paz, declarando que durante seu governo ele próprio dirigiria o que seria uma política de paz na qual comprometeria o Estado e a Sociedade no seu conjunto. Apesar de o projeto pela paz ter perdido credibilidade na opinião pública, Barco reconheceu que, para alcançá-la, o País devia superar a pobreza e a exclusão social. Por esse motivo, implementou na noção de paz os princípios de reconciliação, reabilitação e normalização da vida civil. De igual forma, o governo continuou com a trégua e os diálogos que Betancur havia começado com as FARC, mas o paramilitarismo seguiu atacando os setores de esquerda, as organizações e movimentos sociais e a União Patriótica (braço político legal das FARC). Também durante esse período o narcotráfico incrementou suas ações terroristas, o que motivou o presidente a implementar medidas para neutralizar o poder dessas organizações delinquentes. De modo geral, poder-se-ia afirmar que durante o governo de Barco, e a despeito da sua política de paz, a violência se exacerbou como nunca.

¹⁹¹ Entrevista concedida por excomandante do ELN. Depoimento II. [mai. 2014]. Entrevistador: Lucy Adriana Trujillo. Cauca, 2014. Arquivo .mp3 (1:21:46 min). Entrevista concedida para o desenvolvimento da presente investigação

Tal governo institucionalizou e centralizou o processo de paz, sob a ideia de que só o Estado podia transformar as condições socioeconômicas do País, como também ouvir as demandas sociais que justificavam o conflito armado. Por esses motivos, já no seu discurso de posse, Barco considerou que era necessária a realização de uma reforma agrária, a reincorporação política e social dos guerrilheiros, e o fortalecimento das instituições e da justiça para terminar com as formas de justiça privada. Seu projeto era desenvolver um Estado de Direito forte, que abolisse tudo aquilo que derivasse num apoio social e político à insurgência¹⁹². Logicamente, essa posição estava orientada também ao fortalecimento da presença e pressão militar em todo o território nacional, em particular nas regiões onde as guerrilhas haviam estabelecido laços com as comunidades abandonadas pelo Estado. Seu plano de desenvolvimento econômico também reconheceu a desigualdade e a pobreza da maior parte do povo colombiano como causas de conflitos violentos e de debilidade institucional.

No entanto, por causa da queda dos preços do café e da diminuição dos ingressos fiscais, Barco não conseguiu desenvolver os programas sociais projetados. Ainda assim, teve alguns avanços em termos de construção de vias, eletrificação, construção de escolas e postos de saúde, e apoios a setores campesinos nas regiões mais marginais do País. Em relação aos encontros e à trégua com as FARC, o presidente tentou dar continuidade às conversações, mas a desconfiança da organização guerrilheira, a permanente tensão militar pela falta de compromisso (e também de confiança) do estamento militar, a exigência de desmobilização e reinserção como condição de diálogo sem garantir o cumprimento de reformas sociais estruturais, a insistência do governo em que só as FARC deviam se comprometer a cessar o fogo¹⁹³ e contínua perseguição e assassinato da UP por parte do paramilitarismo (*guerra*

¹⁹² Assim, por exemplo, em setembro de 1986, o governo havia realizado uma reunião com o secretariado das FARC para propor um plano de colonização na região entre a Serranía La Macarena e a Cordillera Occidental (entre Mesitas e San Vicente del Caguán), onde o governo pretendia construir uma via marginal que habilitasse (em termos de saúde e educação também) 400.000 hectares férteis para o assentamento dos campesinos que eram a base de apoio às FARC (OSSA, 2009, p. 32). Essa proposta não foi bem recebida pelas FARC, já que, para a organização, representava um retrocesso em relação aos acordos feitos em governos anteriores pois não garantia o estabelecimento de comissões de verificação. Para Manuel Marulanda, a proposta, delimitada dentro do Plano Nacional de Rehabilitación (PNR) criado por Betancur, fazia parte de uma estratégia contrainsurgente. Além disso, o extermínio vigente da Unión Patriótica incrementou a desconfiança dos guerrilheiros.

¹⁹³ No marco de uma política de paz centralizada, em janeiro de 1988, o governo anunciou uma proposta de plebiscito para mudar a Constituição. Amparado nas sentenças da Corte Suprema de Justiça, em fevereiro desse ano, Barco firmou o denominado *Acuerdo de la Casa de Nariño* para reformar a Constituição. Esse mecanismo permitiria a participação de diversos setores, incluídas as guerrilhas, na discussão e elaboração do conteúdo da reforma. A condição para dar continuidade à iniciativa seria a desmobilização das organizações insurgentes: “Um procedimiento de acuerdos políticos [...] sin consecuencias sobre el carácter armado de los grupos, era aceptar la imposición de las armas” (PARDO, 2009, p. 40). A ideia do governo era poder articular o processo de plebiscito com um processo de paz. Até aquele momento, as guerrilhas concordavam com a proposta de fazer

sucia) impossibilitaram o estabelecimento de um processo de paz. O conflito e a militarização se intensificaram a ponto de levar ao rompimento definitivo da trégua e das conversações em 1987, quando foi assassinado o ex-magistrado e candidato presidencial da UP Jaime Pardo Leal¹⁹⁴. Paralelamente, o narcotráfico também estava fazendo uma guerra contra o Estado e contra todo setor que apoiasse a extradição¹⁹⁵.

Dado que até aquele momento também não existia uma proposta concreta por parte do governo para a interlocução com as outras guerrilhas e que a intensificação da *guerra sucia*, da militarização e dos encontros armados (entre guerrilhas e exército, ou entre guerrilhas e paramilitares) havia provocado uma crise humanitária sem precedentes,¹⁹⁶ que impactava principalmente a população e os movimentos e organizações sociais, a opinião pública se mobilizou e o protesto social aumentou sua pressão. Muitas organizações políticas, religiosas, sociais e, principalmente, camponesas expressaram suas necessidades, expuseram a situação humanitária e exigiram aos atores o restabelecimento de conversações – criaram suas próprias propostas de paz¹⁹⁷. Entre 1986 e 1990, desenvolveram-se aproximadamente 1536 greves cívicas, marchas camponesas, entre outras medidas de fato (PARDO, 2009, p. 38).

Em janeiro de 1988, no período em que Pizarro reorientava os objetivos de luta do M-19, o general Álvaro Valencia Tobar, amigo próximo de Pizarro e sua família, escreveu uma carta a Pizarro. O general Valencia também foi célebre por comandar em 1966 a operação em que morreu Camilo Torres, o chefe do ELN e sacerdote fundador da primeira faculdade de sociologia na Colômbia, que havia sido amigo de infância e adolescência de

uma convocatória popular, mas só o M-19 considerava a possibilidade da desmobilização. Apesar desse esforço, o Conselho de Estado, posteriormente, declarou inconstitucional o processo.

¹⁹⁴ Outro acontecimento que levou ao rompimento definitivo da trégua foi quando uma frente das FARC emboscou o Exército no Caquetá, deixando um saldo de 24 militares mortos e outros feridos.

¹⁹⁵ Assim, por exemplo, em 1986 Pablo Escobar ordenou o assassinato do diretor do Jornal *El Espectador*, Guillermo Cano, cuja postura era contra o narcotráfico e a corrupção política a ele vinculada. Dois anos depois, Escobar realizou atentado com um carro-bomba de 137 quilos de dinamite que destruiu o prédio do mesmo jornal.

¹⁹⁶ “Según estadísticas de la revista *Cien Días* del CINEP, publicadas entonces, en 1988 fueron masacradas 583 personas y en 1989 429. 37 % de las víctimas pertenecían a organizaciones políticas de izquierda y el 54% eran campesinos e indígenas.” (PALACIOS, 1995, p. 283).

¹⁹⁷ Foi o caso de 21 organizações camponesas de Santander que chegaram a fazer uma proposta de paz camponesa em dezembro de 1988. (Tercer Foro Campesino del Carare-Opón, Barbosa, Santander, dezembro 17 de 1988). Outro exemplo foi o Encuentro por la Paz y la Democracia realizado no departamento do Cauca, de que participaram prefeitos, funcionários departamentais e os comandantes guerrilheiros das FARC e do M-19 que operavam na região. (Declaración de La Mesa, Patía, Cauca. Encuentro por la Paz y la Democracia, noviembre 27 de 1988).

Valencia¹⁹⁸. O general escreve para Pizarro solicitando seu retorno e o dos seus combatentes à vida civil:

Como comprenderá, mi querido Carlos, estas letras no van dirigidas a un jefe guerrillero. Las escribo para el muchacho que conocí hace años [...] No son exclusivas para ti, las hago extensivas a tus compañeros en armas contra una ley que no es opresiva. Contra un Estado que abre todas las puertas a la protesta [...] contra un gobierno que les tendió la mano y si en algo se excedió fue en benevolencia y generosidad. [...] Decirte que comparto, desde una óptica distinta, tu rebeldía contra estados de inequidad evidentes [...] pero que no comparto el camino que tu y tus camaradas de insurgencia escogieron como remedio a esos males [...] El holocausto del Palacio de Justicia [...] debe servir para algo que haga menos estéril y doloroso el sacrificio de tantas vidas. (EL TIEMPO, 24 de I de 1988, p. 5A).

A recuperação dessa carta é importante porque Valencia havia tido um papel importante no desenvolvimento do conflito armado durante 1960 e 1970, quando quase eliminou o ELN, como também porque fazia parte da equipe de assessores do governo tanto de Betancur como de Barco. Para o general Valencia, o êxito dos processos de paz dependia sempre da vontade das guerrilhas, que, segundo ele, deviam desmobilizar-se para garantir a estabilidade dos diálogos. E, de fato, durante os processos de paz propostos pelo governo de Betancur e de Barco, esse seria um dos fatores de maior polêmica com as organizações guerrilheiras, que consideravam perigosa e desnecessária dita exigência. Assim, por exemplo, para Manuel Marulanda, as FARC não podiam ceder em relação à questão da desmobilização porque haviam assumido a forma de um ultimato que unicamente queria obter a rendição sem estabelecer condições para que “los guerrilleros puedan salir a hacer política a las ciudades y a los pueblos com garantías de que no los van a matar”.¹⁹⁹ Como será visto, unicamente Pizarro e a comandância do M-19 expressariam ao governo de Barco a intenção de negociar no marco de um processo de desmobilização armada.

Durante esse período, o avanço e fortalecimento das FARC, do ELN e do EPL eram indiscutíveis, mas o M-19 não apresentava uma atividade guerrilheira tão intensa²⁰⁰. Depois de mudar sua estratégia, a organização sob comando de Pizarro diminuiu consideravelmente

¹⁹⁸ Valencia ordenou a escavação de uma fossa na qual sepultou Camilo Torres. Três anos depois, voltou para recuperar o cadáver e levá-lo secretamente a um mausoléu do Exército em que permaneciam os restos de militares caídos em combate: “Allí reposó en paz, en el silencio de la muerte, al lado de quienes habían sido sus adversarios. Lo hice a propósito. Más allá de la vida, esta alegoría constituía una lección humana”, escreveu Valencia. 41 anos depois, o irmão de Camilo recuperou finalmente os restos mortais deste. Valencia também comandou a “Operación Anorí”, na qual morreram os irmãos Vásquez Castaño, fundadores do ELN, e que quase terminou com essa organização no final do primeiro contexto de violência insurgente.

¹⁹⁹ Entrevista de Marulanda. *Revista Semana*, 16 jul. 1986.

²⁰⁰ Estima-se que em 1988 as FARC tinham 40 frentes com 5.000 combatentes; e o ELN, 14 frentes e 1200 combatentes (BIBLIOTECA DE LA PAZ 1986-1990. Bogotá: Fundación Cultura Democrática, 2009. p. 95).

suas ações militares ofensivas²⁰¹. Não obstante, em maio de 1988, efetuou, no marco da chamada “guerra à oligarquia”, o sequestro do opositor do presidente nas anteriores eleições, Álvaro Gómez Hurtado. Essa ação marcou um segundo momento dentro da política de paz do governo de Barco, já que impactou intensamente a opinião pública. O processo político derivado desse acontecimento gerou uma nova discussão nacional sobre a questão da paz, que obrigou o governo a pensar numa proposta aos diversos setores políticos, e permitiu a criação de uma comissão de negociação que viajou ao Panamá para estabelecer as condições de liberação do dirigente conservador.

Durante o período em que Álvaro Gómez esteve sequestrado, intercambiou várias cartas com Pizarro nas quais discutia os motivos da sua retenção²⁰² e o que poderia surgir da sua eventual liberação. Tanto Gómez como Pizarro, desde posições opostas, haviam assumido orientações militaristas durante suas trajetórias políticas. Gómez, atento à tradição familiar, havia pedido ao presidente a militarização do território por meio de chefaturas militares e a criação de normas mais severas contra a insurgência²⁰³; Pizarro, como se disse anteriormente, havia defendido sempre as orientações mais militaristas dentro da organização guerrilheira. Ainda assim, no intercâmbio de cartas, Pizarro e Gómez chegaram a compartilhar posições sobre as condições de negociação, e sobre a situação social e política do País. Também pode-se apreciar um diálogo num tom de confiança e de respeito entre os dois dirigentes:

Te agradezco que pese al acto de fuerza que rodea este diálogo, él se haya convertido en realidad [...] proponemos una cumbre donde los factores de poder se reúnan a discutir, sin fuego de por medio, qué hacer para salvar a Colombia e intenten, como ustedes (la oligarquía) lo hicieron en los años 50, un compromiso histórico [...] sólo exigimos un instante de diálogo. Carlos Pizarro. (GÓMEZ, 1989).

A comissão negociadora, conformada por delegados dos partidos políticos, grêmios e outras organizações, se deslocou até o Panamá para dialogar com os representantes do M-19 durante três meses. Como resultado desse encontro entre as forças mais representativas naquele contexto (menos o governo), Pizarro se comprometeu com a liberação de Álvaro

²⁰¹ “Em enero realizo una acción em el departamento del Tolima mientras que em febrero realiza dos, una em Cundinamarca y la outra en el Valle.” (Los grupos guerrilleros em la actual coyuntura, Informe de la Consejería para la Rehabilitación, Normalización y Reconciliación, abril 4 de 1988 Extraído de BIBLIOTECA DE LA PAZ 1986-1990, 2009).

²⁰² A história da recuperação das cartas de Gómez a Pizarro aparece no artigo de Jota Mario Arbeláez *Los papeles secretos de Álvaro Gómez*, publicado em junho de 2011 pela revista *Cromos*. O artigo está disponível em <<http://www.cromos.com.co/especial-95/articulo-141847-los-papeles-secretos-de-alvaro-gomez>>.

²⁰³ ANDRADE, Felio. *Rolando está en camino*. Liberación de Alvaro Gómez Hurtado. Bogotá: Kelly, 1989. p. 11-13.

Gómez; e a comissão, a impulsionar a realização de uma *Cumbre Nacional por la paz* na Colômbia. De dito encontro, deviam participar todos os setores envolvidos e, dentro do possível, o governo e as outras organizações guerrilheiras. Pizarro cumpriu e ordenou a liberação de Gómez 53 dias após sua detenção. Dado que nas suas cartas, Pizarro havia manifestado que a organização não buscava a destruição das instituições senão seu fortalecimento, como também a criação de um pacto entre os atores envolvidos, Gómez se somou à proposta e apoiou, junto com o partido conservador, a realização da *Cumbre*. Posteriormente, Álvaro Gómez e o M-19, representado por António Navarro, impulsionariam juntos a realização da nova Constituição colombiana.

Em 29 de julho de 1988 realizou-se a *Cumbre* em Usaquén. Apesar da participação de vários setores representativos e importantes (como os partidos políticos, a igreja católica, os grêmios, os sindicatos e as organizações sociais), o governo não participou, alegando que não podia promover processos baseados em atos de força; e as guerrilhas não fizeram parte por considerar que não existiam garantias para sua participação. Durante a *Cumbre*, tanto Álvaro Gómez como o reconhecido dirigente conservador Álvaro Leyva solicitaram ao governo o estabelecimento de uma negociação:

Lo que hay que buscar es que se pueda convenir entre los colombianos la concordia y la paz [...] Gracias [...] a los que promovieron mi liberación, gracias a los amigos de la izquierda, a los representantes de los guerrilleros [...] si mi liberación les puede servir a los guerrilleros la oportunidad de recobrar la vida civil en el país en buena hora sacrificaré la libertad de unos días de mi vida. (MARÍN, 1988).

Para Roland Anrup (1999), um fato significativo durante o desenvolvimento desse encontro foi que Pizarro mudou diferentes elementos do discurso da organização. Fundamentalmente, Pizarro substituiu as noções de *Pátria e povo*, características do discurso de guerra presente nas etapas anteriores, pelas noções de *Nação e cidadão*, que fazem parte do imaginário e do discurso da civilidade. Segundo Anrup, essa mudança permitiria ao M-19, no seu eventual passo à vida civil, diferenciar-se da classe política tradicional e distinguir-se dentro da estrutura de poder instituída (ANRUP, 1999, p. 16). Pizarro declara:

Digamos que se abre la Cumbre del 29, un episodio de paz de la nación colombiana, para en conjunto, como colectivo social, poder diseñar los caminos devida, justicia y democracia que el país requiere; si nosotros insistimos que elproblema es de la nación, y la nación es la que tiene que encontrar en su conjunto, en un ambiente de conciliación [...] las salidas que este país requiere, no es por debajo de la mesa, entre elgobierno y la guerrilla, como se soluciona el problema del país nacional; es el paísnacional quien asume el protagonismo en las decisiones; por otro lado no quierodecir

con esto que nos negamos a ningún tipo de diálogo, pero sí dejamos bien en claro que nosotros estamos en la búsqueda de una Nación protagónica, donde el conjunto de las fuerzas expresen sus condiciones, anoten sus desacuerdos, concilien posiciones y entre todo el país nacional encontremos una condición justa a nuestro país. (ANRUP, 1999, p. 15).

Fica em evidência a mudança no discurso de Pizarro, que, junto com os setores mais conservadores da classe política, começou a relativizar suas posições e desenvolver pontos de contato. Assim, por exemplo, enquanto Pizarro falava de *Nação*, Álvaro Gómez, que havia sido opositor à morna reforma agrária de 1961, começou a declarar que o fracasso de dita reforma explicava os problemas do País (PALACIOS, 1995, p. 285)²⁰⁴. A mudança das orientações e dos discursos dos atores até então antagonistas evidencia a contingência da conjuntura política.

Depois de ter a experiência de se aproximar das forças representativas da Nação como consequência do sequestro político de Álvaro Gómez, como também de afrontar as dificuldades que oferecia o novo contexto de guerra, Pizarro havia percebido que o êxito revolucionário era impossível e que era hora de reformular as ferramentas, os discursos e os objetivos de luta política. De fato, na origem do segundo contexto de violência, a esquerda, em particular a marxista, acreditava que a revolução era necessária e que era possível alcançá-la. Mas a contingência dos contextos sociopolíticos, por causa das transformações e do surgimento de novas lógicas e atores, foi prolongando o conflito, degradando os projetos políticos e evitando o êxito da maioria dos processos revolucionários.

Como consequência do enorme processo político que se deu após o sequestro de Álvaro Gómez, o presidente Barco lançou em setembro de 1988 uma proposta concreta de negociação: “La iniciativa por la paz”. Na proposta, que foi televisionada, o governo sugeriu um diálogo com as guerrilhas que seria desenvolvido em quatro etapas: distensão; estabelecimento de uma área desmilitarizada; diálogos nacionais e regionais; e acordos para definir o conteúdo da reforma constitucional e a desmobilização dos guerrilheiros. Logicamente, o governo novamente insistiu na interrupção unilateral das atividades militares por parte da guerrilha e na desmobilização definitiva depois do estabelecimento de acordos. Barco também garantiu o indulto sob a condição de entrega das armas. Os objetivos centrais da proposta eram a desmobilização e reincorporação dos insurgentes e a reforma

²⁰⁴ Também é importante levar em conta que Barco era do Partido Liberal e, portanto, opositor de Gómez Hurtado; ainda, naquele período, a maioria dos comandantes históricos do M-19 havia desaparecido e os novos líderes “no veían futuro personal en las movilizaciones sociales, capitalizadas por las organizaciones rivales” (PALACIOS, 1995, p. 285).

constitucional. No entanto, os Partidos Conservador e Comunista fizeram duras críticas à proposta; o ELN e o EPL rejeitaram-na; e as FARC consideraram-na pouco realista.

Pizarro tentou unificar critérios no interior da CGSB para que esta tomasse uma decisão conjunta sobre a iniciativa do governo. Em dezembro de 1988, o M-19 e as FARC declararam que estavam dispostas a cessar as hostilidades e estabelecer o diálogo, mas que o ideal seria poder fazer o processo com o conjunto da Coordenadoria. Pizarro declarou em 23 de dezembro de 1988:

Hablar de desmovilización sin que medie un itinerario de democracia, es simplemente una ingenuidad en la que no pude caer nadie. Pero eso no quiere decir que nosotros tengamos temor de afrontar ese tipo de situaciones, en la medida en que estamos desencadenando un proceso con madurez [...] seguimos haciendo un enorme esfuerzo para ligar al conjunto de la Coordinadora en esta perspectiva, porque su presencia garantiza un flujo más democrático. [...] A partir de la democracia y de la efervescencia nacional en función de la paz o, por lo menos, un camino más nacional en función de una confrontación que pueda evitarse, pero también pueda imponerse por parte de los sectores más reaccionarios de la sociedad. (M-19, 1988)²⁰⁵

Nesse pronunciamento, o discurso de Pizarro, menos radicalizado, deixa entrever que o governo e as organizações guerrilheiras ainda tinham desencontros em relação à ideia de paz. Para governo, a paz era a desmobilização e a reforma constitucional²⁰⁶; para as FARC, a paz não fazia referência à desmobilização, senão à resolução de questões mais estruturais; já para o M-19, a paz era, segundo os novos termos no discurso de Pizarro, a constituição de uma nação e de uma cidadania democrática. Nesse sentido, para Pizarro, a desmobilização não era uma questão tão problemática se demarcada dentro de um “itinerário de democracia”.

Apesar do esforço de Pizarro para levar a CNGSB a fazer um processo de negociação conjunto, isso não foi possível. Portanto, Pizarro e a comandância do M-19 decidiram aceitar a proposta do governo unilateralmente. Em 10 de janeiro de 1989, deu-se a primeira declaração conjunta entre o governo e a organização guerrilheira, na qual comunicavam o início formal das negociações. Em dito comunicado, as duas partes convocaram os setores políticos e sociais à negociação, como também as guerrilhas (que posteriormente desconsideraram dito chamado). Também ali, Pizarro pronunciou oficialmente a possibilidade de desmobilização. Posteriormente, Barco declarou que o M-19 estava

²⁰⁵ Declaração de Pizarro: Se abre la opción de un diálogo directo entre el gobierno y la CNGSB. Dezembro 23 de 1988.

²⁰⁶ Na proposta do governo, os grupos guerrilheiros só poderiam fazer audiências diante do Congresso, se esta instituição o considerasse conveniente, para expor suas opiniões e propostas sobre o processo de reajuste institucional. (Presidência da República, *Iniciativa para la paz*, 1º set. 1988).

cumprindo com a trégua, mas que as FARC haviam aproveitado novamente o cessar fogo para se fortalecer militarmente (fazendo referência a um armamento apreendido na Jamaica). Logicamente, as FARC haviam aproveitado todas as tréguas estabelecidas para se fortalecer. Numa entrevista feita a Pizarro em março de 1989, ele sinaliza:

¿Qué decirles a quienes no creen que se está viviendo el último cuarto de hora de la paz?

CP: Que la guerra más estúpida es la guerra que se puede evitar y no se evita. Por sectarismo, por terquedad, por cobardía [...] Hoy la solución política está al orden del día... puede ser construida por tantas manos, que sería estúpido y criminal que nosotros ahondáramos la guerra.²⁰⁷

Efetivamente, o conflito armado se agudizou nos anos posteriores, já que durante os anos noventa as guerrilhas da primeira geração (FARC e ELN) não conseguiram realizar uma saída negociada, preferindo seu fortalecimento militar. No entanto, de 2002 até o momento, as FARC, por exemplo, foram duramente golpeadas militarmente, reduzindo suas regiões de influência e número de combatentes a menos da metade do que tinham em 1990. Isso significa que o conflito se recrudesceu porque as saídas militares, tanto por parte das guerrilhas quanto do governo, pesaram mais do que as saídas negociadas.

De janeiro de 1989 a março de 1990, o governo e o M-19 estabeleceram como zona desmilitarizada Santo Domingo, Tacueyó (Cauca), pela presença da autoridade indígena que respaldava o processo de paz. Ao mesmo tempo, estabeleceram-se mesas de trabalho das quais participaram diferentes setores políticos e sociais para discutir as propostas políticas que o M-19 apresentaria. Pretendia-se que dita proposta fosse apresentada ao Congresso, que as colocaria em tramitação em julho de 1989, com o plebiscito para a reforma constitucional. O propósito era também que o grupo desmobilizado conseguisse participar no processo eleitoral de 1990²⁰⁸.

Depois que as propostas do M-19 em relação a aspectos constitucionais, eleitorais, de justiça e sobre questões socioeconômicas foram discutidas nas mesas de trabalho, apresentou-se o *Pacto Social por la Paz y la Democracia* e um *Plan de Emergencia para la Reconstrucción Nacional*, assim como uma reforma eleitoral e a convocatória para um referendo. Também muitas organizações sociais aproveitaram o processo para expor suas posições, suas problemáticas e propostas de paz. Por outro lado, em abril, havia sido instalada

²⁰⁷ PIZARRO, Carlos. *Entrevista de Pizarro*: depoimento. [7 abr. 1989] Santo Domingo: Dirección Nacional Movimiento, 19 de Abril. Entrevista concedida a Caracol Radio.

²⁰⁸ Apesar de Pizarro e a direção geral do M-19 quererem que a organização se transformasse num movimento político, a Frente 6 de Noviembre não apoiava a desmobilização (EL ESPECTADOR, 24 de II de 1989. p. 6A).

uma mesa de trabalho para estabelecer acordos para a desmobilização. De dita mesa unicamente participaram o M-19, o governo, os partidos políticos tradicionais, a UP e a igreja. Posteriormente, a UP se retirou do processo como forma de protesto pelo extermínio que os paramilitares estavam fazendo com seu movimento político e, em particular, pela morte de José Antequera. A UP declarou que era necessário atuar contra o poder crescente do paramilitarismo e dos seus vínculos com as forças militares e o narcotráfico para poder, então, construir um acordo de paz transparente.

De fato, de abril a julho, as Forças Armadas e o paramilitarismo atacaram e assassinaram diversos integrantes do M-19 que não estavam realizando operações de ofensiva militar – entre eles, o destacado poeta, dirigente e fundador da organização, Afranio Parra. Como saída a essa situação e para não interromper o processo de paz, em 26 de setembro Pizarro anunciou publicamente que o movimento iria se desarmar para aumentar a confiança no processo:

Mantenerse en pie de guerra es hoy más fácil que abrirle paso a la paz. Pero en un país despedazado por tantas guerras y fracturado entre muchos poderes, alguien tiene que empezar [...] Somos conscientes de que lo nuevo e insólito siempre desierta incomprensión y duda. Por eso, dejar las armas se ve como una locura e ingenuidad. Pero elegimos hoy este camino porque estamos seguros de que la gran mayoría de los colombianos necesitamos la paz. (M-19, 1989)²⁰⁹

O contexto de negociação não podia ser pior; a guerra contra o Estado empreendida pelos “extraditables” e o narcoparamilitarismo eram desmesurados; e a crise de governabilidade, enorme. Entre a enorme quantidade de ataques às instituições e à sociedade civil durante o período em que se desenvolveu o processo de paz, destacam-se o atentado aos jornais *El Espectador* e *Vanguardia Liberal*; o assassinato do diretor da UP, do procurador nacional, do candidato presidencial Luis Carlos Galán; os atentados ao comandante da polícia de Antioquia; a morte de centenas de policiais; a explosão do avião da Avianca, em que morreram mais de 100 pessoas; e a explosão de mais de sessenta carros-bomba em Bogotá e Medellín (PARDO, 2009, p. 44).

Em outubro de 1990, realizou-se a X Conferência Nacional do M-19, em Santo Domingo, com uma consulta na qual, dos 239 votos, 227 estavam a favor de deixar as armas e de se reintegrar à vida civil para conformar um movimento político legal. Esse movimento

²⁰⁹ Comunicado del M-19, septiembre 27 de 1989.

participaria das eleições parlamentares, de autoridades locais e presidenciais, em que Carlos Pizarro seria seu candidato representante.

Dado que muitos dos acordos alcançados nas mesas de trabalho requeriam uma reforma constitucional, esses elementos deviam ser incluídos no texto que estava sendo tramitado no Congresso. Tratava-se do estabelecimento do voto obrigatório e da criação de uma circunscrição especial que permitisse aos guerrilheiros desmobilizados participar do Congresso após as eleições. No entanto, durante o último debate sobre a reforma, implementou-se ao texto do plebiscito, numas das comissões da Câmara de representantes, uma pergunta sobre a vigência do tratado de extradição. Para Rafael Pardo, o conselheiro presidencial do processo de paz, no contexto de guerra terrorista desencadeado pelo narcotráfico, “era una tamaña irresponsabilidad del Gobierno permitir esa consulta” (PARDO, 2009, p. 45). Ou seja, ficou em evidência o vínculo existente entre o narcotráfico e alguns membros do Congresso Nacional. Por esse motivo, o governo e o congresso preferiram “afundar” o projeto de reforma em vez de impedir a extradição e dar mais poder ao narcotráfico. Neste ponto, é importante destacar que Pizarro e o M-19 haviam-se manifestado contra a extradição porque acreditavam na necessidade de fortalecer a justiça nacional.

Como consequência desse fracasso, o governo ficou sem poder oferecer garantias para o processo de reinserção política da organização. Todo o processo de diálogo realizado durante um ano perdeu o chão sobre o qual se concretizariam as propostas políticas. Contra o esperado e diante dessa situação, Pizarro e o M-19 decidiram não voltar a tomar as armas, assumindo que a luta armada não era, naquele contexto, uma alternativa real para a transformação do País. Pizarro acreditava que a prolongação da guerra insurgente havia magnificado os meios e não o fim. Esse fenômeno explicava a degradação do conflito daquela conjuntura. Ainda, tendo a possibilidade de seguir o caminho das outras guerrilhas, que se estavam fortalecendo com meios de financiamento que afeitavam à população civil e que, portanto, eram incoerentes com a ética inicial da luta revolucionária, Pizarro decidiu reivindicar os meios democráticos para a luta política. Numa entrevista feita à ex-integrante da organização Vera Grave, em Santo Domingo (Cauca), durante o período de negociação, ela descreve a transformação radical das orientações políticas do M-19:

Llegábamos a los pueblos y la gente nos recibía con entusiasmo, pero el pueblito no participaba de la guerra, ésta la hacíamos nosotros a nombre de ellos. Por eso estamos negociando, el día que sea el pueblo el que haga la guerra volveremos a tomar las armas. (GRAVE apud ZULUAGA, 2003, p. 27).

Essa reflexão mais realista do passado militarista do M-19 favoreceu de maneira definitiva a negociação com o governo e outros atores sociais. Assim, como já havia sido aprovada a lei de indulto, haviam-se destinado recursos para a realização de projetos produtivos para reinserir os guerrilheiros, e havia-se estabelecido um esquema de seguridade para os dirigentes da organização (PARDO, 2009, p. 45), Pizarro e o movimento unido decidiram continuar no processo, mas convocar uma Assembleia Nacional Constituinte²¹⁰.

Pizarro e outros 800 militantes se ampararam no indulto para conseguir participar das eleições parlamentares de 11 de março de 1990. O processo, que durou 14 meses, terminou em 9 de março, dois dias antes de ditas eleições. Para Otty Patiño, ex-dirigente da organização, essa seria uma paz apressada e precária, que se sustentou unicamente no “fervor popular y la convicción de Pizarro de que estábamos en el camino correcto”²¹¹. Pizarro demonstrou que havia sido um militar arriscado, mas que podia ser também um político ousado. No discurso de entrega de armas, não só reconheceu a derrota militar da organização, senão também demonstrou confiança na decisão de se desmobilizar e transitar à vida civil, o que, naquele contexto de exacerbação da violência, não podia ser nada menos que uma decisão ousada:

Confiamos en la posibilidad de construir interlocutores para este momento frágil de la paz, porque aquí estamos, no disfrutando de una paz a manos llenas, sino simplemente, con una pequeña semilla de paz [...] El fracaso del M-19, el asesinato de sus miembros, la persecución política, el colocarnos contra la pared, el volver a ensayar un proceso de paz en Colombia, significa simplemente una tragedia para todos los colombianos, y no una tragedia para el M-19. (PIZARRO, discurso de entrega de armas, 9 de março de 1990).

Nas eleições, a organização ganhou uma cadeira na Câmara de representantes²¹² e Pizarro obteve 70 mil votos para a prefeitura de Bogotá, a votação mais alta obtida por um candidato alternativo na época. Isto é, apesar de o M-19 não ter nem a maquinaria política nem o tempo suficiente para fazer uma campanha, seu resultado eleitoral foi destacado e superior ao dos outros movimentos políticos alternativos e de esquerda. Em ditas eleições, o movimento também demonstrou a intenção de reconciliação quando incluiu como candidato

²¹⁰ Comunicado M-19: Ante el fracasso del referendo, aplazar las elecciones y convocar una asamblea nacional constituyente, dic 14 de 1989.

²¹¹ PATIÑO, Otty. El M-19 y una reflexión acerca de las guerras inútiles: depoimento. [2010]. Revista Íconos, n. 37 Entrevista concedida a Jorge García e Camilo Mongua. p. 126

²¹² Para García, se a circunscrição eleitoral especial houvesse sido aprovada, o movimento teria obtido 7 postos no Senado e 10 na Câmara de representantes.

ao senado o General José Joaquín Matallana, que nos anos sessenta se destacou pelas suas operações contrainsurgentes²¹³. Neste sentido, os resultados eleitorais indicavam que o novo movimento havia conseguido, com o processo de paz, captar o desejo de renovação de múltiplos setores da sociedade civil.

A paz com o M-19 gerou uma dinâmica política muito intensa, num contexto de radicalização das guerrilhas tradicionais e das organizações paramilitares vinculadas ao narcotráfico e à extrema-direita²¹⁴. Tanto o processo de paz como a mobilização cidadã e estudantil da época (que exigia uma mudança institucional por meio do que se denominou *Septima papeleta*) levaram à Constituinte. Dos 70 assentos disponíveis para a realização da Assembleia Nacional Constituinte, o M-19 conseguiu ocupar 19²¹⁵. Junto com o movimento político de Álvaro Gómez Hurtado (seu ex-sequestrado), o M-19 logrou fazer parte de 42% dos representantes não tradicionais dentro da Assembleia Constituinte. Desta maneira, a aliança entre o M-19 e Gómez foi determinante para a elaboração da nova Constituição. Contudo, o interessante do acontecimento é que demonstrou que os colombianos haviam acreditado no processo de paz que abandeirou Pizarro e que confiavam nos dirigentes do novo movimento político.

O governo de Barco tentou reviver o processo de negociação com a CNGSB e com as FARC de maneira unilateral, mas em março de 1990 assassinaram Bernardo Jaramillo, dirigente da UP. Esse ato deu por encerrada qualquer possibilidade de negociação, já que as FARC comunicaram que continuariam com a luta armada e que se estavam preparando para a generalização da guerra. Mas, além da falta de garantias para a realização de um processo de paz com as FARC ou o ELN, é importante considerar que essas organizações não valoraram as transformações não só do conflito, senão dos atores e das novas lógicas políticas. De maneira oposta, Pizarro conseguiu assimilar e perceber ditas mudanças, como também abrir-se a outros debates e participar de outras iniciativas alternativas para a transformação social. O M-19 não era a organização insurgente mais forte, mas foi pioneira na redefinição da militarização da política.

²¹³ O general Matallana havia sido candidato pela UP, o que indicava também a mudança da sua orientação política.

²¹⁴ Nesse período, Pablo Escobar se uniu às forças contrainsurgentes de Magadela Medio sob ordens do narcotraficante Gonzalo Rodríguez Gacha. Como resultado, em 1989, o narcoparamilitarismo assassinou o candidato presidencial Luis Carlos Galán, um dos principais opositores do narcotráfico.

²¹⁵ Antônio Navarro obteve ali mais de 800 mil votos.

CAPÍTULO VII – A vida civil

Pizarro estava deixando para trás sua faceta de “guerreiro irredimível”, como diria o jornalista Roberto Pombo, para se transformar num democrata e político. Durante os 45 dias de vida civil, Pizarro tentou conquistar com a palavra uma sociedade que havia querido representar pela via das armas. A crise do esquema militarista da organização e a proclividade sempre presente a criar espaços de negociação, assim como as mudanças do contexto político nacional, latino-americano e internacional, também lhe permitiram pensar que a luta armada estava desgastada e que era o momento de fazer a transição à vida civil. Após o sequestro de Álvaro Gómez, Pizarro já havia definido aspectos importantíssimos no seu discurso político. Poder-se-ia dizer, inclusive, que sua passagem começou no momento em que, tendo a possibilidade de eleger formas de financiamento que corroeriam ainda mais seu capital político, preferiu uma saída negociada ao conflito.

Ser guerrilheiro implicou para Pizarro assumir que o Exército (ou o Estado) era seu inimigo total e, portanto, renunciar a outras possibilidades e atividades sociais e individuais para passar a orientar suas ações nos termos de uma identidade coletiva e dentro de um contexto de ilegalidade, perigo e clandestinidade. Ou seja, a militância na organização comprometeu sua subjetividade e invadiu quase todos os planos da sua cotidianidade. No entanto, a organização garantiu, mediante uma estrutura de autoridade e solidariedade (a famosa cadeia de afetos), seu suporte e proteção política e militar²¹⁶.

Quando transitou à vida civil ou ao novo contexto de interação política, Pizarro (e os demais militantes desmobilizados) deixou de perceber o Estado como seu inimigo, para passar a reconhecê-lo como outro ou como um interlocutor semelhante. Ao declarar guerra à oligarquia e reconciliação com as Forças Armadas, que foi seu maior oponente durante grande parte da história da organização, Pizarro havia começado sua transição. Não se tratava mais de ganhar a guerra em relação ao inimigo, senão de negociar com o outro como semelhante. Nesse novo contexto de luta política, era a palavra e não a violência o único meio de resolução dos conflitos. Mas também, ao mesmo tempo que Pizarro desistia do projeto armado para deslegitimar a violência política (e para legitimar a institucionalidade), emergia com mais força sua individualidade e outros significantes sociais (como o da família ou o da paternidade) antes secundarizados.

²¹⁶ Também a proteção pela ameaça do inimigo garante a coesão da organização.

No entanto, a experiência guerrilheira deixou rastros permanentes em tudo aquilo relacionado com sua vida civil, no só no âmbito público (em que as pessoas não sabiam se chamavam-no de “doutor”, “senhor” ou “comandante”), senão também no pessoal, já que a transição não conduziu necessariamente ao abandono de todas as significações e determinações adquiridas durante a militância armada.

Depois da apressada campanha à prefeitura de Bogotá, Pizarro iniciou sua campanha presidencial sob a consigna *Palabra que si*, que expressava seu compromisso com a paz. Pizarro tentou construir um movimento democrático diferente dos movimentos tradicionais da esquerda, pelo que convocou distintas expressões do liberalismo e conservadorismo para aliarem-se a ele na campanha presidencial. Só conseguiu fazer coligação com o movimento *Socialismo Democrático* (SD) e com o *Colombia Unida* (CU), nos quais se agrupavam distintas expressões democráticas e de esquerda. Apesar das divergências no interior das organizações, liderou a união dos movimentos e criou a *Alianza Democrática M-19* (ADM19).

Carlos Pizarro havia superado os obstáculos da luta armada advertindo o crescente predomínio do militar sobre o político no interior dos projetos revolucionários, e destacando a necessidade de construir consensos e não sectarismos ideológicos. Desde o processo de negociação, ele assinalava como inadequada a tendência ao fortalecimento do militarismo e autoritarismo das outras organizações insurgentes:

Yo si creo que existe en Colombia una tendencia a sacralizar el uso de las armas, el uso de las armas da prestigio, [...] da poder, [...] coloca a los comandantes guerrilleros y muchas veces a los miembros de las fuerzas armadas en condiciones de marcar los rumbos del país. Yo creo que esto ha sido positivo en ciertas épocas, lo que no veo positivo es que convierta en una constante histórica [...] tenemos por el contrario que hacer un culto a las alternativas de solución política. [...] Hay enemistades y unos odios de unaviolencia tremenda, sobre todo en las zonas donde se hay sentido el azote de comportamientos autoritarios sea de izquierda o de derecha (informação verbal).²¹⁷

Em tal sentido, durante sua campanha à presidência, modificou ainda mais sua posição política apresentando um projeto “democrático nacionalista”. Apesar dos intentos de aproximação com a UP, cujo candidato presidencial era Bernardo Jaramillo Ossa, Pizarro encontrou dificuldades já que esse partido ainda era considerado o braço armado das FARC e porque pensava que era necessária a constituição de um movimento político

²¹⁷ PIZARRO, Carlos. La última batalla de Carlos Pizarro: depoimento. [1990?]. Entrevista concedida a Carlos Jimenez Moreno.

“socialdemocrático” mais moderado e não de um “partido socialista democrático” como sugeria Jaramillo²¹⁸. No entanto, durante essa etapa, o candidato da UP foi assassinado pelo paramilitarismo, o que impossibilitou a continuação das conversações.

A curta campanha presidencial de Pizarro pode ser definida desde duas perspectivas inter-relacionadas: uma que diz respeito ao programa do movimento, e outra que se refere à ação política concreta. O conteúdo do programa político estabeleceu como princípios a paz, a reconciliação e a democracia. Mas a ideia de democracia era muito geral e ambígua (ZULUAGA, 2003, p. 36). Ainda assim, Pizarro tentou estabelecer um discurso e uma proposta política baseados no equilíbrio entre as ideias de esquerda que sempre defendeu e as novas ideias adquiridas durante o processo de transição à vida civil²¹⁹. Contudo, quiçá a parte mais interessante da proposta estava na definição da origem dos problemas sociais do País. Para ele, a pobreza, a arrogância da oligarquia, a ausência de um pacto nacional e, sobretudo, a quebra dos valores humanos expressada na falta de confiança (nos partidos, nas Forças Armadas, na igreja) eram os fatores que originavam os conflitos violentos da sociedade colombiana.

[...] Pizarro era enemigo de la identificación con ideologías. Él daba importancia a temas tan humanos y legendarios como el amor fraterno, el trabajo de todos, el honor, la palabra y la valentía de una manera similar a como se encuentran en las novelas del Rey Arturo o en las meditaciones de Don Quijote. [...] Por eso él insistía en la necesidad de devolver la confianza a la ciudadanía (informação verbal)²²⁰

De fato, não só no seu discurso de campanha, senão em geral durante toda sua trajetória política na guerrilha, Pizarro sempre defendeu o valor da palavra e da honra, o que é característico nos meios militares. Em 21 de abril de 1990, em discurso televisionado, ele disse:

Nuestros valores están rotos, nuestra sociedad está partida [...] la vida ha perdido valor, la moral ha perdido valor, la palabra no existe, el honor es un viejo emblema sin significado de dignidad. Por eso uno de los grandes llamados es a rescatar la moral, a buscar al interior de la sociedad las virtudes nacionales para poder aprovechar todas las ventajas comparativas y construir una nación grande y poderosa.[...] solamente en el marco del desarrollo, de la democracia, de una justicia social real y autentica, y de uno valores donde la verdad vuelva a tener significado, donde la palabra sea el

²¹⁸ EL TIEMPO, Último Encuentro, 7 abr. 1989.

²¹⁹ Um claro exemplo está na proposta de uma economia de caráter democrático que reconhecesse os problemas do “capitalismo selvagem” e as vantagens do mercado, mas fosse controlada por um Estado forte.

²²⁰ LUCIO, Juan Fernando. Carlos Pizarro: depoimento. [1991]. Bogotá: Editorial Printer. Entrevista concedida a Juan Antonio Pizarro, p. 229

elemento fundametal sobre el cual se tejen las relaciones políticas, humanas y sociales, solamente dentro de este contexto tendremos de verdad, libertad y futuro. [...] ofrecemos una cosa linda y sencilla: que la vida no sea asesinada en primavera. (PIZARRO, Carlos. Alocución televisiva, 21 de abril de 1990).

Seu *slogan* de campanha sintetiza essa posição pessoal e política: “*Entre todos cambiaremos la historia de Colombia, palabra que si*”. A crise generalizada de credibilidade e confiança nas instituições por causa da ausência de valores e de lealdades era, para Pizarro, a base da tragédia nacional. Sua proposta era reconstruir os valores e o projeto histórico de nação e democracia para devolver a confiança a uma população que se absteria de participar eleitoralmente, e que preferia resolver os conflitos pela sua conta. Como consequência do processo de paz e da sua nova orientação política, a popularidade de Pizarro aumentava. Diante da opinião pública, ele não era mais *Carro Louco*, já que passou a ser reconhecido como *Comandante Papito*, em alusão ao carisma e à presença física que havia conseguido capitalizar de volta à vida civil.

De qualquer maneira, o enfoque que Pizarro havia dado à sua campanha não foi suficiente para superar a ambiguidade nas orientações internas e programáticas do seu movimento. O ADM-19 era um movimento suficientemente eclético ideológica e politicamente, mas não para ser incoerente com as orientações políticas do passado imediato do movimento; e o conteúdo da proposta foi tão aberto que estava esquecendo as orientações políticas iniciais. Assim, a linguagem da campanha resultava mais de acordo e atraente para os interesses da classe média do que para os setores populares que havia desejado cooptar durante o período de luta armada. Pizarro havia considerado ideal o ecletismo no interior da organização, porque queria diferenciar-se dos movimentos de esquerda e dos partidos tradicionais. No entanto, ele não conseguiu medir o alcance dessa ambiguidade política, que de outra maneira havia estado presente durante a primeira etapa do movimento armado.

Articuladas a esse elemento, apresentaram-se outras dificuldades que dizem respeito à ação política de Pizarro e do movimento: a tendência a uma conciliação extrema com outras forças políticas e a continuidade de práticas próprias da estrutura hierarquizada da organização armada. Como se viu antes, o Pizarro comandante desenvolveu tendências conciliatórias com diferentes organizações políticas, sociais e armadas. Mas o movimento foi sempre eminentemente militarista, no sentido de que não conseguiu articulações orgânicas estáveis com a população. Nesse sentido, durante a campanha presidencial, Pizarro deu continuidade a esse ânimo conciliador convocando setores liberais e conservadores a uma

eventual aliança eleitoral. Essa tendência se aprofundou após o desaparecimento de Pizarro, quando o movimento político praticamente passou da rebeldia radical à conciliação radical. Pizarro não fez parte desse desenvolvimento e do posterior desgaste do capital político do ADM-19, quando o inimigo (que se havia configurado no *outro*) se transformou radicalmente num aliado (na época de Navarro), não unicamente pela orientação política que o próprio Pizarro havia agenciado, como também por causa do perverso modelo político e eleitoral vigente na época.

Por outro lado, apresentou-se outro fenômeno: a continuidade de práticas próprias da estrutura hierarquizada. Dado que Pizarro havia liderado principalmente a construção de alianças e a unidade das expressões do movimento, não deu suficientes tempo e espaço para a constituição de um programa político que superasse o conteúdo ambíguo dos princípios estabelecidos como bandeiras do ADM-19. Em tal sentido, a ausência de uma estrutura programática bem definida e coerente, que determinasse formas de participação, relacionamento interno e legitimação de decisões, facilitou a continuidade do que a organização armada havia denominado como *cadena de afectos*. Assim, Pizarro ativou no interior da organização política práticas típicas da organização militar, como a criação arbitrária de uma equipe de assessores sem consultar a organização política. Segundo Zuluaga (2003, p. 64), o ADM-19 havia continuado sua estrutura militar na forma de uma estrutura caudilhista, que praticava, ainda, um exercício vertical do poder. A condução da campanha estava nas mãos de Pizarro e de Navarro, que haviam sido as cabeças do movimento insurgente durante sua última etapa. Dessa maneira, o novo Pizarro e os demais ex-combatentes pareciam reavivar os laços de afeto construídos durante sua militância armada. Zuluaga assinala:

Estructuras dependientes de los comandantes más que del conjunto de la dirección; importancia de la llamada “cadena de afectos” como factor de cohesión interna más que la identificación con una ideología y un discurso político. (ZULUAGA, 2003, p. 42).

Como se disse no princípio deste capítulo, no seu transito à vida civil, Pizarro passou a perceber o Estado como seu aliado ao mesmo tempo que emergiram nele uma individualidade e uns significantes sociais que continuaram permeados inevitavelmente por algumas disposições ganhas durante sua experiência guerrilheira. Ele havia conseguido aprofundar a orientação conciliatória do projeto e do discurso do movimento, mas isso não

fortaleceu a identidade política porque ainda era débil a direção coletiva tanto do grupo de desmobilizados quanto da aliança política.

Desta forma, o reconhecimento do outro como interlocutor e não como inimigo (seja o governo, o exército, os partidos ou a oligarquia) não implicou necessariamente a renúncia a uma identidade coletiva. A explicação estaria em que dita identidade não estava completamente fundamentada numa hierarquia de mando disciplinada e autoritária, senão na emotividade e informalidade como fatores que humanizavam e flexibilizavam os laços da organização. Essa característica havia induzido à criação de um sentimento de familiaridade e solidariedade que havia dado sustento aos militantes num contexto de clandestinidade, mas que continuava funcionando diante do desamparo e incerteza política do novo contexto de interação política. Neste sentido, Pizarro continuou sendo o comandante e o caudilho de um complexo movimento político que, apesar do seu ambíguo discurso de abertura, não havia conseguido desenvolver princípios democráticos internos; talvez da mesma maneira que o militarismo da guerrilha do M-19 não correspondia com a flexibilidade das suas relações internas.

Pizarro continuou sua campanha com um dos maiores esquemas de segurança do País, conformado pelo DAS e por alguns ex-militantes do M-19. Esse esquema foi determinado dentro das garantias que havia oferecido o governo para sua desmobilização e indulto. Ainda assim, no dia 26 de abril de 1990, após uma mudança repentina de horário, Pizarro pegou o voo 532 da Avianca, que o levaria de Bogotá a Barranquilla. A bordo, um jovem “matador de aluguel” fez uma rajada de metralhadora contra Carlos Pizarro. Apesar de ter sido levado ainda com vida ao hospital, faleceu horas depois. No lugar do crime, também faleceu o assassino de 22 anos de idade, chamado Gerardo Guitierrez. Pizarro foi o terceiro candidato presidencial a ser assassinado naquele período.

Até o momento não foi possível estabelecer o autor intelectual do crime, apesar de Carlos Castaño, ex-chefe do grupo de narcoparamilitares *Autodefensas Unidas de Colombia* (AUC), ter confessado a autoria. As inconsistências e contradições no relato de Castaño, assim como investigações recentes, apontam outras hipóteses. Entre elas, que o crime foi perpetrado com a cumplicidade do DAS – é como dizer que, no “magnicido” de Pizarro, puderam estar involucradas as forças de segurança do Estado colombiano. Por esse motivo,

poucos dias antes de completar 20 anos do assassinato, a *Fiscalia General de la Nación*²²¹ declarou o caso como um delito contra a humanidade, o que não permite a prescrição da investigação.

Em 2014, 25 anos depois do crime, um informe de peritos em balística declarou que, segundo uma reconstrução hipotética da trajetória dos três disparos que Pizarro recebeu na cabeça, estes teriam ingressado da direita à esquerda e de trás para a frente²²². No entanto, ainda falta esclarecer as posições da vítima e do pressuposto assassino, que permitam chegar a novas conclusões. Também existe outra série de interrogantes em relação ao ingresso das armas no avião, a forma como Guitierrez foi morto após ser desarmado e o tratamento dado ao caso. Cabe lembrar que no mesmo aeroporto foi morto Bernardo Jaramillo, naquele momento candidato presidencial da UP.

A despeito da ausência de esclarecimentos concretos em relação ao crime de Carlos Pizarro, pelo menos existe uma aproximação à conjuntura política da época, mediante a qual também se podem rastrear as causas do seu assassinato. Assim, é factível identificar interesses por trás desse acontecimento: impedir que uma força renovadora como a do ADM-19, com uma proposta de fortalecimento institucional e de reconciliação nacional, chegasse pela via democrática ao poder. Naquela conjuntura, os paramilitares haviam exterminado sem piedade quase a totalidade da UP, com a qual Pizarro havia intentado criar uma aliança política e eleitoral. Nesse contexto, cada vez mais complexo de interesses e de atores, os paramilitares estavam vinculados tanto a grandes proprietários de terras quanto a empresários, fazendeiros, narcotraficantes, políticos e até militares. Contudo, os paramilitares haviam desenvolvido sua própria guerra contra a insurgência, da qual provavelmente Pizarro foi uma vítima. A seguinte carta a Pizarro recolhe o clima de medo que imperava naquele momento.

Venga esa mano comandante, que el Señor lo bendiga y cuídese ahora más que cuando estaba en la montaña. No es pesimismo es sólo lógica porque como es sabido por usted las corbatas y los soles son esta democracia fingida de como 30 años o más en estado de sitio y en todo momento estarán apuntando contra usted. No se sabe en qué momento dispararán. Ej: UP, Toledo y otros. Su servidor y amigo José Hernán Castro. (CASTRO, apud PIZARRO, 1991, p. 243).

²²¹ Organismo que cumple a função de investigar e acusar os pressupostos responsáveis de delitos segundo o sistema penal oral acusatório.

²²² REVISTA SEMANA, A Carlos Pizarro lo mato uno de sus escoltas. Fev. 2015. Disponível em: <<http://www.semana.com/nacion/articulo/carlos-pizarro-listos-resultados-de-nueva-necropsia/416986-3>>. Acesso em: fev. 2015.

A morte de Pizarro ilustra a impossibilidade, naquele contexto, de consolidar movimentos políticos alternativos ou terceiras forças. Estas ou eram cooptadas pelo bipartidismo ou eram eliminadas sistematicamente, como aconteceu respectivamente com o ADM-19 e com a UP. A desapareção de Pizarro da vida pública e da cena do novo movimento político tirou-lhe a força, a tenacidade; ou, como diria Zuluaga, os dentes à ADM-19:

Lo que sí es claro es que este hecho (a morte de Pizarro) incidió en la generación de un ánimo excesivamente conciliador que caracterizó la orientación del ADM-19 bajo la dirección de Navarro. Este atentado y el temor de que se repitiera la tragedia de la UP, contribuyó a quitarle los “dientes” a la Alianza. No en vano [...] Navarro advirtió en el discurso en el que asumió la candidatura presidencial en remplazo de Pizarro, que su primer compromiso era “conservar la vida”. (ZULUAGA, 2003, p. 58).

A débil tradição democrática na Colômbia, disfarçada pela estabilidade institucional, foi sucessivamente determinando os contextos de socialização de Pizarro. Tanto o fim quanto o começo da sua trajetória estiveram claramente marcados pelos mesmos fatores estruturais: a exclusão política, a debilidade institucional e violência. Apesar da sua luta permanente contra eles, e quase acreditando que ia ganhar uma nova batalha, os prováveis agentes e causas da sua morte, que se haviam gestado décadas antes em reação e retaliação às próprias atividades insurgentes, arrancaram essa possibilidade a ele. Após essa etapa trágica da vida política nacional, estabeleceu-se uma nova Constituição, que, apesar de não ser o pacto nacional pela paz que Bateman, Marino, Fayad, Pizarro e muitos outros dirigentes e militantes haviam imaginado, foi um tratado de paz entre diversos setores da sociedade que contribuiu à democratização de grande parte dos aspectos sociais da vida dos colombianos.

Não obstante essas conquistas democráticas, a militarização da política e de todo aspecto da vida cotidiana não parou; pelo contrário, incrementou-se. As FARC recrudesceram seus ataques pensando que tinham possibilidades reais de tomar o poder, e os intentos de negociação com os governos posteriores fracassaram rotundamente. Ainda assim, no contexto da guerra ao terrorismo, a partir de 2002, durante os dois períodos presidenciais de Álvaro Uribe, as FARC foram praticamente derrotadas militarmente. Estima-se que hoje contam com menos de 7 mil combatentes. No entanto, os problemas de sempre, os que o próprio Pizarro havia assinalado, continuam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1 Considerações teóricas: interpretação da trajetória de Carlos Pizarro

O objetivo central da presente investigação era fazer um estudo da trajetória política do político colombiano Carlos Pizarro Leongómez, tendo como hipótese que, a partir da reconstrução de dita trajetória, se poderia dar conta da relação entre democracia, institucionalidade e violência na Colômbia, em particular durante o período em que Pizarro foi comandante e comandante-geral da agrupação guerrilheira M-19. Ou seja, a investigação se baseou na ideia de que a trajetória política de Pizarro poderia compreender a participação do M-19 nos processos democráticos e conflitivos que a Colômbia atravessou durante as décadas de 1970 e 1980.

Geralmente as ferramentas de investigação social predominantes nas ciências sociais estão encaminhadas a dar conta das estruturas sociais e dos fenômenos da vida coletiva sem apreciar as construções subjetivas ou a perspectiva e os sentidos que os indivíduos dão a ditos processos da realidade social. Ainda assim, desde finais do século passado, autores como Bourdieu, Elias, Berger, Giddens, Corcuff, Archer, Lahire, entre outros, contribuíram com perspectivas preocupadas em compreender a relação, às vezes dialética, às vezes dicotômica, entre as estruturas da sociedade e os indivíduos. É dessa maneira que são postos novamente em discussão os conceitos de *subjetividade*, *reflexividade*, *consciência prática*, *discurso*, *agentes sociais*, etc.

Nesse sentido e dado que a questão central do presente trabalho foi abordar um fenômeno de tipo macro a partir da reconstrução e análise de um elemento micro, no presente capítulo, tentar-se-á interpretar esse exercício a partir da recuperação conceitual de algumas dessas perspectivas teóricas.

A preocupação pela relação entre indivíduo e estrutura já havia inspirado os trabalhos da Escola de Chicago²²³ e dos interacionistas simbólicos. Essas correntes acadêmicas articularam dita preocupação conceitual a uma metodologia baseada na realização de histórias de vida. Apesar do declive da Escola pelo predomínio que adquiriram estudos de

²²³ Desse trabalho de princípios do século XX nos Estados Unidos, sobressai a obra *El campesino polaco en Europa y América* (THOMAS; ZNANIECKI, 1958), realizada pela Escola de Chicago e cuja novidade se encontrava justamente numa metodologia que definia a situação segundo os aspectos interpretativos do ator.

corrente mais funcionalista ou estruturalista, essa metodologia foi retomada por outros autores na última parte do século XX, constituindo as biografias num importante complemento de outros métodos e disciplinas.

Nessa volta ao subjetivo, em que a sociologia tem desenvolvido uma preocupação pela forma como os sentidos das ações dos indivíduos são definidos, ou em compreender a forma como esses sentidos são construídos socialmente e são compartilhados com outros, destacam-se numa primeira fase as teorias de George Mead, Alfred Shutz, Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Peter Berger, Anthony Giddens, Jürgen Habermas, entre outros. Posteriormente foram desenvolvidos outros estudos teóricos críticos, mas também complementários dessas primeiras propostas sobre as quais aprofundaremos neste capítulo. No entanto, antes, reconstruam-se brevemente alguns dos primeiros aportes.

Mead (1973), por exemplo, desenvolveu o conceito de *pessoa*²²⁴, que seria, segundo ele, um reflexo da unidade e da estrutura do processo social como um todo. O autor considera que o indivíduo pode desenvolver uma ou diversas pessoas que surgem a partir da experimentação indireta de “si mesmo”, depende do ponto de vista dos outros membros individuais do grupo social. Para Mead, as pessoas só podem existir em relações definidas com outras, e sua existência depende da capacidade de adotar a atitude dos membros da mesma comunidade²²⁵. A questão da subjetividade em Mead fica ainda mais clara na sua noção de “outro generalizado” (comunidade ou grupo social), que constituiria a organização das atitudes de todos os que estão no mesmo processo social. O outro generalizado seria a própria pessoa individual, no sentido de que o indivíduo incorpora as atividades do grupo social. Segundo a teoria, as atitudes sociais são incorporadas ao campo da experiência direta do indivíduo como elementos na estrutura da sua pessoa. Esse processo é possível porque o indivíduo organiza ditas atitudes e as generaliza em termos de suas significações. A dúvida que surge da teoria de Mead é se a maneira de conhecer “a pessoa” de outro indivíduo possibilita o real conhecimento de certa intersubjetividade produto da experiência do mundo

²²⁴ A pessoa como objeto para si (consciência de si ou “me”), diferente do conceito de organismo (corpo).

²²⁵ Para Mead, a conduta linguística (comunicação ou conversação significativa) constituiria a ação mediante a qual os indivíduos podem ser objetos para si: o indivíduo (a pessoa) é afetado porque sua conversação com outros e consigo mesmo é inteligente e reflexiva. O momento preparatório para essa ação linguística e significativa se apresenta no pensamento, lugar onde o indivíduo cria uma conversa interna que depois é exteriorizada para possibilitar uma relação gestual com outra pessoa, ao mesmo tempo apresenta uma reação (significação) que impacta a primeira pessoa – nesse sentido, a essência da pessoa seria cognoscitiva. O pensamento e a comunicação só são possíveis mediante a existência de símbolos universais que possibilitem reações nos outros e no próprio indivíduo e que finalmente despertam na *persona* do indivíduo a mesma sensação que desperta nos outros. Ditas reações em cadeia como um todo, segundo Mead, gerariam os princípios e valores da comunidade que possibilitam a conduta controlada da pessoa e, em tal sentido, da sociedade.

natural e sociocultural. No entanto, Mead abre a possibilidade ao estudo da forma como a estrutura de significações do mundo é experimentada como realidade; nesse sentido, a forma, como ela determina, ou motiva a conduta dos seres humanos.

Goffman (1974), por outro lado, considera que todo sujeito é protagonista de uma história que é ao mesmo tempo social e individual, ao longo da qual se desenvolvem diferentes atitudes e crenças que não só outros têm sobre o indivíduo, senão que ele tem sobre si mesmo baseado na interpretação das atitudes e crenças que pode perceber nos demais sujeitos. Daniel Bertaux, que estuda biografias desde uma perspectiva sociológica, considera também que as lógicas que regem o mundo social ou *mesocosmos* se apresentam igualmente nos microcosmos que compõem esse mundo social. Assim, mediante a observação de “uno solo, o mejor varios microcosmos, y por poco que se logre identificar las lógicas de acción, los mecanismos sociales, los procesos de producción y transformación, se debería poder captar al menos algunas de las lógicas sociales del mesocosmos mismo” (BERTAUX, 2005, p. 18).

Numa linha diferente, mas baseada na mesma preocupação sobre a relação indivíduo-estrutura, Anthony Giddens propõe a teoria da estruturação social. Esta, similar à de Habermas, retoma e critica teorias clássicas a partir do que reconstitui a relação entre indivíduo e sociedade. O autor situará suas análises sempre num contexto espaço-temporal determinado, dando àquele um papel fundamental na investigação. Pode-se dizer que a questão da relação entre linguagem, agência e cognição, desenvolvida historicamente, é o centro dessa perspectiva²²⁶.

²²⁶ De modo geral, Giddens analisa as características e atribuições do *self* (referência ao aspecto autorreflexivo do sujeito individual), do corpo e do tempo – espaço no contexto da vida cotidiana. Com esse propósito, o autor critica tanto as teorias interpretativas, pela ênfase que dão ao sujeito, quanto o funcionalismo e o estruturalismo, pela supremacia que dão ao objeto social. O funcionalismo e o estruturalismo afirmariam um predomínio do todo social sobre suas partes individuais. Nesse sentido, a proposta teórica do autor é relacionar a ação, o significado da ação e a subjetividade com a estrutura e a coerção. Em outras palavras, o interesse de Giddens é compreender as práticas sociais ordenadas no tempo e no espaço num processo que envolve o agente e a estrutura social numa relação de interdependência dinâmica. A diferença dessa proposta em relação à de autores que pensam a relação da pessoa (seja indivíduo, agente, sujeito, etc.) e a estrutura num sentido interdependente ou dialético é que, por exemplo, para Giddens existem temporalidades diferentes (para Bourdieu, por exemplo, tudo ocorre num mesmo tempo). Ou seja, em Giddens, existe o tempo das pessoas cognoscitivas e um tempo mais longo na estrutura ou nos princípios estruturais. Na proposta teórica do autor, o agente se constitui num ser reflexivo que monitora o conjunto das suas ações (os seres humanos são agentes cognoscitivos), mas a maior parte de ditas ações cotidianas não é diretamente motivada nem elaborada na forma de discurso. No entanto, esse fato (consciência prática) não impede aos agentes que tenham uma vida normal, ou seja, que possam interagir e desenvolver ações ou atividades cotidianas. O anterior processo é compreendido na teoria de Giddens como rotinização; o agente repete cotidianamente práticas sociais idênticas ou similares possibilitando a reflexividade e o conhecimento do ambiente de atuação. Para o autor, as relações dos homens estão mediadas tanto por recursos materiais externos quanto pela linguagem e os próprios corpos dos agentes. Assim, a compreensão do tempo-

A contribuição de Giddens está na crítica aos conceitos tradicionais de estrutura, que na sua teoria é definida melhor como *princípios de estruturação* que permitem a delimitação do tempo-espaço nos sistemas sociais, como também as propriedades que possibilitam a existência de práticas sociais semelhantes (em suas dimensões variáveis) e que permitem uma forma sistêmica. Ou seja, os sistemas sociais (como práticas sociais reproduzidas) não têm estruturas, senão propriedades estruturais²²⁷. A estrutura só existe como presença espaço-temporal, motivo pelo qual não pode ser entendida como objeto, mas como memórias que se concretizam em propriedades continuamente renovadas dos sistemas sociais e que se estendem no tempo e no espaço delimitando o campo de ação dos agentes. Mas dita delimitação não necessariamente é coercitiva, ela pode também facilitar a ação dos agentes sociais. Em outras palavras, as propriedades estruturais dos sistemas sociais impõem restrições, mas podem também possibilitar a realização de ações: o corpo seria uma linguagem e não só a reprodução do papel social.

Da teoria de Giddens é possível subtrair algumas ideias úteis: o estudo da vida cotidiana é essencial para a análise da reprodução das práticas institucionalizadas; os indivíduos, ao estarem desarticulados no espaço-tempo, têm um dilema entre a rotinização e a reflexividade (agência). Segundo Giddens, à medida que o poder não é monopólio da estrutura, a agência se constitui numa expressão de poder. Como consequência desse processo, os indivíduos modernos estão solucionando problemas o tempo todo, visto que são sujeitos interpretativos que não estão totalmente integrados e que devem tratar esses processos de integração sempre (propriedades estruturais) nos marcos dos princípios estruturais. Nesse sentido, o indivíduo, para Giddens, está deslocado, pelo que viver em sociedade é para ele difícil, quase no mesmo sentido que considera Mead.

Contudo, posteriormente, foram desenvolvidas outras perspectivas teórico-críticas dessas primeiras posturas, as quais permitem abordar de uma maneira mais adequada o exercício de investigação realizado. É o caso das dimensões da sociologia numa *escala*

espaço corporal é importante para a compreensão da maneira como as práticas cotidianas são delimitadas pelas propriedades estruturais dos sistemas sociais, e para a compreensão do modo como na cotidianidade se efetua a perpetuação dos sistemas. Nesse sentido, na teoria da estruturação, os limites do corpo são as fronteiras espaciais do indivíduo em relação ao tempo-espaço.

²²⁷ Propriedades estruturais, princípios estruturais e dualidade de estrutura. O momento de reprodução da ação é também, para o autor, o momento da reprodução dos contextos da vida cotidiana. Até nos momentos de mudança social dita dualidade da estrutura é sempre a base da reprodução social e, ao mesmo tempo, pressupõe o monitoramento reflexivo dos agentes na *durée* da atividade social. A vinculação entre as propriedades estruturais e a dualidades da estrutura permite compreender o significado das ações dos agentes na reprodução dos sistemas sociais e a forma como podem surgir ações criativas e não só reações aos estímulos do ambiente.

individual, em particular os conceitos de *disposições* e de *contextos* desenvolvidos por Bernard Lahire, como também das noções de *agência*, *cultura* e *estrutura* presentes na teoria de Margaret Archer. Dado que a investigação tentou problematizar sociologicamente um indivíduo para poder compreender uma lógica política mais ampla na Colômbia, consideram-se as ferramentas conceituais de Lahire e Archer as mais pertinentes.

A partir de dimensões de análise opostas, os dois autores têm o mesmo interesse por compreender as razões pelas quais algumas ações ou práticas individuais não obedecem a fatores estruturais preexistentes, lembrando que a agência individual, como geradora de novidade no interior da estrutura ou dos contextos socioculturais, merece ser analisada multidisciplinarmente pela sociologia. As diferenças entre os dois autores têm a ver principalmente com a noção de *reflexividade*.

Como se disse, Carlos Pizarro Leongómez tinha uma origem oligárquica, militarista e também revolucionária. Seus sobrenomes estiveram sempre presentes na história política do País, como é o caso do bisavô da sua mãe (Margoth Leongómez), José Acebedo y Gómez, que defendeu a emancipação da Espanha e a organização de um estado republicano e democrático; Antônia Santos, heroína fuzilada no processo de independência; Adolfo Leongómez, fundador da Academia Colombiana de História; Eduardo Leongómez, fundador da *Escuela de Caballeria*; Gustavo Matamoros D'Acosta, ministro de defesa; e Clímaco Pizarro, fundador da Escola Militar de cadetes. Pizarro é também filho de Juan Antonio Pizarro, único membro da Armada Nacional que chegou a ser comandante em chefe das Forças Armadas.

É difícil definir até que ponto a sua origem de classe foi mais ou menos determinante sobre suas escolhas de vida. O que é possível constatar sociologicamente é que ele foi suficientemente multissocializado como para pôr em jogo (nas diferentes situações da sua trajetória política) os múltiplos determinismos derivados das suas socializações. Ainda assim, o fato de que os indivíduos são de certa maneira plurais faz com que não sejam sempre conscientes dos determinismos e desenvolvam uma sensação de liberdade sobre seus destinos. A presença de múltiplos determinismos postos em jogo em diferentes contextos de ação tem sido desenvolvida sob o conceito de *disposições incorporadas*, proposto por Bernard Lahire.

O conceito de *disposições* remete desde logo à discussão sobre a relação entre o micro e o macro, ou entre agência e estrutura, que foi sempre uma preocupação da sociologia clássica e contemporânea. Porém, em oposição a essa velha discussão, Bernard Lahire parece

defender a ideia, inspirada na teoria de Norbert Elias, de que a separação entre as dimensões de estrutura e ação, ou entre sociedade e indivíduo, é errada: elas, na verdade, seriam expressões inseparáveis da realidade social. Para Lahire, a sociedade é um conjunto de redes de indivíduos que incorporam o social, constroem sua identidade e agem segundo sua relação e participação diferenciada em diversos tipos de redes ou contextos. Portanto, o social só poderia ser reconstruído a partir de uma análise das características individuais dos atores.

Por esse motivo, a obra de Lahire tentará definir-se a partir do diálogo com a *teoria prática* inaugurada por Bourdieu, e em particular a partir da crítica à relação entre estrutura e agência desenvolvida nos conceitos de *habitus*, *campo* e *capital cultural*. No entanto, o autor apresenta pontos de contato com a teoria de Bourdieu no que respeita à sua concepção de ator social como um ser que se constitui nos processos de socialização onde incorpora disposições que orientam suas ações; como também no que respeita à ressalva em relação ao objetivismo estruturalista, de que reduz as práticas a um resultado de uma imposição estrutural mecânica. Contudo, Lahire se afasta da teoria bourdieana ao propor uma perspectiva que recupere a diversidade de experiências de socialização que um mesmo ator desenvolve em múltiplos contextos no decorrer da vida, e que o levam a constituir disposições plurais ou mesmo contraditórias. Para Lahire, o passado incorporado é de alguma maneira “determinante” na construção das múltiplas disposições que os indivíduos põem em jogo no presente.

Segundo o autor, poderíamos dizer que é possível esboçar outra imagem do mundo social mediante uma sociologia em escala individual, que indague sobre a maneira como os indivíduos podem ser por vezes heterogêneos e, ao mesmo tempo, permita compreender as funções sociais da estrutura dominante. Para o autor, as perspectivas focalizadas no nível macro (classes, frações de classe ou grupos sociais) têm uma “visão mutilada do social”, levando-o a pensar na impossibilidade de um espaço cultural homogêneo ou fundamentado unicamente na oposição legítimo/ilegítimo, como se o conjunto dos indivíduos dos grupos sociais tendesse a alinhar-se unicamente pelos consumos legítimos da classe dominante. De acordo com esse olhar teórico, o nível macrossocial permitiria ter só uma perspectiva de conjunto dos processos sociais, mas sua transposição na escala individual seguramente poderia levar a ter uma leitura enganadora da realidade individual e simplificadora da realidade social.

Se levássemos em conta que as pessoas frequentam alternativamente diversos registros socioculturais ao longo da sua vida, não seria estranho concluir que na verdade a

maioria delas tem características e pertencimentos simbólicos heterogêneos ou dissonantes. Nesse sentido, numa sociologia feita na escala individual (e em oposição aos perfis consonantes, que construiriam uma sociologia bourdieana), não há nada mais frequente nos perfis individuais que uma série simultânea de comportamentos típicos e marginais: “se o mundo social é um campo de batalha, também muitas vezes os indivíduos que o compõem são eles próprios a arena de uma luta de classificações” (LAHIRE, 2007, p. 810).

Em tal sentido, no presente trabalho, tentou-se realizar uma análise empírica dos processos de socialização e dos contextos de ação da vida de Carlos Pizarro, apontando aos limites da transposição de generalizações na escala individual e da recuperação abstrata da incorporação do passado. Uma análise na escala coletiva própria da teoria de Bourdieu poderia chegar a concluir que os indivíduos agem tipicamente segundo as disposições gerais incorporadas no contexto de socialização do seu grupo social. Contudo, numa análise na escala individual, o indivíduo apresentará heterogeneidades como consequência de uma trajetória de experiências diferentes, contraditórias ou mesmo incoerentes que o constituem num ser portador de múltiplas disposições e, portanto, não completamente representativo do grupo social.

Um exemplo já construído é o da relação entre as obras de arte e os “receptores”: poderíamos dizer que a sociologia dos campos só se perguntaria se o receptor da obra domina ou não o código cultural inscrito nela, caindo no risco de chegar a uma posição legitimista da análise cultural. Inversamente, a saída sugerida por Lahire estaria voltada a compreender a experiência do “receptor” com a obra de arte, que desde logo desconstruiria de algum modo o código cultural “legítimo”. Neste caso, a contribuição/conclusão à qual podemos chegar é a de que a preocupação do autor estaria mais enfocada no aceso diferencial ao capital cultural determinado, não pela distribuição desigual dos objetos culturais, senão pela apropriação diferencial da circulação deles.

Por outro lado, é importante assinalar também que a utilização dessa teoria pode-nos deixar atentos a diversos problemas da postura legitimista na teoria de Bourdieu²²⁸, a saber: a

²²⁸ A teoria de Bourdieu (1980) é uma teoria sociológica e metodologicamente rica, que, nutrida dos esquemas interpretativos das ciências sociais e humanas, conseguiu criar uma posição crítica no que diz respeito à análise das relações de dominação e ao mesmo tempo propor uma ruptura com as ideologias. Seus conceitos-chave, como *campo*, *habitus*, *dominação*, *capital cultural*, *violência simbólica*, entre outros, lograram estabelecer uma relação entre empiria e teoria, rejeitar o academicismo e intelectualismo, e ao mesmo tempo indicar as condições para a construção de um adequado objeto de estudo. Nesse sentido, esses elementos a têm configurado como uma teoria muito sedutora na hora de analisar práticas socioculturais. A esse respeito, poder-se-ia considerar, de maneira bastante ampla, que o conjunto dos seus principais conceitos consegue ser articulado na noção de

insistência e sobrevalorização da dominação que reduz todas as situações sociais a situações de dominação, em que os dominados sempre perdem a batalha; a separação ilusória que gera a ideia de autonomização e diferenciação dos campos, a qual esquece que as sociedades estão diferenciadas e os universos sociais nelas se inter-relacionam; e, finalmente, o risco de cair numa análise que determine os agentes segundo o que é exterior a eles, esquecendo seus processos de recepção, apropriação e produção de sentidos.

Viu-se como Carlos Pizarro não foi um indivíduo completamente representativo dentro dos espaços de socialização e grupos sociais aos quais esteve articulado. Apesar da sua origem de classe e do conservadorismo da sua família, ele fez parte das mudanças geracionais e das tendências socioculturais da época. A partir dali, nos sucessivos espaços de socialização, ativou disposições ganhas e acumuladas nas experiências familiares, escolares e políticas. Nesse sentido, Pizarro não esteve sujeito a um único determinismo social. Pelo contrário, conseguiu pôr em jogo o social incorporado na forma de uma complexidade de determinismos que guiaram suas ações. Como assinala Lahire, o que estatisticamente separa os grupos atravessa também os indivíduos.

Assim, por exemplo, durante a *Frente Nacional*, Pizarro esteve vinculado tanto aos âmbitos de socialização elitistas e conservadores (presentes na sua família e universidade) como também às agrupações políticas urbanas conformadas por setores e cidadãos marginalizados política, social e economicamente. Ainda assim, apesar de sua militância política ter estado mais ligada a este último âmbito de socialização, isso não implicou o esquecimento de algumas orientações e determinações políticas e religiosas. Nesse sentido, da mesma forma como algumas experiências de socialização permitiram que Pizarro se articulasse a movimentos de esquerda e às FARC, outras disposições e “heranças” ganhas na sua família e em outros espaços políticos foram ativadas durante sua militância no M-19, onde progressivamente foi-se distanciando das ideias de esquerda mais radicais.

cultura e de popular. Segundo Bourdieu, os indivíduos que fazem parte das classes populares, no âmbito de uma dominação econômica e simbólica, têm uma eficácia limitada ou nula sobre as estruturas e sobre a própria conduta. Ou seja, suas preferências e gostos só se explicariam segundo sua posição social num sistema ético e estético de disposições e práticas (*habitus*) que se constitui na base das hierarquias simbólicas da estrutura social. Nessa estrutura, cada indivíduo terá modos de apropriação e sentidos diferenciados em aspectos relativos à linguagem e ao capital cultural, adquirindo assim uma identidade segundo a diferença estabelecida com os gostos e práticas das outras classes sociais. Segundo essa teoria, o estilo de vida das classes “populares” se explicaria a partir das privações culturais (ausência de consumos de luxo) que se constituem em necessidades artificiais impostas pela cultura dominante, e que são aprendidas nos espaços de sociabilização (fábrica e escola) onde as pessoas “reencontram a cultura [...] como um princípio de ordem que não tem necessidade de desmontar sua utilidade prática para ser justificado” (BOURDIEU, 1983, p. 20).

Cabe apontar que, apesar da concepção da revolução que o M-19 defendia (mais flexível e humana), a militância continuou ocupando grande parte da vida de Pizarro, pelo que este não teve oportunidade de frequentar permanentemente outros espaços de socialização de maneira simultânea. Porém, isso não impediu que desenvolvesse diversas disposições sociais. Assim, essa diversidade dá conta tanto da heterogeneidade dos seus espaços de socialização como da inter-relação ou interação entre os universos sociais por ele interiorizados. Diz-se “interiorizados” porque a diversidade de disposições e orientações é possível mediante um processo particular de apropriação dos universos sociais que Pizarro teve diante de si.

Todavia, e como se disse no capítulo III, as múltiplas disposições permanecem, deixam rastros e são ativadas no crescente processo de individualização da pessoa. Exemplo desse fenômeno foi o aproveitamento da experiência da luta armada nas FARC durante o processo de criação e estabelecimento das primeiras unidades militares rurais que Pizarro comandou; também a permanência das disposições ganhas na experiência guerrilheira (relacionadas com o militarismo e as hierarquias) durante o exercício político na vida civil. Nesse sentido, durante o tempo em que foi candidato presidencial, Pizarro desenvolveu orientações heterogêneas e dissonantes em relação ao novo espaço de socialização onde se configurou no caudilho do novo movimento político. Outra mostra da heterogeneidade de disposições políticas de Pizarro foi quando, apesar de ter desistido de muitas das ideias da esquerda revolucionária, continuou defendendo o projeto de construção de um exército popular para ascender ao poder; ou, melhor, de estabelecer o que aparentemente parecia um paradoxo: uma democracia em armas.

É importante assinalar, ainda, que a reconstrução dos diversos contextos de socialização, das diferentes determinações e da heterogeneidade de disposições durante a trajetória de Pizarro também permite compreender as funções sociais da estrutura dominante. Desta forma, mediante a trajetória de Pizarro, é possível identificar alguns dos fatores que explicam o surgimento e transformação dos contextos de violência insurgente e os contextos sociopolíticos das décadas de 1970 e 1980 de modo geral. É interessante, por exemplo, a forma como Pizarro acompanha a origem e a transformação permanente da concepção política e revolucionária do M-19; também a forma como essas transformações nas características do âmbito de socialização foram determinando sucessivamente sua trajetória. Em tal sentido, a trajetória de Pizarro e, de modo geral, a realidade de qualquer outro indivíduo fazem referência à estrutura de conjunto das sociedades que produzem essa trajetória particular, sem

que as variações intraindividuais questionem a existência das desigualdades e das funções sociais da estrutura dominante numa sociedade hierarquizada.

Contudo, o conjunto das experiências de socialização fazia de Pizarro um comandante com orientações militares diferentes dentro da organização guerrilheira. Assim, corroborado pelo valor que o M-19 dava à emotividade e individualidade nas relações entre militantes, Pizarro conseguiu realizar operações que invertiam muitos dos princípios de guerra guevaristas que predominavam na luta armada colombiana e que ele próprio havia aprendido em Cuba junto com os comandantes da organização. Como se disse, a consequência dessa orientação no âmbito de luta rural foi marcante, já que constituiu dito âmbito como um espaço de confrontação onde a guerrilha podia ter controle de posições e possibilidades de vitória militar. Posteriormente, durante o período em que foi comandante-geral, Pizarro mudou radicalmente seu discurso, relativizando posições e ideias que havia defendido no passado. No entanto, ele deu continuidade a práticas típicas das organizações militares que desenvolveram orientações caudilhistas e hierarquizadas no ADM-19. Também durante essa conjuntura os setores tradicionais, em particular os relacionados ao Partido Conservador, começaram a mudar seus discursos e posições em relação ao processo de paz com as guerrilhas. Como se mencionou, essa mudança nas orientações políticas de atores que eram considerados inimigos evidencia a contingência do contexto político.

Em resumo, poder-se-ia dizer que a socialização individual (ou intraindividual) de Pizarro foi heterogênea, motivo pelo qual muitas vezes consegue escapar das categorizações próprias dos grupos sociais que frequentou (sejam escolares, políticos ou de classe). Este estudo na escala individual tentou mostrar como as variações intraindividuais são consequência da exposição do indivíduo a influências socializadoras heterogêneas e, sobretudo, como o social se apresenta de maneira complexa no individual.

Para Durkheim, por exemplo, os fatos sociais são exteriores ao indivíduo. Mas a questão estaria em determinar a consciência ou não consciência dos indivíduos sobre esses fatos ou realidades sociais. No entanto, não só Durkheim, também Marx e outros pensadores têm assinalado que fatos sociais como, por exemplo, a língua são preexistentes ao indivíduo e, portanto, não são criados por cada nova geração. Tratar-se-ia de heranças que são assimiladas de forma inconsciente. Assim, os fatos sociais são externos ao indivíduo no sentido de que este não pode ter consciência deles de maneira espontânea, porque os fatos ou realidades sociais funcionam independentemente do uso que o indivíduo faz deles. Em tal sentido, ditos

fatos ou instituições econômicas, culturais, políticas, morais, etc. existem fora da consciência dos indivíduos.

Ainda assim, para autores como Lahire, ao mesmo tempo que se apresenta essa lógica de repetição e reprodução dos denominados fatos sociais, eles “não existem fora dos usos que fazem milhares de outros” (LAHIRE, 2006, p. 599), já que os indivíduos, ao serem portadores ou estarem atravessados por esses fatos, conseguem fazer representações deles mediante discursos particulares. Apesar de, para Durkheim, o fato social existir independentemente das formas individuais que assume, haveria que dizer ainda que o fato social nem sempre é acessível às consciências individuais, o que permite pensar que muitos fatos ou instituições sociais não podem existir independentemente dos indivíduos. Segundo Lahire, os fatos sociais “atravessam sob formas diferentes uma infinidade de casos individuais” a partir dos quais é possível, então, abordar uma realidade social. Para Durkheim, de maneira oposta, dita realidade deve ser despersonalizada, o que levaria a caracterizar os fatos fora dos usos reais que os indivíduos fazem deles.

No caso da trajetória de Pizarro, foi possível notar que suas ações não estiveram completamente orientadas pelas determinações típicas dos espaços de socialização de classe, família, escola, partido, guerrilha ou movimento político. O que se poderia dizer, então, é que Pizarro foi heterogeneamente determinado nesses espaços no sentido de que existiu uma apropriação diferencial e ativação diferencial dos conteúdos e determinações dos contextos em que participou. Para Lahire,

Nossas diversas opiniões e nossos pontos de vista apenas aparentemente estão encerrados em nossa mente. Pode-se dizer, ainda em forma metafórica, que nosso pensamento é muitas vezes como uma sala de deliberações onde tomam assento e discutem entre si argumentos, ideias e abstrações que, em grande medida, devemos aos outros: mas são os outros que debatem em nós. [...] Cada um é membro de várias comunidades de pensamento que passam a ser individualizadas e mais pessoais, são muitas influências socializadoras as que os indivíduos estão expostos que geram o sentimento de ser único. (LAHIRE, 2006, p. 605).

A sociologia de Lahire permite pensar na pluralidade de disposições e contextos em que os indivíduos se deslocam; também advertir que o indivíduo não exerce invariavelmente um determinado sistema de disposições, senão um sistema conformado por disposições heterogêneas que foram adquiridas em diferentes contextos de socialização. Lahire considera que existem mecanismos de vigia-ção ou de inibição-ativação de disposições que funcionam

segundo a interação entre relações de força interna (disposições) e externa (outros atores e situações) e que demonstram a pluralidade de disposições.

Seria pertinente recuperar também a leitura de Philippe Corcuff (2008) sobre a relação entre as teorias de Bourdieu e Lahire, já que a partir dela poderíamos identificar alguns pontos críticos na proposta analítica deste último. Para Corcuff, o conceito de *habitus* poderia ter sido recuperado erroneamente na perspectiva de Lahire, já que em Bourdieu existiria uma distinção entre o *habitus* de classe e o *habitus* individual (ainda que esta categoria não fosse aplicada na análise sobre gostos e práticas culturais), que se pode constituir também num recurso para pensar a pluridimensionalidade da individualidade²²⁹. Ou seja, para Corcuff, apesar de na teoria de Bourdieu cada pessoa ser um composto individual de disposições coletivas, nas leituras antibourdiesianas esse nível é opacificado pela carga excessiva outorgada à noção de *habitus* coletivo. Nesse sentido, o autor considera que a obra de Lahire é uma prolongação crítica do esquema disposicional planteado inicialmente por Bourdieu, só que numa dimensão mais radical do pluralismo do indivíduo.

Seguindo essa perspectiva, a diferença conceitual de Lahire em relação à teoria de Bourdieu seria a de que o primeiro desenvolve o conceito de *disposições individualizadas* dissonantes e não de *habitus individuais*. Portanto, a inovação da proposta não seria propriamente teórica, senão empírica e complementária. Para Corcuff, a teoria de Lahire, oposta às considerações da teoria da “Rational choice” (na qual o indivíduo é sempre livre na hora de eleger seu caminho), continuaria na linha determinista da análise social. Nesse sentido, numa sociologia na escala individual baseada nos conceitos de Lahire, o ator não é livre, senão dotado de uma singularidade dissonante, motivo pelo qual as disposições só se ativam de acordo com os múltiplos contextos de ação. Em resumo, a diversidade de *contextos* em Lahire substitui a noção de *campo* que propõe Bourdieu, em que as disposições se ativam em todo tipo de situação social.

Embora a teoria de Lahire perceba a complexidade dos processos de socialização que levam à conformação de uma singularidade dissonante, aqui pode-se dizer que tal complexidade é apenas uma parte do que determina o caráter da ação. A teoria ainda não dá conta do funcionamento da subjetividade humana, a partir da qual se poderiam entender também as motivações dos indivíduos na hora de participar ou reagir aos diferentes contextos em que desenvolvem suas experiências socializadoras. Na presente investigação, mostram-se

²²⁹ Um exemplo, segundo Corcuff, seria o conceito de *habitus dividido* ou “*clivés*”.

diferentes tipos de socialização, como também exercícios subjetivos no interior de diversas situações nas quais se poderia esperar a presença de *disposições*. Em outras palavras, essa teoria serve para interpretar o sentido da ação, mas não para explicá-la por completo. A pergunta à teoria que a investigação formulou foi esta: como os indivíduos ocupam-se e deslocam-se nos diferentes contextos de ação? Ou: como o indivíduo muda ou conserva as suas características no transcurso das interações sociais? Ditos contextos só constringiriam e determinariam? Ou podem eles ter o poder de habilitar ações autônomas?

Se nos apegássemos à leitura de Corcuff, a resposta seria que, para Lahire (e para Bourdieu também), existe um predomínio da tendência determinista que descuida as margens de autonomia dos atores quanto entram no processo de socialização e, nesse sentido, pouco importaria a maneira como eles lidam com o conjunto de contextos. O importante seria só o processo de socialização; o que vem depois seria impossível de teorizar²³⁰.

Apesar de a intenção de Lahire ser destacar os riscos das posturas legitimistas apontando a necessidade de mudar o foco de análise, ele não consegue escapar por completo do determinismo do qual é crítico. Se os indivíduos são produto da incorporação do social e existe neles uma pluridimensionalidade de disposições, seria importante também propor uma teoria que permitisse analisar a margem de manobra autônoma que esses indivíduos podem ter em diferentes contextos de ação.

Nesse sentido, poderíamos considerar que uma saída a esse problema pode estar na teoria de Margaret Archer (2007), concretamente no seu conceito de *conversaçãõ interna*, que (como nos conceitos de Lahire) é desenvolvido no limite entre a sociologia e a psicologia social.

De modo oposto ao reducionismo psicológico e ao determinismo social, para Archer, agência, cultura e estrutura são entidades emergentes separadas. Segundo ela, essas entidades não são dimensões de uma mesma entidade (realidade social), nem instâncias sucessivas de um processo social. Pelo contrário, cada uma delas tem uma inércia própria e deve ser analisada partir de regras ou princípios distintos. Assim, por exemplo, Archer considera que Giddens e Bourdieu confundem as ideias sobre a função da agência e da estrutura, visto que

²³⁰ Corcuff chama a atenção para como os dois autores equiparam as competências (aprendizagem de uma capacidade) e as disposições (tendências impostas nos processos de socialização): “La sociología disposicional de Lahire, se presenta más abierta a las variaciones contextuales, pero se mantiene siempre en la lógica de la activación de un pasado incorporado ‘determinante’. En ambos casos, las irrupciones subjetivas en situación no tienen visibilidad sociológica.” (CORCUFF, 2008, p. 32).

as compreendem como fatores que podem ser abordados a partir dos mesmos princípios. Segundo Archer, nem sempre o mundo recebido pelas pessoas se encontra diretamente ligado aos mecanismos da estrutura, pelo que propõe uma teoria da reflexividade, em que ela não é só um traço da subjetividade.

Embora as estruturas sociais não possam ser reduzidas aos efeitos das ações dos indivíduos, e os indivíduos não possam ser compreendidos unicamente como portadores das relações estruturais, a autora assinala que a cultura pode influenciar indiretamente a estrutura e as possibilidades de ação, restringindo-as ou habilitando-as. Desde logo, o grau de influência dependerá da posição e dos projetos dos agentes sociais. As pessoas podem reproduzir as características da estrutura e da cultura, mas naquele processo esses indivíduos passam de *agentes* a *atores reflexivos*. Ou seja, a estrutura pode influenciar a agência, mas não é completamente responsável por sua reflexividade e deliberação.

Segundo Archer, a sociologia geralmente vê o comportamento dos agentes como resultado da estrutura, pelo que não existiria na disciplina um interesse em analisar o processo reflexivo por trás da agência (um exemplo seria como *agência* em Lahire é sinônimo de *práticas*, o que já deixa entrever o caráter determinista; no caso de Archer, *agência* seria ação reflexiva). Para a autora, essa atitude da disciplina a leva a esquecer que a reflexividade é uma propriedade da agência ou da ação; em outras palavras, que a reflexividade é uma característica humana.

Nesse sentido, durante a trajetória de Pizarro, podem-se identificar pelo menos três momentos nos quais essa capacidade de reflexão aparece. Um primeiro momento é quando entra nas FARC num contexto em que essa era uma decisão “normal”; depois, quando sai da prisão e decide continuar no M-19; e, finalmente, quando, sendo comandante-geral do M-19, decide adiantar um processo de negociação num contexto em que as outras guerrilhas estavam começando a utilizar outros meios de financiamento a partir dos quais se fortaleceram militarmente – este momento também tem muito a ver com as reivindicações democráticas do M-19 e a sua proclividade à negociação, mas a ideia de mudar o objetivo de luta e declarar a “oligarquia” como o inimigo foi uma orientação que ele deu ao movimento. De qualquer forma, essas escolhas têm em comum que estiveram demarcadas dentro do que seria um projeto de vida relacionado com um projeto político mais amplo de transformação da sociedade. Desta forma, pode ser observado como o projeto individual em um momento de

encontro com um sistema e umas estruturas sociais, culturais e políticas mais amplas que determinam ditas eleições.

Para Archer, existe uma relação entre agência e reflexividade que se manifesta nas *conversações internas* dos atores, e que os leva a desenvolver processos de mobilidade e mudança social. Não obstante, os sistemas socioculturais sempre precedem às práticas (que produzem esses sistemas), motivo pelo qual os grandes valores e as instituições se mantêm por muito mais tempo do que os cursos de ação dos indivíduos (por mais que as pessoas considerem que seu funcionamento deva ser diferente).

Enquanto para Lahire existe um vínculo determinista entre *disposições* e *contextos*²³¹, para Archer esses vínculos são quebrados por uma *reflexividade* que bem poderia levar à mudança sociocultural. Embora a ação reflexiva pertença a uma temporalidade distinta, ela chega lentamente a influenciar a estrutura e a cultura. Assim, por exemplo, o fato de os sistemas serem sexistas não indicaria que o conjunto das práticas dos indivíduos sejam igualmente sexistas. A ação pode, até mesmo, chegar a institucionalizar práticas, mas dita institucionalização não necessariamente garantiria uma transformação cultural.

Não seria arriscado afirmar, por exemplo, que as orientações e as ações do movimento guerrilheiro e político que Pizarro integrou e liderou levaram, desde o político, ao estabelecimento da Constituição de 1991, que foi até o momento o avanço democrático mais significativo na Colômbia e que, sem dúvida, gerou importantes transformações culturais e sociais posteriores. Neste sentido, a perspectiva de Archer oferece uma explicação para por que as mudanças sociais nem sempre são geradas pelos motivos esperados, ou para compreendermos por que os fenômenos de mudança social podem acontecer em lugares nunca imaginados.

Mas voltando à análise da trajetória de Pizarro, voltada à questão da relação entre estrutura e agência, pode-se observar também que a teoria de Archer propõe um elemento ausente na teoria de Lahire, que tem a ver com a forma como a *reflexividade* (própria das conversações ou diálogos internos dos indivíduos) permite organizar as prioridades e preocupações num projeto futuro de vida individual. Esta seria a saída à pergunta sobre como as pessoas lidam com os contextos em que interatuam. Desde logo, como aconteceu com Pizarro, o projeto de vida tem um momento de encontro com os sistemas culturais e as estruturas sociais que podem restringi-los ou habilitá-los. No entanto, as pessoas nunca

²³¹ Como para Bourdieu entre *campo* e *habitus*.

perderão a capacidade de deliberar interna e ativamente para mediar entre as oportunidades estruturais objetivas e seus interesses subjetivos. Ou melhor, as estruturas têm uma incidência indireta sobre os projetos de ação, mas nunca uma influência direta sobre a subjetividade. Segundo isto, Pizarro teve sempre a opção de continuar ou mudar seus projetos introduzindo uma atitude de reflexão autodeterminante.

Haveria de dizer também que a teoria aponta que uma pessoa desenvolve vários modos de reflexividade (reflexivo-comunicativo, reflexivo-autônomo, metarreflexivo, reflexivo-fraturado), só que cada um deles tem mais incidência em determinados períodos da vida. Ou seja, as formas de reflexividade se alteram permanentemente em sua relação com os contextos sociais. Assim, por exemplo, poderíamos explicar as razões pelas quais pessoas com um mesmo processo de socialização terminam agindo ou fazendo coisas diferentes do esperado.

Ao mesmo tempo, dado que as pessoas cotidianamente têm que resolver problemas habituais e excepcionais, seria importante considerar o desenvolvimento das formas de reflexividade como competências. Para Lahire, o indivíduo lida com situações que o levam a tomar decisões baseadas em disposições que poderiam ser incoerentes com o contexto, mas ignora o desenvolvimento de ditas competências. De fato, para ele, *competências* e *disposições* são equivalentes: “O habitus como ‘sistema de disposições gerais e transponíveis’ não permite levar em consideração toda a variação do que denomino ‘patrimônios individuais de disposições e competências’” (LAHIRE, 2012, p. 155).

Em resumo, do ponto de vista do presente trabalho, considera-se que, apesar de a maior parte da trajetória política de Pizarro ter-se desenvolvido num espaço de socialização relativamente homogêneo, as disposições de que era portador eram plurais e heterogêneas. As condições sócio-históricas e os âmbitos específicos de socialização de Pizarro não eram totais, fechados e rígidos. Como se viu, tanto o âmbito familiar como a escola, a guerrilha do M-19 e os demais espaços de socialização eram heterogêneos e, sobretudo, incoerentes dentro deles próprios e em relação aos contextos sociais e políticos mais amplos. Assim, por exemplo, viu-se como Pizarro fundou e comandou um movimento guerrilheiro militarista e nacionalista que queria humanizar o processo revolucionário reivindicando práticas democráticas. Este e outros paradoxos mostram como Pizarro esteve inscrito em diversos âmbitos de ação que não foram completamente homogêneos e completamente determinantes, mas que deixaram nele conteúdos, heranças ou patrimônios articulados num sistema heterogêneo de disposições.

Ao mesmo tempo, partindo da ideia de que os indivíduos são seres reflexivos que conseguem avaliar criticamente situações, considera-se que durante a trajetória de Pizarro se apresentaram exercícios de reflexividade em alguns momentos de mobilização entre contextos de socialização. Como se disse antes, da experiência de lidar entre a objetividade estrutural e a subjetividade individual, o indivíduo não só define disposições, senão também aumenta sua capacidade de avaliação reflexiva. Desta maneira, muitas das escolhas de vida, como a de participar de uma causa guerrilheira, evidenciaram em Pizarro uma posição subjetiva que surgiu de contextos sociais e culturais contingentes em que ele encontrou uma causa que também justificou sua própria existência. É como dizer que Pizarro fez sua eleição sob certas condições sociais tentando ser livre, mas isso não significou que essa decisão fosse totalmente autônoma. Ainda assim, nesse momento, possivelmente desenvolveu-se um exercício de reflexividade sobre seu futuro. De igual maneira, a renúncia ou desmobilização do movimento guerrilho implicou uma decisão mais autônoma, em particular porque implicou a renúncia a construções pessoais que justificaram sua existência por muitos anos. Segundo isto, é possível estabelecer alguns pontos de contato com a proposta de Lahire.

De um lado, no centro da teoria Lahire, estão os processos de socialização e as disposições que resultam deles. Por esse motivo, a questão do *passado* é determinante na hora de explicar as práticas desenvolvidas nos diferentes contextos de ação presentes ou futuros. Ao mesmo tempo, nessa perspectiva, o social pode ser reconstruído no individual de maneira complexa em razão dos múltiplos processos de socialização. Segundo isto, as escolhas dos indivíduos sempre estão determinadas pelas disposições (mesmo múltiplas), o que leva a pensar que as decisões individuais são *irreflexivas*. O problema dessa perspectiva é que não pode explicar concretamente as motivações individuais (internas ou subjetivas) das práticas e dos deslocamentos entre contextos. Portanto, a teoria só dá conta das motivações externas das práticas (processos sociais objetivos), porque a interioridade individual continua sendo uma interiorização do externo, onde não há lugar para a consciência e a reflexão. Como aponta Corcuff, a teoria de Lahire traz a novidade da mudança de escala, mas a questão problemática de como a estrutura e a agência (para Lahire, dimensões da mesma entidade) interatuam ainda não foi resolvida.

Já numa perspectiva oposta, poderíamos afirmar que, para Archer, tanto a estrutura quanto a agência têm propriedades emergentes distintas e poderes causais próprios. Ou seja, agência e estrutura afetam e podem ser afetadas no seu encontro. Entretanto, para a autora, o centro da questão está no processo deliberativo interno e autônomo das pessoas, onde estas

desenvolvem seus projetos de vida. Desta forma, as conversações internas e os projetos futuros que delas surgem garantem a autonomia dos indivíduos ao mesmo tempo que lhes permitem resolver os problemas do presente. Assim, segundo essa teoria, as pessoas se autodeterminam mediante uma luta no presente por conseguir o que querem no seu *futuro*. Diferentemente de Lahire, para Archer não existe internalização e determinação direta da estrutura, senão motivações internas que dão conta de exercícios de consciência e *reflexão* por parte dos indivíduos.

A ideia, neste trabalho, era poder mostrar um tipo de conciliação entre alguns elementos dos dois enfoques, sugerindo a possibilidade de que tanto *disposições* quanto *conversações internas* (tipos de reflexividade) (WAGNER, 2010, p. 27) são ativadas dependendo dos contextos de ação. Na investigação, foi desenvolvida a ideia de que existem múltiplos processos de socialização e disposições múltiplas que levam o indivíduo a ter disposições igualmente múltiplas. Porém, considerou-se conveniente estabelecer equilíbrios distintos entre ação reflexiva e irreflexiva na hora de lidar com contextos de socialização. Em poucas palavras: a experiência que resulta das situações afrontadas na trajetória de vida poderia não só unicamente *definir disposições*, senão também aumentar a capacidade de *avaliação reflexiva*.

8.2 Considerações sobre a relação entre institucionalidade e violência

O fenômeno político mais inquietante percebido na reconstrução da trajetória política de Pizarro foi a estabilidade das instituições colombianas num contexto imutável de violência política cada vez mais exacerbada. Como se viu, à exceção do breve período ditatorial de Rojas Pinilla, a institucionalidade esteve legitimada e permaneceu em funcionamento permanente. No entanto, é importante dizer que dita estabilidade não se constituiu em sinônimo de fortaleza democrática. Pelo contrário, a prolongação do conflito armado interno, por exemplo, se explica sobretudo pela debilidade institucional. A estabilidade, neste caso, se refere à ausência de golpes de Estado ou ao derrubamento total dos mecanismos institucionais.

Desta maneira, partindo da ideia de que na Colômbia tanto a violência orientada politicamente quanto a debilidade institucional são fenômenos estáveis e prolongados (apesar dos significativos avanços da Constituição de 1991 em termos de democratização social e política), apresentar-se-á uma hipótese explicativa a dito fenômeno.

A partir dos elementos recuperados na análise da trajetória do Pizarro, ficaram em evidência não só a continuidade e o aprofundamento da violência política, como também o ocultamento de autênticos regimes autoritários, como o do Turbay, sob o mando de uma estabilidade institucional compreendida erroneamente como estabilidade democrática. Assim, por exemplo, mencionou-se como os abusos por parte das Forças Armadas se fizeram, muitas vezes, com a cumplicidade dos paramilitares. Nesse sentido, poder-se-ia falar da existência de uma estabilidade institucional democraticamente limitada que contribuiu ao estabelecimento de uma matriz política baseada na relação amigo-inimigo em que o recurso à violência tem sido permanente.

As instituições colombianas nunca tiveram o poder suficiente para regular a vida social e, portanto, para deter o monopólio ou a legitimidade da força. A principal causa desse fenômeno é que elas têm-se mantido sob o controle de elites e setores políticos que desde o início do estabelecimento do Estado-Nação repartiram o poder e o patrimônio público entre si, sem incluir política e economicamente amplos setores da sociedade, principalmente os setores populares. Nesse sentido, seria mais adequado falar da existência de um Estado oligárquico e não de um Estado-Nação propriamente dito, em que as relações sociais e políticas se fundamentem num pacto social, cultural e político. Além disso, este Estado se encontra fragmentado segundo os interesses regionais dominantes, o que impossibilita também a definição de objetivos políticos e econômicos de caráter nacional.

Assim, por exemplo, a *Frente Nacional*, um pacto político excludente que deu termino à violência partidária dos anos cinquenta, terminou criando novos conflitos sociais e políticos, dado que configurou os partidos tradicionais em organizações oligárquicas não representativas de antigos e novos atores sociais. A *Frente Nacional* foi, talvez, o regime em que ficou mais evidente a configuração das instituições em máquinas de administração burocrática e clientelista. A marginalização de amplos setores da rede de clientelas partidárias foi debilitando ainda mais a credibilidade nos partidos e nas instituições, o que produziu uma diminuição progressiva da participação eleitoral, o surgimento de processos de mobilização e organização social, como também o nascimento de novas formas violentas de oposição e resolução de conflitos. Logicamente a *FN* foi só uma manifestação da já existente insuficiência estatal na hora de resolver e controlar os conflitos sociais.

O débil desenvolvimento das instituições em que, como se disse, sempre predominaram formas de representação tradicionais baseadas em lealdades pessoais não

acompanhou os precários e por vezes acelerados processos de modernização econômica. Ou seja, as instituições ou o Estado não conseguiram articular os processos de modernização e a distribuição do poder e da riqueza, o que levou ao crescimento da desigualdade e da exclusão política. Como resultado desses fatores, surgiram as primeiras organizações armadas (que se definiu como primeiro contexto de violência insurgente) que até o momento desenvolvem formas de luta armada política não formal. Nesse sentido, a lógica amigo-inimigo passou a determinar quase por completo os demais aspectos da vida sociopolítica do País.

Chama a atenção como, após a criação de pactos políticos – a *Frente Nacional* ou a própria Constituição de 1991 –, a violência com orientação política se incrementou significativamente e se diversificou. Isso indica que não existem espaços ou mecanismos fortes de mediação entre a sociedade e a débil institucionalidade, motivo pelo qual a violência se configurou numa ferramenta para resolver conflitos e para manifestar interesses. Esse processo foi denominado *Militarização da política* não unicamente por parte das guerrilhas, também por parte dos partidos e outros setores sociais do País (articulados, por exemplo, ao paramilitarismo). Ou seja, os conflitos políticos não puderam ser institucionalizados adequadamente diante de exagerada concentração da propriedade rural e da riqueza, como também de profunda exclusão política.

Diferentemente do contexto da *Violencia* dos anos cinquenta (em que as forças bipartidistas tinham objetivos mais restritos), a violência insurgente se caracterizou por apresentar atores melhor organizados militar, política e discursivamente falando, como também por desenvolver objetivos mais amplos e estáveis. Igualmente, nessa etapa começaram a circular as ideias marxistas que, no contexto mais amplo da Guerra Fria, jogaram um papel importante, mas não definitivo, na origem e consolidação das guerrilhas colombianas (já que se trataria de um conflito armado político contextualizado e não meramente ideológico). Esses atores armados insurgentes, inscritos ainda em um âmbito de confrontação política em que o adversário se constitui no inimigo total, desenvolveram um conflito contingente. Essa contingência atravessa muitos dos projetos políticos das organizações guerrilheiras que se foram adaptando e transformando segundo as mudanças nas relações entre atores em determinados contextos. Nesse sentido, viu-se, por exemplo, como as guerrilhas apresentaram similitudes nos seus repertórios de ação, ou como o M-19 mudou suas orientações políticas e militares segundo as correlações de força com o Estado, com os setores sociopolíticos, com as outras guerrilhas, com o paramilitarismo e com as lógicas próprias do contexto internacional.

Cabe assinalar, ainda, que, apesar da exclusão política e da debilidade institucional, os movimentos guerrilheiros nunca foram suficientemente representativos dos setores populares e em geral dos setores tradicionalmente excluídos social e politicamente. As guerrilhas tinham legitimidade mas não eram representativas dos interesses dos setores médios, camponeses ou intelectuais. Da mesma maneira, as instituições estatais eram legitimadas eleitoralmente e permaneciam estáveis mas também não eram representativas ou inclusivas social e politicamente falando. Como se disse, as guerrilhas do primeiro contexto também começaram a reproduzir práticas autoritárias e de exclusão social que criaram distanciamentos em relação à população e levaram ao surgimento de uma segunda etapa da violência insurgente.

Nessa etapa, originaram-se novos movimentos guerrilheiros, entre eles o Movimento 19 de abril (M-19), que tinha orientações políticas diferentes daquelas das FARC e do ELN. Também durante esse período se apresenta um processo de modernização, sem que isso impedisse o aprofundamento do processo de militarização da política. Ainda assim, como se viu, o M-19 desenvolveu um discurso sobre a paz e esteve mais inclinado a estabelecer processos de negociação com os governos de turno com o objetivo de alcançar reformas políticas e sociais. Contudo, foram permanentes os intentos de sabotagem dos processos de negociação para a paz, já que geralmente os setores sociopolíticos mais importantes (como as Forças Armadas) não respaldaram essas aproximações e diálogos. Além disso, as organizações guerrilheiras (como as FARC e, num primeiro momento, o M-19) também não confiavam nas intenções do governo, pelo que aproveitaram esses espaços para se fortalecer militarmente. É nesse momento que se apresenta o fenômeno paramilitar articulado a setores políticos, econômicos e do narcotráfico.

Como se disse, depois da desmobilização do M-19 e do estabelecimento de uma nova constituição, a violência se incrementou ainda mais. Apesar do fim da Guerra Fria e do aparente esgotamento das orientações ideológicas das lutas revolucionárias, o conflito armado na Colômbia se incrementou. De fato, após os acontecimentos do massacre de Tacueyó e da tomada do Palácio de Justiça, o paradigma da luta armada atravessou um processo de desprestígio político do qual não se recuperou até hoje. Pizarro, no comando do M-19, foi o

primeiro insurgente a perceber essa mudança e dar início a um processo de desmobilização e transição à vida e luta desde o âmbito civil²³².

Contudo, o paramilitarismo (articulado ao Estado e às elites políticas que controlam as instituições) impediu a consolidação desses processos de participação política, e as guerrilhas ainda ativas (FARC e ELN) mantiveram e incrementaram suas operações. A sequele desse processo de militarização da sociedade foi a degradação do conflito ou diluição progressiva do seu caráter político.

Levando em conta todas estas observações, considera-se que esse processo de produção e reprodução da violência política e da debilidade institucional se encontra na impossibilidade de estabelecer uma expressão política popular que consiga mobilizar politicamente e unificar hegemonicamente diversos setores tradicionalmente excluídos. Como se observou, cada vez que se tentou estabelecer um movimento de corte popular, como foi o caso de Jorge Eliecer Gaitán (gaitanismo) ou de Gustavo Rojas Pinilla (anapismo), os setores oligárquicos reagiram mediante violência e fraude eleitoral. Portanto, poder-se-ia dizer que a principal preocupação da elite no controle das precárias instituições do Estado colombiano tem sido o surgimento de um movimento populista.

O sentido que se dará à palavra *populista* aqui será o do conceito de *populismo* desenvolvido por Ernesto Laclau, que o define como uma forma de articulação política e como um processo complexo de constituição de um sujeito político denominado como *povo*. Segundo Laclau (2005), o populismo é uma lógica política que transcende qualquer tipo de conteúdo ideológico e social, já que é o produto da articulação de uma série de demandas sociais que expressam insatisfação ou rejeição em relação à institucionalidade vigente. Laclau define esse fenômeno de articulação como *lógica equivalencial*, em que se enuncia um interesse universal difuso e as particularidades ficam invisíveis. A unificação do discurso populista depende, então, da polarização política com um outro exterior ameaçante, que se nega a ser simbolizado e, portanto, facilita a identificação, hegemonia e unificação das demandas articuladas. No entanto, apesar de o populismo reconhecer a pluralidade de demandas articuladas, a equivalência entre elas não permite a resolução das demandas sociais²³³ (LACLAU, 2009). Desse conceito, vale a pena resgatar a ideia de que é uma

²³² Posteriormente a guerrilha Quintin Lame e o EPL, entre outras, decidiram também deixar as armas e legitimar os espaços de participação política legais.

²³³ Significa dizer que o sujeito político não consegue unificar completamente as expressões particulares ao fazê-las equivalentes; ele unicamente consegue desenvolver um discurso particular hegemônico cuja representação é

expressão baseada numa lógica de confrontação política (amigo-inimigo); que surge num contexto de crise de representação; e que obedece a uma lógica que funciona de baixo para cima, onde a sociedade, mediante a constituição de um líder, começa um processo de redefinição da estrutura política e social²³⁴.

Como se viu no desenvolvimento deste trabalho e de acordo com a anterior definição, antes da entrada da etapa denominada como *La Violencia*, a expressão política articulada à figura de Gaitan tinha claramente uma orientação populista. No entanto, é com o surgimento da Anapo, nos anos sessenta, que começou a circular um discurso populista propriamente dito como forma alternativa ao bipartidismo tradicional (AYALA, 2006). Dada a ausência de coesão social em torno da construção de um único projeto nacional, o anapismo conseguiu se constituir, na sua breve história, numa expressão integradora de diversos setores urbanos e camponeses.

A Anapo surgiu num cenário de crise de representação em que diversos setores permanentemente excluídos se articularam para debilitar as relações políticas tradicionais; ou seja, a Anapo foi uma expressão populista que questionou o monopólio do poder nas mãos das elites tradicionais²³⁵. Da corrente socialista desse movimento, surgiu parte importante dos dirigentes do M-19 (como Andrés Almarales, Israel Santamaría e Carlos Toledo Plata), os quais, num primeiro momento, quiseram constituir-se no braço armado da Anapo. Posteriormente, depois da ruptura definitiva com esse movimento político, o M-19 continuou tentando estabelecer uma base popular desenvolvendo um discurso que, ainda sendo nacionalista, foi tão ambíguo quanto o discurso anapista.

Observou-se como, após o assassinato de Gaitan e da desestruturação da Anapo, se apresentou um processo de radicalização do conflito político, denominado como militarização da política. No primeiro momento, o País submergiu num período de violência em que se

impossível ou pelo menos precária. Dado que a identidade da expressão populista vem de uma interação contingente, a hegemonia estará também constantemente ameaçada. Desta forma, as lutas dos sujeitos políticos contemporâneos pertencem à ordem do impossível, já que nunca poderão realizar a ordem social desejada (LACLAU; MOUFFE, [1987] 2004).

²³⁴ Segundo isto, o populismo pode ser uma forma de incorporação das diversas demandas subalternas, mas nos casos concretos de populismos na América Latina pode apresentar tendências ao autoritarismo. Desta forma, apesar de o Estado ter conseguido atender as demandas democráticas e populares, os governos populistas chegaram a implementar medidas autoritárias. Não obstante, o importante dessa perspectiva é o valor que dá à capacidade que as expressões populistas têm de conformar identidades coletivas dotadas de uma racionalidade própria. Apesar disso, autores como Peruzzotti também consideram que o populismo, independentemente da sua orientação ideológica, é uma forma (dentro de muitas outras) de democracia nas sociedades atuais (PERUZZOTTI, 2008).

²³⁵ A figura que conseguiu aglutinar esses setores foi Gustavo Rojas Pinilla, que em 1953 havia dado um golpe de Estado.

estabeleceram as bases para o surgimento das primeiras organizações insurgentes. No segundo momento, por causa do caráter excludente da *Frente Nacional* (que pretendia superar a violência posterior à morte de Gaitan) e do enfraquecimento e fragmentação da Anapo como alternativa política real, alguns dos seus dirigentes decidiram se articular a um novo movimento armado, o M-19. Esta guerrilha deu continuidade ao discurso populista universal da Anapo, apesar de nunca ter conseguido se articular organicamente à população; ou seja, foi um movimento predominantemente militarista.

Como conclusão, poder-se-ia dizer que, de modo diferente dos movimentos insurgentes, o gaitanismo e o anapismo foram forças políticas que não tinham como objetivo a transformação radical e estrutural da sociedade colombiana. Apesar disso, as elites políticas excludentes não perceberam a necessidade de institucionalizar democraticamente esses conflitos que naqueles contextos exigiam inclusão política e reformas socioeconômicas. Como resultado, as forças opositoras se radicalizaram ainda mais (para o que contribuíram outros fatores internacionais). Assim, a eliminação, desestruturação e exclusão de expressões populistas por parte do estabelecimento parecem ter deixado contextos muito propícios para o surgimento e a consolidação de expressões revolucionárias que tiveram como objetivo a transformação radical e estrutural da sociedade colombiana.

Durante os anos posteriores à desmobilização do M-19, o conflito armado continuou por causa do fracasso dos processos de negociação, como também pelo fortalecimento das lógicas do narcotráfico e do paramilitarismo. Como alternativa a essa crise sociopolítica, as elites tentaram novamente uma saída militar do conflito, o que teve como consequência um enfraquecimento ainda maior das instituições e uma degradação política dos projetos revolucionários. O M-19, sob a comandância de Carlos Pizarro, percebeu a necessidade de parar com esse processo de militarização da vida política do País; mas infelizmente o contexto estava suficientemente radicalizado para dar continuidade a esse novo projeto de democratização. Só a Constituição de 1991 ficou como legado da desmobilização armada e da mobilização social daquele contexto, mas não conseguiu dar término à violência política. As guerrilhas se recolheram nos âmbitos rurais, onde fortaleceram seu aparato armado; e as elites continuaram sem reagir diante do enfraquecimento permanente das instituições. Em poucas palavras, parece que a violência foi um fator de estabilização do tipo de administração institucional predominante até a atualidade.

Bibliografia

Fontes primárias

- Carta a Calos Pizarro por Álvaro Valencia Tobar. Diario El Tiempo: janeiro 24 de 1988, p. 5ª. Arquivo CNMH.
- Entrevista a Carlos Pizarro. Caracol Radio. Abril 7 de 1989. Arquivo CNMH.
- Entrevista a Carlos Pizarro. Diario El Tiempo: Abril 7 de 1989. Arquivo CNMH.
- Entrevista a Carlos Pizarro. Revista Tiempo de España. Abril de 1990. Arquivo CNMH.
- Entrevista a Carlos Pizarro: El m-19 y la paz. Ediciones macondo, marzo 15 de 1986. Arquivo CNMH.
- Entrevista a Manuel Marulanda. Revista Semana. Julho 16 de 1986. Arquivo CNMH.
- FARC: Declaração das FARC: Paremos el golpe militar. Julho 14 de 1988. Arquivo CNMH.
- JIMENEZ, Carlos. Entrevista a Carlos Pizarro: La última batalla de Carlos Pizarro. Data não especificada. Arquivo CNMH.
- M-19 Testimonio histórico. Habla la comandancia. Bogotá: la casa editorial pisando callos, 2009. Arquivo CNMH.
- M-19. Boletín febrero 1986. Arquivo CNMH.
- M-19. Quinta Conferência. Fevereiro de 1977. Arquivo CNMH.
- M-19. Conclusões da Sexta Conferência. Março de 1978: carta n. 5. Sexta Conferência Nacional. Arquivo CNMH.
- M-19. Conclusões Sétima Conferência. Junho de 1979. Documento n. 1 de la VII Conferencia Nacional. Arquivo CNMH.
- M-19. Conclusões da Oitava Conferência. Agosto de 1982, Informe VIII Conferencia Nacional. Arquivo CNMH.
- M-19. Conclusões da Nona Conferência. Fevereiro de 1985. Congreso de la democracia: IX Conferencia Nacional Movimiento 19 de abril M-19. Los Robles, febrero 1985. Arquivo CNMH.
- M-19. Discurso de entrega de armas. 9 de março de 1990. Arquivo CNMH.
- M-19. Ordem 005. 1988. Arquivo CNMH.
- M-19. Proclama de los robles a los colombianos. 1985. Arquivo CNMH.
- M-19; FAYAD, Alvaro. Nuevas decisiones militares abren camino. Los Robles: febrero de 1985. Arquivo CNMH.
- M-19; FAYAD, Álvaro. La política de las armas. Intervención en la Reunión de la Dirección Nacional. Cauca, septiembre 1984. Arquivo CNMH.

- M-19; PIZARRO, Carlos. Comunicado: ante el fracaso del referendo, aplazar las elecciones y convocar una asamblea nacional constituyente, dic 14 de 1989. Archivo CNMH
- M-19; PIZARRO, Carlos. Declaração a médios. Março 6 de 1988. Archivo CNMH.
- M-19; PIZARRO, Carlos. Desbordemos nuestro espíritu ofensivo. Los robles: febrero de 1985. Archivo CNMH.
- M-19; PIZARRO, Carlos. Guerra a la guerra. Archivo CNMH
- M-19; PIZARRO, Carlos. Se abre la opción de un diálogo directo entre el gobierno y la CNGSB. Desembro 23 de 1988. Archivo CNMH.
- M-19; PIZARRO, Carlos. Una revolución abierta al mundo. Cauca: abril 23 de 1986. Archivo CNMH.
- PIZARRO, Carlos. Alocución televisiva. 21 de abril de 1990.
- PIZARRO, Carlos. Carta al padre Juan Antonio Pizarro. Bogota: janeiro 19 de 1980. Archivo CNMH.

Imprensa

- *El Tiempo* (1974-1990).
- *El Liberal* (1974-1990).

Fontes secundárias

- AGUILERA PEÑA, Mario. Guerra, Contrapoder y justicia insurgente, 1952-2003. Bogotá, Colombia: S.E, 2009.
- ALZATE CASTILLO, Sebastián. Guerra a la Guerra (entrevista a Carlos Pizarro Leónomez). Bogotá: Editorial Tiempo Presente, 1988.
- ANRUP, Roland. La Palabra y La Espada: Lucha armada y discurso de Poder en Colombia. Dialnet, 1999.
- ARCHER, Margaret. Structure, agency and the internal conversation. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ARCHER, Margaret. Making our way through the world: human reflexivity and social mobility. Cambridge University Press, 2007.
- ARCHILA, Mauricio. El Frente Nacional: una historia de enemistad social. Anuario colombiano de historia social y de la cultura, n. 24, 1997.
- ARCHILA, Mauricio; PARDO, Mauricio. Movimientos Sociales, Estado y Democracia En Colombia. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Ces. Instituto Colombiano de Antropología e Historia, Icanh, 2001.

- ATEHORTÚA, Adolfo; VÉLEZ, Humberto. ¿Qué pasó en el Palacio de Justicia? Cali: Departamento de Historia, Facultad de Humanidades, Universidad del Valle, Centro de Estudios Regionales (Región), 2005.
- ATEHORTÚA. Decisiones y Narcos. Discusiones recientes en torno a los hechos del Palacio De Justicia. *Político*, v. 24, n. 71, 2011.
- BATEMAN, Jaime. El camino del triunfo: Informe de Jaime Bateman a la VIII Conferencia Nacional del M-19. Putumayo: agosto de 1982.
- BECASSINO, Ángel. M-19 El Heavy Metal Latinoamericano. Bogotá: Fondo Editorial Santodomingo, 1989.
- BEHAR, Olga. Las Guerras De La Paz. Bogotá: Editorial Planeta, 1985.
- BEHAR, Olga. Noches De Humo. Bogotá: Editorial Planeta, 1988.
- BIBLIOTECA DE LA PAZ 1986-1990. Bogotá: Fundación Cultura Democrática, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. São Paulo: Ática, 1983.
- CASTRO CAYCEDO, Germán. El Karina. Bogotá: Plaza & Janes Editores, 1986.
- CORCUFF, Philippe. Figuras de la individualidad: de Marx a las sociologías contemporáneas. Entre clarificaciones científicas y antropologías filosóficas. *Cultura y representaciones sociales*, revista electrónica de ciencias sociales, año 2, n. 4, 2008.
- CORINTO. Bogotá: Ediciones Macondo, 1985.
- DEAS, Malcolm; LLORENTE, María Victoria (Comps.). Los paramilitares y su estrategia. In: Reconocer la guerra para construir la paz. Bogotá: Norma, 1999.
- GARCÍA, Jorge; MONGUA, Camilo. El M-19 y una reflexión acerca de las guerras inútiles. Un Diálogo Con Otty Patiño. *Íconos*, Revista de Ciencias Sociales, Quito, n. 37, mayo 2010.
- GÓMES, Álvaro. Soy libre. Bogotá: Gamma, 1989.
- GÓMEZ, Jorge; HERRERA, José; PINILLA, Nilson. Informe final Comisión de la verdad sobre los hechos del Palacio de Justicia. Bogotá: Edit. Universidad del Rosario, 2019
- GRABE, Vera. Razones de Vida. Bogotá: Editorial Planeta, 2000.
- JIMENO, Ramón. ¡Oiga Hermano! (Entrevista a Jaime Bateman Cayón). Bogotá: Ediciones Macondo, 2009.
- KALMANOVITZ, Salomón. Economía y Nación. Una breve historia de Colombia. Bogotá: Cinep, Universidad Nacional de Colombia, Siglo XXI Editores, 1985.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonía y Estrategia Socialista. Buenos Aires: Fce, 1987.
- LACLAU, Ernesto. Catacresis y Metáfora en la construcción de la identidad colectiva. *Phrónesis*, Revista de Filosofía y Cultura Democrática, año 3, n. 9, 2003.

- LACLAU, Ernesto. *Hegemonía y Antagonismo: El imposible fin de Lo Político*. Chile: Editorial Cuarto Propio, 2002.
- LACLAU, Ernesto. *La Razón Populista*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- LAHIRE, Bernard. A transmissão familiar da ordem desigual das coisas. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. xxi, 2011.
- LAHIRE, Bernard. Freud e a ciência do homem. *Revista Pensata*, n. 3, dezembro 2012.
- LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. São Paulo: Artmed Editora, 2006.
- LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Tradução de: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LARA, Patricia. *Siembra vientos y recogerás tempestades. La historia del M-19, sus protagonistas y sus destinos*. Bogotá: Editorial Planeta, 1986.
- LEÓN PALACIOS, Paulo Cesar. La ambivalente relación entre el m-19 y la anapo. *A C H S C*, v. 39, n. 2, 2012.
- LÓPEZ DE LA ROCHE, Fabio. *Izquierdas y Cultura Política. ¿Oposición o Alternativa?* Bogotá: Ed. Cinep, 1994.
- LUNA BENITEZ, Mario. El M-19 En el contexto de las guerrillas en Colombia. *Revista Sociedad y Economía, Universidad Del Valle*, n. 10, 2006.
- LUNA BENÍTEZ, Mario. El reconocimiento de sí mismo en los militantes del M-19. *Sociedad y Economía, Facultad de Ciencias Sociales y Económicas, Universidad del Valle*, n. 13, 2007.
- M-19 TESTIMONIOS HISTÓRICO. *Habla la Comandancia*. Bogotá: La Casa Editorial Pisando Callos Ltda. 2008.
- MADARIAGA, Patricia. ‘Yo estaba perdida y en el Eme me encontré’. *Apuntes sobre comunidad, identidad y género En El M-19. Controversia*, n. 187, Diciembre 2006.
- MARÍN, Rodrigo. *Itinerario político de un secuestro*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1988.
- MAYA, Mauréen; PETRO, Gustavo. *Prohibido olvidar. Dos miradas sobre la toma del Palacio de Justicia*. Bogotá: Casa Editorial Pisando Callos, 2006.
- MEDÓFILO MEDINA. *Algunos factores de violencia en el Sistema Político Colombiano, 1930-1986*. Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura, Universidad Nacional de Colombia, 1985.
- MORRIS, Hollman. *Operación Ballena Azul: Las armas del Cantón Norte*. Bogotá: Intermedio Editores, 2001.
- NARVÁEZ, Ginneth Esmeralda. *La guerra revolucionaria del M-19 (1974-1989)*. Universidad Nacional de Colombia, 2012.
- ORTIZ VIDALES, Darío. La historia por Dentro. La Batalla de Yarumales. ¿Cómo evolucionó la concepción guerrillera en Colombia? *Revista Consigna*, v. 15, n. 393, 1990.

- PALACIOS, Marco. *El Populismo en Colombia*. Bogotá: Editorial Siuasinza y Ediciones El Tigre de Papel, 1971.
- PALACIOS, Marco. *Entre la legitimidad y la violencia: Colombia, 1875– 1994*. Bogotá: Editorial Norma, 1995.
- PARDO, Rafael. *Biblioteca de la Paz 1986-1990*. Bogotá: Fundación Cultura Democrática, 2009
- PECAUT, Daniel. *Crónica de cuatro décadas de política colombiana*. Bogota: Editorial norma, 2006.
- PÉCAUT, Daniel. *De las armas a la política*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, Universidad Nacional de Colombia, Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales, Iepri, 1999.
- PERUZZOTTI, Enrique. *Populismo y Representación Democrática*. In: TORRE, Carlos De La; PERUZZOTTI, Enrique (Eds.). *El Retorno del Pueblo: Populismo y Nuevas Democracias En América Latina*. Quito: Flacso – Sede Ecuador: Ministerio de Cultura del Ecuador, 2008.
- PIZARRO, Juan Antonio. *Carlos Pizarro*. Bogotá: Printer, 1991.
- PIZARRO LEONGÓMEZ, Eduardo. *La insurgencia armada: raíces y perspectivas*. In: SANCHEZ, Gonzalo; PEÑARANDA, Ricardo (Comp.). *Pasado y presente de la violencia en Colombia*. Bogotá: Cerec, 1991.
- PIZARRO LEONGÓMEZ, Eduardo. *Insurgencia sin revolución. La Guerrilla en Colombia Una perspectiva comparada*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, Iepri, 1996.
- RAMÍREZ TOBÓN, William. *Estado, Violencia y Democracia*. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: Tercer Mundo Editores e Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales, 1990.
- RESTREPO, Laura. *Historia de una traición*. Bogotá: Plaza & Janes Editores, 1986.
- SÁNCHEZ, Gonzalo. *Guerra y Política en la sociedad Colombiana*. Bogotá: El Áncora Editores, 1991.
- SUHNER, Stephan. *Resistiendo al olvido: Tendencias recientes del movimiento social y las organizaciones campesinas en Colombia*. Bogotá: Taurus, 2002.
- SYNGLY. *Apropriação da herança cultural. Educacao e realidade*, v. 34, n. 1, p. 9-32, jan./abr. 2009.
- VANDENBERGHE, Frédéric. *A sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire*. 2013.
- VÁSQUEZ PERDOMO, María Eugenia. *escrito para no morir: Bitácora de una militancia*, Bogotá, Ministerio De Cultura, 1988.
- VILLAMIZAR, Darío. *Jaime Bateman, profeta de la paz*. Bogotá: Compaz, Compañía Nacional Para La Paz, 1995.

WILLS, Maria Emma. Inclusión partidista y exclusión cultural en Colombia. *Análisis político*, n. 46, 2002.

ZULUAGA NIETO, Jaime. De guerrillas a movimientos políticos. Análisis de la experiencia Colombiana: El Caso Del M-19. In: PEÑARANDA, Ricardo; GUERRERO, Javier (Comp.). *de las armas a la política*. Bogotá: Tercer Mundo Editores/Iepri, 1999.

Fontes eletronicas

BATEMAN, Jaime. Jaime Bateman Cayón, depoimento. Entrevistador: Juan Guillermo Rios: Youtube, 2009. (10:29 min). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=t7oQX_bhaxA> Acesso em: dez 2014

CABALLERO, Antonio. Deseo bajo Los Robles. *Revista Semana*, 18 de mar. 1985. Disponível em: <<http://www.semana.com/nacion/articulo/deseo-bajo-los-robles/6310-3>>. Acesso em: sep. 2014

CAMARGO, Érick. La Leyenda de Bateman. Disponível em:
<<http://www.elespectador.com/noticias/judicial/leyenda-bateman-articulo-418790>>. Acesso em: nov. 2014.

GÓMEZ, Ana. Ficha biográfica Jaime Bateman Cayón. Biblioteca virtual Luis Ángel Arango. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/biografias/batejaim.htm>>. Acesso em 15 jan. 2015.

GUTIERREZ, Francisco. ¿Una historia simple?. Centro Nacional de Memoria Histórica, 2015. Disponível em:
<<http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/descargas/comisionPaz2015/GutierrezFrancisco.pdf>>. Acesso em mar. 2015

MOLANO, Alfredo. Aproximaciones históricas al paramilitarismo. Barcelona: 2006. Disponível em: <http://www.observatori.org/paises/pais_51/documentos/E_MOLANO.pdf>. Acesso em fev. 2015.

MOLANO, Alfredo. Entrevista con Jaime Guaraca en La Habana. La Habana: 2014. Disponível em: <<http://www.elespectador.com/noticias/politica/entrevista-jaime-guaraca-habana-articulo-501259>>. Acesso em jun. 2014

NAVARRO, Antonio. Entrevista a Navarro Wolf. M-19: paz y guerra en Colombia: depoimento. [Janeiro, 1986]. Entrevista concedida a Ruben Jimenez. Disponível em: <<http://www.cuadernospoliticos.unam.mx/cuadernos/contenido/CP.45/45.9.AntonioNavarroWolfYRubenJimenezRicardez.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

PATIÑO, Otty. Entrevista con la historia: Otty Patiño, la guerra del M-19 y el largo sueño de la paz: depoimento. [17 de janeiro, 2015]. Entrevista concedida a Diego Mayorga. Disponível em: <http://www.vice.com/es_co/read/entrevista-con-la-historia-la-desmovilizacion-del-m-19>. Acesso em: jan. 2015.

PIZARRO, Carlos. Entrevista a Carlos Pizarro: depoimento. [1985]. Corinto: M-19. Disponível em: <<http://www.oigahermanohermana.org/article-en-corinto-vencio-la-dignidad-1-123572847.html>>. Acesso em: nov. 2014).

REVISTA SEMANA, A Carlos Pizarro lo mato uno de sus escoltas. Fev. 2015. Disponível em: <<http://www.semana.com/nacion/articulo/carlos-pizarro-listos-resultados-de-nueva-necropsia/416986-3>>. Acesso em: fev. 2015.

REVISTA SEMANA. ¿Hubo narcos en la toma del Palacio? Out. 2004. Disponível em: <<http://www.semana.com/portada/articulo/hubo-narcos-toma-del-palacio/68664-3>>. Acesso em: nov. 2014

VERDAD ABIERTA. Muerte a secuestradores MAS: Los orígenes del paramilitarismo. 20 sep. 2011. Disponível em: <<http://www.verdadabierta.com/component/content/article/244-la-historia/auc/3556-muerte-a-secuestradores-mas-los-origenes-del-paramilitarismo>>. Acesso em: mai. 2014

Anexos**Anexo 1:**

Fotografía de Carlos Pizarro na década de 1980.

Anexo 2:

Carta de Carlos Pizarro a su padre Juan Antonio Pizarro. Bogota: janeiro 19 de 1980. Arquivo CNMH.

Bogotá 19 de Enero/80

Querido Padre:

Sé, a ciencia cierta, que esta carta es casi un epílogo al diálogo, que un día ya remoto, comenzamos . Hasta ahora nuestras conversaciones no han trascendido la intimidad familiar, pero esta carta, será pública.

Debe ser así, porque mis torturadores, carceleros y jueces, pretendiendo herirte y humillarme, han trasgredido todos los límites del respeto.

Debe ser así, porque aquellos que debieron aprender el respeto a la ley, a la dignidad humana y a su propia misión libertadora, han querido que mi nombre y mis ideas, se liguén a tu nombre.

Y debe ser así, porque en mí, desde el día de mi captura, han pretendido escarmentar los principios y criterios que han guiado cada uno de mis pasos, criterios aprendidos de tu boca sabia y tu vida ejemplar.

Es pues, el momento de hablar en voz alta.

Es necesario aceptar el desafío.

Principio pues el diálogo.

Hay quienes pretenden hacer ver en nosotros , miembros activos del M-19 elementos extraños a nuestro país, a las ideas de sus gentes, a las tradiciones y esperanzas de sus hombres y mujeres.

Pero aquellos que nos difaman, olvidan o temen reconocer, que desde nuestro primer hecho político, hemos rescatado nuestra historia patria. Que apasionadamente prolongamos nuestras raíces culturales y humanas a las más antiguas tradiciones de nuestro pueblo.

Como tú, y la inmensa mayoría de colombianos, provenimos de familias liberales y conservadoras. Quienes tuvimos el privilegio de la educación hemos sido formados, dentro de un clima de respeto a las instituciones políticas del país, a sus servidores públicos y a las Fuerzas Armadas. Como colombianos y como latinoamericanos, aprendimos a honrar con nuestras palabras y nuestros actos, a los gestores de nuestra nacionalidad y a sus ideales de libertad, igualdad y fraternidad.

Durante toda nuestra infancia y nuestra juventud, aceptamos como un hecho indiscutible, que nuestros partidos tradicionales y sus jefes políticos y el estado que ellos manejaban, procuraban la prosperidad nacio-

nal.

Durante años aceptamos que los ideales cristianos de servicio, amor y justicia señalaban el rumbo al quehacer de servidores públicos, industriales, banqueros, etc., etc.

Durante gran parte de nuestras vidas confiamos nuestra honra, nuestros bienes, nuestra seguridad personal y la de la patria, en las manos de las FF. AA.

Durante una época excesivamente larga, acatamos ingenuamente los poderes públicos y creímos sus palabras. Más aún, colaboramos activamente en sus propuestas políticas, sociales y económicas.

Pero ese país que reconocíamos como nuestro, se fue desdibujando.

Ante nuestros ojos sorprendidos apareció una nación adolorida.

Esa patria que tú y nuestros antepasados quisieron para nosotros no fue el país que recibimos.

Durante los últimos años, la rectitud, la honorabilidad y la justicia se han visto, como nunca antes, desterradas.

Sobre los dineros del estado cayeron aves de rapiña y hoy dilapidan la riqueza nacional.

una clase política, oportunista y perezosa, comenzó a traficar con las leyes, con la justicia y con los puestos públicos. Tántos votos se cambian por tántos puestos.

Hoy, aquellas FF.AA., a las que dedicaste, con la mayor honestidad profesional, los años más productivos de tu vida; aquellas FF.AA., en las que colaboraste a inculcar el respeto a las instituciones democráticas; aquellas FF.AA., destinadas, desde la gesta libertadora a ser garantes de los derechos humanos y la dignidad nacional y protectoras del ciudadano inerme; aquellas FF.AA. que tú ayudaste a forjar, paulatinamente fueron cambiando su función social y traicionando el mandato constitucional.

Hoy, el país que se inclinaba reverente y agradecido, ante los hombres de uniforme, se espanta a su paso.

Nosotros que observamos tu ascenso en la armada, hasta la más alta investidura dentro de la jerarquía militar, comandante de las Fuerzas Armadas Colombianas y Vicealmirante de la Marina de Guerra, en

-3-

base a la capacidad profesional, la ética militar y la rectitud de tu carácter, nos indigna ver instalarse en las F.AA., como costumbre y requisito de ascenso, la entrega de la soberanía y la tortura. Hoy la soberbia de los poderosos es el lenguaje de los altos mandos, y con gestos y palabras irrespetan a la patria. Si intimidan a magistrados de la Corte Suprema de Justicia, consejeros de estado y presidentes, qué puede esperar el ciudadano de la calle?

Hoy se habla con desenfado de aplastar con el peso de unas armas, las cuales no les pertenecen, toda protesta social.

Hoy es hecho repetido y condenable, la invocación al golpe de estado, el desprecio al débil y al humilde. Nuestra patria ha ido cambiando y con ella todos hemos sido transformados.

Hoy, tu hijo, se rebela contra la injusticia social, porque nos enseñaste el culto a la igualdad y a combatir la miseria.

Hoy, tu hijo, se rebela contra la lacerante realidad de una libertad asesinada, porque no nos enseñaste el idioma de la cobardía. Porque como demócrata y patriota, nos inculcaste el odio a muerte a los tiranos.

Hoy, tu hijo, se rebela contra la actual dependencia y servidumbre nacional, porque no nos indicaste el camino del oprobio y sí nos señalaste el futuro de grandeza que aguarda a nuestra patria.

Hoy, tu hijo, se rebela contra la creciente concentración de la riqueza nacional, contra la acumulación de los poderes del estado en el ejecutivo y contra toda forma de monopolio en la actividad social, porque no tengo la contextura ideológica para soportar ninguna dictadura, ninguna oligarquía, ningún privilegio de casta o de fortuna. En fin, hoy te expreso, no sin orgullo, que me enaltece ser preso político y combatiente del M-19.

Porque el M-19 es una fuerza política nueva, que ha dado pruebas suficientes al país de su justeza política y de su audacia operativa.

Porque el M-19, es una fuerza auténticamente unitaria, cuya política expresa las más queridas ambiciones de los colombianos.

Porque el M-19, ha mantenido las puertas abiertas, al diálogo y a la acción, a todos los sectores políticos que luchan por realizar esas ambiciones y está dispuesto a trabajar, hombro a hombro, arma con arma, con todos los militares demócratas, quienes leales a la patria y a su pueblo, se niegan a suplir con las torturas y el vil garrote, las secuelas de la mala administración gubernamental, el clientelismo político, la aberrante concentración de la riqueza, las ambiciones políticas y económicas de una minoría de apátridas privilegiados.

Porque el M-19, está dispuesto y lo ha demostrado, a ser parte del torrente nacional que cree posible derrotar a la minoría oligárquica civil y militar, que rompen los más antiguos valores nacionales y acaparan la riqueza patria.

Por último, porque el M-19, cree posible, urgente y necesario, construir un orden social con democracia económica, social y política y no está dispuesto a disminuir el ritmo de la lucha. El M-19, cree en la victoria, trabaja por ella y la construye.

Tu bien sabes, que no he eludido, ni eludiré mis responsabilidades en múltiples hechos y manifiestos públicos, que el país de sobra conoce.

No he inclinado la cabeza ante interrogadores y torturadores pues pues mi vida pública y privada está y estará siempre frente al país y sus gentes.

No tememos, mis compañeros y yo, el juicio que hoy nos siguen, montado para condenar nuestra dignidad de patriotas y nuestro indolegable amor al pueblo.

No nos espantan las condenas, porque jamás hemos abandonado la convicción de que la patria lo merece todo, la vida, la comodidad personal, la libertad individual.

Además el único veredicto válido es el que dicta la historia, a él nos acogemos.

Y sabemos que nuestros sacrificios bien habrán valido vivirlos, siem-

pre y cuando , el clero recupere el sentido evangelizador y humanista de su misión histórica y, retorne como hoy retorna, al humilde, al pobre, al desprotegido, para recuperar derechos conculcados y un porvenir liberador.

Siempre y cuando, en las FF.AA. , en todos los rangos y jerarquías, haya quien mantenga encendido el fuego de la nacionalidad y el respeto a la ley y nuevos hombres se opongán, con inteligencia, energía y organización, a quienes pretenden despeñar al país por los abismos de la dictadura, el terror, la dependencia nacional y el oprobio ciudadano.

Siempre y cuando los campesinos, los desempleados, las clases medias, los intelectuales, los obreros e industriales nacionalistas, entiendan que es el país el que está en juego, su prosperidad y felicidad lo que se nos hurta, el porvenir de Colombia lo que se arriesga. Por esto, haciendo eco a tus palabras, que hoy son las nuestras, clamamos por la unidad de todos los patriotas en torno a un gran propósito nacional, que en el actual estado del país, no puede ser otro que la conquista de una auténtica democracia, ~~en torno a un gran propósito nacional, que en el actual estado del país, no puede ser otro que la conquista de una auténtica democracia,~~ en todos los órdenes de la actividad social. Alcanzar una sociedad donde los derechos no solo se enuncien, sino además sean realizables, es la única forma de ser libres como individuos y grandes como nación.

Para terminar, tú bien sabes que siempre he actuado de acuerdo a los dictados de mi conciencia. Tu ejemplo me enseñó que todo hombre vale por sus propias condiciones humanas, por su inteligencia, su honestidad, la rectitud de su carácter. He reconocido y agradecido tu culto a la libertad ajena lo cual me ha permitido construir mi vida, madurando en la lucha cotidiana, aprendiendo de éxitos y errores.

Siempre he querido que mi vida sea juzgada por la opinión pública nacional, por mis propios méritos e independiente de la tuya.

No eludo, eso sí, la responsabilidad que llevar tu sangre implica.

Reconozco con orgullo que las sólidas bases morales que iluminan mi

vida son obra de tus manos. Jamás renunciaré a ver en tí mi más im
portante gestor. Rendiré culto perenne a tu honradez de hombre pú-
blico y a tu inmaculada vida privada. Mantendré la más firme convic-
ción de que tu vida no requiere de defensores improvisados, aunque
uno de ellos sea tu hijo. Mantengo la certeza de que desde tu lecho
de enfermo posas tu mirada inteligente sobre mis pasos actuales, se
que continuarás implacable frente a mis yerros y continuarás confian-
do en mi carácter. No estaré a tu lado en la hora de la muerte, pe-
ro nunca he estado lejano.

Recibe mi mensaje eterno de agradecimiento y amor.

Tu hijo,

Carlos